

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE: HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;
E TRADUZIDA EM VULGAR
POR J. J. B.
Professor de Lingua Franceza no Real Collegio de Alcobaça.

TOMO SETIMO.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXVII.
Com Licença da Real Meza Censoria.

Hiſtoria Teſtis temporum; Lux veritatis; Vita memoriæ: Magiſtra vitæ; Nuntia vetuſtatis.

Cicero.



HISTORIA UNIVERSAL.

OITAVA ÉPOCA.

O IMPERIO GREGO DESTRUIDO PELOS TURCOS.

OS MEDICIS EM FLORENÇA. --- FERNANDO, E ISABEL EM HESPANHA.

Des do meado até quasi ao fim do decimo quinto seculo.

CAPITULO I.

Progressos dos Turcos des de Othmano até Mahomete II. --- Tomada de Constantinopla.

Estado infeliz do Imperio Grego depois de Miguel Paleologo.

DEPOIS que os Latinos foraõ expulsos de Constinopla por Miguel Paleologo em 1261, este Imperio, já sem forças antes das Cruzadas, e arruinado igualmente pelos Christãos, pelos Turcos, e pelos

los ſeus proprios membros, ſó conſervava, proximo á ſua ruina, hum nome apparente. O eſpirito monacal parecia extinguir nelle toda a luz da boa razaõ; e algumas idéas fracas, e ſuperſticioſas ſerviaõ de regras para o governo, e naõ ſuſpendiaõ o curſo dos grandes crimes. Deixou-ſe Andronico, filho de Miguel Paleologo, perſuadir que protegendo Deos o Imperio Grego, era a marinha abſolutamente inutil; e por conſeguinte foi abandonado eſte recurſo, o mais util, e o mais neceſſario. Daqui reſultou ſer eſta regiaõ primeiramente aſſolada por piratas, e depois inundada pelos Turcos.

Othmano reſtabelece os Turcos.

Infinitos Turcos tinhaõ-ſe refugiado para as montanhas, por naõ ſoffrer o jugo dos Tartaros Mogores, e apparecêraõ novamente no principio do decimo quarto ſeculo, capitaneados por Othmano, cuja poſteridade ainda reina, e a ella deve o ſeu naſcimento o Imperio dos Ottomânos. As rápidas conquiſtas de Othmano abríraõ caminho para as dos ſeus ſucceſſores.

Orcano, ſeu filho, genro de Cantacuzeno.

Orcano, ſeu filho, ſenhor já de huma grande parte da Aſia Menor, preparava-ſe para acometter a Thracia, quando Càntacuzeno, Collega do Imperador Joaõ Paleologo I., lhe deo ſua filha em caſamento a fim de o ſuſpender. Cantacuzeno, que tinha uſurpado o Imperio,

aca-

acabou os ſeus dias n'huma clauſura, e Joaõ Paleologo, depois de ter pedido inutilmente ſoccorro á Italia, e ter-ſe ſujeitado ao Papa Urbano V., vio-ſe reduzido em 1370 a fazer hum tratado ignominioſo com Amurath filho de Orcano, a quem pagou tributo. O Sultaõ tinha paſſado o eſtreito, e conquiſtado Andrinopla, e eſpalhava por toda a parte o terror. A milicia dos Janiſaros, tal como a vemos ainda em os noſſos dias, foi eſtabelécida pelo meſmo Sultaõ, que foi aſſaſſinado por hum Chriſtaõ fugitivo. Bajazeto, ſeu filho, intitulado *Ilderim* (o raio) foi muito mais tremendo. Naõ degeneraõ ordinariamente os conquiſtadores, ſenaõ quando gozaõ com deſcanço dos delicioſos fructos da conquiſta.

Conſtantinopla tributaria por Amurath I.

Todo o Imperio Grego quaſi que ſe reduzia ao ambito de Conſtantinopla: onde todavia reinava ſempre a diſcordia. Andronico, filho primogenito de Joaõ Paleologo, ſoblevava-ſe contra ſeu Pai, pelo qual fora condemnado a lhe tirarem os olhos. Eſtas diſſenſões eraõ fomentadas pelos Genovezes, ſenhores, (por cauſa da ſua marinha), aſſim do commercio, como de huma parte da Cidade. O Imperador eſteve priſioneiro dous annos, e recuperando a ſua authoridade, emprehendeo fortificar Conſtantinopla; porém Ba-

Tumultos em Conſtãtinopla fomentados pelos Genovezes.

Bajazeto mandou-lhe ordem para demolir as obras, que com effeito foraõ demolidas: que prognoſtico de huma ruina inevitavel, e proxima!

Os Principes da Europa marchaõ cõtra Bajazeto I.

Com tudo os progreſſos do Turco na Europa atemoriſavaõ, e excitavaõ os Principes Chriſtãos para a guerra. Concorre a flôr da Nobreza Franceza, ſob o mando de Joaõ Sem-medo, que entaõ era o Conde de Nevers. Era Commandante do exercito Sigiſmundo, Rei de Hungria, que depois foi Imperador; e aſſediada por elle Nicopoli, Cidade ſituada em o Danubio, chega Bajazeto, examina; e vendo que os ſeus inimigos tem ſó valor, mas naõ prudencia, os attrahe a huma emboſcada, e alcança huma grande victoria em 1396. Daõ-lhe de roſto com a cruel mortandade de quaſi todos os priſioneiros; de que os Francezes já lhe tinhaõ dado exemplo antes da batalha. Eſte era o tempo, em que a França eſtava expoſta ao furor das facções no Reinado de Carlos VI., em que a humanidade naõ era mais conhecida, do que entre os Turcos.

Eſtes meſmos Principes vencidos, e derrotados em Nicopoli no anno de 1396.

Manoel Paleologo pede ſoccorros de todas as partes.

Já Conſtantinopla he ſitiada. Manoel Paleologo, filho, e ſucceſſor de Joaõ, compra huma paz apparente, ſujeitando-ſe a hum tributo annual de dez mil peças de ouro; obrigando-ſe a deixar edi-

fi-

ficar huma mesquita, e a receber hum Cadi, o qual julgaría os Turcos domiciliados na Cidade. Vendo o mesmo Manoel Paleologo formar-se depois hum novo tumulto, parte, e dá hum espectaculo da sua fraqueza á Italia, á França, e á Inglaterra; implorando o soccorro de todos, e naõ achando ninguem em estado de o soccorrer; se bem que ainda o espirito das Cruzadas sobsistia com outras muitas loucuras. Hum conquistador Tartaro foi o seu unico refugio.

Tamerlaõ declara-se cõtra Bajazeto.

Timour, ou Tamerlaõ descendente, segundo dizem, de Gengis-Kaõ por linha feminina, nascendo sem Estados em a Sogdiana (hoje em dia regiaõ dos Usbeques), e dotado daquelle genio, valor, e talentos, que formaõ, e executaõ os grandes intentos, já tinha sobjugado a Persia, as Indias, e a Syria. Os inimigos de Bajazeto, assim Musulmãos, como Christãos, attrahíraõ Tamerlaõ para a Asia Menor; como hum heróe unicamente capaz de os libertar. Envia este Embaixadores ao Sultaõ, ameaçando-o com a guerra, senaõ restituir o que a huns, e a outros tem tomado. Marcha Bajazeto contra Tamerlaõ; encontraõ-se perto de Ancyra na Frigia (Anguri), e perde em 1402, huma famosa batalha, em que morrêraõ, segundo dizem, mais de trezentos e quarenta mil ho-

Bajazeto vencido, e prezo por Tamerlaõ

homens, e ficou prisioneiro o Sultaõ, que como dizem os Escritores Orientaes, em lugar de ser encerrado em huma gaiola de ferro, e pizado aos pés, como ordinariamente se conta, foi tratado generosamente pelo vencedor.

Os Turcos, com tudo, sustētaõ-se, e defēdem-se.

O vencimento, e a derrota dos Turcos naõ lhes causou outra perda, senaõ de homens; ou porque Tamerlaõ encontrasse muita resistencia no seu valor, ou porque outros motivos o chamassem para longe da Asia Menor. E julgando Manoel naõ ter mais que recear, destruio a mesquita de Constantinopla, e tomou novamente algumas Praças. Várias guerras civís, ateadas entre os filhos de Bajazeto, fortificáraõ as suas vãs esperanças. Porém depois da mórte de Mahomete I., a quem elle privára do Throno, e matára seu irmaõ Moysés, ou Musa, Amurath II., filho deste Mahomete, sitiou em breve tempo Constantinopla. O mesmo Amurath levantou o sitio a fim de suffocar a rebelliaõ de seu irmaõ Mustafá, e depois assenhoreou-se de Thessalonica, sujeita havia pouco tempo aos Venezianos. Vio-se entaõ Constantinopla mais do que nunca ameaçada.

Cónstantinopla ameaçada por Amurath II.

Os Gregos rompem a uniaõ feita com a Igreja Romana.

Tinha Manoel fallecido Monge, e Joaõ Paleologo II., seu successor, lançou-se, como temos referido, nos braços dos La-

Latinos, o qual julgando comprar o ſeu ſoccorro reunindo-ſe com a ſua Igreja, naõ alcançou mais do que o odio dos ſeus vaſſallos. Voltando Joaõ Paleologo em 1440, achou o Povo amotinado pelos Monges, e furioſo por cauſa do que ſe tinha paſſado em Florença. Dos Biſpos da ſua comitiva, abominados como infiéis por ter aſſignado a uniaõ, a maior parte ſe retratáraõ; e o meſmo Imperador perdeo grande parte do ſeu zelo, quando julgou que já naõ era util para os ſeus intereſſes. Por pouca reflexaõ, que ſe faça a reſpeito do caracter ſofiſtico, e ſuperſticioſo dos Gregos, e ſobre a authoridade dos ſeus Monges, razões particulares, que tinhaõ para aborrecer os Papas, e procedimento dos antigos Cruzados em Conſtantinopla, facilmente ſe poderáõ conceber as razões, que perpetuáraõ o ſciſma.

Fazia com tudo Amurath guerra em Hungria, onde reinava Ladisláo VI., Rei de Polonia, coroado pelos Hungaros em prejuizo de Ladisláo, o moço, filho poſthumo do Imperador Alberto; e o célebre Joaõ Huniades, á frente dos exercitos Hungaros atalhou eſte tremendo Conquiſtador, e o forçou a levantar o ſitio de Belgrado, venceo-o em muitos recontros, e reduzio-o a pedir a paz. Ladisláo, e Amu-

Amurath ſuſpéſo por Huniades.

Amurath juráraõ em 1444 huma trégoa de déz annos. Efte, defgoftofo da fua fortuna, entregou o Sceptro a feu filho Mahomete II.; porém huma perfidia atroz dos Chriftãos o tirou do feu retiro, para fua propria defgraça.

Abdicaçaõ do Sultaõ.

Tregoa quebrada indignamẽte com os Turcos.

Defcançando os Turcos na tregoa, que religiofamente obfervavaõ, tinhaõ divertido as fuas forças para a Afia: o que foi huma das razões, que houve para os acometter; pois fe julgou fer facil vencellos, e livrar a Europa das fuas armas. O Cardeal Juliaõ Cefarini, Legado de Eugenio IV., homem violento, e velhaco, que fe diftinguio na Cruzada contra os Huffitas, perfuadio que o tratado com os Turcos naõ obrigava, que era nullo, ímpio, fendo concluido fem a approvaçaõ do Papa; e que por iffo mefmo podia, e até devia fer violado. Efte parecer confirmou Eugenio, o qual ordenou que a tregoa foffe quebrada, e defobrigou, fegundo o ufo eftabelecido em Roma, havia muitos feculos, a Ladisláo dos feus juramentos.

Principios falfos dos Chriftãos daquelle tempo.

Por que razaõ, e por meio de qual incrivel cegueira tinha triunfado dos primeiros principios da confciencia, e da razaõ efta abfurda máxima, que *naõ fe deve obfervar a fé aos hereges, e aos infiéis?* Naõ fe via por ventura que tendo a dou-

tri-

trina do perjurio feliz exito em alguma occaſiaõ por muito leve que foſſe, eſta meſma doutrina guiava neceſſariamente para as mais funeſtas conſequencias; authoriſava os inimigos para fazer ludibrio dos proprios juramentos, deſtruia a fé pública; e rompendo os laços da ſociedade, ſubſtituia os roubos, as violencias, e os furores ao Direito das Gentes? Os Chriſtãos tiveraõ motivos ſufficientes para ſe arrependêrem da ſua trahiçaõ.

Arrebatados com razaõ os Turcos da cólera, reſpirando ſó vingança, ſupplicaõ, e rogaõ a Amurath, para que ſe ponha de novo á ſua frente; porque Mahomete ſeu filho era muito moço. Marcha Amurath contra os inimigos, vence-os em Varna na Bulgaria, e Ladisláo morreo neſta batalha juntamente com o Cardeal Juliaõ. Huma das couſas mais admiraveis he vêr Amurath, vencedor, renunciar ſegunda vez o Imperio.

1444. Amurath vence, e derrota os Chriſtãos ẽ Varna, e renũcía ſegunda vez.

Apenas tinha eſte chegado ao ſeu retiro, quando logo foi chamado, por cauſa das proezas de Jorge Caſtrioto, intitulado Scanderberg (*Senhor Alexandre*) filho de hum Principe de Albania, antigamente o Epiro. Eſte joven heróe, dado em refens, depois que a ſua Patria fora conquiſtada, e educado na Corte de Amurath, tinha alcançado a ſua amizade,

Scãderberg toma Albania aos Turcos.

e

e obtido os ſeus favores por cauſa dos ſeus talentos, e do ſeu valor extraordinario. Depois que Scanderberg teve a noticia da mórte de ſeu Pai, reſolveo tomar aos Turcos a Cidade de Croya, Capital d'Albania. Capitaneava elle algumas trópas; e paſſando hum Secretario perto do ſeu campo, obrigou-o a aſſignar huma ordem, para que o Governador de Croya lhe entregaſſe a Praça. Eſta ordem falſa teve ſeu effeito; porque matando Scanderberg cruelmente a guarniçaõ, todos os habitadores da terra ſe pozeraõ debaixo das ſuas bandeiras. O meſmo Scanderberg ſe aproveitou taõ bem da vantagem que lhe davaõ as montanhas, que Amurath naõ o pode já mais vencer. O Sultaõ morreo em 1451, e ſeu filho chegou a ſer o terror dos Chriſtãos.

Mahomete II., ſucceſſor de Amurath II.

Mahomete II., que de ordinario pintaõ com cores taõ odioſas, além dos vicios dos conquiſtadores, da injuſtiça, e da crueldade, poſſuía huma grandeza d'alma, huma prudencia, e luzes que merecem grandes elogios. Sabía diverſas Linguas, amava as Artes, e cultivava a Aſtronomia. Vendo ſahir duas vezes ſeu Pai da ſolidaõ a fim de occupar novamente o Throno, moſtrou ſempre huma rara moderaçaõ. Achar-ſe-hia por ventura outro, como elle, entre os Principes ſeus con-

tem-

temporaneos? Na idade de vinte e dous annos, executou o grande projecto de seus Pais, e apoderou-se de Constantinopla em 1453.

O cerco desta Capital offerece objectos interessantes. O odio Theologico agitou os Gregos até o ultimo extremo: e estes todavia combattêraõ com o valor da desesperaçaõ. Naõ podendo Mahomete, acometter o porto defendido por grandes, e pezadas cadeias, mandou correr em huma noite, por cima de taboas untadas de cebo, parte da sua fróta, distancia de duas leguas por terra, e por meio desta empreza quasi incrivel, achou-se repentinamente senhor do porto. Ha quem pretenda que elle tinha huma peça de artilharia taõ prodigiosa, que para a sua conducçaõ eraõ necessarias setenta juntas de bois. A respeito do que observa Voltaire que naõ podendo huma muito grande quantidade de polvora accender-se juntamente, naõ podia a bala produzir hum effeito muito consideravel. Talvez, diz o mesmo Voltaire, que os Turcos por ignorancia empregassem taes peças, e que os Gregos pela mesma ignorancia as temessem. Constantino Paleologo, successor de Joaõ II., foi morto entre a multidaõ de combattentes, quando os Turcos acomettèraõ a Praça. Tinha Constantinopla de sob-

1453. Cerco de Constantinopla.

Constãtino Paleologo morto, e a Cidade tomada.

ſobmetter-ſe ao jugo do alcoraõ, no Reinado de hum Conſtantino, aſſim como no de hum Auguſto tinha Roma paſſado ao dos barbaros!

Mahomete naõ ſe comporta como barbaro.

Sem embargo de Mahomete ſer ſanguinolento, grande he a honra, que lhe faz o modo, com que tratou os vencidos; pois deixou-lhes algumas Igrejas, metteo nellas de poſſe hum Patriarca, enfreou o furor dos ſeus ſoldados, fez exequias magnificas ao Imperador, e contribuio para que Conſtantinopla foſſe feliz, e floreſcente. Finalmente, por muito arguido que Mahomete mereça ſer a certos reſpeitos, todavia ſempre deo moſtras de grande homem em meio dos ſeus vicios.

Succeſſos dos Turcos em o ſeu Reinado.

Teve Huniades a gloria de ſalvar Belgrado, ſitiada pelo Sultaõ. (*) Os Cavalleiros de Rhodes, hoje em dia de Malta, reſiſtíraõ-lhe na ſua Ilha com o meſmo ſucceſſo; mas elle conquiſtou novamente Albania depois da mórte de Scander-

(*) Joaõ Capiſtrano, Franciſcano canoniſado, hum dos mais zeloſos contra os Huſſitas, Judeos, e Turcos, entrava neſta expediçaõ, como Prégador da Cruzada. Huniades, e Capiſtrano, nas ſuas relações, nada differaõ hum do outro. A qual dos dous cumprirá attribuir a glória do ſucceſſo, ſe ao Prégador, ou ao General? A queſtaõ naõ eſtava bem decidida naquelle tempo, e hoje em dia o parece eſtar.

derberg: apoderou-ſe de Trebiſonda, onde ſe conſervava ainda o nome de Imperio Grego: chegou com as ſuas armas até Trieſte: e ameaçava Veneza, dizendo a reſpeito da ceremonia com a qual o Doge, ſe recebe com o mar Adriatico, *que o mandaria conſummar o ſeu matrimonio para o fundo do mar.* Os ſeus Tenentes tomáraõ Otranto, e entráraõ pela Calabria. A Italia, e toda a Europa, tremêraõ, como no tempo dos Arabes.

Eſte terrivel conquiſtador morreo em 1481, n'huma idade em que ainda podia executar as mais vaſtas emprezas, naõ tendo ſenaõ cincoenta, e hum annos. A ſua poſteridade reina ſempre em Conſtantinopla, donde as letras, e as ſciencias ſaõ deſterradas. Os Gregos tinhaõ-ſe feito muito deſpreziveis, para que os Turcos, cujo governo, e religiaõ eſtavaõ eſtabelecidos, adoptaſſem as ſuas leis, uſos, opiniões, e goſtos. Deſta conquiſta reſultou o meſmo, que das conquiſtas dos Germanos, deſtruidores do Imperio do Occidente: quero dizer, extinguir-ſe a pouca luz que havia. Sua mórte em 1481.

Nenhuma potencia da Europa ſe armou para ſalvar Conſtantinopla: em cuja defenſaõ porém havia maior intereſſe ſem dúvida, do que na conquiſta de Jeruſalem. Mas a fraqueza dos Eſtados, as diſ- Nenhuma Potēcia da Europa defēdeo Cōſtantinopla; e porque?

diſſenſões inteſtinas, a experiencia de tantas infelicidades produzidas por aquellas guerras longiquas, a falta de politica, e harmonia entre os Principes, e talvez que tambem os embaraços da Corte de Roma, que já naõ gozava do meſmo imperio, foraõ parte para que as armas Ottomanas encontraſſem taõ poucos obſtaculos. Grandes exercitos, commandados por taes Cabos, como Huniades, ou Scanderberg, teriaõ provavelmente confundido as eſperanças de Mahomete. Tornemos aos negocios do Occidente.

CAPITULO II.

Fim do Reinado de Carlos VII. --- Luís XI., até a mórte do ultimo Duque de Borgonha.

Fim de Carlos VII.

CARLOS VII., depois de expulſar os Inglezes por meio das armas dos Dunois, dos Richemonts, dos la Hires, &c. ſeus illuſtres Capitães, continuou a reparar por via de hum ſabio, e prudente governo as horrorosas infelicidades da Naçaõ. Soblevando-ſe Luís, ſeu filho, de genio perigoſo, e máo coraçaõ, envenenou o fim da ſua vida, e ſe retirou para os Eſtados do

do Duque de Borgonha. Tambem se fez suspeito de meditar hum parricidio : e Carlos morreo de paixaõ em 1461.

Reforma da Universidade.

Durante o seu Reinado foraõ restringidos os privilegios da Universidade de París, a qual sahindo da sua esféra, e ingerindo-se em os negocios de Estado, mais inquietava entaõ o governo, do que illuminava os Cidadãos. Porém o que importa especialmente observar; he o estabelecimento de quinze companhias de ordenanças, cada huma de seis centos cavallos, e de hum corpo de quatro mil infantes (*). Estas trópas eraõ reguladas, e estavaõ sempre promptas para pegar em armas. Para a sua conservaçaõ se estabeleceo o direito perpetuo da *taille*; que ao principio importou sómente hum milhaõ, e oitocentos mil francos; e sempre recrescerá em cada Reinado. Facil he julgar qual força dava hum exercito permanente á Real Authoridade; e sem este meio, que he só o infallivel, como se podia sobmetter a independencia dos vassallos?

Trópas reguladas.

O direito perpetuo da taille.

Jacques Cœur, negociante, feito Minis-

Naõ devemos ignorar que hum rico negociante, Jacques Cœur, contribuio mui-

(*) Estes infantes eraõ archeiros : o que próva que o uso da mosqueteria ainda naõ era commum na Europa.

tro dos erarios, indignamente perseguido

muito para o fucceffo feliz das armas Francezas, por meio dos foccorros que deo ao Rei. O minifterio dos erarios foi o premio dos feus ferviços, e naõ o livrou das injuftiças da Corte: feus inimigos intentáraõ, e confeguíraõ a fua perdiçaõ. Foi Jacques accufado de ter envenenado Ignez Sorel; accufaçaõ taõ abfurda, que per fi mefmo fe defvaneceo. Tambem o accufáraõ efpecialmente de ter remettido quantias de dinheiro aos Mufulmãos, com os quaes traficava. Juftificou-fe elle allegando a licença, que tinha de dous Papas para traficar com elles: apologia taõ extravagante, como a imputaçaõ. Os feus proprios inimigos foraõ os feus Juizes, os quaes condemnando-o a defterro, o defpojáraõ dos feus bens. Se Jacques foi inteiramente limpo ou naõ, de mãos, efta injuftiça, no Reinado de hum bom Principe, naõ he menos propria para fazer lamentar affim os coftumes do feculo, como os perigos dos grandes cabedaes. Naõ achou Jacques Cœur foccorro, fenaõ no reconhecimento de alguns particulares (*).

Luís

(*) Jacques Cœur retirou-fe para Chypre, onde por meio do foccorro dos feus feitores, eftabeleceo hum novo commercio muito florefcente. Parte dos feus bens confifcados foraõ reftituidos a feus filhos.

Luís XI., filho de Carlos VII., era velhaco, hypocrita, supersticioso, e cruel: avigorou a Authoridade Real, por huns meios mais proprios de hum tyranno, do que dignos de hum Rei. As acções de sabedoria, e prudencia, que se observavaõ no seu Reinado, naõ podéraõ desvanecer as perfidias, e atrocidades, que elle cometteo. O fundamento da sua politica foi enganar, e opprimir. Experimentou porém algumas vezes, que com a subtileza, e com a velhacaria, se expoem os homens á má fé de outrem; e que fazendo-se abominar, constituem-se infelizes pelo mesmo poder, que cobiçaõ. Como inimigo da Nobreza, valeo-se de almas baixas, que o satisfizéraõ por meio da trahiçaõ: e sendo desconfiado, e sanguinolento como Tiberio, como este soffocou o merecimento, fez desaparecer os homens grandes, e em lugar de vassallos teve escravos. Com tudo a Monarquia lhe deveo algumas obrigações, porque ao menos a libertou da tyrannia dos Fidalgos.

1461. Idéa do Reinado de Luís XI.

Logo ao principio, cahio Luís XI. nas filadas da Corte de Roma. Eneas Sylvio Picolomini, célebre Secretario do Concilio de Basiléa, no qual se distinguíra contra Eugenio IV., tendo mudado de opiniaõ a respeito dos beneficios, (porque Eugenio assim o acareou) tinha re-

Pio II., sendo Papa, muda de principios.

cebido a Thiara em 1458, com o nome de Pio II. Cuidou logo em condemnar as appellações para o Concilio geral, *como hum abuso abominavel, e inaudito da antiguidade.* Pretendia absolutamente abolir a Pragmatica de Carlos VII., fundada nos proprios decretos de Basiléa, cuja authoridade tinha defendido com grande ardor: o que conseguio, promettendo ao Rei assentar a Renato de Anjou, no Throno de Napoles. Foi todavia Fernando de Aragaõ, filho natural, e successor de Affonso, sustentado pelo Pontifice; e indignado Luís por vêr-se enganado, e vergonhoso por causa da extincçaõ da pragmatica, permittío ao Parlamento que a mantivesse em grande parte; e os Magistrados, desprezando as fulminações de Roma, o vingáraõ.

Extinçaõ da Pragmatica deCarlos VII.

Para naõ tratarmos mais de Pio II., o qual se queixava amargamente que *o Juiz dos Juizes, o Pontifice Romano, estivesse sujeito ao parecer do Parlamento*, indiquemos neste lugar huma das suas cartas dirigida a Mahomete II. Participa-lhe Pio em substancia: "Se pretendeis dilatar
„ o vosso Imperio entre os Christãos, de
„ bem pouca cousa necessitais, e essa fa-
„ cil de achar-se; de huma pouca de
„ agua para baptisar-vos. Neste caso cha-
„ mar-vos-hiamos Imperador dos Gregos,

Carta singular do Papa a Mahomete II.

„ e

„ e do Oriente : implorariamos o voſſo
„ braço contra os uſurpadores dos bens
„ da Igreja Romana ; e ſeguindo o exem-
„ plo dos noſſos predeceſſores Eſtevaõ ,
„ Adriaõ , e Leaõ , que transferíraõ o Im-
„ perio dos Gregos a Pepino , e a Carlos
„ Magno , recorreriamos a vós , e naõ
„ vos ſeriamos ingratos. „ Eſta carta de hum Papa para o Sultaõ Turco , por ventura que naõ cauſa tanta admiraçaõ , como os esforços de alguns eſcritores , para achar nella próvas de zelo admiravel.

Liga do bē público cō tra LuísXI

Como Luís XI. pretendia eſpecialmente abater os grandes , as ſuas intrigas produzíraõ em breve tempo huma rebelliaõ. Filippe , o Benigno , Duque de Borgonha , Principe magnifico , e generoſo , que , depois da ſua reconciliaçaõ com a Coroa , pagou o reſgate do Duque de Orleans , priſioneiro em Inglaterra , e ſacrificou hum odio violento ao glorioſo goſto de fazer bem ; Filippe , digo , era muito velho , e muito prudente para atear a guerra civil. Mas ſeu filho , Carlos , o Temerario , inimigo peſſoal do Rei , fez huma liga com o Duque de Berri , irmaõ de Luís , e com os Duques de Borbon , e de Bretanha , ſob pretexto de reformar o Eſtado , e aliviar os Póvos. O meſmo Dunois , o virtuoſo Dunois , unioſe com os rebeldes ; taõ grandes eraõ as

re-

revoluções, que causavaõ as injustiças do governo!

O Rei faz hum tratado ignominioso, para o violar.

Naõ decidio nada a batalha sanguinolenta de Monthleri em 1465. O astuto Monarca todavia, cuja politica foi sempre negociar, e tratâr para enganar, fez a paz com condições infames, cedendo a Normandia a seu irmaõ, e desmembrando o dominio a favor dos Principes, cabeças da rebelliaõ. Esta liga chamada *do bem público*, deixou sobsistir, e augmentou tambem as infelicidades públicas, como sempre succede, todas as vezes que a ambiçaõ, ou a inquietaçaõ se sobleva com a máscara de zelo.

Luís he suspeito de ter mandado matar seu irmaõ.

Naõ se passou muito tempo, que Luís naõ désse a conhecer as suas idéas. Tomou a Normandia a seu irmaõ; o que foi nova origem de discordia, e concedeo-lhe depois a Guienna em morgado. Porém o novo Duque de Guienna morreo em breve tempo, envenenado por hum Monge, seu Capellaõ, sendo o Rei geralmente suspeito de semelhante crime. Por outra parte, ao mesmo tempo que Luís trabalhava secretamente para soblevar os Liegezes contra o Duque de Borgonha Carlos, successor de Filippe, o Benigno, téve a confiança de conferir com Carlos em Perona, sem dúvida a fim de lhe armar huma silada; mas a sua perfidia foi

Luís cahio em a mesma silada, para a qual pretendeo attrahir o Duque de Borgonha.

mal

mal ſuccedida; porque a rebelliaõ de Liege ſe manifeſtou, mais depreſſa do que elle imaginava. Ultrajado o Duque, e furioſo, tendo aprezado o Rei, pretendia mandallo logo matar; mas contentou-ſe com huma humilde ſatisfaçaõ, e o obrigou a acompanhallo contra os Liegezes. A ſua Cidade reduzida em breve tempo a cinzas, experimentou todos os horrores da mais barbara vingança.

Ambiçaõ, e temeridade do Duque Carlos.

Eſtes dous Principes ſe deshouvéraõ continuamente, em deſprezo dos ſeus tratados. A má fé de hum irritava o violento impeto do outro. Finalmente cahio Carlos no abyſmo, que a temeridade ſempre prepára. Apoſſado Carlos de ambas as Borgonhas, e de Artois, Flandres, e de quaſi toda a Hollanda, tinha comprado os dominios de hum Duque d'Auſtria na Alſacia; naõ ſatisfazendo a ſua ambiçaõ nem tanto poder, nem tanta riqueza. Queria Carlos o titulo de Rei, propunha comſigo meſmo ſujeitar os Suiſſos, e conquiſtar a Lorena. Em vaõ lhe repreſentáraõ os Suiſſos por meio de huma deputaçaõ a pobreza da ſua regiaõ, a qual naõ valia, diziaõ os meſmos Suiſſos, nem os freios dos ſeus cavallos, nem as eſporas dos ſeus cavalleiros. Marchou contra os Suiſſos, e metendo-ſe nos ſeus desfiladeiros, foi vencido em 1476 em Granſon, e em Morato: e

Vencido, e derrotado Carlos pelos Suiſſos, foi morto na Lorena.

e no anno ſeguinte, perdeo tambem a batalha de Nanci, em que foi morto.

Simplicidade dos Suiſſos.

Huma particularidade digna da Hiſtoria, he que depois da batalha de Granſon, a ſua baixella de prata vendeo-ſe por baixella de eſtanho (*), e o ſeu diamante mais precioſo, avaliado em perto de dous milhões, paſſou de maõ em maõ pelo valor de hum florim. Tal era a ſimplicidade dos Suiſſos. Hum Povo, que nem idéa tinha do luxo, era digno ſem dúvida da liberdade adquirida com o preço do ſeu ſangue. Eſte meſmo Povo terá ao diante hum conhecimento mais perfeito das doçuras da ſociedade, e dos agrados da vida. Feliz elle, ſe ſempre aſſim proceder com ſabedoria, e prudencia, ſem ſe corromper, nem invejar a oppulencia, e taõ pou-

(*) Feliz ſimplicidade! Naõ pretendo exaggerar o que o noſſo Author diz neſte lugar, como ſe elle tiveſſe feito injúria á Naçaõ Helvetica. Com tudo naõ he de crêr que todos os Suiſſos eſtiveſſem no caſo de vender baixella de prata por eſtanho. Como o deſpojo foi muito conſideravel em Granſon, e em Morato, e o dinheiro era raro em toda a Europa, e eſpecialmente em Suiſſa, os precioſos effeitos, que ſe acháraõ no campo dos Borgonhezes vendêraõ-ſe por infimo preço. O famoſo diamante foi comprado em Luzerna em 1492 por 5$000 florins do Rheno, e vendido a mercadores Genovezes por 7$000. Eſtes o déraõ ao Duque de Milaõ por 11$000 ducados. Demais diſſo eſta guerra produzio mudanças nos coſtumes da Naçaõ.

pouco perder os ſentimentos da igualdade, com que a virtude republicana ſe alimenta! Em outro lugar trataremos do governo dos treze Cantões, que principiava a formar-ſe.

Sendo Maria, filha do Duque Carlos, a ſua unica herdeira, ficou o Ducado de Borgonha, que era feudo maſculino, unido á Coroa pela Lei dos mórgados. E caſando-ſe a Princeza com o Delfim, podia-ſe-lhe unir tudo o mais. He verdade que Luís formou eſte intento, mas naõ o conſeguio: pois inſpirando a Maria deſconfiança, fez-ſe odioſo aos Flamengos. Eſte Povo indocil, e ſedicioſo ſenhoreou-ſe do governo, mandou executar dous Miniſtros da ſua Soberania, e a obrigou á caſar com Maximiliano de Auſtria, filho do Imperador Frederico III. Eſte matrimonio ſerá huma origem de guerras, e de calamidades para os Póvos.

A Borgonha unida á Coroa de França.

Matrimonio da herdeira do Duque cõ Maximiliano de Auſtria.

CAPITULO III.

Facções de York, e de Lancaſtre, que deſtroem a geraçaõ dos Plantagenetes. --- Tratado de Pecquinhi.

Rebeliaõ do Duque deYork cõtra Henrique VI.

MUITO tempo havia já que as facções de York, e de Lancaſtre, a primeira indicada com a *roſa branca*, e a segunda com a *roſa encarnada*, ſe irritavaõ huma contra a outra em Inglaterra, onde o genio turbulento, e feroz da Naçaõ ſe entregava a toda a raiva das diſcordias civís. Temos viſto a caſa de Mortimer deſpojada da Coroa pelo Duque de Lancaſtre, o qual reinou com o nome de Henrique IV. Ricardo, Duque de York, herdeiro daquella caſa, emprehendeo verificar os ſeus direitos contra o fraco Henrique VI., e rebellando-ſe em 1455, prendeo o Rei na batalha de Santo Albano. Como era naturalmente moderado, e irreſoluto, deixou o titulo de Rei a Henrique, e contentou-ſe com o de protector.

A Rainha Margarida de Anjou cõbatte como heroína.

Huma mulher digna de compararſe aos Heróes da cavallaria (a Rainha Margarida de Anjou) reſtabeleceo, mas por pou-

pouco tempo, a Authoridade Real (*). Perdeo a batalha de Northampton em 1460 contra o famoso Conde de Warwick, e ficou Henrique segunda vez prisioneiro. Sua mulher ainda o livrou por meio de duas victorias, n'huma das quaes perdeo a vida o Duque de York. Com maior successo sustentou, e defendeo Duarte, filho deste Duque, Principe moço taõ destemido, como ambicioso, as pretenções de seu Pai. Foi acclamado em Londres em 1461, e logo venceo contra Margarida a sanguinolenta batalha de Tuton. Trinta e seis mil homens foraõ as victimas deste dia. O parlamento reconheceo depois o direito do mais poderoso, a pezar das actas de tres Reinados a favor da casa de Lancastre. Deste modo até as proprias leis, e principios dependem dos caprichos da fortuna.

1461. Henrique privado do throno por Duarte IV.

Volta a intrépida Margarida, com alguns soccorros de Luís XI., e da Escossia, a acometter o usurpador, e segunda vez ficou vencida em Hexham em 1464. Fugindo esta Rainha pelos mattos, e encontrando-se com hum ladraõ, que vinha

Margarida, vencida segunda vez, e fugitiva.

(*) Tinha Margarida, mulher valerosa, e resoluta, além dos talentos do governo as virtudes guerreiras; mas entregou-se aos furores da ambiçaõ, e provavelmente o Duque de Glocester, tio de seu esposo, foi victima sua.

nha ſobre ella com a eſpada na maõ: *Chega, amigo*, lhe diſſe apreſentando-lhe o filho, *de ti confio o filho do teu Rei.* E admirado o ladraõ a pôs em ſeguro: de maneira que em breve tempo ſe refugiou em França; e o infeliz Henrique VI. ficou prezo na torre de Londres.

Duarte attrahe a ſi o odio do Cõde de Warwick.

Avigorava Duarte IV. a poder de muito ſangue hum Throno comprado com tantas, e taõ cruéis mortandades; mas quanto mais cruel ſe moſtrava, tanto mais ſe expunha ás rebelliões. Hum erro, a que o amor o arraſtou, mudou a face dos negocios. Ao meſmo tempo que Warwick, a quem Duarte devia principalmente a Coroa, contratava para o meſmo Duarte hum caſamento com Bonna de Saboia, irmã da Rainha de França, caſou elle occultamente com Iſabel Widevilla, viuva de hum ſimples Fidalgo, da qual eſtava exceſſivamente enamorado, ſem poder enganar a ſua virtude. Indignado Warwick com eſta noticia, paſſa novamente para Inglaterra, onde fórma intrigas, atrahe ao ſeu partido os deſcontentes, e o meſmo Duque de Clarença, irmaõ do Rei, vai reconciliar-ſe com a Rainha Margarida, ſua mortal inimiga; e emprehende reſtabelecer o Rei, que deſthroniſára, e privar do Throno o Rei, que eſtabelecêra.

Intrigas deſte Cavalleiro.

Mal

Mal se póde imaginar a promptidaõ da execuçaõ. Chega Warwick, mais de sessenta mil homens se alistaõ debaixo dos seus Estandartes: Foge Duarte, depois de hum nocturno combate: Onze dias bastaraõ para lhe tirar o Reino: Henrique VI., liberto da sua prizaõ, he novamente reconhecido; e o parlamento abroga os actos, por meio dos quaes outros muitos actos estavaõ abrogados.

Henrique VI. restabelecido.

Nova revoluçaõ se levantou sete mezes depois. Tendo Duarte IV., obtido hum fraco soccorro do Duque de Borgonha, desembarca com dous mil homens nas costas de Inglaterra, a fim de metter-se sómente, como elle mesmo dizia, na posse do seu Ducado de York. Concorrem os seus seguidores, e Warwick combatte em Barnet, sem esperar pela Rainha Margarida: e com a batalha perde juntamente a vida. Combatte tambem a heroina em Teukesbury; e perdendo a batalha, perde a liberdade. Ficando o Principe de Galles, seu filho, prisioneiro juntamente com a Mãi, falla soberba, e altivamente ao vencedor, do qual recebe huma bofetada, e he logo degollado pelos Duques de Glocester, e de Clarença. Tendo este trahido a Warwick, liou-se com o Rei seu irmaõ. Finalmente a morte de Henrique VI., assassinado poucos dias depois, des-

Nova, e repentina revoluçaõ.

1471. Homicidios dos Principes.

defcobre o enredo de huma tragedia taõ horrorofa.

Duarte IV. acomette a França.

Huns coftumes taõ atrozes naõ ferviaõ de obftaculo para Duarte entregarfe ás delicias. Efta a fua paixaõ dominante; mas defpertando-o no centro da fenfualidade o odio nacional do nome Francez, excitado pelas intrigas de Carlos, o Temerario, que aiñda vivia, citou a Luís XI. para reftituir a Normandia, e a Guienna, e veio, á frente de hum numerofo exercito, tomar o que naõ podia obter.

LuísXI. cõpra huma tregoa.

Se o impetuofo Borgonhez, em vez de efperar pelos Inglezes, naõ fe tiveffe precipitado contra a Lorena, tinha a França que temer tudo. Evitava Luís cuidadofamente a guerra, e as fuas armas eraõ a aftucia, è o dinheiro. Sendo poucos os eftimulos de honra, que tinha, com tanto que defviaffe o perigo, entra em negociaçaõ, foborna os Miniftros de Inglaterra, e compra, mediante o Tratado de Pecquinhi em 1475, huma tregoa ignominiofa de fete annos, por huma penfaõ, ou tributo annual de fincoenta mil efcudos de ouro. O unico artigo honorifico do tratado foi a liberdade de Margarida de Anjou (*). O Rei pagou o feu refgate, e ef-

Tratado de Pecquinhi.

(*) Era Margarida de Anjou a unica, que tinha confervado a vida em meio do fanguinolento cataftrofe,

eſta heroina veio acabar os ſeus dias na Patria.

Como a ordem das idéas he digna de ſer preferida á ordem das datas, ſigamos rápidamente até ao fim a Hiſtoria trágica das duas *roſas*. Duarte IV., taõ cruel como ſenſual, manchado com o Real ſangue de York, derrama ainda o de ſeu irmaõ, o Duque de Clarença, a quem era todavia em parte devedor da ultima revoluçaõ. Aborrecia-o Duarte, e deſconfiava delle; e mandando-o prender, entrega-o ao Parlamento, eſcravo entaõ da Corte. Foi o Duque de Clarença condemnado á mórte ſem próva alguma de crime capital; deixáraõ-lhe ſómente a eleiçaõ do ſupplicio, e eſte Principe foi affogado, como pedio, em hum tonnel de malvaſia.

Duarte mãda matar ſeu irmaõ.

Morre Duarte em 1482, tempo em que ſe preparava para começar novamente a guerra contra a França. O Duque de Gloceſter, outro irmaõ ſeu, monſtro de maldade, Regente do Reino na menoridade de Duarte V., filho primogenito do ultimo Rei, fórma o projecto de ſe apoderar da Coroa de Inglaterra. Naõ havia couſa que mais quimérica houveſſe de pa-

Depois da mórte de Duarte IV. uſurpaçaõ atroz do Duque de Gloceſter (Ricardo III.)

ſe, em que morrêraõ ſeu filho, e ſeu eſpoſo: e tivéraõ-a priſioneira, na eſperança de hum grande reſgate.

parecer á primeira vista; porque naõ sómente havia dous filhos de Duarte IV., mas tambem outros do Duque de Clarença, primogenito de Glocester. Esta consideraçaõ porém naõ o suspende; pois que por meio de hum homicidio se livra do Cavalleiro Hastings, Camareiro mór, e vassallo zeloso: toma a ousadia de publicar que o Rei defunto, e o Duque de Clarença eraõ bastardos; diffamando deste modo sua propria Mãi, ainda viva; dá-se por unico herdeiro legitimo, e sendo acclamado por alguns miseraveis, cujas acclamações compradas lhe pareciaõ a voz do Povo, manda assassinar em a torre a Duarte, o moço, e o Duque de York, seu irmaõ segundo. Reinando já o Duque de Glocester em 1483, foi o Parlamento obrigado a reconhecello por força, com o nome de Ricardo III.

Ricardo privado do Throno pelo Cõde de Richmond (Henrique VII.)

Tantos, e taõ grandes horrores naõ podiaõ deixar de soblevar huma Naçaõ valerosa. O partido de Lancastre animou-se de novo. Olháraõ para Henrique, Conde de Richemond, neto daquelle Owen Tudor, que tinha casado com a viuva de Henrique V. Era elle herdeiro da Casa de Lancastre; porém por linha feminina, e tambem por hum ramo legitimado, que era excluido da Coroa pelo auto de ligitimaçaõ. Proscrito Richmond procurou asylo

na

na Bretanha. O odio, que a tyrannia inspirava, era sómente capaz para o collocar no Throno. Eis-aqui hum novo exemplo daquellas repentinas revoluções, taõ frequentes na Historia de Inglaterra. O Conde, com quasi dous mil homens dados pela França, chega ás cóstas de Galles em 1485, onde vendo-se logo com hum exercito, acomette Ricardo em Bosworth; que abandonado por hum dos seus Generaes, perde a batalha, e morre combattendo com muito valor.

Deste modo, depois de trinta annos de guerra civil, e de doze batalhas campaes, e innumeraveis barbaridades, extinguio-se em ondas de sangue a Casa de Anjou Plantagenet, que havia trezentos, e trinta annos, que reinava. Deste modo os parentes, e os irmãos, irritados huns contra os outros, se servíraõ todos mutuamente de algozes, rasgando ás entranhas da propria Patria. Se a ambiçaõ naõ se atemorisa com estes terriveis successos, ao menos tremaõ os póvos de ser os instrumentos do seu furor, para vir a ser cedo, ou tarde victimas suas! *Casa de Plãtagenet extincta em sangue.*

Chegando Richmond a reinar com o nome de Henrique VII., lembrou-se de mandar confirmar os seus direitos por meio de huma Bulla do Papa; e por conseguinte julgava-os fracos, e incertos, *Henrique VII. armou se com huma Bulla do Papa.*

 pos-

posto que o Parlamento tivesse declarado que o direito de successaõ residia na sua pessoa. Casando Henrique com Isabel, filha de Duarte IV., como desejava a Naçaõ, reunio deste modo os titulos de York com os titulos de Lancastre. E vivendo quasi sempre tranquillo, por espaço de hum Reinado de vinte e quatro annos, vello-hemos humilhar a principal Nobreza, augmentar as prerogativas da Coroa, e governar a Inglaterra, quasi do mesmo modo que a França era governada por Luís XI., com menos rigor, mas com as mesmas idéas de interesse, e de politica.

Idéa do seu Reinado.

A Authoridade Real devia augmentar-se.

Se os Reis tinhaõ naquelle tempo a idéa, ou o fim de dilatar a sua authoridade, isto podia ser effeito das paixões sobre o Throno. Com tudo o bem público parecia que assim o exigia, pois que naõ havia outro meio para estabelecer o socego, e a boa ordem, e fazer reinar as leis. Vastas Monarquias destruidas continuamente, naõ por meio de hum zelo de liberdade politica, mas por via de facções de Cavalleiros dispostos sempre a acometter; esta he a pintura que a Historia nos offerece em muitos Seculos. Se a Authoridade Real ficasse sempre sem poder, como se haviaõ de enfrear semelhantes desordens?

CA-

CAPITULO IV.

Particularidades do Reinado de Luís XI.

Crueldades de Luís XI. para com os grandes.

TINHA Luís morrido em 1483. Ajuntemos neste lugar, debaixo de huma idéa geral, alguns factos interessantes do seu Reinado, dos quaes naõ podemos fazer mençaõ n'outro lugar. Se elle tirou aos Reis o uso de *recompensar os pagens*, conforme a expressaõ de Francisco I., e se sobjugou os Grandes, tudo foi á força de injustiças, e crueldades. Víraõ-se cahir em hum cadafalso as cabeças mais illustres; o Condestavel de S. Paulo, seu cunhado, o Conde de Armagnac, o Duque de Alençon, e o Duque de Nemurs: os filhos deste ultimo foraõ regados com o sangue de seu Pai, por ordem do Rei. Estas execuções podiaõ ser a pena das rebelliões; mas a tyrannia presidio mais, do que a equidade em a maior parte das sentenças. As suspeitas servíraõ muitas vezes de próvas; e estas mesmas se multiplicavaõ á proporçaõ do odio, que inspirava o desconfiado Monarca. Entre os inventores dos supplicios se faz célebre hum Tristaõ, o Eremita, preboste sanguinolento, seu amigo, e ministro das suas vinganças.

Todos os feudos pricipaes, excepto Bretanha, e Flandres, reunidos á Coroa.

Sem a força militar eſtabelecida no ultimo Reinado, e ſem a vigilancia, que teve Luís XI. de evitar a guerrá á cuſta da ſua propria honra, tería ſemelhante governo ſoffrido cruéis, e violentas agitações. As circunſtancias foraõ a ſeu favor. Dos antigos vaſſallos principaes havia ſómente os Duques de Bretanha, e de Borgonha. A mórte deſte ultimo, que falleceo ſem filhos varões, augmentou o poder da Coroa, a qual teria aproveitado muito mais, ſe ſua filha caſára com o Delfim. Tambem ſe adquirio a Provença, em virtude do teſtamento do Conde da Marcha, ſobrinho, e herdeiro de Renato de Anjou.

Razaõ porque a anarquia feudal diminuia todos os dias.

Depois que os Cavalleiros ſe arruináraõ por cauſa das Cruzadas, e os Póvos ſe livráraõ da eſcravidaõ; depois que a appellaçaõ ás juſtiças Reaes eſtava ſólidamente eſtabelecida, e os Parlamentos, compoſtos de Juriſconſultos, ſeguiaõ principios conſtantes; depois que os Reis, ordenando como Legisladores, recuperavaõ os direitos principaes da Soberania, arruinava-ſe cada vez mais a anarquia feudal.

Regulamẽto a reſpeito dos Môrgados.

Os Eſtados, juntos em 1468, fizeraõ hum regulamento muito proprio para prevenir as deſordens, que tantas vezes tinhaõ motivado o deſmembramento

da

da Monarquia. Os mesmos Estados declararaõ que a Normandia naõ podia desanexar-se da Coroa; e que o Rei podia, por causa de seu irmaõ, ater-se a huma declaraçaõ de Carlos V., a respeito do mórgado dos filhos de França: cujo mórgado era estabelecido em doze mil livras de renda, em bens de raizes, erigidos ou em Ducado, ou em Condado. Estas doze mil livras seriaõ hoje em dia equivalentes a perto de cento, e vinte e quatro mil livras.

Contradições de Luis XI.

Hum Monarca cheio de vicios, e de contradições, absoluto sem dignidade; popular sem bondade; injusto por systema, e zeloso da administraçaõ da justiça; velhaco, e pérfido, patenteando a sua subtileza; violando os primeiros deveres da moral, e entregando-se ás mais ridiculas superstições; intitulando-se *Christianissimo*, e constituindo a sua Religiaõ ou desprezivel, ou odiosa; tyranno dos seus vassallos, e tímido escravo do seu medico; Luís XI. em fim abateo a Real Dignidade, e naõ obstante a avigorou. A razaõ he, porque soube empregar o dinheiro, que he hum recurso muito efficaz. Tinha elle augmentado o direito da talha, que importava em tres milhões; e segundo a sua frase, naõ recebia os bens do Povo senaõ para conservar o seu sangue; como senaõ

O dinheiro foi o seu meio principal.

po-

podesse conservar-se juntamente huma, e outra cousa. Mas pelo menos teve a prudencia de desprezar aquella funesta ambiçaõ, que antepoem o dilatar-se ao avigorar-se. Isto era na realidade conservar o Povo.

Luís nada pretendeo de Genova, que ao mesmo tẽpo que se sujeitava, se soblevava.

A República de Genova, mal governada, porque os Grandes opprimiaõ a plebe, tinha muitas vezes procurado hum Senhor, e tanto sabia obedecer, como conservar a sua independencia. Tinha-se entregado a Carlos VI., e ao mesmo tempo soblevado contra elle, e successivamente sujeitado ao Marquez de Monferrató, ao Duque de Milaõ, a Carlos VII., e contra todos se tinha soblevado. Pretendeo sujeitar-se a Luís XI., o qual respondeo, *eu vos sujeito ao diabo.* Sendo herdeiro dos direitos da Casa de Anjou ao Reino de Napoles, nunca pôz a mira nelle. Seu filho será menos prudente, e experimentará grandes infelicidades.

Luís naõ pensou em Napoles.

Postas estabelecidas.

Estabeleceo Luís XI. as póstas, destinadas ao principio unicamente para os negocios do Rei, e do Papa: do que tinha dado exemplo a Universidade de París, por meio dos correios, que sustentava. Creou a Ordem de S. Miguel, que junta com a Ordem do Toesaõ d'ouro, instituida pelo Duque de Borgonha, Filippe, o Benigno, contribuio muito para fazer des-

Ordem de S. Miguel.

ca-

cahir a antiga Cavallaria. Animou os Francezes ao commercio, o qual a ſua ignorancia abandonava aos Eſtrangeiros, e fazia tençaõ de publicar hum Codigo a fim de reformar a juſtiça. Mas que ſe deve julgar de hum Principe, cujos Miniſtros foraõ hum Cardeal Balue, e hum Oliveiro, o Gamo? O primeiro exaltado, e tirado por elle do lodo, ſujeito de animo vil, e ſem bons coſtumes, o trahio como facinoroſo; e o ſegundo, chegando a ſer grande cavalleiro, depois de ter ſido ſeu barbeiro, foi enforcado por hum crime infame, no principio do Reinado de Carlos VIII.

Commercio.

Miniſtros indignos deſte Rei.

CAPITULO V.

Governo tumultuoſo de Florença, até Lourenço de Medicis incluſivamente.

FITAREMOS a noſſa attençaõ na Italia, onde os Francezes, buſcando conquiſtas, ſó acháraõ ſepulturas. Porém antes de ſeguir as ſuas guerras no Reino de Napoles, tratemos da Florença, e vejamos a Época da glória dos Medicis.

Em Florença he que reinava eſpecialmente o eſpirito de liberdade, depois que

Florença naõ obra bem para a

fũdaçaõ de huma República.

as Cidades de Italia tinhaõ ſacudido o jugo do Imperio de Allemanha. Os Florentinos, cuja actividade, e engenho merecem grandes elogios, teriaõ fundado huma República poderoſa, e permanente, ſe tiveſſem podido extinguir o furor das facções. Mas por deſgraça ſua, aquella ſimplicidade de coſtumes, que deve ſer a baſe de hum Eſtado Republicano; aquella igualdade, taõ neceſſaria para que todos os Cidadãos ſejaõ ſujeitos ás Leis; e aquelle amor do bem geral, a que tudo deveria ceder, naõ podiaõ renaſcer ſenaõ por meio de prodigios de legislaçaõ, dos quaes a Italia moderna naõ dá exemplo algum.

Governo feliz; porém breve, depois da mórte de Frederic.II.

Por mórte de Frederico II., reuníraõ-ſe em Florença os Guelfos, e os Gibellinos. Confiou-ſe o governo a doze Magiſtrados annuaes, e foraõ eleitos dous Juizes Eſtrangeiros para decidir os negocios; taõ grande era o receio que havia de que os Cidadãos naõ cauſaſſem deſconfiança aos meſmos Cidadãos! Eſtes principios foraõ taõ felizes, que em dez annos attrahíraõ os Florentinos á ſua alliança Piſtoia, Sienna, e Arezo; ſujeitáraõ Valterra, e domináraõ na Toſcana.

Facções, e revoluções.

Em breve tempo ſe animáraõ de novo as facções. Os Guelfos expulſáraõ os Gibellinos; eſtes tambem expulſáraõ os Guel-

Guelfos, e successivamente se expulsavaõ huns aos outros. Por muito tempo foi esta huma serie perpetua de tumultos, variações, e violencias. Os nobres, os *citadinos*, ou cidadãos, e a infima plebe, abraçáraõ tambem outros tantos partidos inconciliaveis.

Em 1282, toda a Nobreza foi excluida do governo, e este entregue a vários mercadores, e artifices, com o titulo de *Senhores*. Creou-se depois hum gonfalonneiro, eleito d'entre o Povo, o qual tendo trópas ás suas ordens, soccorreria á Senhoria. Novas desordens produzio a nova administraçaõ. A fim de refrear os nobres no que lhes cumpria, inventou-se hum meio proprio sómente para os soblevar. Como as testemunhas naõ ousavaõ depôr contra elles, tiveraõ os Magistrados authoridade para sentencear confórme a pública notoriedade. Naõ se via que a licença devia augmentar-se por meio de huma justiça arbitraria.

A Nobreza excluida do governo.

Gonfalonneiro.

Justiça arbitraria.

Os Nobres ficáraõ superiores, e aproveitáraõ-se; porém dividíraõ-se em dous partidos, *brancos*, *e negros*, armados hum contra o outro, a fim de arruinar a Patria. As suas forças, dividindo-se, cada vez diminuiaõ mais. As Cidades de Toscana cessáraõ de obedecer. Castrucio Castracani, senhor de Luca, e de Pisa, fez tre-

Os Florentinos arruinaõ-se.

tremer os Florentinos: os quaes tendo-ſe ſujeitado por cinco annos a Roberto, Rei de Napoles, ſujeitárão-ſe tambem a Carlos, filho de Roberto; e recuperando a ſua liberdade em 1328, ainda a perdêrão, e tornárão a recuperar.

Com tudo os Florentinos conſervaõ-ſe.

Conſervavaõ com tudo os Florentinos, a pezar de tantos tumultos, huma reputaçaõ falſa, pois que com o offerecimento, que elles fizeraõ ás Cidades rebeldes de renunciar a Soberania, e de contentar-ſe com a ſua alliança, entráraõ eſtas Cidades ſegunda vez voluntariamente para o ſeu dominio. O Papa Gregorio XI., e os Viſcontis lhes fizeraõ guerra, mas naõ os domáraõ. Em ſemelhante circunſtancia conhecido he o eſtylo da Corte de Roma. Eis-aqui todavia huma ſingularidade bem notavel, pondo o Papa o interdicto na República, condemnou os Cidadãos á eſcravidaõ, entregando os bens deſte Povo excommungado ao primeiro, que ſe metteſſe de poſſe delles.

Bulla de Gregor. XI. contra os Florẽtinos.

As refórmas nada remedeaõ.

Inutil, e faſtidioſo ſería individuar humas agitações perpetuas, e humas pequenas refórmas ſempre inuteis. Apenas Florença hia gozando de alguns annos de ſocego, logo os tumultos renaſciaõ com violencia. Os Guelfos perſeguiaõ os Gibelinos; o Povo naõ podia ſoffrer os Nobres; os Nobres, e os Cidadãos forma-

vaõ

vaõ cabalas a fim de ſobjugar o Povo. Eſta era a imagem da democracia de Athenas: mas faltou-lhes hum Solon, e ainda careciaõ da humanidade dos Athenienſes; razaõ por que as diſcordias eraõ muitas vezes ſanguinolentas.

Sabedoria, prudencia, e authoridade dos Medicis.

A familia dos Medicis, que ſe enriquecêra com o Commercio, adquirio finalmente, á força de meritos, e beneficios, a authoridade neceſſaria para extirpar tantos abuſos. Silveſtre de Medicis, Gonfalonneiro, quaſi no fim do ſeculo decimo quarto, lançou os fundamentos de huma refórma, que naõ teve ao principio grande ſucceſſo. O Povo todavia principiou a naõ ter mais o meſmo Imperio. Veri de Medicis applacou tumultos, e podendo aſſenhorear-ſe do governo, preferio antes obrar ſempre como Cidadaõ. Seguio o ſeu exemplo Joaõ de Medicis, e chegou a exercer todas as dignidades ſem ambiçaõ; moderou com ſua prudencia o rancor dos differentes partidos, e fez com que a República gozaſſe de huma felicidade, até aquelle tempo naõ conhecida. Coſme, filho de Joaõ, teve a glória de o exceder. Os ſeus invejoſos o accuſáraõ perante a Senhoria, e foi bannido, como os Ariſtides, e os Camilos; mas quaſi ao meſmo tempo perdoado, e chamado, porque na ſua auſencia tudo

Coſme, Pai da Patria.

eraõ

eraõ deſordens. O titulo de Pai da Patria, que lhe deraõ, era digno galardaõ das ſuas virtudes.

Cõmiſſaõ para governar.

Todo o governo vicioſó no ſeu principio, fluctuando á diſcriçaõ das facções, prompto ſempre a diſſolver-ſe por falta de leis, e de boa harmonia, naõ ſe póde reformar, ſenaõ por huns meios extraordinarios. Quanto mais licencioſa he a liberdade, tanto mais inſenſivelmente ſe chega a República á Monarquia. Foi neceſſario eſtabelecer huma commiſſaõ em Florença para governar, e renovalla ſeis vezes no eſpaço de vinte hum annos, até o de 1455. Coſme de Medicis foi o cabeça, e a alma deſta magiſtratura; empregando ſómente a ſua authoridade a favor do bem público. Finalmente várias intrigas foraõ parte para ſupprimir-ſe a commiſſaõ; por quanto os ambicioſos queriaõ tambem governar. Pitti, attrevido Gonfalonneiro, reſtabelecendo a commiſſaõ por meio da força, exercitou cruelmente a ſua authoridade, e Coſme, abatido por cauſa da idade, obrava menos, do que o ſeu Collega Pitti.

Cõſpiraçaõ contra os Medicis.

Sendo Pedro de Medicis, ſucceſſor de Coſme em 1464, por cauſa da ſua má ſaude quaſi incapaz de adminiſtrar os negocios, os inimigos deſta poderoſa, e reſpeitavel familia conſpiráraõ para a deſtruir.

Mas

Mas a ſua conſpiraçaõ naõ teve feliz exito; de maneira que a commiſſaõ ſe renovou, e todavia a inacçaõ de Pedro chegou a ſer huma origem de intrigas. Juliaõ, e Lourenço, ſeus filhos, ſoffrêraõ depois da ſua mórte, todas as perfidias do odio, e da inveja.

1478. Juliaõ, e Lourenço, aſſaſſinados na Igreja.

Os Pazzis, cuja caſa era huma das mais illuſtres de Florença, reſolvêraõ aſſaſſinar aquelles dous Cidadãos, os quaes naõ podiaõ abater, ſenaõ por meio de hum crime. Naõ ſe envergonhou o Papa Sixto IV. de condeſcender com elles; e hum certo Salviati, Arcebiſpo de Piſa, animou taõ infame conjuraçaõ. Com apparencias de amizade, ſe tinha pretendido attrahir os Medicis para huns banquetes, onde a mórte os eſperava. E naõ tendo Juliaõ acceitado o convite, bem que ſem deſconfiança, elegeo-ſe a propria Igreja para theatro do aſſaſſinio. Durante a Miſſa, á elevaçaõ da Hoſtia, ſignal que ſe tinha dado, mettem os conjurados maõ aos ſeus punhaes, e ferem as duas victimas. Expira logo Juliaõ; mas Lourenço ſe defende, e foge. Vinga o Povo no meſmo inſtante os ſeus bemfeitores, e os homicidas ſaõ cruelmente mórtos; por maneira que o meſmo Arcebiſpo de Piſa, foi enforcado.

De-

Florēça excõmūgada por Sixto IV. cumplice da conspiraçaõ.

Deveria, como parece, Sixto IV. dissimular, e callar-se a fim de encobrir a sua propria infamia; mas lança contra os Florentinos todas as fulminações da Igreja, e estes desprezáraõ ao principio o interdicto, e imploráraõ a protecçaõ da França. Luís XI., que ainda vivia, teve ou a generosidade, ou a politica de declarar-se a seu favor. Ameaçou de restabelecer a Pragmatica Sançaõ; mandou algumas trópas, e naõ cedeo aos artificios de Roma. Finalmente o Papa concedeo o mesmo, que já naõ podia negar. Porém a Authoridade Pontificia triunfava sempre, por meio das humiliações, que desarmando-se impunha. Os Embaixadores de Florença foraõ fustigados com as varinhas, ao mesmo tempo que os absolvêraõ.

Florença protegida por Luís XI.

Absolviçaõ dos Florentinos.

Lourenço governa como homẽ grande.

Nada justificou melhor o zelo dos Florentinos para com os Medicis, do que o modo como Lourenço governou a sua República. Como Protector das letras, e das bellas artes, semelhante ao grande Cosme, seu Avô; liberal com huma grande, e illustrada magnificencia, e procurando muito menos brilhar, do que fazer bem; simples Magistrado em a sua Patria, e continuando o commercio de seus Pais; excedeo Lourenço a todos os mais Principes seus contemporaneos, naõ

só

ſó por meio do verdadeiro merecimento, mas tambem da influencia, que teve em os negocios da Italia, e por meio dos ſucceſſos da ſua aſiſada politica.

Lourenço determina eſtabelecer a paz em Italia.

Reſtabelecer a paz em Italia, onde depois de muitos ſeculos naõ ſe viaõ ſenaõ uſurpações, guerras, e cataſtrofes, era hum projecto digno de hum homem ſuperior; e tal foi o de Lourenço de Medicis. Vexados os Venezianos, por huma parte pelo Turco, acomettiaõ por outra parte á Lombardia. Já Ludovico Sforça, chamado o Mouro, tinha tomado Milaõ aó joven Duque Joaõ Galeas, ſeu ſobrinho, a quem ſó deixava hum titulo vaõ. Fernando, Rei das duas Sicilias, filho natural de Affonſo, ſogro de Joaõ Galeas, eſtava tanto mais animado contra Ludovico, quantas eraõ as pretenções do meſmo Fernando a reſpeito do Milanez. Tudo annunciava pois novas guerras, e Florença naõ podia deixar de entrar nellas. Naõ deixou Lourenço de as precaver; pois reconciliou Fernando com Ludovico, e obrigou-os a entrar em huma liga com os Florentinos, para a conſervaçaõ da paz. Os Venezianos ſuſpendêraõ as ſuas conquiſtas, e o Papa Innocencio VIII. empenhou-ſe, mas em vaõ, por privar do Throno o Rei de Napoles. Reſpirou a Italia, e conheceo finalmente a ſua felicidade,

O meſmo Lourenço conſegue o ſeu intẽto.

mas

mas perdeo muito cedo a Lourenço de Medicis, que morreo em 1492, com quarenta e tres annos de idade. Seu filho Pedro, ſuccedeo-lhe ſem merecimentos; e o fogo da guerra abrazou tudo em breve tempo.

Sua mórte em 1492.

CAPITULO VI.

Reinado de Carlos VIII. em França. ---- Conquiſta eſteril da Napoles.

Tumultos no principio do Reinado de Carlos VIII.

DES do anno de 1483, reinava em França Carlos VIII., Principe moço, mal educado, temerario, e incapaz de qualquer applicaçaõ. Subio eſte ao Throno na idade de treze annos, e Anna, ſua irmã primogenita, mulher de Pedro de Borbon, Senhor de Beaujeu, devia, em virtude do teſtamento de Luís XI., governar o Reino, na menoridade do Rei: e iſto deo occaſiaõ a huma guerra civil. O Duque de Orleãs (o qual reinará com o nome de Luís XII.) pretendia o governo; do qual querendo-ſe aſſenhorear, e naõ o conſeguindo, ſoblevou-ſe. Alliado o meſmo Duque de Orleans com o Duque de Bretanha, e com Maximiliano de Auſtria,

O Duque de Orleans, rebelde, e priſioneiro.

tria, perdeo a batalha de Santo Albino, na qual ficou prisioneiro.

Casamento do Rei com a herdeira de Bretanha.

Pouco tempo depois morreo o Duque de Bretanha, sem filhos varões. Anna, sua filha, herdeira desta grande Provincia, tinha já casado por procuraçaõ com Maximiliano, viuvo da herdeira de Borgonha. A fim de unir o Ducado com a Coroa, conseguio-se, naõ sem trabalho, anullar hum casamento, que Anna desejava, para a fazer casar com o Rei de França, a quem aborrecia. O Duque de Orleans, posto que amante da Princeza, teve a generosidade de servir a Carlos VIII. em ponto taõ delicado. Este illustre sedicioso veio a ser hum vassallo zeloso, e mandando-o o Rei soltar, inspirou-lhe a gratidaõ; de maneira que o Duque só cuidava em desvanecer a sua rebelliaõ por meio do explendor das suas virtudes.

O Archi-Duque Maximiliano, duas vezes offendido, toma as armas.

Margarida de Austria, filha do Archi-Duque Maximiliano, promettida havia muito tempo a Carlos para casar, e educada na mesma Corte de França até o tempo de ter idade para casar, estava a ponto de ser repudiada, no que recebia seu Pai a hum tempo duas affrontas, e respirando vingança, tomou armas, como tantas vezes tinha feito. Porém sendo pouco o seu poder em os Paizes Bai-

xos, e recebendo apenas alguns soccorros do Imperador Frederico III., tellohiaõ provavelmente despojado de huma parte das suas Provincias, se a mania das conquistas Estrangeiras naõ tivesse encantado os animos. Os lisonjeiros, que estudaõ as paixões dos Principes para dellas se aproveitarem, excitavaõ Carlos a defender os seus direitos ao Reino de Napoles. Enlevado este em semelhante projecto, entregou a Maximiliano o Franco-Condado, e Artois, de que Luís XI. se tinha senhoreado (*). Entregou do mesmo modo o Rossilhon, e Cardenha a Fernando, o Catholico (do qual brevemente trataremos); naõ requerendo delle, senaõ a neutralidade na guerra da Italia. Partio em fim, quasi sem ter disposto cousa alguma, para esta perigosa expediçaõ, que elle havia como huma viagem de divertimento.

Carlos VIII. em lugar de despojar o Archi-Duque, pertẽde conquistar Napoles.

1494. Carlos em Florença.

Ludovico Sforça, e o famoso Alexandre VI. (Borgia), tinhaõ convidado Carlos para vir a Florença; porque depois da mórte de Lourenço de Medicis já

(*) A paz concluída em Senlis com Maximiliano, fez-se pela intercessaõ dos Suissos, interessados na conservaçaõ da Borgonha. Houve infinitos soldados desta Naçaõ, no exercito do Rei na Itália, a pezar dos desvélos dos Cantões, que se empenhavaõ em chamallos.

já naõ exiſtia o ſyſtema da paz, e uniaõ. Fiar-ſe nos meſmos Ludovico Sforça, e Alexandre VI. naõ era a menor imprudencia de Carlos VIII. Pedro de Medicis negou temerariamente a paſſagem; atemorizado porem das armas Francezas, concedeo tudo quanto ſe pretendeo, e foi expulſo pelos Florentinos mais firmes na ſua reſoluçaõ. Apparece o Monarca em Florença com o apparato de hum Conquiſtador, e pretende impôr condições intoleraveis. Hum deputado porém da República lhe reſponde ſoberba, e altivamente: *Viſto que exigís ſemelhante couſa, tocai as voſſas trombetas, que nós tocaremos os noſſos ſinos.* Eſta acçaõ de valor determina a contentar-ſe Carlos com a alliança dos Florentinos.

Attrevimẽto dos Florentinos.

Já o Papa ſe tinha arrependido de ter acareado os Francezes, contra os quaes ſe alliára com Affonſo II. Rei de Napoles. Marcha Carlos em direitura para Roma, onde entra á frente das ſuas trópas, e Alexandre VI., mettido no Caſtello de Santo Angelo, he reduzido a fazer a paz. Beija-lhe entaõ o Rei os pés, adminiſtra-lhe o lavatorio no tempo da Miſſa, e toma o lugar abaixo do Deaõ dos Cardeaes.

Alexandre VI. trahidor a Carlos.

Paz entre elles.

O que ha mais para notar he que o Pontifice foi obrigado a pôr-lhe nas

Zizim entregado, e envenenado.

mãos hum Principe Turco, chamado Zizim, filho do tremendo Mahomete II. O qual, depois de huma infeliz rebelliaõ contra Bajazete seu irmaõ, tinha-se refugiado entre os Christãos. Determinava Alexandre provavelmente entregallo ao Sultaõ, cujo soccorro solicitava, e houve quem suspeitasse delle, que o tinha envenenado, antes de entregallo ao Sultaõ. Todo o genero de suspeita podia cahir neste monstro, o opprobrio da tiara, e da Igreja.

1495. Conquista rápida do Reino de Napoles. Com tudo os mesmos Napolitanos pareciaõ chamar o Conquistador. Affonso, odioso por causa da sua tyrannia, foi occultar-se em hum claustro na Sicilia, e Fernando II., seu filho, retirou-se para huma Ilha; de maneira que Carlos teve sómente o trabalho de apparecer, e cinco mezes depois da sua partida, estava já senhor de Napoles. Taõ rápidos successos, com hum pequeno exercito sem dinheiro, naõ se pódem attribuir senaõ ao terror dos Italianos: os quaes nenhum conhecimento tinhaõ da guerra, posto que sempre combattessem entre si; careciaõ de trópas reguladas, e de peças grandes de artilharia; os seus combates naõ eraõ de algum modo senaõ humas justas, em que se espalhava muito pouco sangue: rechassar o inimigo, e ganhar o campo de bata-

Os Italianos naõ conheciaõ a arte da guerra.

talha, era para elles victoria brevemente decidida, ao mesmo tempo que as suas facções intestinas, e as suas vinganças pessoaes, produziaõ innumeraveis homicidios. Naõ podia pois o impetuoso valor do Francez deixar de destruir tudo logo ao primeiro ataque. Esteril vantagem, se a prudencia naõ avigorára huma conquista menos difficultosa de fazer, do que de conservar. Porém a prudencia naõ se alliava ainda com a viveza dos Francezes.

Os prazeres, as festas, as vexações, a avareza, e a liberdade, nenhum cuidado em respeitar os novos vassallos, nenhuma cautela contra as emprezas exteriores; estes os meios, que empregáraõ ao principio taõ tremendos vencedores, para segurar o seu dominio. Carlos divertia-se, e entregava os negocios a huns homens indignos da sua confiança. Os seus inimigos naõ socegáraõ, e soubéraõ aproveitar-se dos seus defeitos. O Papa Alexandre, Maximiliano, que por mórte do froux Frederico subíra ao Throno Imperial, em 1493, Fernando, o Catholico, Rei de Hespanha, os Venezianos, e Ludovico, Duque de Milaõ, cujo sobrinho despojado já naõ vivia, formáraõ huma liga a fim de expulsar os Francezes, e restabelecer Fernando II.

Erros dos Francezes.

Liga contra Carlos.

Sem esconjurar a tormenta, nem acon-

Carlos volta para Frãça.

aconſelhar-ſe com as circunſtancias, cuida Carlos unicamente na ſua retirada; e deixando em Napoles tres, ou quatro mil homens, poem-ſe a caminho com o reſto do exercito, que ſe reduzia a ſete, ou oito mil. Os confederados, que montavaõ a trinta mil, o eſperavaõ no Parmezano. Atemoriſados porém do ſeu atrevimento, deliberaõ por muito tempo, ſe o haõ de acometter. Finalmente reſolvem-ſe, daõ a batalha de Fornoue, ficaõ vencidos, e derrotados em menos de huma hora, perdem tres mil homens, contra duzentos que mataõ ao inimigo.

Sua victoria de Fornoue.

1496. Perda do Reino de Napoles.

Eſta glorioſa victoria de Carlos VIII. ſó ſervio para a ſua ſegurança. O Reino de Napoles perdeo-ſe no ſeguinte anno de 1496, e Gonçalo de Cordova, célebre General Heſpanhol, expulſou facilmente hum pequeno número de Francezes, abominados no Paiz. Legitima ventura fora para a França, ſe eſte deſaſtre ſervíra de liçaõ para ſe haverem com ſabedoria, e prudencia. O Rei morreo no viçoſo da idade em 1498: e como ſeus quatro filhos eraõ mórtos, ſuccedeo-lhe Luís, Duque de Orleans. N'outro lugar trataremos da Época do Reinado deſte Principe, que todavia com as ſuas grandes virtudes, naõ ſe pode livrar da funeſta ambiçaõ de reinar em Italia.

Mórte de Carlos VIII. em 1498.

CA-

CAPITULO VII.

A respeito da Hespanha. Reinado de Henrique IV. em Castella. --- Principios do Reinado de Fernando, o Catholico, e de Isabel.

A HESPANHA, tanto tempo dividida, fraca, e quasi alheia do systema geral da Europa, chega a ser huma Potencia consideravel, na qual fitaremos daqui em diante os olhos. Para descobrir a origèm da sua grandeza, he necessario chegar ao Reinado o mais infeliz, e denigrido de opprobrios.

Henrique IV., intitulado o *impotente*, a pezar das suas desordens continuadas, occupou o Throno de Castella em 1454. Era elle descendente de Henrique de Trastamára, que segundo temos visto, chegou a ser Rei por meio de hum fratricidio. Como que á nova Corte caracterisa tudo quanto o vicio tem de mais infame. Vivia Henrique, e passava o seu tempo com validos, e concubinas; a Rainha Joanna, seguindo o seu exemplo, vivia, e passava tambem o seu tempo sem constrangimento algum com amantes. Só se

Henrique IV. (o impotente), Rei de Castella.

Desordens, e vicios desta Corte.

ſe cuidava em paſſatempos, e conſeguintemente os negocios naõ podiaõ deixar de ſer cada vez mais deſprezados. Hum fauſto prejudicial parecia conſtituir a verdadeira grandeza. Tendo Luís XI. ſido eleito para arbitrio entre os Reis de Caſtella, e de Aragaõ, Henrique, n'huma conferencia que teve com Luís, offendido da meſquinha ſimplicidade, que eſte Principe affectava, concebeo o maior deſprezo aſſim contra elle, como geralmente contra todos os Francezes. Porém zombáraõ delle em a negociaçaõ os meſmos, de quem mais confiava. Reconhecida a ſua aleivoſia, privou-os Henrique da ſua preſença, e nomeou em ſeu lugar a Beltraõ de la Cueva, cujo trato adultero com a Rainha eſcandalizava o Reino. O fogo da rebelliaõ eſtava occulto, e manifeſtou-ſe com eſta eleiçaõ.

Beltraõ de la Cueva valido.

Rebelliaõ contra Hẽrique.

Os deſcontentes com Carrilho, Arcebiſpo de Toledo, á ſua frente, formaõ, e executaõ projectos quaſi incriveis. Em 1464, obrigáraõ o Rei a reconhecer Affonſo, ſeu irmaõ, por herdeiro da Coroa, em prejuizo de Joanna ſua filha, a quem já ſe tinha dado juramento: mandáraõ pedir a Roma a diſpenſa deſte juramento, que violáraõ; e depozéraõ Henrique IV. no anno ſeguinte, em eſtatua, n'hum cadafalſo; ceremonia taõ extrava-

Henrique depoſto em eſtatua.

gan-

gante como nova. Todos corrêraõ ás armas. A batalha de Olmedo naõ resolveo nada; e naõ se achando o Rei nella fez-se crédor de muito maior desprezo. O Arcebispo de Toledo, trazendo huma Estóla sobre as suas armas defensivas, combateo na mesma batalha com grande valor; e posto que ferido, foi o ultimo que se retirou. Veremos ainda outros muitos Prelados distinguirem-se na guerra.

Batalha de Olmedo, ē a qual o Arcebispo de Toledo se distingue.

Em Hespanha havia tambem heroinas; huma dama de Villalva, que defendia em Castella a causa Real, e huma Rainha de Aragaõ, que combatia a favor do seu esposo contra Joaõ de Anjou, Duque de Lorena, acclamado em Barcelona.

Heroinas Hespanholas.

Coroado Affonso, pelos Castelhanos rebeldes, morre repentinamente em 1468, na idade de quinze annos; mas este acontecimento naõ diminue a sua audacia. Impoem os descontentes a Henrique IV. condições, obrigando-o a declarar a Isabel, sua irmã, herdeira da Coroa, a desherdar Joanna, sua filha, e a mandálla com a Rainha para Portugal. Hum Legado teve parte no tratado. Suppunhaõ ser Joanna filha bastarda de la Cueva, e esta supposiçaõ, defendida por huma intriga furiosa, a privou de huns direitos, que sem dúvida se respeitariaõ em outros tempos.

Hērique IV he obrigado a desherdar sua filha Joanna.

Che-

Isabel, sua irmã, e sua herdeira, procurada para casamento.

Chegou o matrimonio de Isabel a ser ao mesmo tempo hum objecto de intriga, e de ambiçaõ. O Rei de Portugal pretendia casar com Isabel: Luís XI. a pedia para seu irmaõ, e o Rei de Aragaõ, para seu filho Fernando. Importava muito aos rebeldes preferir este ultimo, mais capaz de os defender. Henrique inclinava-se para outra parte, mas nada podia. Como o negocio se dilatava muito, achou-se hum meio para o concluir, digno de tudo quanto havia precedido. Chegou Fernando, disfarsado, a Valhadolid, onde o matrimonio foi occultamente celebrado pelo Arcebispo de Toledo, certificando ter dispensa do Papa, a qual dispensa só chegou no fim de tres annos. Semelhante Prelado merecia certamente ser cabeça da conspiraçaõ.

Como Isabel foi casada com Fernãdo de Aragaõ.

Nova guerra civil.

Furioso Henrique por causa desta empreza, desherda sua irmã, e restabelece os direitos de sua filha: offerece esta em casamento ao Duque de Guienna, irmaõ de Luís XI., e sendo por este desprezada, offerece-a ao Rei de Portugal, que tambem a despreza; taõ pouco havia que esperar da sórte da Princeza! Atea-se por todo o Reino huma guerra civil: os nomes de Joanna, e de Isabel armaõ todos os sediciosos: e por fim reconcilia-se o Rei com sua irmã, e com Fernando. Tendo

cea-

ceado juntamente com elles, ao ſahir da meza, foi aſſaltado de humas dores de entranhas taõ violentas, que o atormentáraõ até á mórte, que ſuccedeo no meſmo anno de 1474, depois de ter declarado novamente ſer Joanna ſua filha, e ſua herdeira. A Rainha tambem jurava o meſmo, e ninguem lhe queria dar crédito. As ſuſpeitas de ſer o Rei envenenado, eſpalhadas contra Fernando, e Iſabel, naõ ſervíraõ de obſtaculo á ſua fortuna. Ambos eraõ dotados de talentos, e de grande politica. O ſeu Reinado, que he taõ nomeado, naõ parecerá todavia nos olhos dos ſiſudos, digno de todos os elogios, que alguns Hiſtoriadores lhe prodigalizáraõ. Deſconfiemos ſempre das preoccupações nacionaes, e eſpecialmente das dos ſeculos de ignorancia.

Mórte de Hẽrique IV em 1474.

Suſpeitas de ſer o Rei envenenado.

Os principios foraõ procelloſos. Fernando, a quem ſó ſe concedia o titulo de Rei, ao meſmo tempo que a authoridade ſe achava nas mãos da Rainha, eſteve quaſi nos termos de retirar-ſe para Aragaõ; e Iſabel chamando-o ſeu Rei, e ſeu ſenhor, e obrando ſempre como ſenhora do Reino, ſoube-o liſonjear, e deter. O Arcebiſpo de Toledo, cioſo do conceito, que Fernando, e Iſabel faziaõ do Cardeal Mendoza, entregando-ſe á paixaõ da cólera, dizia: *Eu darei muito bem*

Fernando ao principio deſcontẽte em Caſtella.

Iſabel o detem.

tra-

traças, para que Isabel torne a tomar â roca, que deixou por minha causa. O Arcebispo se retirou, e motivou intrigas; e Affonso V. Rei de Portugal, tendo-se em fim determinado a casar com a Princeza Joanna, filha de Henrique IV., foi esta acclamada Rainha de Castella em Plencia. Porém no fim de alguns annos de guerra, em 1479, renunciando Affonso o casamento, e as suas pretenções, abraçou Joanna o estado Religioso. O Arcebispo de Toledo tinha sido obrigado, por causa do sequestro dos seus bens temporaes a sobmetter o seu orgulho ao jugo da obediencia.

Guerra cõ Portugal acabada em breve tempo.

Desordens públicas, q se pretendẽ reprimir.

Era necessario hum governo sábio, prudente, e vigoroso para soffrear as desordens públicas, que tinhaõ chegado ao ultimo auge. Por toda a parte naõ se encontravaõ, senaõ salteadores: os Cavalleiros favoreciaõ, ou commettiaõ roubos, e os seus palacios podiaõ considerar se como praças inimigas no centro do Estado: n'huma palavra, todos os abusos do governo feudal se mantinhaõ pela força, e excessiva liberdade. Resolvêraõ destruillos.

A Santa Irmandade.

Formou-se a Congregaçaõ da *Santa Irmandade*, destinada para oppôr-se aos homicidios, aos roubos, e ás violencias de qualquer especie, e foraõ-lhe consignados fundos, e certo número de trópas. Este es-

estabelecimento, e outros semelhantes encontrárão infinitas opposições da parte dos Grandes, interessados nos crimes, de que se aproveitavaõ, como temos visto em todo o resto da Europa.

Tolher pois os crimes por meio do terror, arrazar as fortalezas dos Cavalleiros, que inficionavaõ as terras, revogar os favores, que apuravaõ o thesouro, e livrar os Póvos da oppressaõ dos Grandes, e sujeitallos todos á Real Authoridade, foi o objecto principal de Isabel, e Fernando. Porém entre estes uteis cuidados, os vemós estabelecer por toda a parte, com zelo violento, tudo quanto o Tribunal da Inquisiçaõ tem mais contrario aos direitos da humanidade, e ás máximas bemfazejas do Evangelho. Governo vigoroso.

Torquemada, Dominico impetuoso, e cruel, tinha obrigado a Rainha a jurar, antes de ser reconhecida, que empregaría todo o seu poder, quando chegasse a occupar o Throno, em exterminar os Impios, Judeos, Musulmãos, Hereges, e feiticeiros. O Cardeal Mendoza, inflammado pelo dominio, se valeo deste juramento. Foi a Inquisiçaõ estabelecida com rigores juridicamente tyrannicos, dos quaes naõ havia ainda exemplos taõ barbaros. Sendo Torquemada, Inquisidor geral, fez queimar em quatro annos seis mil pessoas, Torquemada, e Mendoza tornaõ atroz a Inquisiçaõ.

ſoas, e o ſeu zelo perſeguio mais de cem mil Cidadãos. Hum negro terror, e hum fanatiſmo feroz apoderáraõ-ſe das familias; a infame denúncia transformou-ſe em virtude; as mais leves ſuſpeitas, e imprudencias, algumas faltas imaginarias, e ſuppoſtas, foraõ titulos para encarcerar, diffamar, e pôr em deſeſperaçaõ huma multidaõ de innocentes.

Proceſſos odioſos deſteTribunal ſem appellaçaõ.

Os mais iniquos proceſſos decidiaõ da fortuna, honra, e vida: naõ conhecendo o accuſado o accuſador, nunca era acareado com elle; era neceſſario que adivinhaſſe ſeu crime. Envolto nas ſiladas de hum interrogatorio capcioſo, confeſſava-ſe muitas vezes culpado ſem ſaber porque. O teſtemunho dos parentes mais chegados, das mulheres de vida eſcandaloſa, era admittido, como ſe ſe receaſſe naõ haver outros denunciantes. E poſto que os calumniadores deveſſem ſoffrer a pena do taliaõ; e as inimizades peſſoaes, e loucuras ſuperſticioſas multiplicaſſem neceſſariamente as falſas accuſações; naõ havia exemplo algum de calumniador caſtigado pelo Santo Officio; nenhum recurſo contra as Sentenças deſte Tribunal; nenhuma appellaçaõ para o Soberano, protector de ſeus vaſſallos.

Seus Satellites.

Vio-ſe huma infinidade de Satellites, carregados de privilegios, e immenſas quan-

quantias de dinheiro, empregadas para a desgraça da Hespanha, em preferencia ao triunfo da fé. Aquelles horrorosos supplicios, cobertos de victimas amontoadas, aquelles *Autos-de-fé*, que, ao narrallos, causaõ horror, foraõ autos de Religiaõ, e espectaculos, que os Reis hiaõ voluntariamente vêr. Se julgarmos, como vários Escritores, que Hespanha, e Portugal devem felicitar-se de ter desterrado por este modo o Mahometismo, o Judaismo, ou a heresia, he necessario abrutecer a razaõ, e tyrannisar os homens, he necessario, que o ferro, e o fogo devastem, o mundo para fazer Christãos, e Catholicos! Assim he que se estabeleceo a fé Christã? Felizmente para os Póvos, e attrevo-me a dizello, para a Religiaõ, o Governo de Hespanha, que cada dia he mais illuminado, e mais humano, temperou muito estes rigores, que inspiravaõ as preoccupações do seculo. A Historia nos dirá quantas chagas profundas fizeraõ ao Estado (*).

Reflexões sobre estes rigores.

Achou-

(*) O Author desta *Historia Universal*, assim como muitos outros Authores, quando fallaõ da Inquisiçaõ, cahem em muitos absurdos, por naõ saberem a fundamento quaes saõ as providentissimas Leis, que este Regio Tribunal tem para se reger, e cuidar no processo dos réos, e por ouvirem as vozes soltas, e apaixonadas de alguns, que escapando aos seus

Fernando herda Aragaõ, e Sicilia.

Achou-se Fernando em 1479 senhor dos Reinos de Aragaõ, e Sicilia, por mórte de seu Pai Joaõ II. Quatro annos depois, fallecendo o joven Phebo de Foix, Rei de Navarra, pedio Fernando em casa-

seus bem justos castigos se retiráraõ a Paizes estranhos. E estes em lugar de mostrarem as suas culpas, gritaõ contra o Tribunal, para deste modo serem mais ouvidos, e estimados daquelles, que prichaõ de serem humanos. Nenhum processo he mais bem fundado, as testemunhas em parte alguma se examinaõ com tanta cautela, e miudeza: aqui naõ póde entrar o soborno, a cavilaçaõ, e a intriga. Tudo he visto com perspicacia, e inteireza. A humanidade he o unico alvo, a que se reduz todo o cuidado dos seus Ministros. Se os Estrangeiros fallassem de algum abuso, que neste Tribunal acontecesse nos seculos, em que em todos os do Reino grassava huma falta de instrucçaõ, e sciencia, talvez que se lhes soffresse fallar destes mesmos abusos: mas clamar contra a sua utilidade, e necessidade, he erro, ignorancia, e falta de luzes. Lembrem-se do modo, com que no nosso Portugal sempre se sentenceáraõ os réos, dos conspicuos Magistrados, de que se compoz sempre; Ecclesiasticos de ordem superior, sábios, virtuosos, e desabusados. Naõ ha ainda muitos dias, em que fomos oculares testemunhas da sua piedade, humanidade, e rectidaõ; a tanto chegou, que homens de differente, e estragada Religiaõ, chegáraõ a confessar que andavaõ enganados a respeito da Inquisiçaõ. Para se confundirem, de que naõ sabem as cousas, senaõ por más informações, leaõ-se immensos Tratados Hespanhoes, e Portuguezes, aonde se mostra a fórma de processar deste Tribunal, que logo se assentará que he tudo contrario, do que loucamente se diz. Donde quem lêr esta passagem neste Author, note bem que elle como naõ tinha em França Inqui-

ſamento, para ſeu filho, a Catherina, irmã, e herdeira de Phebo; e para fazer mais efficaz a negociaçaõ, apoderou-ſe de Pampelona. Veremos o Reino de Navarra invadido por Fernando; e huma poli-

Seus intentos ſobre Navarra.

quiſiçaõ, tudo quanto ouvia de lá de Heſpanha, e Portugal, he de informaçaõ, e quaſi ſempre de homens réos, e fugidos, que baſta eſta condiçaõ para naõ ſerem ouvidos. E devem de aſſentar para ſe provar a ſua utilidade, e neceſſidade, que baſta que hum Rei tal, taõ ſábio, e amante de ſeus vaſſallos, como o Senhor D. Joaõ, o III., a quiz, eſtimou, e a condecorou com o caracter de Tribunal Real, e deo aos ſeus Miniſtros toda a liberdade de ſentencearem, ainda meſmo com penas temporaes, como Delegados dos Monarcas. Os Francezes por alguns abuſos, que muitas vezes os Miniſtros della fizeraõ em França, aſſentaõ que em toda a parte he o meſmo. Que immenſos males naõ lavrariaõ? Que deſordens, que manchas, e nodoas naõ ſoffreria a Santa Religiaõ, ſenaõ houveſſe eſte taõ neceſſario freio? Que attrevidos desbocados naõ teriaõ a damnada liberdade de inſultarem as couſas Sagradas para com as ſuas indignas ſubtilezas, e invençóes encobrirem os erros, e deſvarios dos ſeus coraçóes corruptos, e peccaminoſos, ſe acaſo neſte Sagrado Tribunal naõ houveſſe o grande poder de ſuffocar taõ inſultadoras, e libertinas linguas, que tanto derrancaõ aos outros? Todos os dias ouviriamos blasfemias. Que doutrinas eſtragadas, e livres naõ appareceriaõ, ſe eſte reſpeitavel, e Regio Tribunal naõ eſtancaſſe taõ revoltoſos falladores? O ſeu fim he terem ſequazes nos ſeus erros para mais francamente peccarem. Parece-me que com eſta *Nota* ſe poderá conhecer a injuſtiça do Author, e de outros a elle ſemelhantes, e os que lerem *eſta Obra*, lendo o que o Author diz, e a Nota poderáõ facil, e ajuizadamente conhecer com quanto erro fallaõ os Eſtrangeiros.

litica artificiosa, sostida pelas armas, augmentará continuamente o poder de Fernando, e Isabel.

CAPITULO VIII.

Conquista do Reino de Granada. --- Expulsaõ dos Judeos de Hespanha.

OsMouros de Granada divididos entre si.

O REINO de Granada, unico resto da dominaçaõ Mahometana na Hespanha, attrahia as attenções dos Principes ambiciosos, aos quaes parecia que assim o zelo, como o interesse convidavaõ a invadillo. Causa admiraçaõ vêr, que os Mouros naõ se approveitáraõ das dissensões de Castella, no ultimo Reinado, e até se sujeitáraõ a pagar tributo. Porém divididos entre si, diminuiaõ-se as suas forças cada vez mais. As discordias, que recrescêraõ até ao ultimo furor, causáraõ finalmente a sua ruina total, assim como tinhaõ causado a de tantos Imperios famosos. Albohacen, Rei de Granada, combatteo com hum dos seus filhos, e este, com hum dos seus Tios. Por toda a parte reinavaõ as guerras civís, quando Fernando, e Isabel movêraõ as suas forças contra aquelle Estado já abalado, o qual por

cau-

causa dos dons da natureza, devería ser o centro da felicidade.

Fernando, e Isabel acommettem o Reino de Granada cõ feliz successo.

Depois de ter pedido ao Papa Sixto IV. huma bulla de Cruzada, e licença para impôr hum subsidio ao Cléro (porque a politica ainda necessitava de taes meios), pôz-se Fernando á frente das trópas em 1483; continuou sempre a guerra com successos rápidos, e felizes, e em muitas expedições o acompanhou Isabel. Ambos estiveraõ em perigo de morrer no cerco de Malaga, Cidade importante, defendida valerosamente, e tomada em 1487. Acommetteraõ Baza em 1489, depois de ter perdido vinte mil homens: Guadix, e Almeria lhes foraõ entregues por hum dos Principes Musulmãos, que disputava a Coroa; taõ cobarde, e taõ cégo, que pretendeo por este meio voltar as suas armas contra o seu competidor. Finalmente he Granada sitiada em 1491 por Isabel, e por Fernando: O seu campo distante duas legoas da Cidade foi consummido por hum incendio horroroso: e os dous Principes, a fim de naõ se acharem mais expostos a semelhante desastre, mandaõ edificar no mesmo lugar huma Cidade, á prova de fogo; e a esta obra se dá fim em menos de tres mezes. Esta Cidade he a de *Santa Fé*, que ainda hoje sobsiste. De nada careciaõ os cercadores, e os cer-

1491. Sitio de Granada.

cados padeciaõ todos os rigores da penuria; a Praça foi reduzida á ultima extremidade.

O Rei Mouro capitula cobardemente.

Hum enthuſiaſmado Muſulmaõ alenta de novo neſta occaſiaõ por meio da ſua eloquencia os animos abatidos. Vinte mil homens, perſuadidos dos ſeus diſcurſos, preparaõ-ſe para o ſeguir, e emprehender tudo o que ſe lhes mandaſſe. Parece que dever-ſe-hia aproveitar da ſua deſeſperaçaõ; porém Abo-Abdeli, pelo qual Albohacen, ſeu Pai, tinha ſido privado do Throno, temendo pelo contrario os effeitos de ſemelhante movimento, diligenciou capitular, e obteve para ſi lugares, e rendimentos nas Alpujarras, montes fertiliſſimos, e para os habitadores, a ſegurança dos ſeus bens, o uſo das ſuas leis, e o exercicio da ſua Religiaõ. Amaldiçoado Abo-Abdeli pelo ſeu Povo, deo hum entranhavel ſuſpiro, olhando para a admiravel capital, que abandonava. *Tens razaõ*, lhe diſſe ſua mãi, *para chorra como huma mulher, pois que naõ ſoubeſtes conſervar como homem valeroſo huma Cidade ſemelhante.* Deſte modo acabou em Heſpanha o Imperio dos Arabes, fundado havia quaſi oitocentos annos.

Reprehenſões de ſua Mãi.

1492. Expulſaõ dos Judeos a fim de os deſpojar.

Quanto mais util, e glorioſa era eſta conquiſta, tanto mais nos devemos admirar da politica funeſta, e igualmente in-

injusta, por meio da qual foraõ os Judeos expulsos immediatamente depois. Vendo-se victimas do odio, e desprezo dos Christãos, reparavaõ o seu damno por meio da sua industria; achavaõ nas riquezas huma compensaçaõ de honra; e sendo os unicos, que commerciavaõ cometendo grandes usuras, eraõ senhores de quasi todo o dinheiro da Naçaõ. Os Nobres, que eraõ pobres, liavaõ-se com os Judeos por meio de casamentos, assim como com os Mahometanos; mas nem por isso deixavaõ de ser menos seus inimigos. Várias imputações absurdas, taes como as que procedêraõ sempre dos odios religiosos, inflammavaõ a raiva popular. O governo deixou-se persuadir, e arrastar ou de hum zelo cégo, ou de hum interesse muito mal entendido; de maneira que os Judeos tiveraõ ordem para sahir do Reino. Seis mezes lhes foraõ concedidos para vender os seus bens; prohibio se-lhes porém, sobpena de mórte, levar prata, ouro, e pedras preciosas: isto he, foraõ expulsos a fim de os espoliar.

Semelhante violencia arruina o Estado.

Semelhante Decreto causou huma perda á Hespanha de mais de trinta mil familias, que montavaõ ao menos a cento cincoenta mil pessoas, as quaes leváraõ comsigo a industria, as artes, e o commer-

mercio. Eſta injuſtiça foi bem parecida com as alterações das moedas, que arruinavaõ os Principes a troco de hum recurſo momentaneo, de que lhe ſerviaõ. Os eſpolios dos Judeos pareciaõ hum grandiſſimo bem, e todavia o Eſtado cahio de ſubito na ultima miſeria. Nada pode ſupprir ás grandes contribuições que os Judeos pagavaõ, e ninguem ſoube onde ſe havia de ir buſcar o neceſſario, pois que o haviaõ das ſuas mãos laborioſas. Naõ haveria pois meio algum para refrear a uſura dos Judeos, ſem privar-ſe do commercio? Se por ventura ſe pretendia ſer injuſto, naõ era ao menos neceſſario lançar bem as linhas para precaver os inconvenientes da injuſtiça? E ainda aſſim teria eſta produzido o ſeu effeito, iſto he muito maior mal do que bem, aſſim como todas as violencias comettidas ſob pretexto de Religiaõ.

O que os Judeos chegáraõ a ſer.

Portugal, com a expulſaõ dos Judeos de Heſpanha, adquirio quaſi oitenta mil vaſſallos. Quinze mil ſe retiráraõ para Africa, onde foraõ tratados mais cruelmente do que em Heſpanha. Os Mouros, ſegundo dizem, abriaõ os córpos aos Judeos, a fim de tirar-lhes das entranhas o ouro, que tinhaõ engolido. De lá voltáraõ alguns milhares, os quaes fingíraõ abraçar o Chriſtianiſmo, e ſobre os Judeos he que

a

a Inquiſiçaõ eſtendeo principalmente as ſuas ſanguinolentas mãos ; a qual podia ſer conſiderada como hum flagello forjado pelos inimigos da Heſpanha , a fim de deſpovoar o Reino.

Naõ tenhamos receio de ajuntar a eſtas calamidades públicas o deſcobrimento do novo mundo , feito no meſmo anno , em que os Judeos foraõ expulſos. Trataremos delle na Época ſeguinte , em que o Reinado de Fernando , e de Iſabel offerecerá tambem feitos memoraveis. Faltanos alguns pontos para obſervar a reſpeito de tudo quanto intereſſa mais o eſpirito humano.

CAPITULO IX.

Obſervações geraes.

TODAS as couſas mudaõ , ou ſe preparaõ para a mudança no decurſo do ſeculo decimo quinto ; porque os homens ſahem de hum dilatado lethargo , exercitaõ as faculdades da ſua alma , e humas novas invenções abrem nova carreira ás idéas. Veremos como a agulha de marear, achada caſualmente depois de muito tempo , mas muito tempo inutil , por falta de

Revoluçaõ geral, que começa em o decimo quinto ſeculo.

de procurar-lhe o uſo, produzio huma immenſa revoluçaõ.

Arte militar differente.

A invençaõ da polvora principiava a mudar a arte militar, e á proporçaõ que ſe dilataſſe eſte fatal deſcobrimento, mais conſideravel devia ſer a mudança. A cavallaria já naõ tinha a meſma força nos exercitos, e por conſeguinte nem o meſmo luſtre no Eſtado, e perdeo muito por cauſa do eſtabelecimento das Ordens da Jarreteira, do Toeſaõ de ouro, de S. Miguel, &c. Eſtas condecorações liſonjeavaõ muito mais a vaidade, pois obrigavaõ os Cavalleiros a viver ſempre na Corte dos Principes, que procuravaõ todos os meios de reſtabelecer, ou augmentar a ſua authoridade.

Decadẽcia da cavallaria.

Politica mais cultivada, porém com ſubtilezas funeſtas.

Facil he de obſervar, particularmente em França, os progreſſos da politica, depois que era tida em tanta honra a ſciencia do direito. Os Juriſconſultos, e os parlamentos, bem que ainda imbuidos de opiniões falſas, tinhaõ introduzido os principios mais favoraveis para a Monarquia. Negociando, ou lutando com à Corte de Roma, tinhaõ-ſe acoſtumado a exercer os negocios mais delicados. Talvez que neſta fonte ſe tiveſſem bebido as ſubtilezas ſagazes, que em breve tempo ſe mudáraõ em ſyſtema. De todas as partes vemos extender as Potencias da Europa as ſuas idéas,

e intentos, formar ligas, e allianças; mas tambem vemos a perfidia chegar a ser arte nos maiores, e mais consideraveis negocios. Toda a glória de Luis XI., e de Fernando, o Catholico, consistio em enganar. Geral chegou a ser a contagiaõ. Deshonrar o Throno, e o Altar por meio da impostura, foi hum dos ordinarios divertimentos. Tudo quanto ha de mais inviolavel, os Tratados, e os juramentos, servíraõ de laço para sorpresar os seus inimigos com a capa de amizade; sem considerar que era este o meio de ter inumeraveis inimigos, e amigos infiéis. O successo feliz de qualquer velhacaria dura muito pouco tempo, e as suas consequencias sempre saõ perigosas: o que se mostrará por meio de mil factos, até ao nosso tempo.

Os crimes multiplicaõ-se; e porque.

Este he mais que nunca o tempo de crimes infames, assassinios, e venenos. Todos os contemplaõ como huma producçaõ da Italia, onde eraõ muito ordinarios por causa do furor, e cobardia dos partidos. A politica Italiana, inficionada certamente com todos os vicios do Imperio inferior, inficionou as Cortes da Europa com seus exemplos, e lições. A moral desappareceo insensivelmente, e com ella a segurança do trato da vida. A impiedade, junta com a superstiçaõ, desva-

vaneceo os primeiros principios da obrigaçaõ. Porque he que a passagem da barbaridade para a cultura dos talentos, naõ fez, em muitas cousas, senaõ substituir aos vicios brutaes vicios mais sublimes, e mais funestos, senaõ porque os entendimentos naõ foraõ guiados pela recta razaõ, e porque subtilisando-se, seguíraõ a inclinaçaõ das paixões, e finalmente porque os costumes públicos dependem dos governos, os mesmos governos em geral tudo referiaõ á fortuna?

A Typographia utilissima, a pezar dos abusos que della se deviaõ fazer.

A Typografia, inventada em Estrasburgo no anno de 1440 por Joaõ Guttemberg, aperfeiçoada em Moguncia por Joaõ Fust, e por Pedro Scoeffer, devia espalhar igualmente assim as verdades, como os erros; mas deve tambem contar-se entre os grandes bens, qualquer que fosse o abuso, que della se podesse fazer; porque a ignorancia per si mesma multiplica os erros, ao mesmo tempo que a verdade naõ passa, senaõ por meio de infinitos obstaculos. Se ainda com o soccorro dos Livros, saõ vagarosos, e incertos os seus progressos, que sería, sem esse soccorro, em as trévas da ignorancia? Hum dos abusos principaes da Typografia será dar alimento ao fanatismo dos Seitarios; mas bastantes alimentos tinha este já antes della. Por meio della só communicar-se-haõ

pe-

pelo contrario cada vez mais os principios da razaõ, e da moral, os quaes desſtruiráõ por fim o furor das ſeitas. Que utilidade para a humanidade!

Hum Cidadaõ de Harlem, chamado Kuſter, tinha já impreſſo, abrindo em madeira as paginas inteiras, do meſmo modo que os Chinas praticavaõ, havia muitos ſeculos. Eſte methodo, a reſpeito dos caracteres movediços de fundiçaõ, he quaſi ſemelhante ao que os Jeroglificos ſaõ a reſpeito das letras alfabeticas. A invençaõ da Typografia pareceo taõ maravilhoſa, que os primeiros que trouxéraõ as ſuas amoſtras para París, paſſáraõ por feiticeiros. Todos aquelles, que obravaõ qualquer couſa, que o vulgo admirava, eraõ tidos naquelle tempo por feiticeiros. O meſmo Parlamento deixouſe ao principio perſuadir diſſo: de maneira que toda a novidade util foi hum monſtro nos olhos da prevençaõ. **Eſta invençaõ admiravel foi calumniada.**

Se houveramos de attribuir o renaſcimento das letras a alguma cauſa eſtranha, antes a attribuiriamos á Typografia, do que aos Gregos, que ſe auſentáraõ de Conſtantinopla. Alguns ſábios fugitivos, premiados, eſpecialmente por Coſme, e por Lourenço de Medicis, enſináraõ o Grego, ou inſpiráraõ o ſeu goſto: no que ſe aperfeiçoou ſem dúvida a literatura. Porém **Falſamente ſe attribue aos Gregos o renaſcimento das letras.**

rém a carreira eſtava já antecedentemente aberta: a Poeſia, e a eloquencia ſe cultivavaõ; e eſtudava-ſe pelos exemplares da antiga Roma. Por ventura Terencio, Virgilio, Horacio, Cicero, Tito-Livio, Saluſtio, &c. naõ ſeriaõ ſufficientes para dar as idéas de tudo quanto he bom, e admiravel? Acaſo naõ teriaõ elles formado os Poetas, os Oradores, e os Hiſtoriadores do décimo quinto, e decimo ſexto ſeculo?

As linguas ſábias fizéraõ ao prĩcipio mais pedãtes do que homẽs de goſto.

Poſſo dizer affoitamente, que as Linguas ſábias mais foraõ ao principio huma origem de erudiçaõ grammatical, do que de goſto, e luzes. O eſtudo das palavras foi preferido ao das couſas. Hum pedantiſmo, armado com ninharias, e ridiculas citações, caracteriſava a maior parte dos novos ſábios: os quaes compiláraõ, commentáraõ, imitáraõ como eſcravos laborioſos, e núnca penſáraõ. Devia o ſeu trabalho facilitar aos verdadeiros engenhos os conhecimentos, de que podiaõ neceſſitar. Perſuadir-ſe porém, como ſe fazia, que o eſtudo dos antigos era equivalente a tudo, adorar os ſeus proprios defeitos, ter os ſeus pareceres por oraculos, imaginar que bom ſó he o que lhes era ſemelhante, e copiar ſuperſticioſamente a ſua linguagem, era meio, naõ de aperfeiçoar o goſto, e

a razaõ, mas de retardar os ſeus progreſſos.

Teria ſido neceſſario cultivar as Linguas vulgares, eſtudando as Linguas mórtas (*). Quando a Italia ſeguio eſte methodo contrario, teve huns *ciceronianos* ſem idéas, ou huns toſcos compiladores. As outras Nações, em quanto o pedantiſmo ſervio de obſtaculo ás peſſoas litteratas para eſcrever na lingua nacional, para illuminar por eſte meio o público, e para elles meſmos ſe inſtruirem na ſua eſcóla, foraõ muito tempo inferiores á Italia. Comines, e Monſtrelete, cujas Hiſtorias ainda nos intereſſaõ n'huma linguagem antiga, teriaõ excitado a emulaçaõ dos Eſcritores em França, ſe ſe tiveſſe viſto que o Grego, e o Latim, dando exemplos, deveſſem enſinar a penſar, e eſcrever melhor na ſua propria Lingua.

Deſprezáraõ-ſe infelizmente as linguas vulgares.

As diſputas da Eſcóla, que chegavaõ a ſer ſempre negocios de Religiaõ, e de Eſtado, ſaõ huma triſte próva da eſcravidaõ, em que eſtava preza por muito tempo a razaõ. Ariſtoteles, condemnado em o decimo terceiro ſeculo, por várias ſenten-

Preoccupações da eſcóla

Em a qual reina Ariſtoteles.

(*) Parece que naõ ſe podiaõ aperfeiçoar as Linguas vulgares, ſenaõ depois de ter feito hum eſtudo profundo das Linguas mórtas. Tambem ſe obſervou que o eſtudo das palavras devia facilitar o eſtudo das couſas.

tenças ecclesiasticas, e restabelecido por outras taõ razoaveis, reinava soberanamente entre os Doutores. Reformando hum Legado a Universidade de París, quasi no meado do decimo quinto seculo, tinha promulgado huma Lei para que se ensinasse a doutrina deste Filosofo; cuja doutrina só era conhecida pelos commentarios dos Arabes. Deste modo, Averroés, em nome de Aristoteles, dictava oraculos nas Escólas Christãs. A Fysica, a Moral, e a mesma Theologia, estavaõ de algum modo sujeitas ás suas idéas inintelligiveis. Todas as Seitas se fundavaõ assim sobre a sua authoridade, como sobre a authoridade da Escritura Santa. Esta, e Aristoteles eraõ igualmente citadas; e esta extravagante mistura, que degradava a Religiaõ, fazia hum monstro da Filosofia.

Disputas ridiculamẽte sérias dos realistas, e dos nominaes.

Duas Seitas absurdas, os *realistas*, e os *nominaes*, os primeiros defendendo as *essencias*, e outras abstracções, como entes reaes, e os ultimos combattendo tal quiméra por meio de falsas subtilezas, destruiaõ-se com furor, e invocavaõ, além das excommunhões da Igreja, os soccorros do braço secular. Luís XI., declarando-se contra os nominaes, mandou prender os seus Livros. A disputa, segundo o uso; nem por isso deixou de ser menos

fer-

fervorofa. Sahindo os Livros do cativeiro, continuou-fe o combatte: e fe Defcartes naõ tiveffe por fim vindo, talvez que ainda combatteffem por femelhantes parvoices.

Por efte mefmo tempo os Thomiftas, e os Scotiftas, ou os Dominicos, e os Francifcanos, perturbavaõ o mundo com as fuas obftinadas difputas. Huns negavaõ a immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria, da qual outros pretendiaõ fazer hum novo dogma. Huns concediaõ as chagas a Santa Catharina de Sienna, Religiofa da fua Ordem, e os outros defendiaõ que femelhante privilegio fómente pertencia a S. Francifco, feu fundador. Huns diziaõ que em quanto Jefus Chrifto efteve na fepultura, a divindade naõ eftava feparada do feu fangue; e os outros a feparavaõ. Huns, e outros mutuamente fe chamavaõ hereges; fazendo, quanto podiaõ, de huma opiniaõ de corpo huma regra univerfal de fé; pois que a ifto fe encaminhavaõ ordinariamente os fyftemas em materias theologicas.

Difputas de Thomiftas, e de Efcotiftas, mais férias.

Jeronymo Savonarola, Dominico enthufiafmado, prégador célebre de Florença, foi a victima da competéncia das duas Ordens. Tinha Savonarola declamado contra o Papa Alexandre VI.º, cujos efcandalos faziaõ horror, e foi accufado de pef-

Savonarola accufado por herefia.

Experiēcia do fogo, q̃ ſe offerece, e que ſe recuſa ſoffrer.

peſſima doutrina. Hum dos ſeus Religioſos offerece-ſe para o juſtificar, ſoffrendo a próva do fogo. Hum Franciſcano, a fim de juſtificar que Jeronymo he culpado, offerece-ſe para ſoffrer a meſma próva: no que ſe conſente, e ſe apraza o dia. O Franciſcano treme, teme, e retrata-ſe. Outro o ſubſtitue, e lhe ſuccede o meſmo. Finalmente hum Leigo da meſma Ordem entra na contenda. Os Magiſtrados, e o Povo de Florença concorrem para o eſpectaculo: accendêraõ-ſe as fogueiras, e lembra-ſe o Dominico muito a tempo de naõ querer entrar nellas ſenaõ com a Euchariſtia; no que naõ ſe conſente, ou por motivo de reſpeito ao Sacramento, ou porque o Franciſcano ſe lhe oppoem; e cada hum ſe retira ſem concluir couſa alguma.

Supplicio de Savonarola.

Nem por iſſo deixou Savonarola de ſer queimado em 1498, juntamente com outros dous Dominicos. Era eſte hum daquelles homens meio velhacos, e meio fanaticos, os quaes abuſaõ da credulidade popular, a fim de eſtabelecer as ſuas preoccupações, e o ſeu dominio. Refere Comines que Jeronymo Savonarola prognoſticára o ſucceſſo da batalha de Fornoue; mas naõ diſcorre ſobre a ſuppoſta profecia.

Ao

Ao meſmo tempo que huns Theologos davaõ eſtes humildes eſpectaculos para o humano entendimento, Pico de Mirandola Principe Soberano ainda muito moço, deſejava ambicioſamente a reputaçaõ de Doutor Univerſal. Em 1486, tendo de idade vinte e tres annos, defendeo em Roma concluſões ſobre todas as ſciencias, Theologia, Mathematicas, Fyſica, e ſem exceptuar a *Cabala* (*), e a Magica, da qual ſe fazia, aſſim como da Aſtrologia, hum dos mais ſerios eſtudos. Tendo Pico eſtudado principalmente por Santo Thomaz, e por Ariſtoteles, naõ ſe livrou com tudo das cenſuras. As ſuas concluſões foraõ differidas para Innocencio VIII., o qual condemnou nellas treze propoſições. Eſcreveo a ſua apologia, e naõ teve grande trabalho em confundir os ſeus accuſadores. Invectivando hum deſtes contra a *cabala*, da qual naõ tinha idéa alguma, perguntáraõ-lhe que couſa era cabala. *Naõ ſe ignora*, reſpondeo elle, *que cabala he hum herege, que blasfemou contra Jeſus Chriſto, e cujos ſequazes ſe intitulaõ cabaliſtas.* Eſte Principe, o prodigio do ſeu ſeculo, em materia de ſaber, conſumido do eſtudo, morreo na idade de trinta e

Cõcluſões de Pico de Mirandola.

Sua condemnaçaõ em Roma, e ſua apologia.

(*) Eſpecie de ſciência abſurda, e miſterioſa dos judeos.

tres annos. Tinha obtido a abſolviçaõ de Alexandre VI., e renunciado a ſua ſoberania, para entregar-ſe ás boas obras.

A Corte de Roma naõ eſtava reformada.

Sempre he curioſo, e neceſſario conſiderar a Corte de Roma, menos poderoſa, do que antigamente era por cauſa do terror das excommunhões; mas naõ menos ambicioſa, mais politica, mais poderoſa por cauſa dos ſeus dominios, e abalando ainda o univerſo ou por meio da religiaõ, ou por meio das intrigas. Todos aquelles grandes projectos de refórma eccleſiaſtica, na cabeça, e nos membros, tinhaõ-ſe deſvanecido em fumo. Quando os meſmos decretos de Conſtança, e de Baſilea tiveſſem acomettido o mal na ſua raiz, a ſua execuçaõ devia ſer nulla, des que as Potencias em nada ſe metiaõ pertencente aos meſmos decretos. Que podem contra os coſtumes, humas leis, que qualquer Junta faz de paſſagem, e que os principaes cabeças da legislaçaõ naõ pretendem manter? Qual he a authoridade, que lhes poderia dar força, e vigor?

Conducta intereſſada dos Papas.

Eſta he a razaõ porque a hiſtoria repreſenta neſte lugar os Papas occupados ſempre em os ſeus intereſſes, e muito pouco no bem da Igreja. Calixto III., ſucceſſor de Nicoláo V., alcançou o Pontificado por meio das facções: naõ ceſſou

Calixto III.

de

de prégar a guerra contra os Turcos ; e com este pretexto, pôz os reinos em contribuiçaõ, preparou, e armou galeras, e nada conseguio que bom, e util fosse. Pio II., successor de Calixto, he hum politico sagaz, e orgulhoso, que se empenha em aniquilar tudo quanto elle mesmo julgou necessario no Concilio de Basiléa, e que dá o exemplo de sacrificar a verdade á fortuna. Depois de Pio, veio Paulo II. violar sem pejo os juramentos, em virtude dos quaes se obrigára no conclave, em que se tinha jurado a observaçaõ de várias regras, uteis pela maior parte aos Cardeaes : applaca Paulo as suas murmurações, dando-lhes barretes vermelhos, e lisonjeando a sua vaidade com bagatelas. Sixto IV. assás se deo a conhecer na conjuraçaõ de Florença. Hum dos seus cuidados principaes foi ajuntar dinheiro, a fim de expulsar o Turco, e empregar as suas riquezas no estabelecimento da sua familia. Os Romanos saqueáraõ o seu Palacio depois da sua mórte. Innocencio VIII. cujos costumes eraõ desacreditados, seguio póntualmente o mesmo systema ; e Alexandre VI., seu successor, excedeo ainda a tudo quanto se tinha visto neste genero. Já temos observado as infinitas consequencias procedidas do estylo de proceder dos Papas. Sendo estes virtuosos,

Pio II.

Paulo II.

Sixto IV.

Innocencio VIII.

Alexandre VI.

teriaõ precavido as maiores infelicidades e feito os maiores bens, ſeguindo o exemplo dos antigos exemplares do Pontificado; e ſendo vicioſos, a que cauſa naõ expunhaõ a Igreja, perturbando, depravando a ſociedade?

Infelicidades próximas.

Com tudo os animos ſe agitavaõ. A hereſia de Wiclef, e de Joaõ Hus tinh deixado huma occulta fermentaçaõ, qu recreſcia com a leitura, diſputas, eſcar dalos, e exceſſiva liberdade. Materias ir flammaveis, juntas debaixo da terra, com primidas, e em movimento rompêr-ſe-ha em breve tempo, e abriráõ caminho par a ſua paſſagem: e a terra ſe toldará de ru nas, e incendios por cauſa do impetuoſo e terrivel rompimento das meſmas materia inflammaveis.



NO-

NONA ÉPOCA.

CHRISTOVAÕ COLOMBO,

OU DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO.

LIGA CONTRA VENEZA. --- LEAÕ X., E LUTHERO.

Des do fim do decimo quinto Seculo, até o anno de 1519.

CAPITULO I.

Progressos da navegaçaõ, até o descobrimento da America.

Influencia da navegaçaõ sobre o systema politico.

OS prodigios originados pela navegaçaõ, os mananciaes de riquezas, e de conhecimentos, que a mesma navegaçaõ produzirá, e o movimento que ha de imprimir no systema politico da Europa, merecem ser annunciados no principio de huma Época da Historia. Esta Época annuncia novas calamidades para o genero humano, com as apparencias de glória, e felicidade; porém aperfeiçoando-se a humanidade juntamente com a razaõ, talvez virá tempo, em que as comarcas, que

que amaldiçoárаõ a tyrannia Europea, se dem os parabens reciprocamente das utilidades, que alcançarem finalmente por causa das nossas luzes, leis, e artes.

Primeiros navegãtes.

Naõ se ignora que a industria, excitada pela necessidade, e interesse, formou os primeiros navegantes. Os Phenicios, e os Carthaginezes, sem outro soccorro mais que o da inspecçaõ dos astros, e com huma prática incerta, extendêraõ ao longe o seu commercio maritimo; algumas das suas viagens saõ fenomenos de atrevimento, e de felicidade. Os antigos Dinamarquezes, particularmente os da Noruega, povo pirata, intrépido, e totalmente barbaro, executáraõ emprezas taõ admiraveis, que tudo deviaõ ao seu valor; e chegando em 874 até a Islandia, estabelecêraõ nella huma colónia consideravel. Em 982 descobríraõ a Groenlandia, e ahi fizéraõ hum estabelecimento.

Corsos dos antigos Dinamarquezes.

Pretende-se que os Dinamarquezes aportaraõ á America.

Mas o que parece incrivel, e Mr. Mallet dá por sufficientemente provado, he que pouco tempo depois, aportáraõ os Dinamarquezes a huma terra da America, á qual déraõ o nome de Vinlandia; e nella fundáraõ huma nova colonia, da qual fallaõ as Chronicas Islandezas muitas vezes até o anno de 1121. " Des daquelle tempo, diz Mr. Mallet, parece

„ que

„ que a Vinlandia principiou a ſer eſque-
„ cida pouco a pouco em o Nórte, até
„ que finalmente ſendo perdida a Groen-
„ landia Chriſtã, a Islandia inteiramente
„ deſcahida do que d'antes tinha ſido, o
„ Nórte aſſolado pela peſte, e enfraque-
„ cido por cauſa das ſuas diviſões inteſ-
„ tinas, perdeo-ſe totalmente a lembran-
„ ça de tudo, ao meſmo tempo que ceſ-
„ ſando a Colonia de Vinlandia de ter
„ commercio com a Europa, degenerava
„ da ſua parte, por motivos, que ſaõ
„ mais faceis de imaginar, do que de re-
„ ferir com certeza. „ Conjectura-ſe ſer a Ilha da terra nova a Vinlandia dos Norueguezes, e ſerem os Eskimaos os deſcendentes da ſua colonia. Com effeito, eſte Povo tem a pelle branca, barba, cabellos ordinariamente louros, e hum corpo bem feito, que o diſtinguem dos outros ſalvagens da America. (Vide *introd. à l'Hiſtoire de Danemarc*, pag. 174, &c.) Eu ſei quanta dúvida pódem deixar eſtas tradições, e conjecturas; que pelo menos ſaõ mais intereſſantes, do que as fabulas dos noſſos antigos compoſitores de Chronicas.

Julga-ſe que os Eſkimaos procedem dos Dinamarquezes.

No decimo quinto ſeculo, antes dos deſcobrimentos do illuſtre Chriſtovaõ Colombo, parecia quiméra a exiſtencia dos antipodas. Eſte erro ſe avigorava com [illegible]

Idéas obſ[illegible] das a r[illegible] peito [illegible]

ſu

ſuperſtiçaõ, companheira, e protectora da ignorancia, miſturando com elle a Theologia. Como poderíaõ ter huns homens, ſeparados de nós por meio dos abyſmos do Oceano, a meſma origem que nós temos, deſcender de Adaõ, e participar do beneficio da redempçaõ? Eſte o modo como os Theologos diſcorriaõ, havia muitos ſeculos. Os máos filoſofos, iſto he, os replicadores, naõ tinhaõ idéas mais juſtas. A convexidade da terra, conhecida pelos antigos, apreſenta-ſe ao entendimento como idéa repugnante. Huns entes colocados em hemisferio oppoſto ao noſſo, andariaõ com a cabeça para baixo. Que abſurdo, exclamavaõ todos! E deſta fórte era huma verdade de facto havida por hum dos erros abſurdos, e por impiedade. Grande liçaõ, quer para os juizes preſumidos, que decidem arrogantemente ſem conhecer; quer para os puſilanimes entendimentos, que abatidos com o cativeiro eſtaõ cheios de preoccupações, ſem ſe quer duvidar, ſe tem algum direito para deſaprezar-ſe delle.

Invençaõ da buſſola.

Se a buſſola naõ fora inventada, talvez tería ſido invencivel a illuſaõ. Deſcobrindo huma agulha o caminho dos mares, ſupprindo aos aſtros, que algumas vezes naõ ſe percebem, e indicando o pólo mais exactamente, do que a meſ-

ma

ma eſtrella polar; aſſim que os navegantes tiveraõ eſte ſeguro guia, chegáraõ a ſer capazes de emprehender tudo. Entráraõ a uſar della no ſeculo decimo quarto. As Ilhas Canarias foraõ antes diſſo deſcobertas pelos Heſpanhoes. Eſte hum novo motivo de eſperança, e de valor.

O Infante D. Henrique, filho de D. Joaõ II. Rei de Portugal, excitou por motivo do ſeu genio, no principio do décimo quinto ſeculo, o fervor da navegaçaõ. Voltáraõ-ſe os Portuguezes para as cóſtas occidentaes da Africa; e paſſando o cabo de *Naõ*, tido por huma barreira invencivel, deſcobríraõ a Ilha da Madeira em 1420, onde plantáraõ cannas de aſſucar; producçaõ das Indias, que os Arabes tinhaõ trazido para Sicilia, e para a Ilha de Chypre, e que ſe tranſplantou depois para a America. D. Henrique excita os navegãtes em Portugal.

Eſte Infante de Portugal julgou que devia dirigir-ſe a Roma, a fim de animar mais huma Naçaõ ſuperſticioſa, e Martinho V. favorecendo as ſuas idéas, como Soberano do Univerſo, concedeo aos Portuguezes o direito de conquiſta des do Cabo de Bojador, até os extremos das Indias Orientaes, e indulgencia plenaria a todos aquelles, que morrreſſem em taes expedições. Semelhantes Bullas eraõ muito uteis para o projecto; porque com D. Henrique obteve de Martinho V. hum direito de conquiſta, com indulgencias.

as fadigas, e perigos naõ poderiaõ deixar de esfriar a pouco, e pouco a audacia dos conquiſtadores, ſe huma eſpecie de fanatiſmo naõ fizera mais ouſada a ſua cobiça.

Deſcobrimento do Cabo da Boa Eſperança.

Por mórte de Henrique em 1461, continuáraõ os Portuguezes, as ſuas emprezas, paſſáraõ finalmente o Equador, chegáraõ á ponta da Africa, e deraõ ao Cabo das *Tempeſtades* o nome de Cabo da *Boa Eſperança*: e entaõ he que ſe pode com effeito eſperar muito deſtes deſcobrimentos, até entaõ mais admiraveis, do que proveitoſos.

CAPITULO II.

Viagens de Chriſtovaõ Colombo ao novo Mundo.

Cõjecturas, e projectos de Chriſtovaõ Colõbo.

JÁ hum engenho ſuperior eſtendia as ſuas idéas para o outro hemisfério. Chriſtovaõ Colombo, Genovez, que ſe eſtabelecêra em Lisboa, vendo os felices ſucceſſos de tantos navegantes affoutos, ſoltando vélas ás ſuas idéas, e reflectindo na figura da terra, com o ſoccorro de hum peſſimo mappa de Geografia, perſuadio-ſe de que o Oceano Atlantico in-

cluia

cluia terras naõ conhecidas; ou que navegando ſempre para o Oeſte, acharía paſſagem para as Indias, e China. Eſta ultima conjectura, poſto que falſa, foi a origem do maior deſcobrimento a que os homens tinhaõ chegado. Mas ſe Colombo naõ tivera o valor de hum Heróe, ter-ſe-hiaõ as ſuas vaſtas idéas perdido entre as quiméras.

Naõ deixou, como bom Cidadaõ, de propôr logo a empreza á ſua Patria, como meio para tirar o rico commercio das Indias para Veneza, que o fazia pelo Egypto, e mar Vermelho. Tiveraõ-o os Genovezes, por fantaſtico, e quimerico, e eſte meſmo conceito fizéraõ delle as Cortes de França, Inglaterra, e Portugal, a que ſucceſſivamente ſe dirigio. Eſte grande homem, inflammado pelo enthuſiaſmo que inſpiraõ as grandes couſas, e que as produz, naõ ſe deſanimou: e deſprezando as zombarias, e inſultos, tratou do ſeu negocio em Heſpanha com D. Fernando, e D. Iſabel de quem naõ obteve couſa alguma nõ eſpaço de oito annos; e para alcançar licença de lhes procurar Reinos, foi reduzido a pôr em praxe as maquinações do zelo de Religiaõ. Hum Franciſcano, e outros dous ſujeitos Eccleſiaſticos, movidos dos ſeus diſcurſos, determináraõ

Chriſtovaõ Colõbo he tratado de fantaſtico ẽ Genova, e em outras partes.

O que determina a Corte de Heſpanha a empregar Colombo.

D.

D. Iſabel a abraçar huma empreza, que podià dilatar, e ampliar a fé chriſtã. Naõ havendo dinheiros, vendeo Iſabel as ſuas joias, hum particular adiantou dinheiro, e finalmente teve Chriſtovaõ Colombo ás ſuas ordens tres navios pequenos com o titulo de Almirante.

1492. Primeira viagem de Chriſtovaõ Colombo para America.

Satisfeito pois, e alegre, embarca ſe a 3 de Agoſto de 1492: e depois de trinta e tres dias ſómente de navegaçaõ, expoſto de contínuo ás murmurações, e rebeliaõ da ſua gente, acha huma das Ilhas Lucayas: e deſcobrindo em breve tempo as outras, deſcobre tambem Cuba, Hiſpaniola, ou S. Domiugos, e volta quaſi no fim de nove mezes, com ouro, e alguns Americanos. Confundida eſtava a preoccupaçaõ. D. Fernando, e D. Iſabel honráraõ grandemente aquelle meſmo, que tinha ſido tratado por louco antes do ſucceſſo. Alcançou Chriſtovaõ a honra de comer á meſma meza do Rei, e da Rainha, de ſentar-ſe, e cobrir-ſe na ſua preſença, como hum Grande de Heſpanha. E ſendo nomeado Almirante das Indias Occidentaes, déraõ-lhe deſoito náos para a ſegunda viagem, da qual ſe eſperava maiores fructos, e elle fez vela em o mez de Setembro de 1493.

Hõras, que Colõbo recebeo quãdo voltou da ſua viagem.

Colonia de Hiſpaniola ou S. Domingos.

O meio de aproveitar os deſcobrimentos, era eſtabelecer colonias, e fez-ſe

ſe eleiçaõ da Ilha de S. Domingos. De tudo ſe admiravaõ os ſalvagens. Homens a cavallo, com armas de fogo, eraõ para elles deoſes terriveis, armados com o trovaõ. Que idéa deviaõ os ſalvagens ter daquellas grandes náos, que vomitavaõ chammas, e raios, á maneira de volcóes, que ſe moviaõ á diſcriçaõ dos que as mandavaõ? Com tudo Colombo os conſervava, e reſpeitava com prudencia, e ſabedoria; ſendo menor a inquietaçaõ, que elles lhe cauſavaõ, do que a dos meſmos Heſpanhoes, que ſe liſonjeavaõ de ajuntar ſem trabalho ouro, e prata. Hum eſtabelecimento trabalhoſo, e huma diſciplina exacta, tudo os ſoblevou contra o Almirante. A ſua paciencia, e prudencia foraõ expoſtas ás mais cruéis experiencias. Tinha Colombo deſcoberto ultimamente a Jamaica, e ao chegar achou ſoblevada a ſua colonia, e os Americanos armados para a deſtruir. Ao meſmo tempo que elle quietava huns, e diſſipava outros, he calumniado em Heſpanha pelos ſeus invejoſos; de maneira que foi mandado hum inſpector a fim de o opprimir, e conſtranger. Conheceo Colombo a neceſſidade de paſſar outra vez para a Europa, onde ſem grande cuſto ſe juſtificou; mas ſe o meſmo Colombo obteve alguns ſoccorros para terceira viagem, foi á força de ſolli-

Rebeliaõ dos Heſpanhoes contra Colombo.

Colombó vai juſtificar-ſe para a Corte.

licitações, e depois de mil demoras affectadas.

Colombo descobre o continente da America.

Embarcou-se outra vez em 1498: e chegando ao continente da America, remonta por algum tempo o rio Orenoque; mas cedendo ás inquietações dos seus marinheiros, dá de maõ ao seu descobrimento, e navega para S. Domingos, depois de ter traficado nas Cóstas com differentes salvagens, mais com a mira em conhecer o Paiz, e os habitadores delle, do que por interesse. Estes bons Americanos julgavaõ-se felices de poder dar as suas perolas, e o seu ouro em pó, em troca de pedaços de vidro, ou de algumas peçasinhas de estanho.

Novas injustiças que Colõbo experimenta.

Depois de chegar Christovaõ Colombo a S. Domingos, experimentou novamente as perfidias da ingratidaõ, e da invéja. Os seus inimigos triunfavaõ na Corte no tempo da sua ausencia. Hum Governador, que chegára para rendello naõ se envergonhou de o carregar de ferros, e remettello como hum criminoso para Hespanha. Muito grande injustiça era esta, e teve as mesmas consequencias, que a primeira. Foi Colombo mandado á frente de huma fróta, fez quarta viagem em 1502, encontrou ainda perseguidores, e ingratos, e descobrio todavia o isthmo de Darien. Porém tendo Colombo experimen-

mentado huma violenta tempeſtade, arribou á Jamaica.

Neſta parte he, que deſprovido Colombo de viveres, e cercado de ſediciosos, ſalvou-ſe com huma traça taõ célebre, que ſoube dar o ſeu ardil. Sabendo que eſtava proximo hum eclipſe de Lua, ameaçou os ſalvagens com a mais terrivel vingança, no caſo que lhe negaſſem provimentos, declarando-lhes para próva do que tinhaõ para temer, que a Lua ſe eſcureceria a taes horas. Aſſim que o eclipſe principiou, concorrêraõ os Americanos aſſuſtados, e ſe tiveraõ por muito ditoſos de o applacar com os ſoccorros, que pedia.

Uſo que Colombo faz de hum eclipſe.

Voltando Colombo para Heſpanha já naõ achou a Rainha D. Iſabel ſua protectora, e Fernando lhe pagou os ſerviços, que tinha feito com grandes promeſſas. Morreo Chriſtovaõ Colombo opprimido de diſſabores, e enfermidades, em 1506. Admira-ſe a ſua conſtancia em ſervir huma Corte ingrata, de quem recebêra tantos deſgoſtos; e tambem ſe deve admirar a ſua humanidade para com os ſalvagens, que tratou quaſi ſempre com ſabia circunſpecçaõ.

Fim deſgraçado deſte grande homem.

Depois de Colombo, deſenfreou-ſe huma ſanguinolenta barbaridade contra eſtes infelizes: os quaes foraõ inteiramente exter-

Barbaridades contra os ſalvagẽs.

terminados para as Ilhas de S. Domingos, e Cuba, onde lhes ſoltavaõ cães de fila para tragallos. Póde por ventura cauſar admiraçaõ que hum Cacique, ou maioral dos ſalvagens reſpondeſſe aos Miſſionarios, que o exhortavaõ a ganhar o Paraizo por meio da paciencia: *Naõ quero nada do voſſo Paraizo, ſe houver lá Heſpanhoes?* Notemos porém em geral que as colonias ſó ſe compunhaõ da parte mais vil da Naçaõ, de ſujeitos miſeraveis ſem principios, nem coſtumes, que ſó reſpiravaõ homicidios, e roubos. Deſta meſma natureza foraõ quaſi todas as Colonias Europeas na ſua origem; e mal podiaõ conſeguintemente os crimes da Europa, por aſſim dizer, deixar de eſpraiar-ſe por todos os Paizes, onde a audacia hia buſcar riquezas.

Americo Veſpucio attribue a ſi injuſtamẽte o deſcobrimento do novo mundo.

Com a noticia das viagens de Colombo eſpertou a emulaçaõ, ou para melhor dizer a cobiça de huma multidaõ de aventureiros. Americo Veſpucio, natural de Florença, commandava hum dos navios deſta República, e attribuio a ſi a honra de ter deſcoberto o novo mundo em 1498, cinco annos depois da primeira viagem de Chriſtovaõ Colombo. Mas, quando eſte naõ tivera achado o Continente, a ſua glória naõ tería igual poder para eclipſar a daquelles, que naõ fizeraõ mais que ſe-

guir os ſeus paſſos? Com tudo a America tomou o nome do Florentino, pouco digno da immortalidade: taõ ſujeita eſtá a propria reputaçaõ aos caprichos da fortuna! Mas huma palavra naõ póde enganar os juſtos apreciadores do merecimento.

Pretenções de alguns Inglezes a ſemelhante deſcobrimento.

Alguns Inglezes pretendêraõ que Madoc, Principe de Galles, foſſe o primeiro, que entrára, em o duodecimo ſeculo, no novo mundo, onde morrêra. Eſte facto, muito menos provado do que o dos Dinamarquezes da Noruega, he muito ſemelhante ás fabulas inventadas pelo orgulho das Nações.

Os Heſpanhoes, e os Portuguezes diſputaõ entre ſi os ſeus direitos eſtranhos de conquiſta.

Naõ tinhaõ D. Fernando, e D. Iſabel deixado de ſollicitar de Roma o direito de conquiſta a reſpeito das terras deſcobertas, e que ſe houveſſem de deſcobrir; e facilmente o obtivéraõ; porque os Papas, concedendo o que lhes naõ pertencia, faziaõ conquiſtas para ſi meſmo. D. Joaõ II., Rei de Portugal, quiz todavia participar com os Heſpanhoes, de hum deſpojo taõ conſideravel, e a fróta, que preparava para eſte fim, veio a ſer conſeguintemente motivo de hum litigio. Foi Juiz entre ambas as Coroas Alexandre VI., que lhes fixou limites em 1493 por meio da linha de *marcaçaõ*. Eſta linha paſſava diſtante cem leguas da Madeira, dos Aço-

O Proceſſo terminado ſingularmente por Alexandre VI.

res, e do Cabo verde; e no anno feguinte, foi neceffario traçar outra linha, chamada de *demarçaçaõ*, que paffava pelas Canarias. Defte modo dividia-fe o mundo incognito entre Hefpanha, e Portugal; dava-fe a huns o Occidente, e a outros o Oriente, e naõ fe advertia que o que era Oriente de huma parte do globo, da outra parte era Occidente. Todos antevem a inftabilidade de femelhantes regulamentos; os quaes pareciaõ realizar para os Papas o Imperio do mundo (*).

CA-

(*) Admiramos o genio, e valor daquelles homens famofos, que defcobríraõ hum novo mundo; mas huma queftaõ refta, que o noffo Author deixa indecifa, e eu me attrevo a propôr a todos os Profeffores, que fe fervirem defta *Hiftoria Univerfal*, para argumento das fuas lições de Hiftoria, do mefmo modo que a todos os Leitores illuminados: Por ventura os trabalhos deftes homens grandes foraõ uteis, ou funeftos á humanidade em geral, a toda a Europa, e aos Póvos commerciantes, que invadíraõ vaftas comarcas, fujeitáraõ Imperios oppulentos, e fundáraõ poderofas colonias?

CAPITULO III.

Conquiſtas dos Portuguezes na Aſia. — O Mexico, e o Perú conquiſtados pelos Heſpanhoes.

QUANTO mais eſtimulado tinhaõ os deſcobrimentos dos Portuguezes o genio de Chriſtovaõ Colombo, tanto mais excitáraõ os de Colombo aos Portuguezes para tentar novas emprezas. Os moveis do entendimento humano foraõ ſempre o exemplo, e o ſucceſſo. D. Manoel I., Rei de Portugal, cheio aſſim como os ſeus antepaſſados, de grandes idéas, mandou em 1497 ás Indias Vaſco da Gama, com cento cincoenta homens, entre ſoldados, e marinheiros. E porque taõ pouca gente, ſenaõ por igualarem ainda os receios, ou excederem ás eſperanças? Vence Vaſco da Gama todos os perigos do Oceano; faz o gyro da Africa, chega a Moçambique, a Calicut, nas Indias Orientaes, e volta dous annos depois a dar conta dos ſeus deſcobrimentos: os quaes aſſim como a navegaçaõ da America, eraõ proprios para mudar toda a face da Europa, por cauſa dos theſouros, que ſe-

Os Portuguezes vaõ ás Indias pelo Oceano.

guramente promettiaõ aos Senhores do Oceano. Em breve tempo attrahio o novo caminho infinitos Portuguezes. Os ſeus Capitães, eſpecialmente Affonſo de Albuquerque, atterráraõ o interior do Levante. Goa, Malaca, Ormuz, a Ilha de Ceilaõ, fertil em canella, e em pedras precioſas, e as Ilhas Molucas, donde vem o cravo, conſtituíraõ grande parte das ſuas conquiſtas. Fundáraõ Macáo na China; entráraõ até o Japaõ, e eſtabelecêraõ hum commercio immenſo, que arruinou o dos Venezianos; naõ podendo eſtes dar pelo meſmo preço as fazendas da India, que extrahiaõ de Alexandria.

Barbaridade, e ſuperſtiçaõ n'eſtas vaſtas emprezas.

Todas eſtas emprezas ſaõ admiraveis á primeira viſta. Mas ſe advertirmos que eſtas meſmas emprezas irritáraõ a ſede do ouro, de tal ſórte que fizéraõ eſquecidos os verdadeiros bens da ſociedade, e da natureza; que fizéraõ correr rios de ſangue, em nome de Jeſus Chriſto; que os cruéis aventureiros, com o crucifixo na maõ, trucidáraõ milhões de homens, com o pretexto de eſtabelecer o Chriſtianiſmo, que deshonravaõ; e que huma ſuperſtiçaõ inſenſata naõ os conſtituio menos ferozes, do que a inſaciavel avareza, admiraremos por huma parte prodigios de induſtria, e valor, e por outra laſtimarnos-hemos de exceſſos dignos de horror.

Os

Os Missionarios mettêraõ muitos milagres na narraçaõ destas conquistas, em que he facil reconhecer o espirito das Cruzadas, e os costumes sanguinolentos, e preoccupações odiosas, que taõ longo tempo foraõ funestas para o Genero Humano.

Tudo estava salvagẽ na America excepto o Mexico, e o Perú.

Para que vejamos a hum tempo aquelles objectos, que saõ da mesma natureza, e por outra parte naõ se unem ainda com o systema geral da Europa, antecipemonos hum pouco a respeito do tempo, e vamos com os Hespanhoes ao Mexico, e Perú. Era o resto da America povoado de Salvagens, mais ou menos parecidos com os brutos. Vemos aqui dous grandes Imperios, onde as artes saõ cultivadas, os costumes doceis, e a riqueza produz huma especie de magnificencia. Estes mesmos Imperios vemos conquistados por hum pequeno número de aventureiros, e a Monarquia Hespanhola augmenta-se repentinamente de hum modo prodigioso, sem que os Reis façaõ para semelhante fim o menor esforço. Naõ se dá talvez fenomeno taõ singular em materia de fortuna.

Imperio do Mexico.

O Imperio do Mexico, assim como os do antigo mundo, tinha-se formado por meio de conquistas. A pouca antiguidade, que se lhe dá, parece provar que a sociedade tinha feito neste Imperio rá-

rápidos progreſſos. Mas por ventura os primeiros Authores, que eſcrevêraõ ácerca do Mexico, e Perú, aſſás merecem a noſſa confiança? Onde acháraõ elles memorias, pois que a eſcritura naõ era conhecida em tal Paiz? Taõ peſſimos criticos, taõ exaggeradores ſaõ por vaidade, e pela propenſaõ, muito natural, a proferir mentiras a reſpeito de terras incognitas, que apenas ſe póde hoje em dia crer huma parte dos feitos que elles narraõ, como recentes, ou daquellas meſmas couſas, que deviaõ entaõ incitar os olhos. No conceito deſtes meſmos Authores, o Mexico, capital da Provincia deſte nome, povoada de quaſi ſeſſenta mil familias, incluia eſtabelecimentos, e obras dignas de hum Povo civiliſado: mercados, tribunaes, eſcólas para a mocidade, caſas de pedraria, templos, e palacios ornados de columnas, e dourados, arſenaes cheios de armas offenſivas, e defenſivas, jardins de plantas medicinaes, &c. Os do Mexico conheciaõ o anno de trezentos ſeſſenta, e cinco dias, e por conſeguinte eſtavaõ adiantados na Aſtronomia.

Fernaõ Cortes entra no Mexico com muito pouca gente.

No Reinado de Carlos V., Velaſques, Governador da Ilha de Cuba, fórma o projecto de tomar alguma porçaõ deſte vaſto continente, e confia eſta empre-

preza a Fernaõ Cortes, homem habilidoso, e affouto, capaz de executar grandes cousas com pequenos meios. Embarca-se este em 1519, com quinhentos homens de infantaria, e quasi sessenta cavallos, entra pelo golfo do Mexico, e funda a Vera Cruz, e obrigando o mesmo Cortes a República de Tlascalá a darlhe alguns soccorros, adianta-se affoutamente até á Capital do Imperio. Hia sempre o terror na dianteira aos Hespanhoes. As suas náos, cavallos, artilharia, e armamento de ferro, eraõ para os Americanos cousas taõ novas, e taõ medonhas, que sem ser simples como os salvagens, era logo naturalmente para suppôr, nesta especie de homens, alguma cousa muito superior ás forças humanas.

Terror que Cortes inspira.

Montezuma, undecimo Imperador do Mexico, vio-se obrigado a receber honorificamente huns hospedes perigosos, de que naõ podéra livrar-se nem por meio dos seus offerecimentos, nem por meio dos seus artificios, e tratou-os com todas as demonstrações de affecto. O seu General porém participou-lhes logo, que os Hespanhoes tinhaõ sido acomettidos, e que alguns ficáraõ feridos, e outros mórtos. Teve o attrevimento de reprezar o Imperador no centro da sua Capital; e obrigando-o a reconhecer-se vassallo de Car-

Cortes obr[iga] o Impe[rador] Montezuma [a] sujeitar-se

Carlos V., Rei de Heſpanha, exigio por tributo immenſos theſouros. Mandava como Senhor abſoluto ao Senhor de huma vaſta Monarquia.

Em vaõ ſe pretende tirar-lhe o mando.

Deſavindo todavia Velaſques, com Fernaõ Cortes depois da ſua partida, manda hum pequeno exercito, capitaneado por Narvaes, a fim de tirar-lhe o mando. Fernaõ, ſem ſe aſſombrar do perigo deixa no Mexico oitenta homens, marcha com o reſto das ſuas trópas contra Narvaes, ſeu inimigo, ſorpreza-o, prende-o, e attrahe ás ſuas bandeiras aquelle meſmo exercito, que o devia caſtigar como hum rebelde.

Os Mexicanos ſoblevaõ-ſe por cauſa de huma violencia.

Durante a ſua auſencia, tinhaõ os Heſpanhoes morto cruelmente em hum Templo muitos Mexicanos illuſtres, com o pretexto de conſpiraçaõ, e eſta barbaridade excitou huma ſoblevaçaõ geral. Chega Cortes, dá ſobre os Mexicanos, e faz nelles horroroſa mortandade; mas naõ os desbarata. Sendo a menor perda conſideravel para Cortes, obriga a Montezuma a apparecer, e ordenar aos ſeus vaſſallos que ſe ſobmettaõ.

Fim tragico de Montezuma.

Eſte infeliz Principe, d'antes idolatrado, era já tido pela plebe, como hum eſcravo. Foi Montezuma inſultado de palavras, e ſendo apedrejado, ficou ferido, e morreo poucos dias depois, ſem ter

ter querido permittir que o curassem, (1520).

Era o Imperio electivo, e Guatimosino, genro de Montezuma, foi seu successor, o qual emprehendeo expulsar os Hespanhoes; sitiou-os em Mexico, e desfez as calçadas, que uniaõ com o continente esta Cidade, assentada no meio de hum lago. Na Praça naõ havia viveres, e Cortes, á sombra da noite, conseguio retirar-se, vencendo toda a casta de obstaculos, e perigos, e servindo-lhe de ponte os cadavares dos Mexicanos. Mais de duzentos Hespanhoes perdêraõ a vida em hum combatte nocturno; e desastre como este naõ tinhaõ elles ainda experimentado na America.

Cortes sitiado em Mexico.

Se Cortes naõ tivera tantos recursos em seu genio, e valor, se a superioridade dos Europeos fora menos admiravel, livrava-se o Mexico do jugo estrangeiro. Porém breve appareceo o General outra vez para sitiar a capital. Tinha este mais de duzentos mil Americanos debaixo das suas bandeiras, e Guatimosino, taõ prudente como valeroso, queria acceitar proposiçõoes de paz. A isto se oppozéraõ os Sacerdotes em nome dos seus Deoses, promettendo a victoria a todos os que defendessem o antigo culto; mas este fanatismo naõ se pode defender contra a arti-

Cortes ẽtra novamente vencedor nesta Cidade, e sobjuga o Imperio.

tilharia dos Heſpanhoes, e a pezar dos heróicos esforços, e eſtratagemas do Imperador, foi Mexico tomada, em 1521, e todo o Imperio ſóbjugado. Eſte Imperio he hoje em dia a nova Heſpanha, e comprehende duzentas legoas de Nórte ao Sul.

Supplicio do Imperador Guatimoſino.

Eſtava Guatimoſino priſioneiro, e Cortes o tratava com moderaçaõ. Huns malvados cobiçoſos, ſem o General ſaber, pozéraõ eſte Principe ſobre carvões em braza, a fim de obrigallo a confeſſar onde tinha occultado os ſeus theſouros. Dando hum Mexicano, companheiro do ſeu ſupplicio, altos gritos: *E eu*, lhe diſſe o Imperador, *por ventura eſtou deitado ſobre roſas?* Chegou entaõ Cortes, tirou-o deſte horroroſo trato; mas paſſados tres annos mandou-o enforcar ſob pretexto de conſpiraçaõ.

Cortes mal recompenſado.

O Conquiſtador do Mexico foi tambem perſeguido do meſmo modo que Colombo; porque o odio, e a inveja andavaõ ſempre em ſeu alcance; de maneira que Carlos V. tirou-lhe o governo, deo-lhe hum Marquezado em Heſpanha, e por outra parte o deſprezou. Se houvermos de dar crédito ao célebre Dominicano Las Caſas, Biſpo de Chiapa, tinha Cortes mandado matar quatro milhões de Americanos no Mexico. He bem cer-

to

to que os Hespanhoes derramáraõ por toda a parte rios de sangue. As victimas humanas, que este Povo sacrificava, e de que era arguido, tanto menos justificavaõ as suas barbaridades, quanto os mesmos Hespanhoes blasonavaõ de combatter sempre pela mais suave de todas as Religiões. Grande he todavia a exaggeraçaõ de las Casas (*).

Tres aventureiros ēprehendem a cōquista do Perú.

Outro Imperio, em que o ouro, e a prata serviaõ para o mesmo, que na Europa o ferro, augmentou repentinamente a Monarquia Hespanhola. Huns aventureiros conquistáraõ facilmente este Imperio, para hum Rei que em tal naõ pensava. Piçarro, Almagro, e hum Sacerdote, chamado Luques, ouvindo fallar do Perú, formáraõ juntamente o intento de o invadir. Os juramentos, e as ceremonias religiosas avigoráraõ a sua uniaõ, até que o ciume os podesse dividir, como em breve tempo succedeo. Depois de algumas tentativas infructuosas, produzíraõ as Artes matadoras da Europa o effeito ordinario.

Os Incas; suas obras, &c.

Obedecia o Imperio do Perú a huns Senhores chamados Incas. O primeiro de to-

(*) Supposto que las Casas diga dez vezes mais do que na realidade era, diz hum Filosofo, motivo sufficiente resta para causar horror.

todos era tido por filho do Sol, e o ſeu poder ſe tinha eſtabelecido aſſim por meio da ſuperſtiçaõ, como por meio das armas. Atabalipa, duodecimo Imperador deſta geraçaõ, adorada como divina, reinava naquelle tempo por uſurpaçaõ, tendo tomado a Coroa a ſeu irmaõ: o que era origem de diſcordias. Ha quem pretenda que ſeu Pai tinha mandado conſtruir, por entre montanhas, e precipicios huma grande eſtrada de Cuſco para Quito, no eſpaço de quaſi quinhentas legoas. A cada meia legua havia meſſageiros ſempre promptos para dar as ordens do Principe. Accreſcentaõ-ſe infinitas maravilhas pouco criveis a reſpeito da povoaçaõ do Perú, e do número, e magnificencia das Cidades, Palacios, &c. Para Garcilaſſo da Veiga (*), tudo era maravilhoſo; porém nenhum veſtigio exiſte de tantas obras ſoberbas.

Coſtumes dos Peruvianos.

Os coſtumes dos Peruvianos ſe repreſentaõ doceis, puros, e ſimples. Tinhaõ eſ-

(*) Garcilaſſo da Veiga, deſcendente dos Incas, que paſſára para Heſpanha, eſcrevia a Hiſtoria dos ſeus infelices antepaſſados quaſi no principio do decimo ſetimo ſeculo. Naõ podia ter conhecimentos bem individuados, e completos, pois todo o Povo da America ignorava a eſcritura, e os Peruvianos tranſmittiaõ á poſteridade os principaes factos, por meio de certos nós, que davaõ em cordas. Mas o Pai de Garcilaſſo podia ter ſido teſtemunha da revoluçaõ, cuja Hiſtoria referia ſeu filho.

estes no seu culto huma prática barbara; pois feriaõ mininos, a fim de regar com o seu sangue huma especie de paõ bento, que se distribuia no Templo; porém a superstiçaõ sempre he de alguma sórte opposta aos costumes. Os Incas tinhaõ o poder mais absoluto, e todavia se mostráraõ como os Pais do Povo. Outra especie de contradicçaõ.

Particularidades desta conquista.

Assim que os Hespanhoes entráraõ nesta Regiaõ, em 1531, favorecidos pelo irmaõ do Inca, mandáraõ, segundo o seu costume, Embaixadores offerecer a sua amizade, e annunciar a sua Religiaõ. Recebeo-os Atabalipa benignamente, e sahio a receber Piçarro. Hum Monge lhe fez hum Sermaõ sobre os nossos Mysterios, ameaçou-o com o Inferno, e com as pragas do Egypto, quando seu coraçaõ resistisse á graça. Em quanto hum intreprete explicava bem, ou mal os sentimentos de huma, e de outra parte, queriaõ certos soldados saquear hum Templo. Fez-se alguma resistencia, e tomou fogo a acçaõ. O Peruvianos foraõ cruelmente mórtos, e o Inca ficou prisioneiro, e offereceo para seu resgate todo o ouro, que podesse caber n'huma das salas do Palacio, até á altura do seu braço levantado sobre a sua cabeça, e logo deo as ordens necessarias para a execuçaõ desta promes-

sa

ſa (*). Naõ podendo porém os Peruvianos cevar a cobiça dos Conquiſtadores, condemnáraõ eſtes em breve tempo Atabalipa ao fogo, como idolatra, concubinario, e conſpirador. O Monge, que lhe tinha prégado ao principio, move-o entaõ a receber o baptiſmo, e baptiſado que foſſe, o degoláraõ, e lançáraõ ás chammas.

Os Cõquiſtadores irritados hũs contra os outros.

Chegáraõ Piçarro, e Almagro a ſer inimigos irreconciliaveis. O primeiro mandou cortar a cabeça ao outro, e foi aſſaſſinado por vingança. Hum filho de Almagro, e hum irmaõ de Piçarro, pretendêraõ reinar no Perú, e ambos morrêraõ de mórte violenta. Deſte modo a ambiçaõ, a avareza, e os crimes dos oppreſſores da America, vingavaõ nelles meſmos a oppreſſaõ dos Americanos.

Enfermidade ignominioſa, e outros males q̃ devemos á America.

A ignominioſa, e cruel enfermidade, que os Heſpanhoes trouxéraõ deſta regiaõ, depois da primeira viagem, era já hum grande flagello da Europa. Talvez que os theſouros do novo mundo chegaſſem a ſer muito mais funeſtos. Quanto ſangue naõ cuſ-

---

(*) Só a quinta parte do reſgate do Inca importava mais de treze milhões duzentas ſeſſenta, e cinco mil libras de ouro, ſem contar a prata. A cada Cavalleiro Heſpanhol cabia pela ſua parte duzentos e quarenta marcos de ouro. Com que furor naõ ſe devia correr para a America?

custárao semelhantes thesouros ! quantas ruinas naõ produzírao ! O assucar por ventura, e o café, o cacáo, a cochonilha, a quina, &c., saõ capazes de compensar tudo o que a Europa perdeo para assolar a America ? Esta conquista he causa da horrorosa escravidaõ dos negros, que nella fazem trabalhar como vís animaes, e de huma parte das nossas guerras.

Descobrimẽtos feitos em differentes tẽpos.

Naõ entro a individuar os descobrimentos. Os Portuguezes descobríraõ o Brazil em 1500. Magalhães, Portuguez empregado no serviço de Hespanha, descobrio em 1519 o Estreito intitulado com o seu nome, e em 1535, aportando a Chili Almagro, o competidor de Piçarro, assenhoreou-se deste Reino.

CAPITULO IV.

Costumes dos Americanos salvagens.

Os costumes dos Americanos offerecem hum espectaculo muito interessante, èm que naõ nos permittem demorar-nos os limites desta obra. Bastar-nos-ha hum pequeno número de observações.

Governo dos salvagens.

Excepto o Perú, e o Mexico, onde a força tinha estabelecido o despotis-

mo

mo, e as artes tinhaõ, ſem dúvida, huma particular influencia nos coſtumes, eraõ os Americanos, geralmente fallando, a imagem do eſtado primitivo das ſociedades, antes que as leis civís procedeſſem da agricultura. Acoſtumados os Americanos á fadiga (*), e ás injúrias do tempo, nús, e naõ tendo nada de ſeu, paſſavaõ parte do anno no exercicio da caça, e a outra parte n'huma profunda indolencia. Vivendo elles ſem leis, governavaõ ſe conforme os uſos. As cauſas de qualquer povoaçaõ ſe decidiaõ pelos anciãos juntos. As povoações tinhaõ ordinariamente hum maioral, cuja authoridade todavia ſe reduzia á perſuaſaõ (**). Naõ havia força coactiva, nem pena decretada contra os crimes. Qualquer criminoſo era entregue á vingança pública: o qual naõ era caſtigado como hum membro da ſociedade, porém matavaõ-o como hum inimigo. Em hu-

Nenhuma pena havia regulada para o crime.

(*) Os novos deſcobrimentos, feitos no mar do Sul, nos déraõ a conhecer huns Póvos ſalvagens, que vivem em hum clima temperado, e naõ tem eſta rudeza de coſtumes. As obſervações, que ſe fazem a reſpeito dos coſtumes, ſaõ ſemelhantes ás que ſe fazem na fyſica: e huma vez que as querem generaliſar, faz-ſe hum ſyſtema, e deixa-ſe a verdade.

(**) Os ſalvagens do mar do Sul tem Soberanos, Nobres, e huma jerarquia de Cidadãos, que vivem em huma dependencia ſuave, e voluntaria dos ſeus Maiores.

huma palavra, a grande liderdade era, e he ainda a paixaõ dominante destes salvagens. Os Iroquezes conservaõ a mesma especie de governo; que como emana da natureza, o modo de governar era uniforme em quasi todas as povoações naõ civilisadas.

Saõ os Americanos, graves, sérios, amadores da hospitalidade, bons amigos, e inimigos implacaveis, e só saõ ferozes na vingança, e na guerra. Os seus prisioneiros saõ tratados do modo mais barbaro; e a constancia com que desprezaõ, e sopportaõ tormentos horrorosos, parece ser o ultimo esforço da natureza. Nisto se reconhece o caracter dos antigos Celtas: porém muito longe estaõ ainda os salvagens de parecer-se com elles no valor. Sorprezar o inimigo por astucia, he o seu modo de fazer guerra. Seus costumes, naõ suaves, e naõ ferozes.

Posto que a Polygamia (*) naõ seja rara entre os Americanos, contentaõ-se estes ordinariamente com huma mulher. Antes do casamento he o sexo muito corrupto, e depois chega a ser muito casto: para o que contribue, sem dúvida, o temor; Casamentos, educaçaõ, &c.

(*) Os Otahicienses, este o nome d'aquelles Póvos novamente descobertos no mar do Sul, cedem suas mulheres, e filhas aos Estrangeiros, sem o menor escrupulo; e isto constitue parte da sua hospitalidade.

mor; porque o marido tem direito para castigar as infidelidades de sua esposa. Diversas causas contribuem para que os matrimonios sejaõ pouco fecundos: a grande humidade do Paiz, a difficuldade das subsistencias, huma vida excessivamente aspera, e o costume em que estaõ as mulheres pejadas de fazer diligencia por abortar. A educaçaõ dos filhos tem por alvo constituillos, como insensiveis á dôr, aos mesmos golpes, e aos insultos. Quanto ao demais nunca os castigaõ para os corrigir; deixaõ-os n'huma inteira liberdade, porque a julgaõ ser o mais precioso de todos os bens. Com tudo as mãis saõ quasi escravas.

Idéas religiosas.

Poucos salvagens ha que naõ tenhaõ alguma idéa confusa de hum Ser Supremo, mas naõ lhe rendem culto algum. Além de que tem infinitas superstições (*), até na sua propria medicina. Os espiritos, os sonhos, os presagios, a adivinhaçaõ, e a mágica, muito os preoccupaõ. Quantos Póvos civilisados naõ vemos nós dar crédito a estas loucuras, que parecem ser o fructo das primeiras reflexões do homem ignorante, tanto mais tímido, e cre-

(*) Os Otahicienses reconhecem hum Ser creador; porém o seu culto se reduz a muito pouca cousa, e tem infinitas superstições.

credulo, quanto he certo que tudo o persuade, e que de nada sabe a causa.

Industria humana descoberta no Mexico, e no Perú.

Hum dos fenomenos da America, he que a industria humana se tenha manifestado no Mexico, e no Perú, sem aquelles soccórros, a que he quasi impossivel supprir. A escritura era desconhecida na America; de maneira que admirado prodigiosamente Atabalipa de vêr os Hespanhoes lêr, e escrever, duvidava se sería isto algum dom particular da natureza. Estes Póvos pintavaõ o mesmo, que de longe pretendiaõ dar a entender. Os *quipos* dos Peruvianos, por meio de huns nós differentemente combinados, formavaõ humas especies de geroglificos, a fim de communicar os pensamentos, e conservar a lembrança das cousas. O uso do ferro era ignorado entre elles. Que apparencia há de que os Americanos, sem ferro, nem escritura, tenhaõ-se exaltado ao ponto de industria, e conhecimentos, que suppoem relações evidentemente suspeitas? Se a maior parte dos viajantes proferiraõ mil mentiras, por ventura os Hespanhoes d'aquelles tempos saõ dignos de credito?

Os salvagẽs mais dignos de observaçaõ.

Sem embargo de tudo isto, os salvagens saõ dignos de mais nota, do que os outros Americanos. Nós os julgamos infelices, e todavia nenhum tem

podido acoſtumar-ſe ao noſſo modo de viver; pois preferem as ſuas floreſtas, e a ſua liberdade. Por eſtúpidos os temos, e com tudo víraõ-os, eſpecialmente na America Septentrional, dar próvas frequentes de ſabedoria, e grandeza de alma, diſcorrer como os Spartas, formar confederações como os antigos Gregos, e ſeguir hum plano de politica razoavel. Elegem hum maioral em caſo de neceſſidade: os ſeus velhos formaõ huma eſpecie de Senado; a que ajuntaõ ſuas Juntas nacionaes a favor do intereſſe commum. Eis-aqui o que he ſer homens (*).

CA-

(*) Cujos conhecimentos ſaõ muito imperfeitos, os affectos muito apertados, as poſſes muito limitadas, a meſma liberdade menos precioſa por iſſo meſmo que he illimitada.

CAPITULO V.

Luís XII., e Fernando, o Catholico, até a liga de Cambrai. --- Alexandre VI.

TORNEMOS de novo ao fio da Historia da Europa em Luís XII., que d'antes era Duque de Orleans, Monarca adorado pelos Francezes, porque os amou, e aliviou dos impostos, mas cujas emprezas imprudentes, e cuja economia tambem muitas vezes mal applicada expozéraõ o Estado a grandes infelicidades. Assim que Luís subio ao Throno, todos os seus cuidados empregou no bem público, esquecendo-se dos seus resentimentos pessoaes. Todos admiraõ estas admiraveis palavras, que Luís proferio perdoando aos seus inimigos: *O Rei de França naõ vinga as injúrias do Duque de Orleans.*

1498. Luís XII. occupa o Throno.

Naõ tendo Carlos VIII. deixado posteridade, naõ tinha já lugar a reuniaõ da Bretanha ao Reino. A paixaõ antiga de Luís para com a Rainha Anna, herdeira desta Provincia, fortificou as razões politicas, que lhe inspiravaõ o desejo de casar com ella, e Joanna, filha de Luís XI., Prin-

Luís pretẽde repudiar sua mulher a fim de casar com a herdeira de Bretanha.

Princeza virtuosa, porém muito feia, havia vinte annos que era sua mulher. Os motivos de divorcio naõ faltavaõ: este casamento tinha sido forçado, e esteril. Para o anullar, tratava-se de obter huma sentença do Papa Alexandre VI., que naõ podia deixar de condescender com tanto que achasse nisso interesse. Pretendia este Papa fazer particularmente ditoso o Cardeal Cesar de Borja, seu filho, e tres Commissarios seus pronunciáraõ a sentença de divorcio, depois dos procedimentos ordinarios; e o Cardeal, que foi o portador da bulla, teve o Ducado de Valentinois com huma tença consideravel. Este Cardeal mudou voluntariamente de habito. Os seus costumes eraõ semelhantes aos de seu Pai.

Alexandre VI. tudo concede, e Borja seu filho he recõpensado.

Hum dos grandes objectos de Luís XII. foi seguir para desgraça sua as pizadas de seu predecessor para Italia, para onde o arrastou a paixaõ das conquistas. Os seus primeiros successos felizes o precipitáraõ no infortunio. Tinha-lhes sua Avó, Valentina Visconti, transmettido várias pretenções a respeito do Milanez, do qual Ludovico Sforça se mettêra de posse. Este Principe sem soccorro estrangeiro, e com hum exercito todavia taõ numéroso, como o de França, naõ se pode defender contra o valor Francez. Os Esta-

1499. Conquista do Milanez cõtra Ludovico Sforça.

tados de Milaõ, e Genova foraõ conquistados em vinte dias. Porém no anno seguinte, eſtava já o Duque reſtabelecido. Paſſou novo exercito Francez os Alpes, e trahido Sforça pelos Suiſſos (*) a quem pagava ſoldo, cahio nas mãos dos inimigos, e foi conduzido priſioneiro pará França, onde morreo alguns annos depois. Eſta he huma daquellas conquiſtas, que ſe pódem conſiderar como origem de infortunios.

1501. Liga com Fernando, o Catholico, para a cõquiſta de Napóles.

Volta Luís logo as ſuas idéas para o Reino de Napoles, e offerece a Fernando o Catholico dar-lhe huma parte da conquiſta. Acceita eſte logo o offerecimento, bem que hum Principe do ſeu ſangue, Frederico de Aragaõ, Rei de Napoles, haja

(*) Quando o exercito Francez chegou á viſta de Navarra, podia Ludovico ter fugido, e eſte conſelho lhe foi dado pelos Officiaes Suiſſos, que o acompanhavaõ; mas rejeitando eſte ſaudavel parecer, foi a Praca acomettida, e deſcoberto o Duque, que ſe víra reduzido a fugir disfarçado, por hum peifido, o qual foi punido de mórte por eſte crime, em Uri, ſua Patria. Os Officiaes, e Soldados Suiſſos, que foraõ prezos juntamente com o Duque, naõ voltáraõ para à ſua Patria, ſenaõ para receber o caſtigo, que huma Naçaõ, cujo valor, e fidelidade naõ recebêraõ já mais mancha alguma a reſpeito da reputaçaõ, julgou dever-lhe impôr, naõ por ter ſido trahidor ao Duque, mas por ter entregado a Praça, onde com elles ſe encerrára o meſmo Duque. Qualquer Hiſtoriador deve pezar as palavras, quando ſe trata de reprehender vilipendioſamente hum Povo inteiro.

ja de ſer a victima do ſeu Tratado. Era Alexandre VI., intereſſado com Luís, e Fernando, a fim de tirar delles alguma utilidade. Gonçalo de Cordova, denominado o grande Capitaõ, taõ ſagaz como ſeu amo, e que tinha por máxima que *a teia da honra deve ſer tecida groſſeiramente*, chega com o pretexto de defender o Rei de Napoles: une-ſe logo com os Francezes a fim de opprimillo, e Frederico pede a Luís XII. hum aſylo em França, para onde vai viver com huma tença.

Gonçalo de Cordova.

Affim que ſe tratou de dividir a conquiſta, houve diſputas, e deſavenças. O grande Capitaõ, digno inſtrumento do Rei Catholico, depois de ter zombado dos Francezes, alcançou contra elles duas victorias em 1503. A de Cerignola cuſtou a vida ao Duque de Nemurs, ultimo Principe da Caſa de Armagnac, de que era tronco Cariberto, filho de Clotario II. O Reino de Napoles ficou todo inteiro aos Heſpanhoes: que quando o valor naõ era prudente, triunfava a aſtucia.

Os Heſpanhoes, ſenhores da conquiſta.

Morreo por eſte tempo Alexandre VI., cheio de crimes os mais infames, e odioſos. Ceſar de Borja, ſeu filho baſtardo, metteo-ſe de poſſe á força de trahições, ou de homicidios, dos feudos da Romania, poſſuidos por diverſos Senhores. A venda das Indulgencias, e outros

Mórte de Alexandre VI.

Fortuna caduca de Ceſar de Borja.

abu-

abuſos da Authoridade Pontificia, fornecêraõ os meios para ſatisfazer a ſua ambiçaõ. Mas qual ſerá o fructo diſto? Hum Papa ambicioſo, e guerreiro, Julio II., deſpojará o filho de Alexandre VI., e as conquiſtas de Borja augmentaráõ os dominios da Igreja. Eſte heróe de Machaviel perderá quanto ſe lhe tinha dado em França, ſerá remetttido para Heſpanha appreſado por Gonçalo de Cordova; refugiar-ſe-ha na Corte do Rei de Navarra, ſeu cunhado, e ſerá morto em huma guerra occaſionada pelas ſuas intrigas. A decadencia dos grandes, quando ſaõ facinoroſos, he huma liçaõ que a Hiſtoria deveria muitas vezes inculcar.

As imprudencias dos Reis, e dos Miniſtros tambem he outra liçaõ, da qual podiaõ os governos tirar infinitas luzes. Naõ ſe cuidava em França ſenaõ em reſtaurar o Reino de Napoles. Mandou-ſe hum grande exercito para Italia, e ſe as operações tiveſſem ſido taõ promptas como antecedentemente, parecia infallivel o feliz ſucceſſo. Porém o Cardeal de Amboiſa, Miniſtro recto de Luís XII., deſejou a Tiara, que Alexandre VI. deixava vaga. Demorou pois as trópas á viſta de Roma, a fim de determinar a eleiçaõ do Conclave. Os Italianos, que eraõ mais ſubtís que elle, enganáraõ-o com boas pa-

1503. O Cardeal de Amboiſa pretẽde ſer Papa; o que cauſa hũa grãde infelicidade.

la-

lavras, persuadindo-lhe que arredasse semelhante apparato de guerra, para que parecesse livre a sua eleiçaõ. Quando cessou o receio, foi eleito hum Italiano, Pio III., a quem succedeo em breve tempo o famoso Julio II., Juliaõ da Rovera. Assim perdeo o Cardeal d'Amboisa o Pontificado, e o tempo; as chuvas naõ déraõ lugar ás operações, e Gonçalo de Cordova ainda expulsou os Francezes.

Tratado de Blois, cujo fim era desmembrar a França.

Outro erro incomprehensivel foi o tratado de Blois, em 1504, por meio do qual promettia Luís sua filha em casamento a Carlos de Austria, neto do Imperador Maximiliano, e de Fernando, o Catholico, juntamente com a Bretanha, Borgonha, Milanez, e com Genova, no caso que o Rei morresse sem filhos varões. Já se arrependiaõ de hum procedimento taõ ignominioso, quando os Estados Geraes representáraõ fortemente ser este contrario ás Leis do Reino. Deo entaõ Luís XII. sua filha, ao Conde de Angouleme, seu herdeiro presumptivo, que reinará com o nome de Francisco I. e cometterá tambem grandes erros.

Fim da Rainha Isabel em Castella.

Temos visto, como o matrimonio de Isabel, Rainha de Castella, com o Rei de Aragaõ, mudou a face da Hespanha. Esta Princeza, acautelada sempre contra a ambiçaõ de Fernando, seu esposo, era go-

governada pelo ſeu confeſſor Ximenes, illuſtre Franciſcano, que veio a ſer depois Arcebiſpo de Toledo, e Cardeal. A meſma Princeza havia pouco tempo que déra a eleiçaõ aos Mouros que ficavaõ no Reino, ou de receber o baptiſmo, ou de ſer deſterrados. Sendo deſpovoada a Heſpanha por cauſa da expulſaõ dos Judeos, e Mouros, e com as continuadas viagens para America, eſta Monarquia, á proporçaõ que adquiria maior grandeza, hia-ſe fazendo cada vez mais fraca; e deſta ſórte hum governo taõ célebre naõ ſe deve citar para exemplo.

Tumultos depois da ſua mórte.

Grandes tumultos reſultáraõ da mórte de Iſabel, em 1504. Joanna, a Louca, ſua filha, Eſpoſa do Archi-Duque Filippe, o Formoſo, era ſua unica herdeira. O Rei Fernando, que ſe achava ao principio de poſſe da Regencia, foi obrigado a renuncialla, e a retirar-ſe para Aragaõ. Por fim morreo Filippe, e a loucura de Joanna favorecia as deſordens. Carlos de Auſtria, ſeu filho, (Carlos V.) era moço, e eſtava longe: Ximenes julgou que Fernando, o Catholico, podia reſtabelecer o ſocego; e entregando-ſe-lhe a regencia, todos os tumultos ceſſáraõ por effeito da ſua conſtancia.

Fernando he nomeado regente.

Oraõ conquiſtada pelo Cardeal Ximenes.

Chegando entaõ Ximenes a ſer Cardeal, e Inquiſidor geral, vio-ſe na poſ-

ſe

ſe do poder, e da fortuna. Porém deixou prudentemente a Corte, porque conhecia o caracter deſconfiado do Rei, e propoz depois diſſo o tentar á ſua propria cuſta a conquiſta de Oraõ em Africa. Perſuadido Fernando, de que naõ ſe conſeguiria nada, conſentio na empreza, com a idéa de perder o Cardeal, e eſcreveo a Pedro Navarro, Commandante da fróta, em que Ximenes ſe embarcára, dizendo-lhe: *Empenhai-vos para que o bom homem naõ paſſe novamente taõ depreſſa para Heſpanha; he neceſſario deixallo gaſtar a ſua peſſoa, e o dinheiro.* Mas enganava-ſe o Rei; porque os Mouros ficáraõ vencidos, e Oraõ foi tomada. Eſte Cardeal auſtero naõ imitava os Prelados guerreiros; pois contentava-ſe de invocar, como outro Moyſés, o Deos dos exercitos, e da victoria, inſpirando huma eſpecie de enthuſiaſmo utiliſſimo em taes expedições.

Ximenes faz eſtabelecimentos para as letras.

Eſte, grande homem, que maior teria ſido, ſe tivera vencido as preoccupações do ſeu ſeculo, fundou, ou reſtabeleceo a Univerſidade de Alcalá; mandou imprimir huma famoſa Polyglota (*); e moſtrou tanto zelo a reſpeito das ſciencias,

(*) He huma edição dos Livros Santos traduzidos em diverſas Linguas Orientaes, huma das quaes ſerve para explicar a outra.

cias, e letras, como da reförma dos Monges. Cultiváraõ-ſe por meio da ſua vigilancia, e diſvélos as linguas ſábias. A Heſpanha produzio muitos Juriſconſultos, e muito mais Theologos. Porém que obſtaculos naõ oppunha a Inquiſiçaõ a toda a verdade nova, e util? Naõ abrirá Heſpanha os olhos ſem embargo de todas as ſuas Univerſidades, ſenaõ muito tempo depois dos Póvos muito menos capazes, que ella.

Emprezas ambicioſas de Julio II.

Trazia entaõ Julio II. inquieta a Italia. Como altivo, que era, ambicioſo, intrepido, enlevado de todo nos ſeus projectos de grandeza, tinha já tomado a Romania á Borja, Peruſa á Baglioni, e Bolonha á Bentivoglio, e ſoblevado Genova contra Luís XII., a quem naõ obſtante vivia obrigado, e meditando expulſallo totalmente de Italia, ſuſcitava-lhe inimigos de todas as partes. Tendo eſte Principe reduzido os Genovezes á obediencia, ainda foi enganado pelo Pontifice na famoſa liga contra os Venezianos. Digamos neſte lugar alguma couſà de Veneza, a fim de ter alguma noticia de huma República, que chegou a ſer motivo de ciume para as principaes potencias da Europa.

CAPITULO VI.

Des da liga de Cambrai contra Veneza até o fim de Luís XII. --- Julio II.

Governo de Veneza, desde a sua origem em o quinto seculo.

NASCEO Veneza no quinto seculo, quando a Italia era victima das innundações dos barbaros. As Ilhas pequenas das Lagunas do golfo Adriatico foraõ o asylo dos Póvos visinhos, que sobsistiaõ ao principio da sua pescaria. Cada Ilha tinha o seu Tribuno para a governar, e cada Tribuno chegou a ser hum tyranno. Vendo aquelles tyrannos a necessidade, que tinhaõ de reunir-se, elegêraõ hum Duque, ou Doge no principio do oitavo seculo. Os Doges por via de hum abuso frequente daquelle poder, que senaõ tinha podido coarctar, occasionáraõ muitas vezes tumultos, dos quaes foraõ muitas vezes victimas. Hum conselho, composto de cento e quarenta Cidadãos de todos os Estados, no qual residia a Soberana authoridade, suspendeo finalmente assim as emprezas destes primeiros Magistrados, como as violencias dos tumultos populares. Mas os ricos ambiciosos tinhaõ infinitos meios de alterar a constituiçaõ em utilidade sua.

Tribunos.

Doge.

Conselho principal.

A esta fórma de governo democratico, succedeo em 1289 a aristocracia hereditaria, por meio de hum regulamento, que anniquilou a igualdade, concedendo a algumas familias o direito exclusivo de formar o Conselho principal. Sempre a aristocracia annuncia rigores, dos quaes necessita para manter-se, e conservar-se. Aristocracia hereditaria em 1289.

Era impossivel que hum número de familias exclusas deixassem de formar conspirações. O tremendo Conselho dos Dez foi estabelecido, a fim de precaver os seus effeitos. Este Conselho póde sentenciar todos os Cidadãos, e as denuncias algumas vezes lhe parecem próvas. O Tribunal dos Tres Inquisidores de Estado foi hum freio muito mais terrivel. O mesmo Doge se achou sujeito aos seus occultos procedimentos, e arbitrarias sentenças. Espias espalhadas por toda a parte servíraõ de accusadores: Magistrados, particulares, cidadãos, estrangeiros, qualquer pessoa suspeita devia recear-se de perder a vida, sem formalidade alguma de justiça. Todo aquelle que fôr condemnado sem o saber, pelos tres Inquisidores, naõ póde evitar a mórte. Qual he a Monarquia, onde se veja tal despotismo! Conselho dos Dez. Inquisidores de Estado.

Deste modo chegou a ser o terror o principio do governo de Veneza; e he o que especialmente a conservou tanto tempo Veneza governada por meio do terror; mas de hũ modo invariavel.

po invariavel. Tudo nella he combinado com tanta arte, a respeito já das eleições, já da duraçaõ ou funções das Magistraturas, que quasi naõ ha meio algum de perturbar o Estado. Ao mesmo tempo que o Povo está sujeito pelos Nobres, os Nobres vigiaõ continuamente huns aos outros. Ou estes saõ unidos pelo interesse, ou estaõ impossibilitados de fazer intrigas. Donde procede aquelle plano immudavel, aquella estabilidade de principios, dos quaes naõ se acha em outra parte exemplo algum. Talvez que a Inquisiçaõ de Estado seja igual á Inquisiçaõ Ecclesiastica; a qual perpetuando muitos abusos, produz huma certa tranquillidade.

Ambiçaõ desta República.

Rica Veneza, com o commercio, entregou-se á ambiçaõ das conquistas, sempre perigosas para as Repúblicas commerciantes. No tempo das Cruzadas, tinha-se consideravelmente dilatado para a parte da Grecia, e ultimamente invadido em Italia muitas terras dos seus visinhos, no proprio Estado Ecclesiastico. Os successos felizes, inspiraõ orgulho, e traz do orgulho vem a imprudencia. Cercados os Venezianos de inimigos poderosos, desprezáraõ o perigo, sem antever que se reuniriaõ para opprimillos.

1508. Veneza irrita o Im-

Pedia-lhe o Imperador Maximiliano, que pretendia ser coroado em Roma, passa-

ſagem pelas ſuas terras, e foi-lhes concedida pelos Venezianos com a condição, que paſſaría ſem trópas: o que era o meſmo que negar-lha. Enojado Maximiliano manda publicar por hum bando, que os Venezianos ſejaõ tratados como rebeldes ao Imperio, e intitulava-ſe *Imperador eleito*, cujo titulo lhe confirma Julio II. por huma Bulla. Que neceſſidade ha de ſemelhante Bulla? Para que ha de eſtar ſujeita Veneza ao bando do Imperio? O certo he que em todas as occaſiões appareciaõ pretenções antigas. As armas do Imperador naõ defendêraõ o ſeu altivo procedimento contra a República, e dous exercitos Imperiaes foraõ derrotados, e vencidos pelos Venezianos com o ſoccorro dos Francezes, e naõ obſtante concluíraõ huma tregoa ſem conſultallos.

peradorMaximiliano, e derrota as ſuas trópas.

Formou-ſe entaõ occultamente a famoſa liga de Cambrai, de que Veneza devia ſer a victima. O Papa, o Imperador, os Reis de França, e Heſpanha, e o Duque de Saboia, uníraõ-ſe para tirarlhe as ſuas conquiſtas. Cada hum delles revendicavaõ dominios conſideraveis: O Papa, Arimino, e Ravena; Luís XII. Breſcia, Bergamo, e a Cremona Veneziana; Maximiliano, Verona, Padua, Vicencia, Treviſa, e o Friul; Fernando, Brindes, Trano, e Otranto; e o Duque de

Liga de Cambrai.

Saboia a Ilha ou o Reino de Chypre. Se a uniaõ tivesse sobsistido entre estas Potencias, ficava Veneza perdida sem remedio. Porém Julio II. só pretendia aproveitar-se das circunstancias, bem resoluto a libertar depois a Italia, se podesse, destes estrangeiros, aos quaes chamava barbaros. E podia-se por ventura fiar na fé de Fernando, o Catholico? ..

Veneza recusa o soccorro do Turco.

Esta ambiciosa liga cobrio-se com a capa de religiaõ. Fingíraõ os confederados acometter os Venezianos, a fim de voltar depois o seu zelo contra os Turcos. O Turco offereceo soccorros á República, que os recusou, naõ tanto talvez pelo receio de ter hum protector taõ perigoso, como diz Fra-Paolo, quanto pelo receio dos clamores, que excitaría semelhante alliança (*).

Luís XII. obriga os Venesianos a se humilharem.

Pertencia a Luís XII. princ'piar a guerra em pessoa. Os seus primeiros successos opprimíraõ de tal sórte os Venezianos, que o Senado depois da batalha de Agnadel junto do Adda, acompanhada de rápidas conquistas, offereceo-se a reconhecer o Imperador por Suzerano, e pagar-lhe hum tributo annual de cincoenta mil

(*) E pela politica certeza, que podia ter, de que huma liga formada entre Potencias competidoras, e cheias de desconfianças, nunca já mais sobsistiria.

mil ducados. A recuſaçaõ porém de Maximiliano lhes reſtituio o valor, reduzindo-os á deſeſperaçaõ. Tomáraõ novamente aos Allemaẽs infinitas Praças, fizéraõ o ſeu tratado com Julio II.; e a ſua politica intereſſada os ſalvou.

1510. Julio II. he traidor aos alliados desobriga Fernão da liga, toma de aſſalto Mirandola.

Tinha Julio II. fulminado contra os Venezianos as mais terriveis excommunhões, de maneira que até chegou a permittir que ſe aſſenhoreaſſem dos ſeus bens, e que as ſuas peſſoas foſſem reduzidas á eſcravidaõ. Para obter a abſolviçaõ, que as circunſtancias conſtituiaõ neceſſaria, importava ceder as Cidades da Romania, e receber leis do Pontifice. Vendo o Senado que naõ havia mais que eſte triſte meio de ſalvaçaõ, ſujeitou-ſe humildemente a tudo, e Julio, infiel aos ſeus alliados, deſobrigou da ſua liga o Rei de Heſpanha, concedendo-lhe a total, e inteira inveſtidura do Reino de Napoles, e voltou contra o Rei de França toda a actividade do ſeu odio. Tinha Luís recuſado, por motivo de huma economia mal entendida, augmentar as tenças dos Suiſſos, tratando-os com deſprezo em hum colerico movimento (*). O Pa-

(*) As intrigas do Cardeal Biſpo de Siaõ mettêraõ os Suiſſos neſte procedimento, a pezar das prodigioſas profuſões dos Miniſtros de França. Eſta Época

Papa armou os Suiſſos contra Luís; acometteo o Duque de Ferrara, alliado da França; ſitiou Mirandola, onde entrou pela brecha, depois de ter vencido os maiores perigos, poſto que em idade já adiantada.

Eſcrupulos perniciofos em França.

Ao meſmo tempo que Julio obrava manifeſtamente como inimigo, conſultou o Rei o Cléro de França a fim de ſaber ſe ſe lhe podia declarar guerra. Era ſem dúvida a conſulta ſuperflua; porém ao menos a reſpoſta do Cléro foi juſta, e favoravel. Com tudo os eſcrupulos da Rainha Anna de Bretanha, cauſáraõ grandes prejuizos aos negocios; porque Luís os reſpeitou mais do que mereciaõ. Da batalha de Ravena, vencida em 1512 por Gaſtaõ de Foix, Duque de Nemurs, reſultou glória eſteril. Aſſim que o Milanez ſe evacuou (**). Soblevou-ſe logo Geno-

Perde-ſe o Milanez, e Genova.

ca foi glorioſa para a Nacaõ Helvetica, que ſe vio procurada por todas as potencías, e influio na ſórte da Italia, particularmente na do Ducado de Milaõ. Mas cumpre conceder que a nobre ſimplicidade dos antigos Suiſſos deo lugar ao luxo mais pernicioſo, e a neceſſidade de ſatisfazello fez recorrer aos meios mais odioſos. Nenhum caſo ſe fez das ordens do Soberano: a corrupçaõ foi pública, e exceſſiva. Os Suiſſos perdêraõ 30$000 homens em o Milanez, e a deſuniaõ ſe introduzio entre os diverſos membros da República.

(**) Os Suiſſos tivéraõ a principal parte em a conquiſta do Milanez.

nova, faltava dinheiro para as trópas, e os Generaes naõ se uniaõ. Que podia obrar a valentia dos Heróes Francezes? Bayardo, e seus imitadores obráraõ prodigios, de que só resultou a admiraçaõ.

O Rei de França, e o Imperador tinhaõ empenhado alguns Cardeaes a convocar hum Concilio geral em Pisa: para o qual tinha sido citado Julio II. Este ajuntou em Roma outro Concilio, para excommungar o primeiro: o que foi motivo para que Joaõ de Albreto, alliado, e parente de Luís XII., perdesse o Reino de Navarra. E procurando Fernando o Catholico hum pretexto para despojallo, achou-o na excommunhaõ, fulminada contra os adherentes do Concilio de Pisa. Julga-se que aquelle Reino lhe fora concedido por huma bulla, e bem que esta naõ se ache, parece digna de hum emulo de Gregorio VII. A Navarra, desda usurpaçaõ de Fernando, ficou sempre pertencendo á Monarquia Hespanhola, e a Rainha Catharina de Foix, a quem a Navarra pertencia, disse a Joaõ de Albreto, seu esposo: *Se acaso tivessemos nascido, vós Catharina, e eu D. Joaõ, naõ teriamos perdido o nosso Reino.*

Cócilio de Pisa contra o Papa.

1512. Fernando usurpa a Navarra, em virtude de huma excõmunhaõ.

Morreo Julio em 1513, tendo mais de setenta annos, sem desistir do grande intento de expulsar de Italia todos os Estran-

Mórte de Julio II.

trangeiros, os Alemães, os Hespanhoes, naõ exceptuando os Francezes. Tendo Julio sido feliz, e igualmente attrevido nas suas emprezas, augmentou consideravelmente o Estado da Santa Sé. Obrigou o Imperador a ceder-lhe Parma, Placencia, e Reggio: sabendo reunir, e dividir as Potencias á satisfaçaõ dos seus interesses. N'huma palavra, brilhou como Principe, como guerreiro, e como que se esqueceo de que era Papa. Refere-se huma Anecdota a respeito do modo com que Julio tratava os negocios Ecclesiasticos. Pedindo-lhe os Allemães, segundo se diz, licença para comer carne em dia de Saõ Martinho, quando cahisse em dia de peixe, consentio Julio no seu requerimento, com condiçaõ porém de que nesse dia naõ beberiaõ vinho.

Successo de suas emprezas.

Leaõ X. lhe succede.

O Cardeal de Medicis, muito desacreditado por causa dos seus costumes, e recomendavel por causa dos seus talentos, chegou a ser Papa, com o nome de Leaõ X. Era este filho do famoso Lourenço, e tinha os mesmos gostos de seu Pai, mas naõ as qualidades de Bispo. Nunca a Igreja todavia teve maior necessidade de hum Papa virtuoso, digno de a governar. A literatura, e as Artes mereciaõ protecçaõ; porém os negocios Eccle-

siaf-

ſiaſticos requeriaõ a maior ſabedoria, e prudencia.

Por eſpaço de vinte e ſeis annos que durou o Reinado de Henrique VII., naõ teve Inglaterra influencia alguma no exterior. Eſte Principe avarento, e deſconfiado, temendo a guerra, ajuntou hum theſouro, e firmou a ſua authoridade. Debalde lhe diſputáraõ a Coroa dous aventureiros, ſuſcitados pelos ſeus inimigos. Hum, chamado Simnel, filho de hum padeiro, foi muito feliz, depois de ter ſido coroado em Irlanda, em ſer empregado na coſinha do Rei. Perkin (eſte he o nome do outro), filho de hum Judeo, fez cinco annos o perſonagem de filho de Duarte IV., e acabou deixando a cabeça n'hum cadafalſo. Livre Henrique de ſemelhantes inquietações, por meio de hum governo cruel, e vigoroſo, unindo a induſtria com a força, animando os Barões a vender as ſuas terras, e augmentando deſte modo as riquezas, e o poder dos Cidadãos, enfraqueceo a Nobreza principal, e conſtituio a Real authoridade quaſi abſoluta. Seu filho Henrique VIII., que lhe ſuccedeo em 1509, manifeſtar-ſe-ha com grande eſtrondo. Muita gloria lhe podiaõ alcançar os talentos, e as virtudes; mas guiado pelas ſuas paixões, vello-hemos ſer hum exemplo da maior tyrannia.

Henrique VII. tinha firmado a ſua authoridade em Inglaterra.

Simnel, e Perkin.

Henrique VIII.

Ti-

Liga contra Luis XII.

Tinha Henrique VIII. entrado, em 1512, na liga que o Papa Julio formára contra França. Por mórte deste Papa, animou-se novamente a liga no tempo de Leaõ X. Já os Francezes tinhaõ tomado ultimamente o Milanez, donde foraõ outra vez expulsos pelos Suissos, que restabelecêraõ Maximiliano Sforça (*). Luís XII., alliado entaõ com os Venezianos, teve contra si o Papa, o Imperador, os Inglezes, e os Hespanhoes. Por outra parte, accometteo Henrique VIII. a Picardia, juntamente com Maximiliano, a quem sustentava. Sahindo Henrique vencedor da batalha de Guinegata, tomou Teruana, e Tornai; ao mesmo tempo que por outra parte os Suissos sitiavaõ Dijon. Perdida estava esta Cidade, se Tremoille, Governador de Borgonha, naõ tivesse obrigado os Suissos a levantar o cerco, promettendo-lhes tudo quanto quizeraõ; e concluido o tratado, retiraraõ-se os Suissos. A Corte fingio condemnar, e arguir o Governador, anullou hum tra-

Picardia, e Borgonha invadidas.

Dijon salvada.

(*) O Duque foi mettido de posse em 31 de Dezembro do mesmo anno. Senhores os Suissos daquella regiaõ, tinhaõ negado constantemente entregalla a outros, que naõ fosse áquelle, a quem ella legitimamente pertencia; em cuja regiaõ adquiriraõ os mesmos Suissos tres bailios além dos Alpes, e huma tença de 40$000 ducados. Pagáraõ-lhes 200$000 ducados pelos gastos da guerra.

tratado, cujas utilidades tinha recebido, e acautelou-se contra huma nova invasaõ. Estes Republicanos altivos, os quaes diziaõ ser os protectores da Santa Sé, eraõ muito mais valentes do que sagazes. (†)

Necessitando com tudo Luis da paz, humilha se na presença do Papa; renuncía o Concilio de Pisa, transferido para Leaõ; e obriga-se a perseguir tambem com maõ armada, se necessario fôr, os adherentes do Concilio, e deste modo pareceo estar reconciliado com Roma. Menos trabalho teve em grangear a amizade do Rei de Inglaterra, enojado contra Fernando por causa da sua má fé. Ficando Luis viuvo por mórte de Anna de Bretanha, casou com Maria, irmã de Henrique VIII.: mas este matrimonio comprou elle de algum modo, por hum milhaõ de escudos de ouro: taõ critico era o estado dos seus negocios! Casado pois com huma Rainha ainda moça, esqueceo-se da sua idade de cincoenta e tres annos; de maneira que as delicias do thalamo o consum-

1514. Paz de Luís com o Papa, e com Inglaterra.

(†) Excitados os Suissos pelo Imperador, e obrigados pelo estado dos seus negocios a dar occupaçaõ a huma mocidade turbulenta, consentiraõ em entrar na Borgonha. Trimoille salvou Dijon por meio de hum engano inexcusavel, e os Suissos deixáraõ-se enganar com incomprehensivel facilidade. Quasi neste tempo he que *Apenzel*, decimo terceiro cantaõ, foi recebido na alliança.

Sua mórte. ſummíraõ, e morreo no ſeguinte anno, levando á ſepultura o intento de tomar outra vez o Milanez; intento, que veremos ſer mais funeſto para o ſeu ſucceſſor.

Bondade, e erros de Luís XII. Abençoada ſerá ſempre a memoria de Luís XII.; porque a pezar das ſuas guerras, e deſgraças, naõ augmentou os impoſtos, depois de ter diminuido ametade delles. Applaudido ſerá ſempre o que Luís dizia para juſtificar a ſua economia: *Eu goſto mais de vêr rir os Cortezãos da minha avareza, do que de vêr chorar o meu Povo por cauſa dos meus gaſtos* (*). Com tudo naõ deveria por ventura elle poupar infinitas lágrimas ao ſeu Povo, ſacrificando-lhe a perigoſa ambiçaõ das conquiſtas de Italia, ou levantando ſubſidios ſem os quaes naõ podia deixar de haver grandes infortunios? Alcançou Luís algum recurſo por meio da venda dos empregos, e iſto ſervio de exemplo muito perigoſo, poſto que a venalidade naõ comprehendeſſe os empregos de judicatura. Ninguem imaginava que huns empregos, que ſuppoem tantas luzes, e virtudes podeſſem já mais chegar a ſer venaes; e todavia eſ-

(*) O Rei tinha quaſi treze milhões de rendimento, os quaes valem hoje em dia pouco mais, ou menos cincoenta milhões de livras. *Abregé d'Hiſt. Gener.* (vinte milhões de cruzados.)

estes mesmos empregos o viráõ a ser logo no principio do Reinado seguinte: especialmente quanto aos contratos regios, e ao erario; pois que a hum abuso seguem-se quasi sempre outros maiores.

CAPITULO VIII.

Principios de Francisco I., até á origem do Lutheranismo.

FRANCISCO, Conde de Angulema, primeiro Principe de sangue, foi o successor de Luis XII. Era moço, esperto, valente, ambicioso, e tinha qualidades nobres, e amaveis, mas sem prudencia, e voltou logo as suas idéas para Italia. Naõ sendo sufficientes os preparos, que já estavaõ feitos, a necessidade de dinheiro inspirou a venda do direito mais augusto, do direito de sentencear os Cidadãos. Este expediente, imaginado pelo proprio Regedor da Justiça, e pelo Chanceler do Prat, era taõ contrario a todos os principios, que muito tempo depois, até o anno de 1597, jurava-se no parlamento, naõ ter comprado o seu emprego. Pelo que era necessario de algum modo hum perjuro a fim de exercitar a justiça nos tri-

1515. Francisco I. entrega-se ao gosto das conquistas.

Venalidade odiosa dos empregos.

tribunaes! Eis-aqui até onde pódem guiar os abusos do governo.

Batalha de Marinhan contra os Suissos.

Achou Francisco I., depois de ter passado os Alpes, huma occasiaõ naõ esperada de distinguir o seu valor. Posto que tratasse com os Suissos, este Povo guerreiro, excitado pelo Cardeal de Siaõ, isto he, pela Corte de Roma, tinha-se armado contra elle. Venceo-os porém, e derrotou-os na famosa batalha de Marinhan, que durou dous dias (*). He facto referido em todas as Historias, que Francisco dormíra sobre a carreta de huma peça, cincoenta passos distante de hum batalhaõ Suisso. Os Historiadores assáz daõ a conhecer o Heróe, e nós observaremos mais frequentemente os defeitos do Rei, porque nos servem de maior instrucçaõ. A conquista do Milanez foi o fructo da sua victoria; e Maximiliano Sforça morreo em França do mesmo modo que Ludovico,

(*) O velho Marechal de Trivulço chamava a esta batalha huma *batalha de gigantes*, na qual os Suissos, sem cavallaria alguma, resistiraõ por espaço de quasi dous dias á violencia, e impeto d'aquelles grandes cavallos de batalha, que a todo o instante acomettiaõ os seus batalhões. Retiráraõ-se finalmente os Suissos, mas sem derrota, deixando seis mil homens no campo da batalha, e desde entaõ se deixáraõ em o Milanez de semelhantes expedições, que quasi sempre lhes foraõ funestas.

co, ſeu Pai. Nem por iſſo o Milanez deixará de ſer o precipicio da França.

Perdeo Heſpanha em 1516 a Fernando, o Catholico, o qual veremos ſubſtituido pelo tremendo Carlos V. Se a capacidade, ſagacidade, e os ſucceſſos saõ a gloria dos Soberanos, poucos ha que poſſaõ ſer comparados a Fernando. A elle he devedora a Monarquia Heſpanhola do ſeu augmento. Attribuem-lhe tambem hum projecto de Monarquia Univerſal, cuja execuçaõ fizeraõ os ſeus ſucceſſores recear. Porém a arte de enganar, que Fernando empregou tanto, aſſim como a arte de vencer, he por ventura digna de hum homem grande? Por ventura o zelo de Religiaõ, com que Fernando cobrio as ſuas emprezas, naõ as conſtitue mais odioſas? Naõ he a ſua memoria manchada com todo o ſangue derramado pela Inquiſiçaõ?

1516. Mórte de Fernando, o Catholico.

Como Fernãdo merece ſer arguido.

Empenhou-ſe Fernando em eſtabelecer no Reino de Napoles, depois da conquiſta, aquelle tribunal tyrannico nos olhos dos Francezes, e taõ contrario ao eſpirito da Religiaõ, como aos principios de hum bom governo. Os Napolitanos, poſto que muito ſuperſticioſos, nunca já mais quizéraõ ſujeitar-ſe á Inquiſiçaõ, e o zelo do Rei limitou-ſe por entaõ em expulſar os Judeos. Naõ amando Fernando

Os Napolitanos naõ quizéraõ acceitar, a pezar de Fernando, a Inquiſiçaõ.

Deixa Fernando todas as ſuas

Coroas a Carlos a quem naõ amava.

do a Carlos de Auſtria, ſeu neto, tinha deſtinado a Heſpanha para Fernando, irmaõ ſegundo de Carlos; porém mudando de reſoluçaõ por conſelho dos ſeus vaſſallos, mandou paſſar todas as ſuas Coroas para a meſma cabeça. Digno era Carlos de poſſuillas.

Regencia de Ximenes o qual abate os Grandes.

Sendo o Cardeal Ximenes nomeado Regente de Caſtella até á chegada do Archi-Duque, aborrecido dos grandes, a quem dominava com altiveza, teria experimentado huma rebelliaõ, ſe fora dotado de menos capacidade, e valor. Perguntáraõ-lhe os ſediciosos hum dia com que direito governava a Caſtella, e diſſéraõ-lhe que Fernando, o qual ſó era hum méro adminiſtrador do Reino, naõ tivéra poder para conceder-lhe a Regencia delle. Naõ deo Ximenes a iſto outra reſpoſta mais do que mandar diſparar na ſua preſença huma bataria de artilharia, dizendo: *Eis-aqui os meus direitos, por ventura vos attreveis a conteſtallos?* Eſte Miniſtro, armando os Cidadãos, abate cada vez mais a Nobreza. Coſtumes auſtéros, e irreprehenſiveis, hum engenho profundo, e elevado, huma magnanimidade para tudo, a ſua reputaçaõ, e os ſeus ſerviços, apenas balanceavaõ a averſaõ, que inſpirava a altiva ſeveridade do ſeu caracter. Morreo Ximenes na deſgraça, em 1517. de

de idade de oitenta annos, antes de vêr o novo Senhor da Heſpanha.

Morte do Imperador Maximiliano, que tinha pretendido ſer Papa.

Por ſua mórte deixou Maximiliano vago o Imperio, em 1519. Eſte Principe inquieto tinha eſtado ſempre em guerra, ſem forças, e ſem dinheiro. As ſuas idéas extendêraõ-ſe até chegar a poſſuir a Tiara, no tempo de huma enfermidade de Julio II.; de maneira que o Biſpo de Gurck tinha a ſeu cargo diſtribuir pelos Cardeaes trezentos mil ducados para comprar os ſeus votos, cuja quantia foi empreſtada pelos mercadores de Ausburgo. Que perſonagem teria podido repreſentar hum Imperador Papa, ſe tivera unido ambos os poderes? Mas ter-ſe-hia conſentido ſemelhante couſa, em hum tempo em que a politica movia, e ligava todos os Eſtados? Naõ ignorava Maximiliano que os Imperadores tinhaõ ſido ſenhores de Roma: e talvez formava para a ſua geraçaõ projectos a reſpeito deſta Cidade, taõ capaz de tentar a ambiçaõ.

Circulos de Alemanha.

Durante eſte Reinado, foi Allemanha dividida em circulos. Ao principio houve ſeis, que foraõ os de Baviera, Franconia, Saxonia, Rheno, Suabia, e Veſphalia. Pouco tempo depois, augmentáraõ-lhe os de Auſtria, Borgonha (nos Paizes-Baixos), os do Rheno inferior, e Saxonia ſuperior. Por eſte meio ſe facilitava

eſ-

eſpecialmente a cobrança dos dinheiros públicos. Pretendia-ſe tambem eſtabelecer a boa ordem, e tranquillidade; porém os abuſos da Anarquia, n'huma palavra, o governo feudal devia ainda por muito tempo fazer deſta parte da Europa hum theatro de tumultos, diſcordias, e guerras civís.

Camera Imperial.

Em 1495, creou huma dieta de Vormes a *Camera Imperial*, eſtabelecida hoje em dia em Wetzlar, Tribunal Supremo, que ſentencêa em ultimo lugar as cauſas civeis dos Eſtados. O Conſelho aulico, cujos membros ſaõ todos nomeados pelo Imperador, póde julgar do meſmo modo as meſmas cauſas; de maneira que o Author pode eleger hum deſtes Tribunaes. Porém as cauſas feudaes, e as que reſpeitaõ á Italia pertencem unicamente ao Conſelho aulico. Quanto ao mais, fluctuante, e incerta a conſtituiçaõ Germanica até o Tratado de Veſphalia, nunca jámais adquirirá por eſte meſmo Tratado outra couſa, ſenaõ huma conſiſtencia imperfeita. Que hum corpo dividido em tantas Soberanias independentes, no qual tantos ſaõ os intereſſes particulares, que ſe oppoem ao intereſſe geral, pouco capaz he de huma boa conſtituiçaõ.

Conſelho aulico.

Exacções da Corte de Roma em Alemanha.

Hia ſempre a Corte de Roma exercitando a ſua tyrannia a reſpeito da Allema-

manha. Por muito util, que fosse para os Papas a Concordata de 1448, governando Frederico III., só se praticava naquelles pontos, que redundavaõ em beneficio seu. Os antigos abusos se aggravavaõ com novas exacções, e segundo a opiniaõ do mesmo Maximiliano tirava a Santa Sé do Imperio mais de quinhentos mil Ducados de renda. Este Imperador antepoz padecer o mal, de que se lamentava, ao discordar com huma Corte, cujas forças invisiveis eraõ taõ tremendas.

Circunstãcias criticas para o Papa.

Hia-se todavia armando a tempestade, os animos estavaõ inflammados: qualquer sentelha de fanatismo podia produzir hum incendio; e Leaõ X. com toda a sua capacidade, atiçou de algum modo o fogo, que era necessario extinguir. Breve veremos brechas irreparaveis, feitas á Santa Sé.

Cõcordata de Leaõ X. e de Francisco I. em 1516.

Tinha o Pontifice tido em 1516, depois da batalha de Marinhan, a industria de mover Francisco I., contra o qual se ligára, a hum ajuste o mais vantajoso para a Corte de Roma. A Pragmatica de Carlos VII., tantas vezes anathematizada, foi abolida pela célebre Concordata, que concede ao Rei a nomeaçaõ dos benificios principaes, e assegura ao Papa as annatas, sem dellas fazer mençaõ expressa. O Rei apresenta os sujeitos que nomea;

e o Papa os instítue, e cobra a annata. Com que direito approvava este huma nomeaçaõ, que lhe naõ pertencia? E por que razaõ a comprava o outro, constituindo tributaria a Igreja de França? Reconhecido está o fructo dos antigos abusos A Universidade, o Cléro, e o Parlamento defendêraõ a Pragmatica com grande fervor, mas tanto por preoccupaçaõ como por zelo; pois pretendiaõ manter especialmente as mesmas eleições sujeitas a tantos abusos. A concordata, registrada por força em 1518, ainda hoje se observa.

CAPITULO VIII.

Estabelece-se o Lutheranismo no Pontificado de Leaõ X.

Leaõ X. manda vender Indulgencias.

TRIUNFANDO Leaõ X. por assim dizer, de hum grande Reino, tinha de ser vencido, e despojado por hum Monge; pois que das suas imprudencias procedeo o Lutheranismo. A soberba Igreja de Saõ Pedro, que Julio II. começára, a magnificencia, e delicias da Corte Romana, os beneficios prodigamente concedidos, assim aos sujeitos literatos, como aos artistas, mil despezas pomposas, que apuravaõ os

os thesouros do Papa, nenhum escrupulo fez este de valêr-se de hum recurso, que a superstição, havia muito tempo, fazia facil, e igualmente fructuoso. Com o pretexto, vezes cento renovado, de huma guerra contra os Turcos, publicou Leaõ Indulgencias a favor de todos os que dessem dinheiro, e estas Indulgencias foraõ vendidas com escandalo em Allemanha, nas proprias tabernas. Tetzel, da Ordem dos Prégadores, fez-se especialmente célebre por meio de excessos indisculpaveis.

Levanta-se Luthero cõ audacia cõtra o abuso.

Taõ acostumados estavaõ todos aos abusos, e taõ estúpida era a credulidade popular, que a Corte de Roma tudo conseguia á sua satisfaçaõ, quando huma disputa monastica, conforme a maior parte dos Historiadores, chegou a ser o signal de huma furiosa revolta. Tinhaõ os Dominicanos recebido do Papa a commissaõ de prégar a Indulgencia, o que satisfaziaõ, exaggerando, segundo o uso, de hum modo absurdo a virtude destas graças espirituaes. Envejosos os Agostinhos, por naõ terem tido a preferencia, a qual julgavaõ ser-lhes devida, estavaõ contra os Prégadores. Imbuido já Martinho Luthero, douto, e árdido Theologo desta Ordem, em opiniões atrevidas, aproveitou-se fervorosamente da

occasiaõ para distinguir-se; de maneira que desacreditou em Saxonia as máximas dos Dominicanos a respeito da Indulgencia, mostrou os seus inconvenientes, e declamou contra os vicios, fraudes, e exacções da Corte Pontificia; todos o ouvíraõ, todos lhe déraõ attençaõ, e o defendêraõ, por estarem já enfadados de pagar para o luxo de Roma.

Luthero ē lugar de ser applacado, he irritado imprudētemente pelo Pontifice.

Naõ acomettia Luthero ao principio, senaõ cousas dignas de condemnar-se. Mostrava muito respeito, e sujeiçaõ á Santa Sé. Com prudencia teriaõ talvez grangeado, e socegado a Luthero, e este era o melhor partido que se devia tomar, posto que hum Inquisidor Dominicano exhortasse Leaõ X. a empregar contra elle o ferro, e o fogo. Mas em vez de quietallo com prudencia, desprezáraõ, e enojáraõ taõ temeroso adversario; de sórte que o resentimento, e a desesperaçaõ inflammáraõ a sua audacia; e passando Luthero de hum para outro objecto, dos abusos passou aos dogmas.

Luthero nada mais respeita.

Debaixo da sua penna, as Indulgencias foraõ loucuras, o purgatorio huma fabula, o poder Pontificio huma usurpaçaõ, os votos Monasticos, a maior parte das ceremonias, e dos Sacramentos, outras tantas monstruosas superstições. Rompeo desbocadamente em injúrias, que ain-

da

da ſe tomavaõ por humas razões: inculcou a moral a mais ſevera, que ſempre foi a mais reſpeitavel; apreſentou a eſcritura, como a unica regra de fé, a pezar dos ſentidos contrarios, que muitas vezes ſe lhe tem dado; convidou todos os Chriſtãos a hum liſongeiro exame para o amor proprio, do qual todavia taõ poucos homens ſaõ capazes; n'huma palavra, erigindo-ſe reformador, fez por meio do fanatiſmo aquella revoluçaõ, que a razaõ naõ podia fazer. A *conſubſtanciaçaõ*, que Luthero admittia na Euchariſtia em vez da *transſubſtanciaçaõ*, ſó era baſtante para provar quanto Luthero em ſua maneira de arrazoar ſe apartava do verdadeiro caminho.

Luthero condemnado pelo Papa com rigor.

Appellou Luthero, em 1518, para o Concilio geral, de hum Decreto a favor das Indulgencias, por meio do qual o Papa dizia ſer o diſpenſeiro do Theſouro eſpiritual, que dimanava da ſuperabundancia dos merecimentos de Jeſus Chriſto, e dos Santos, e o Papa Leaõ publicou em 1520 huma Bulla, a fim de condemnar a ſua Doutrina, que continha quarenta Artigos. Hum dos Artigos condemnados diz que queimar os Hereges he obrar contra a vontade do Eſpirito Santo; e outro, que os Principes, e os Prelados naõ fariaõ mal em dar ſumiço de to-

todas as ſaccólas dos mendigantes. Era por ventura prudencia confundir eſtas propoſições com hereſias? Nem ſó condemnava a Bulla ao fogo as Obras de Luthero; ordenava tambem que o perſeguiſſem, e aos ſeus adherentes, quando naõ retractaſſe os ſeus erros dentro em ſeſſenta dias. O effeito deſta Bulla, foi mandalla Luthero queimar juntamente com as decretaes, por hum Decreto da Univerſidade de Vitembergue.

Sua Bulla, e as decretaes queimadas.

Progreſſos rápidos do Lutheraniſmo.

Duas couſas contribuíraõ infinitamente para o ſucceſſo da refórma; o intereſſe dos Príncipes, e Póvos, que procuravaõ livrar-ſe do jugo de Roma; e a facilidade de eſpalhar as novas opiniões por meio da prenſa. A Igreia Romana perdeo em poucos annos a Saxonia, Heſſe, o Eſtado de Brunſwick, a Dinamarca, e a Suecia. Zuric, Berne, e huma grande parte da Suiſſa, adoptáraõ a doutrina de Zuingle, Cura de Zurich, mais attrevido do que Luthero contra o Dogma da Euchariſtia. Genebra ſeguio logo eſte exemplo, e chegou a ſer livre, mudando de Religiaõ (*). Veremos Inglaterra, Eſcoſſia, os

(*) Era Genebra antigamente huma Cidade conſideravel dos Allobrogos. Os Borgonhezes ſe aſſenhoreáraõ della no quinto ſeculo; e paſſando depois ao dominio dos Francos, fez parte do terceiro Reino de Bor-

os Paizes Baixos, e huma parte da França seguir a torrente da novidade. Nenhuma revoluçaõ merece mais ser examinada, quer nos seus principios, quer nos seus effeitos.

A sciencia dos seus Theologos contribuio muito para o Lutheranismo.

Huma das grandes vantagens da Seita Lutherana foi ser defendida por Theologos litteratos, que possuíaõ as linguas scientificas, revolviaõ na antiguidade ecclesiastica, e alcançavaõ a estimaçaõ, e confiança dos homens sábios, ao mesmo tempo que os enthusiasmados inflammavaõ o

---

Borgonha. Procurando os Condes de Genebra fazer-se independentes, foráõ os direitos do Imperio entregues aos Bispos. Os Condes de Saboia adquiríraõ em Genebra o passar atestações, e valêraõ-se de todos os moveis da politica para chegar a ser mais poderosos nesta Cidade. Para resistir a este tremendo inimigo, augmentáraõ os Bispos os direitos da Cidade, e com ella se liáraõ em 1478 com os Cantões de Berne, e Friburgo. Esta liança foi renovada sómente quanto á Cidade em 1526. O primeiro d'entre estes Cantões favoreceo a refórma, ao mesmo tempo que o outro se lhe oppunha com todo o seu poder. Em 1533 foi solemnemente recebida a doutrina de Calvino, que he igual á doutrina de Zuingle. O Bispo perdeo todos os seus direitos, e chegando a República a ser Soberana, e independente, foi devedora de huma parte das suas Leis a este célebre reformador. Com a liberdade florecêraõ as artes, e o commercio. Genebra chegou a ser huma das Cidades mais opulentas da Suissa, e as sciencias, e bellas artes foraõ cultivadas em Genebra: a sua Academia produzio homens célebres, e conservou entre muitos perigos o precioso thesouro da liberdade.

o Povo. Facil lhes era desacreditar os abusos, introduzidos na Igreja por huma grande, e crassa ignorancia, os quaes infelizmente se obstinavaõ a defender algumas vezes com tanto ardor, como os dogmas. Muito mais facil lhes era desacreditar a Theologia dominante, que de ordinario só os combattia com algumas subtilezas, e hum orgulho pedantesco.

Erasmo tinha razaõ em os seus pareceres.

O mesmo Erasmo, constántemente afferrado á Igreja, ridiculisou assim os Doutores de París, como algumas antigas superstições: razaõ porque a sua fé foi suspeita. Mas poderiamos nós hoje em dia duvidar do grande beneficio, que se teria tirado; se os principios deste homem taõ illuminado fossem seguidos? Naõ teriaõ os innovadores tido pretexto algum de rebelliaõ (*).

He verdade que huma refórma era muito difficultosa.

Quanto ao mais, naõ se póde negar, que quanto mais necessaria, tanto mais difficultosa era huma grande refórma. Entre tantos exemplos que o mostraõ, só referirei hum. Emprehendeo o Cardeal de Amboisa, como Legado de Alexandre VI., reformar os Religiosos. Alguns Bispos se passaõ para este fim aos Conventos dos Dominicanos em 1503. Tomaõ es-tes

(*) Se os principios de Erasmo fossem seguidos, he provavel que a revoluçaõ naõ teria tido lugar.

tes armas, e mil e duzentos, ou mil e trezentos Estudantes vem em seu soccorro; e os reformadores saõ expulsados. Encontraõ estes a mesma indocilidade entre os Franciscanos, porém sem aquelle apparato de guerra. Os obstaculos deviaõ ser muito mais terriveis da parte de Roma: e todavia a mesma politica exigia sacrificios, e esforços; mas naõ quizeraõ dobrar-se a cousa nenhuma.

Leaõ X., homem sabio, e de grandes conhecimentos, cujos Secretarios principaes Bembo, e Sadoleto, occupavaõ distincto lugar na literatura; e que em fim era hum dos politicos mais capazes do seu tempo; naõ devia por ventura conhecer que hum despotismo fundado na opiniaõ ameaçava ruina, huma vez que a opiniaõ estivesse incerta, e duvidosa por causa de agitações violentas? Naõ devia elle vêr que para manter a fé, era necessario moderar os abusos da authoridade? Como podia imaginar a Corte de Roma, que adquirindo os homens luzes, e instrucções, procederiaõ sempre como cégos?

Porém o Papa cegava-se extraordinariamente.

Bem se póde dizer que Roma dava armas contra si mesma. Approvou Leaõ o Poema de Ariosto por meio de huma Bulla, ameaçando com excommunhaõ, a quem quer que offendesse o Impressor; e Clemente VII. passou huma Bulla semelhan-

Dava-se materia para desprezar as Bullas, e as excommunhões.

lhante a favor das Obras licenciosas de Machiavello. Pretendiaõ os Papas, que huns sevéros enthusiasmados, que continuamente tinhaõ na bocca o *puro Evangelho*, respeitassem as suas Bullas, e censuras? Huma das imprudencias maiores, até ao nosso tempo, foi o obrar continuamente, assim como nos seculos, em que naõ se discorria, ou ao menos naõ se cessava de fallar contra a razaõ.

A razaõ só teria produzido pouca mudança.

Muito era necessario que a razaõ, sahindo de hum abysmo de trévas, abrisse os olhos a respeito de certas cousas intoleraveis. Porém, como ella seja moderada, circunspecta, inimiga dos excessos, e pouco capaz de mover a plebe, naõ podia deixar de fazer gemer hum número pequeno de sabios, ou quando muito abrir caminho para huma vagarosa revoluçaõ. Por ventura os Filosofos de Athenas, e de Roma gravváraõ já mais o culto nacional, com descobrir as extravagancias do polytheismo? Outras pois foraõ as causas, que produzíraõ semelhante mudança. A primeira idéa della procedeo da Theologia: nella encontrou a politica o seu interesse, e o fanatismo procurou a sua execuçaõ. Hora o fanatismo he hum volcaõ, cujas chammas naõ se apagaõ, senaõ depois de espantosas, e medonhas erupções.

Verdadeiras causas de revoluçaõ.

Des-

Deste principio procedeo o enthusiasmo invencivel dos Prégadores dos protestantes, e seus sequazes. Deste mesmo principio procedêraõ depois as guerras de Religiaõ, cem vezes peiores, do que quantas desordens excitavaõ tantas, e taõ grandes lamentações. O fanatismo armou em breve tempo os Cantões catholicos de Lucerna, Zug, Eschwitz, Uri, e Undervalden, contra os outros Suissos rebeldes á Igreja Romana. Morto Zuingle em hum combatte, foi dividido o seu cadaver em quatro partes, e queimado como para inflammar o odio atroz de ambos os partidos (*). E inspirando o fanatismo a paixaõ da independencia, ou igualdade quimerica a huma grande parte dos camponezes de Alemanha, trocou-os em outros tantos animaes ferozes. Muncer, seu chéfe o mais perigoso, acabou a vida em hum cadafalso, depois da cruel mortandade dos seus sequazes. Naõ desanimou este exemplo a nova Seita dos Anabaptistas, assim chamados, porque pretendiaõ segundo baptismo, considerando como nullo o baptis-

O fanatismo armou em breve tempo os Suissos, e os cāponezes de Alemanha.

Anabaptistas.

(*) Obrigado Zuingle, a seguir o exercito de Zuric, para exercitar as funcções do seu cargo, podia prever qual seria a sua sórte. Morreo defendendo a sua vida. Os reformados perdêraõ duas victorias em duas acções muito fortes. Estas agitações intestinas duráraõ felizmente pouco tempo.

tiſmo dos mininos. Entre os Anabaptiſtas naõ havia ſuperiores, nem dignidades; todos os bens deviaõ ſer communs. Hum dos ſeus chéfes, Joaõ Boccold (*), ainda moço, e alfaiate de Leyde, naõ deixou, fallando em nome de Deos, de ſe fazer coroar Rei em Munſter. Defendeo porfiadamente eſta Cidade contra o Biſpo, e às trópas do Imperio; e finalmente foi prezo, e atanazado. Quaſi todos aquelles furioſos enthuſiaſmados foraõ degollados, porque naõ tinhaõ, nem General, nem diſciplina. Em fim o fanatiſmo, já perſeguido, já perſeguidor, fará na Europa huma carniceria, e a encherá de carnagem, com o pretexto de zelo a favor deſta religiaõ de caridade, que manda amar a todos os homens, e fazer-lhes todo o bem.

CA-

(*) Caſou Boccold com quatorze mulheres. Tendo huma deſtas mulheres moſtrado alguma dúvida a reſpeito da ſua ſuppoſta miſſaõ divina, cortou-lhe Boccold a cabeça, depois de lhe ter eſtranhado ſemelhante blasfemia. As outras treze dançáraõ com grandes demonſtraçóes de alegria ao redor do cadaver. Bem ſe vê que o fanatiſmo guiava a hum tempo para a deſordem, e inhumanidade. *Nota do Author.*

CAPITULO IX.

Revoluções em o Nórte, especialmente na Suecia, e Dinamarca.

LANCEMOS os olhos para o Nórte, sepultado sempre na barbaridade, o qual todavia offerece neste lugar o espectaculo de huma revoluçaõ importante, cujas consequencias interessaráõ em breve tempo toda a Europa.

Margarida de Valdemar unio Suecia, Dinamarca, e Noruega.

Todas as Coroas destas regiões, segundo o antigo uso dos barbaros, eraõ electivas. Margarida de Valdemar, intitulada a Semiramis do Nórte, unio em 1397 as Coroas de Suecia, Dinamarca, e Noruega, e os tres Póvos n'huma dieta de Calmar concordáraõ em que o Rei fosse eleito successivamente em os tres Reinos; que cada Naçaõ conservaría as suas leis, usos, privilegios, e dignidades. Porém esta uniaõ entre Póvos competidores, e guerreiros só podia subsistir sob hum governo prudente, e sabio.

Por sua mórte quebrou-se a uniaõ.

Em vida de Margarida tudo esteve socegado. A sua prudencia, e valor fizéraõ com que todos se esquecessem de que obedeciaõ a huma mulher. Mas por sua mór-

mórte, despertáraõ as antipatias nacionaes. Os Reis, contra a ordem estabelecida, determináraõ a sua residencia em Dinamarca, e a Suecia, e Noruega foraõ tratadas, como Provincias. Soblevando-se àquella elegeo para seu Rei a Canutson, tio do famoso Gustavo-Vaza; e vendo-se de novo opprimida, pouco havia que sacodíra o jugo, entregando-se a hum administrador, quando Christiano II. subio ao Throno de Dinamarca em 1513. Era este hum tyranno capaz de sacrificar tudo ás suas paixões; mas pelo menos experimentou que ninguem póde ser o flagello dos Póvos, sem expôr-se a ser a victima da sua vingança.

Christiano II.

Troll, Primaz de Suecia, trama huma sediçaõ a favor do tyrãno.

Troll, Arcebispo de Upsal, Primaz de Suecia, muito poderoso por causa da sua dignidade, e muito perigoso por causa do seu caracter, convencido de ter trato com Christiano, foi deposto pelo Senado; e Troll recorrendo ao Papa Leaõ X., obteve huma Bulla contra a sua Patria, e com ella deo vigor á causa do tyranno. Mas nem por isso deixou este de ser vencido na primeira expediçaõ. Porém encobrindo os seus cruéis intentos com o véo da perfidia, e fingindo querer ajustar-se, prometteo ir para Stokolmo, com tanto que lhe trouxessem sete refens, entre os quaes sería hum delles o joven Gusta-

Perfidia de Christiano.

tavo-Vasa, sobrinho do Rei Canutson, cujo merecimento, e valor já se davaõ a conhecer. Conduzidos os refens para a sua fróta, levou-os prisioneiros, fazendo ludibrio da fé dos tratados, do mesmo modo que da vida dos homens.

O Senado de Suecia morto cruelmente.

Esta perfidia era o preludio das mais horrorosas barbaridades. Foi Suecia reduzida a sujeitar-se; e Christiano, coroado na Capital, disfarçou-se com a capa da bondade, a fim de manifestar impunemente toda a sua raiva. Mandou que se fizessem festas, e juntos os principaes do Senado, e da Nobreza para hum banquete, pede repentinamente o Primaz Troll satisfaçaõ, em nome do Papa, e logo lançaõ-se vários bedéis sobre os convidados, e prezos estes saõ condemnados, como hereges. Erico Vasa, Pai de Gustavo, noventa e quatro Senadores, &c. foraõ cruelmente mórtos, depois de lêr-se publicamente a Bulla do Papa Leaõ. Toda a Cidade de Stockolmo se vio logo innundada de sangue, e finalmente parece que a tyrannia se vio fortificada por meio da mortandade (1520). Que triunfo para hum Rei, e especialmente para hum Bispo!

Suecia libertada por Gustavo.

Todavia levantava-se hum vingador do crime. Gustavo, fugitivo da sua prizaõ, refugiado em as montanhas da Dale-

lecarlia, confundido com os camponezes, trabalhando nas minas, ſem ter outra couſa a que recorrer mais que ao ſeu valor, meditava huma revoluçaõ, que podia executar; e dando-ſe a conhecer, teve em breve tempo ſequazes, a quem deo armas, e triunfou de todos os obſtaculos. Já os Dinamarquezes tinhaõ perdido em 1521 huma parte da Suecia. Chriſtiano vingou-ſe de hum modo digno delle, mandando affogar a mãi, e a irmã daquelle heróe. Moſtrando-ſe pois taõ inſenſato como barbaro, o Nero do Norte, (eſte o titulo que com juſtiça lhe déraõ) naõ via que quanto mais odioſo ſe fazia, tanto maiores eraõ os precipicios, em que ſe mettia.

Vingança atroz do tyranno.

Opprimidos os ſeus proprios vaſſallos, julgáraõ ter direito para ſacodir hum jugo intoleravel. Foi Chriſtiano depoſto pelos ſeus meſmos vaſſallos em 1523. Muncio, Regedor da Juſtiça de Jutlanda, veio affoitamente intimar-lhe o auto, que o privava da Coroa. Applaudindo-ſe eſte Magiſtrado de huma acçaõ taõ valeroſa, dizia: *O meu nome deveria ſer eſcrito na porta de todos os Principes máos.* Naõ podendo Chriſtiano já mais vêr-ſe reſtabelecido por Carlos V. ſeu ſogro, e Frederico, Duque de Holſtein, ſeu tio, foi eleito Rei

Chriſtiano privado do Throno pelos Dinamarquezes por meio de huma ſentẽça do Senado.

Rei de Dinamarca; e Gustavo Vasa, Rei de Suecia.

Vio-se em breve tèmpo nestes Reinos huma mudança de Religiaõ, tanto mais notavel, pois que se executou quasi sem tumulto, nem oppressaõ, ou violencia. A Bulla de Leaõ X., que tinha servido de pretexto para tantos horrores, o trafico que o Nuncio Arcemboldi fizéra das Indulgencias, cujo producto importava, conforme se diz, em quasi dous milhões de florins a pezar da pobreza do Paiz, as grandes riquezas do Cléro, o imperio que elle exercitava com os Póvos, e as usurpações dos Bispos, que tambem se tinhaõ assenhoreado da maior parte das fortalezas do Reino: tudo era parte para que desejasse a refórma todo aquelle, que abrisse os olhos a respeito dos abusos. Gustavo, e Frederico favorecêraõ destramente o Lutheranismo, sem se mostrar ao principio claramente a seu favor. Começou entaõ o Cléro a mover-se: o que foi mais hum motivo para rematar-se a mudança. Finalmente os estados de Dinamarca, e a mesma Igreja de Suecia, abraçáraõ solemnemente a Doutrina de Luthero. O Povo mudou em breve tempo de crença á satisfaçaõ dos seus chéfes, pouco mais ou menos como no tempo, em que o Christianismo se tinha introduzido entre os bar-

Mudança de Religiaõ no Nórte, executada facilmente.

baros. Morreo Gustavo em 1560. O seu governo foi absoluto, mas nem por isso foi menos feliz a Suecia em obedecer-lhe.

Moscovia, e Polonia.

Escusado fora alargar-nos a respeito da Moscovia, e Polonia. A primeira, quasi desconhecida naquelle tempo, bem que o Cesar Joaõ Basilovitz I. tivesse conquistado os Reinos de Casan, e de Astracan, naõ sahirá da obscuridade, senaõ quando hum grande Principe, dotado de hum engenho creador, lhe der o nascimento da policia, e das artes no principio do decimo oitavo seculo. A segunda, taõ pouco illuminada, era o theatro da anarquia.

Os Jagellões.

Ladisláo, o primeiro dos Jagellões, eleito Rei em 1382, teve para successores infinitos Principes da sua geraçaõ. Porém naõ dispondo das tropas, nem dos erarios, nunca passáraõ de principaes de huma República, onde o defeito das leis, e da sobordinaçaõ fazia impossivel hum governo razoavel.

Governo Polonez cheio de vicios.

Como teria a Polonia tido alguma sombra de governo, ao mesmo tempo que o *voto* de cada Nobre podia exceder a todos os votos, da maneira que ainda hoje se vê; ao mesmo tempo que todo o Povo, escravo dos Nobres, só tinha o sentimento da sua baixeza, e trabalhos; e ao mesmo tempo que qualquer Cavalleiro, que matasse hum dos seus ser-

vos,

vos, naõ tinha mais pena, que pôr algum dinheiro ſobre a cova? Eſtes abuſos, arraigados pelos ſeculos, naõ pódem deixar de perpetuar as infelicidades de huma Naçaõ, até que alguns ſucceſſos extraordinarios lhe arruinem tudo, a fim de renovar tudo.

A Pruſſia em o tẽpo da Ordem Teutonica.

Tendo a Ordem Teutonica ſobjugado a Pruſſia, com o pretexto de deſtruirlhe o Paganiſmo, a opprimia com ſuas injuſtiças. A Pruſſia tinha-ſe ſoblevado no meado do ſeculo decimo quinto, para ſe entregar ao Rei de Polonia; e daqui procedêraõ ſanguinolentas guerras. Abraçando Alberto, Margrave de Brandeburgo, Graõ-Meſtre da Ordem, o Lutheraniſmo, e querendo augmentar-ſe á cuſta daquelles Religioſos Militares, dividio a Pruſſia com Sigiſmundo, Rei de Polonia, ſeu tio, com a condiçaõ de render homenagem áquella Coroa. (1525.) Iſto foi parte para que ſe diſtinguiſſe a Pruſſia Real, e a Pruſſia Ducal. Os deſcendentes de Alberto conſerváraõ a ultima, iſenta da vaſſallagem em 1657, e erigida em Reino no principio do noſſo ſeculo. Que origem de hum Eſtado, que hora vemos taõ poderoſo, governado por hum taõ grande Rei! Bem ſe póde dizer que Luthero lhe lançou os primeiros fundamentos.

Alberto de Brandeburgo divide a Pruſſia com o Rei de Polonia.

DECIMA ÉPOCA.

CARLOS QUINTO, IMPERADOR.

PODER DA CASA DE AUSTRIA. --- CONCILIO DE TRENTO.

Des do anno de 1519, até quasi o anno de 1560.

CAPITULO I.

Eleiçaõ de Carlos V. --- Suas guerras até á batalha de Pavia.

Idéa desta época

GRANDES systemas de politica, e ambiçaõ; guerras continuadas; de que procederáõ outras guerras; principios absolutos, cujos caprichos constituem o destino dos Póvos; hum poder excessivo, prompto para sobjugar a Europa, e a America; huma Religiaõ nova, arruinando a Igreja, e destruindo com esforço o jugo do Summo Pontificado; a sede das riquezas, irritada pelo ouro do novo mundo; e a cultura do entendimento, produzindo ao principio muito mais veneno, do que ver-

verdadeiros bens : eis-aqui o que constitue especialmente esta Época taõ interessante. A grandeza da Casa de Austria no tempo de Carlos V., he a origem dos principaes successos, que nos offerece a historia dos ultimos seculos.

Este Principe, que no anno de 1500 nascèra em Gand, do Archi-Duque Filippe, filho do Imperador Maximiliano, e de Joanna de Hespanha, filha de Fernando, o Catholico, era dotado de todas as qualidades proprias para fazer a primeira figura. Tinha valor, actividade, applicaçaõ, prudencia, vasto engenho, cultivado por meio do estudo, e trabalho : a que por desgraça unia huma ambiçaõ illimitavel, e aquella artificiosa politica reduzida a systema por Fernando seu Avô. Qualidades de Carlos V.

Subindo ao Throno de Hespanha em 1516, logo experimentou os tumultos quasi inseparaveis dos novos governos. Hum Flamengo, Arcebispo de Toledo, e vários Ministros Flamengos, depositarios da authoridade, chegáraõ a ser objecto de odio para os Hespanhoes. Formáraõ-se sociedades pelas Provincias. O Cardeal Adriaõ, Mestre do Rei, nomeado para a Regencia de Castella, homem virtuoso, mas de engenho muito inferior ao seu emprego, em vez de applacar, e extinguir a fermentaçaõ, augmentou-a. A santa *liga* (es- Carlos V., Rei de Hespanha em 1516. Rebeliaõ sabia, e prudentemente applacada.

(eſte o nome que tomárão os Caſtelhanos rebeldes), mandou ao Rei, em 1522, vários requerimentos, e petições quaſi tão fórtes, e tão attrevidas, como as que fizerão os Communs de Inglaterra no governo dos Stuarts. O eſpirito da liberdade ateou huma violenta guerra civil. Sendo Padilha, General da liga, vencido, prezo, e executado, Maria Pacheco, ſua viuva, defendeo Toledo como huma heroina, até que o Cléro, furioſo por ella ter expoliado as Igrejas para defender a guerra, ſoblevou o Povo contra ella, deſcrevendo-a como feiticeira. Eſtes tumultos durárão até o anno de 1522, quando a preſença de Carlos os diſſipou. *He muito ſangue derramado*, diſſe Carlos, depois de ter dado alguns exemplos. Hum perdão concedido aos rebeldes foi mais efficaz do que os rigores; e o Rei firmou a ſua authoridade por meio da clemencia. Deſcobrindo-lhe hum certo Cortezão da ſua Corte o retiro de hum dos principaes ſediciofos, reſpondeo Carlos com humanidade: *Deverieis antes aviſar-lhe que eu eſtou aqui, do que dizer-me, onde elle eſtá.*

1519. Carlos he eleito Imperador, a pezar de Franciſco I.

Já Heſpanha, as duas Sicilias, os Paizes Baixos, e a Borgonha, ſe achavão debaixo do dominio de Carlos; quando a mórte de Maximiliano, que ultimamente

te o elegêra Rei dos Romanos, lhe descobrio o caminho do Imperio. Francisco I., que era mais velho do que Carlos seis annos, e mais celebre por causa das suas proezas, pretendia tambem a Coroa Imperial; e o poder de ambos inspirava huma justa inquietaçaõ aos Allemães, zelosos da sua liberdade. Porém os votos compravaõ-se. O Embaixador de Hespanha tinha dous mil marcos de ouro para repartir: e demais disso, o Sultaõ dos Turcos, Selim I., conquistador da Syria, Mesopotamia, e Egypto, ameaçava a Europa, e só lhe podería ir á maõ hum Imperador poderoso. Todavia o Eleitor de Saxonia foi eleito. Era este, Frederico, o Sabio, famoso protector de Luthero. Rejeitou este, e determinou os votos a favor de Carlos V.; pois que Francisco I., como estrangeiro, e como mais visinho de Alemanha, parecia-lhe menos digno, e mais para temer.

Capitulaçaõ assignada por Carlos V.

Cuidou-se em fazer assignar a Carlos huma capitulaçaõ, a fim de manter a liberdade, e os direitos do corpo germanico. Declarava a capitulaçaõ expressamente que o Imperio naõ sería hereditario, do qual a Casa de Austria naõ deixou de gozar sempre. Com hum Chefe muito tremendo, chegaría o Imperio, sem dúvida, a ser huma simples Monarquia,

quan-

quando o resto da Europa tivesse tido menos interesse em se lhe oppôr.

Carlos V. naõ mãda para Roma a embaixada de obediencia.

Era costume des de Otton IV., que os novos Imperadores mandassem huma Embaixada á Roma, para annunciar a sua eleiçaõ, e dar *obediencia* ao Papa. Dispensou-se Carlos V. desta Embaixada, e o seu exemplo prevaleceo a respeito das pretenções Romanas; porque muitas vezes assás he hum exemplo para abolir antigos usos, estabelecidos por outro exemplo contrario. Este altivo Soberano, Senhor de tantos Estados, e o primeiro que introduzio o titulo de *Magestade*, pegou, naõ obstante, no freio, e no estribo ao Papa, quando Adriaõ VI. o coroou em Bolonha em 1530; e no mesmo dia foi nomeado Conego das duas principaes Igrejas de Roma. Quasi tudo he contradiçaõ no mundo.

Com tudo o mesmo Carlos pegou depois no freio, e no estribo ao Papa.

Cõpetēcia de Carlos, e de Frācisco.

Posto que os Reis de França, e Hespanha tivessem pretendido o Imperio, com todas as apparencias de huma mutua amizade, a preferencia concedida a hum devia infallivelmente enojar o outro, mórmente quando a sua competencia naõ se limitava a este objecto. Bem podia o Rei de Inglaterra, Henrique VIII. ter entre elles o equilibrio: assim parecia exigir a politica; mas as suas paixões, e as do seu Ministro o apartáraõ de hum sys-

ſyſtema taõ glorioſo. Erros continuados cometterá eſte Principe, pois que ſó obrará por capricho.

Era naquelle tempo Henrique VIII. governado por Wolſey, filho de hum carniceiro, e depois de chegar a ſer Arcebiſpo de York, Biſpo de várias Sés, Cardeal, Legado, Chanceller, e Miniſtro abſoluto, liſongeava os goſtos do Monarca, e intereſſava-ſe em os ſeus paſſatempos, a fim de o dominar ao meſmo tempo, que lhe procurava os ſeus divertimentos: era quaſi taõ rico como a Coroa, e naõ obſtante taõ inſaciavel como pródigo; finalmente era hum daquelles homens, cujos talentos ſuperiores movem os Eſtados á ſatisfaçaõ da ſua propria ambiçaõ. O intereſſe de Wolſei era a alma da Inglaterra.

Wolſey, Miniſtro de Inglaterra.

Grangeado que tiveſſe o Rei de França a amizade de Wolſey á força de liſonjas, obteve a reſtituiçaõ de Tornay, como dote da Princeza Maria, promettida ao Delfim. Eſte, e a Princeza eraõ mininos, e huns matrimonios taõ incertos muitas vezes eraõ a baſe dos Tratados. Meditando Franciſco a guerra contra o Imperador, e pretendendo ter Henrique VIII. por ſeu alliado, propôz-lhe huma conferencia em Calais. Carlos V., que era muito mais ſagaz, foi viſitar Henri-

O Rei de França, e o Imperador grãgeaõ ſucceſſivamente a amizade de Wolſei.

rique a Duvres, cortejou muito a Wolſey, prometteo-lhe a Thiara, e moveo-o a ſeguir o ſeu partido. A célebre conferencia de Calais, chamada *o campo de panno de ouro*, ramatou n'huma oſtentaçaõ prejudicial de magnificencia, em que dando ſe feſtas, nada ſe concluio. Recebeo depois o Imperador em Gravelines huma viſita de Henrique, na qual acabou a ſua obra concedendo ao Cardeal Wolſei os reditos de dous Biſpados de Heſpanha.

Variações politicas de Leaõ X. Entre ambos eſtes competidores, procedia Leaõ X., da ſua parte, artificioſamente, de maneira que o intereſſe do Pontificado prevalecia ao bem público. O ſeu objecto principal era reſtaurar Parma, e Placencia, apoderar-ſe de Ferrara, e expulſar de Italia os Eſtrangeiros, depois de os ter empregado no ſeu augmento. Tinha-ſe oppoſto á eleiçaõ de Carlos V., ſob pretexto de huma Lei de Clemente IV., que excluia do Imperio os Reis de Napoles. Prometteo depois diſſo ao Imperador a inveſtidura daquelle Reino, e dahi a pouco tempo intereſſou-ſe por Franciſco I.; e naõ ſe paſſou muito tempo que o naõ deſamparaſſe para ſe intereſſar por Carlos V. N'huma palavra, o partido mais vantajoſo para Leaõ era deſde logo o mais juſto; e a arte de ſemear diſcordias, aſſim como a de ajuntar dinheiro, a unica

ca cousa, em que consistia a politica de Roma.

Atea-se logo o fogo da guerra. Henrique de Albreto, aproveitando-se dos tumultos da Hespanha, e da distancia do Austriaco, restaura com as trópas de França a Navarra, tomada á sua Casa. Tinha Carlos, em virtude do tratado de Noyon em 1516, promettido restituiila; porém naõ cumpria a promessa. Os Francezes entráraõ imprudentemente pela Castilha, e os Hespanhoes nesta occasiaõ unem-se contra elles, e os expulsaõ da Navarra, quasi na mesma occasiaõ da conquista. Tendo-se o Duque de Bulhaõ, Roberto da Mark, attrevido a declarar guerra ao Imperador, este a declara ao Rei de França, persuadido com razaõ de ser elle o motor de semelhante empreza. Perde Francisco o Milanez, e Genova, por culpa de Lautrec, Governador destas terras, abominado pelos Italianos, e Suissos, e vencido, e derrotado em Bicoca (*). Porém esta infelicidade podia-se especialmente attribuir ao mesmo Rei, e á Duqueza de Angouleme, sua

1521. Navarra tomada, e reconquistada.

A França perde o Milanez, e Genova.

(*) Os Suissos renováraõ a sua allianca com a França em 1521. O furor das guerreiras expedições custava-lhes rios de sangue. A pezar das prohibições dos Soberanos, cada partido achava meios para levantar trópas.

ſua Mãi, cujos deſperdicios naõ deixavaõ dinheiro algum para as trópas.

As delicias, e diſſipações da Corte cauſas das infelicidades.

Ter amado as delicias tanto como a guerra, ſem conhecer já mais a economia, taõ neceſſaria na meſma paz, he a cauſa principal das infelicidades de Franciſco I. Samblançai, ſuperintendente dos erarios, perdeo a vida enforcado, como ſe fora obrigado a fazer milagres.

Adriaõ VI. ſuccedo a Leaõ X.

Por eſte tempo morreo Leaõ X., de quarenta e quatro annos de idade. Carlos V., que pretendia hum Papa á ſua diſpoſiçaõ, empenhou-ſe para que foſſe eleito o ſeu Meſtre, Adriaõ VI. Era para temer a paixaõ de Wolſey; porém ſendo Adriaõ velho, conſolou o Imperador o Miniſtro Inglez com a eſperança de ſer o ſeu ſucceſſor. Finalmente, n'huma viagem, que Carlos fez á Inglaterra, obrigou a Henrique VIII. a armar-ſe, e ſendo vigilante, incanſavel, ſeu proprio negociador, e negociador capaz, que ventagem naõ tinha a reſpeito de hum inimigo, que todo ſe dava a delicias, e paſſatempos? Parecia Franciſco naõ poder ſahir dos ſeus lethargos, ſem o eſtrondo das armas.

Carlos grãgea novamente a amizade de Wolſey.

Procedimento do novo Papa.

O novo Papa moſtrou o ſeu agradecimento, ou por meio da extinçaõ do tributo de oito mil onças de ouro, que o Reino de Napoles pagava; ou concedendo á Coroa de Heſpanha o direito de apreſen-

ſentaçaõ aos Biſpados, e a adminiſtraçaõ perpetua de Graõ Meſtre das Ordens Militares. Era elle devedor da ſua fortuna ás letras, aſſim como Leaõ X. a ellas devia a ſua gloria. A eſte eſtranhaõ terſe eſquecido dellas, aſſim que ſubio ao Throno dos Pontifices; mas quanto ao eſſencial que couſa era a ſua literatura? A filoſofia, a theologia das eſcólas; quando muito huma erudiçaõ de pedante. Se naõ tinha goſto, nem genio, e ſe era auſtero, cruel, e muito economico, póde por ventura cauſar admiraçaõ que os ſujeitos litteratos naõ tenhaõ encontrado nelle hum Medicis?

Grande liga contra a França.

Já Franciſco Sforça ſe tinha reſtabelecido a Milaõ, porque os Suiſſos, por falta de pagamento, naõ tinhaõ ſervido. Huma liga terrivel ſe formou para opprimir Franciſco I. O Papa, o Imperador, o Rei de Inglaterra, o Archi-Duque Fernando, a quem Carlos V., ſeu irmaõ, tinha cedido os Eſtados da Caſa de Auſtria em Allemanha, os Milanezes, os Venezianos, os Florentinos, e os Genovezes, ſe uníraõ contra huma unica Potencia; e goſto dá vêr o valor deſte Principe deſprezar a tormenta. Porém muito mais tería valido a prudencia, do que o valor. Hum novo erro acabou de pôr o Eſtado em maior perigo.

Nin-

1523. O Cõdestavel de Borbon perseguido.

Ninguem era mais digno de attençaõ, do que o Condestavel de Borbon, taõ distincto pelos seus meritos, como pelo seu nascimento. Obra era sua em grande parte a victoria de Marinhan. A Duqueza de Angouleme o aborrecia, depois que elle a rejeitára por esposa. Buscou todas as occasiões de o perder, e o Chanceller do Prat servio muito para dar satisfaçaõ ao odio desta Princeza. Litigáraõ com o Condestavel sobre os bens de sua Casa, e elle perdeo o processo. Desesperado com isso tratou logo com o Imperador: do que tendo o Rei aviso, e podendo segurar-se da sua pessoa, deixou-se enganar, e Borbon fugio. Sabido he o dito de hum Cavalleiro Hespanhol, cujo Palacio lhe foi destinado: *Se o Condestavel se alojar em minha casa, assim que se for, largar-lhe-hei fogo, como a hum lugar inficionado da perfidia.* Porém estes nobres sentimentos, que imprimiriaõ no crime saudavel vergonha, hum raras vezes servem de regra ás Cortes. Honra-se a perfidia, quando nella se acha utilidade.

Borbon abraça o partido de Carlos V.

Bonnivete vẽcido em Italia.

Aos grandes Generaes de Carlos V., Borbon, Pescario, e Joaõ de Medicis, oppoz sómente o Rei de França em Italia hum valido, que era o Almirante Bonnivete, com forças muito inferiores ás dos inimigos; e foi tal o successo, qual se devia

via eſperar: exito nenhum ſólido, e perdas conſideraveis. A batalha de Biagraſſa, ou de Rebec he menos célebre pela derrota dos Francezes, do que pela mórte de Bayardo, o exemplar dos Cavalleiros. Eſtando para morrer, reſpondeo ás demonſtrações de compaixaõ, que lhe dava o Duque de Borbon: *Mais digno de compaixaõ ſois vós, que combateis contra o voſſo Rei, Patria, e juramentos.*

Mórte do célebre Cavalleiro Bayardo.

Os Francezes defendêraõ-ſe pelo menos glorioſamente em o ſeu Reino, poſto que acomettidos de todas as partes. O meſmo Borbon, a quem o Imperador, e Henrique VIII. pretendiaõ eſtabelecer Rei de Provença, foi mal ſuccedido no cerco de Marſelha. Eſte cerco tinha Carlos V. ordenado, a fim de ter hum porto em França, e tendo Peſcario o mando, devia dirigir-ſe pelos pareceres de Borbon. Deſcontentes hum do outro, póde ſer que a ſua competencia foſſe hum obſtaculo para o bom ſucceſſo da empreza.

Sitio de Marſelha levantado.

Parece que a confiança de Franciſco I. ſe augmenta com os perigos, e os ſeus erros com a ſua confiança. Voa elle para Italia, entra novamente em o Milanez, e reſtaura ſem trabalho a Capital. Porém ſó o imprudente Bonnivete he ouvido. Teimaõ no cerco de Pavia, e mandaõ hum deſtacamento conſideravel acometter o

Novos erros de Frãciſco I.

Rei-

Reino de Napoles. Os inimigos adiantaõ-ſe; envergonhaõ-ſe de retroceder, dá-ſe huma batalha, em que naõ foi poſſivel vencer. Franciſco he acomettido, ferido, prezo, e as ſuas trópas derrotadas. Borbon, que pouco havia que levantára á ſua propria cuſta doze mil Allemães, (porque o Imperador naõ tinha com que pagar, pois naõ era aſſás abſoluto para exigir novos impoſtos) Borbon, digo, gozou das ſatisfações amargas da vingança. Bonnivete, author deſte deſaſtre, tinha procurado a ſua mórte no combatte, e Franciſco I. eſcreveo á Duqueza de Angouleme, ſua Mãi, dizendo: *Tudo ſe perdeo, excepto a honra.* Acaſo a honra de hum Rei ſe limita ſó a combatter?

Eſte era o fructo de huma temeridade inexcuſavel.

Muito mais indeſculpavel parecerá a ſua temeridade por cauſa das circunſtancias. Todos os recurſos pecuniarios eſtavaõ exhauridos, e tinha ſido neceſſario vender até huma grade de prata maſſiça, com a qual Luís XI. tinha enriquecido a ſepultura de S. Martinho. Muito ſe fazia em defender o Reino: que a guerra feita fôra delle naõ deixava de expôllo muito mais, e podiaõ ſeguir-ſe horroroſas conſequencias de huma batalha perdida. Por outra parte, faltando o dinheiro aos meſmos inimigos, naõ podiaõ eſtes deixar de enfraquecer, e deſgoſtar-ſe, e era natural diſ-

diſſolver-ſe a ſua liga; aſſim como inſopportavel para muitos o grande poder do Imperador. Sem dúvida que Wolſey, duas vezes enganado pelas ſuas promeſſas, pois que Clemente VII., da Caſa de Medicis, era o ſucceſſor de Adriaõ, deſejava particularmente huma mudança. Cumpria pois em vez de correr traz de hum fantaſma de gloria, e conquiſtas, defender-ſe, e entrar em tratado. O Rei tinha-ſe como precipitado na infelicidade, e ſenaõ fora o valor, capacidade, e boas diſpoſições de ſua Mãi, que chegára a ſer Regente, era natural que o Eſtado naõ podeſſe reſiſtir. A tudo proveo a Duqueza, e entrou em negociaçaõ a fim de dividir os inimigos.

Liga cõtra o Imperador.

Brevemente ſe déraõ a conhecer os ſentimentos dos confederados para com Carlos V. Clemente VII., os Venezianos, e o Duque de Milaõ fizeraõ liga, para tirar-lhe Napoles, cujo Reino deſtinavaõ para o Marquez de Peſcario. O qual entrou na conſpiraçaõ, depois que certos caſuiſtas decidíraõ que hum vaſſallo podia tomar armas contra o ſeu Principe para obedecer ao direito Senhor, de quem dependia o Reino. Porém, ou foſſe por inconſtancia, ou por motivo de remorſos, ou de falta de eſperanças de conſeguir feliz exito, tudo revelou ao

Imperador. Foi Sforça declarado rebelde, e como tal despojado do Milanez.

A alliança de Inglaterra quebrou-se.

Durante estas intrigas, quebrou-se a alliança de Inglaterra; porque assoberbado Carlos com seus successos felizes, offendeo o amor proprio de Henrique VIII., em naõ escrever-lhe mais de seu proprio punho, e em deixar de assignar-se *vosso affeiçoado filho, e primo.* Naõ era somenos o desejo, que Wolsey tinha da sua vingança pessoal. O que a politica tería devido fazer ao principio, assás foraõ alguns intentos de pouca consideraçaõ para determinar a isso a Corte de Londres, que se preparava para ter maõ na balança, que os caprichos de Corte deixavaõ ao acaso.

CAPITULO II.

Tratado de Madrid sem execuçaõ. --- Tratado de Cambrai. --- Divorcio de Henrique VIII., e scisma de Inglaterra.

Condições prescriptas por Carlos V. a Francisco I.

NAÕ acometteo Carlos V. a França depois da victoria de Pavia. Affectava huma moderaçaõ hypocrita, e queria todavia prescrever ao Rei prisioneiro várias con-

condições intoleraveis: pois pedia para si mesmo a Borgonha; para o Duque de Borbon, a Provença, e o Delfinado com titulo de Reino; para Henrique VIII., as Provincias antigamente conquistadas aos Inglezes; e finalmente huma renunciaçaõ absoluta dos direitos a respeito da Italia. A tudo isto respondeo Francisco, que estimaria mais morrer na prizaõ, do que desmenbrar o seu Reino; além de que, quando elle fosse taõ cobarde, que em tal cousa consentisse, os seus vassallos nunca consentiriaõ nisso. Aborrecido porém de taõ rigorosa prizaõ, onde a paixaõ lhe tinha causado huma enfermidade mortal, cedeo a sua altivez, e consciencia ás conjuncturas. Persuadio-se de que promessas obrigadas nada valiaõ, que ao menos podería eludir a sua execuçaõ, e obrigou-se pelo tratado de Madrid de 1526 a espoliar-se da Borgonha, e pôr-se novamente nas mãos do Imperador, se a Borgonha naõ lhe fosse entregue dentro em seis semanas. Dous filhos do Rei, o primogenito e o segundo, servíraõ de refens.

1526. Tratado de Madrid.

Apenas se vio livre, logo o víraõ liar-se com o Papa, com o Rei de Inglaterra, e com os Venezianos pela liberdade da Italia, e a fim de metter o mesmo Francisco Sforça, a quem tinha

Semelhãte tratado naõ se executa.

pretendido expulſar do Milanez, na poſſe delle. Deſobriga-o o Papa dos ſeus juramentos, e nenhum artigo do tratado de Madrid ſe executa. Os Eſtados de Borgonha, de concerto com a Corte, declaraõ que naõ podendo o Rei alienar o ſeu dominio, nunca a ſua Provincia paſſará a dominio eſtrangeiro. Recuſa Franciſco I. voltar para Heſpanha, queixando-ſe das injuſtiças do ſeu inimigo: e offerecendo o reſgate de ſeus filhos, arde em deſejos de vingar as ſuas injúrias, e reparar as ſuas infelicidades. Naõ pode o Imperador deixar de eſtranhar a ſi proprio o ter faltado a hum tempo á generoſidade, e politica.

1527. Roma ſitiada por Borbon.

O Duque de Borbon, ſeu General, a quem Carlos V. tinha promettido a inveſtidura do Milanez, naõ tendo dinheiro para completar a ſua conquiſta, e vendo amotinados os ſeus ſoldados, que de tudo neceſſitavaõ, guia-os a Roma, para onde o attrahiaõ os theſouros do Papa. Irreſoluto Clemente VII., e intimidado, tinha negociado, e naõ eſperavá que lhe pozeſſem cerco. Excommungou pois o General juntamente com as ſuas trópas, tratando os Heſpanhoes de Mouros, e os Allemães de Lutheranos. A pezar dá excommunhaõ, deo Borbon o aſſalto, em que ficou morto; mas os Impe-

periaes tomáraõ a Cidade, e nella commettêraõ horrorosos excessos: e naõ satisfeitos de saquear, trucidar, e violar, mofáraõ do Principe da Igreja, e seus Cardeaes, por meio de huma especie de mascarada impia, e acclamáraõ Papa a Martinho Luthero. Outra comedia representou o Imperador em Hespanha. Sabendo este que Clemente VII. estava prisioneiro, em vez de expedir ordens para livrallo, ordenou que se fizessem Procissões pela sua liberdade, e requereo depois hum resgate. De que serve fingir, quando com isto só se lucra a reputaçaõ de velhaco?

Hipocrisia do Imperador.

Como Carlos V. se mostrava inflexivel a respeito do tratado de Madrid, El-Rei de França, e Henrique VIII. declaráraõ guerra contra elle. Os desmentidos, e carteis de desafios, passados, e entregues entre este Principe, e Francisco I., eraõ ralhos indecentes. Naõ teve effeito o duelo; mas este exemplo naõ servio para excitar o falso brio, pelo qual se multiplicáraõ os duelos muito mais, do que nos seculos da barbaridade. Com tudo estava a Italia exposta ás hostilidades. Nella leváraõ os Francezes ao principio a vantagem, e Pavia foi cruelmente saqueada em memoria da batalha que nesta Cidade se tinha perdido.

Carteis de desafios, e desmẽtidos entre dous grãdes Monarcas.

An-

Separaçaõ funesta de André Doria.

André Doria, illustre Genovez, servia utilmente a França com as galéras de Genova. Estava Napoles assediada, quando Doria, descontente da Corte, abraçou repentinamente o partido do Imperador. Muda entaõ a fortuna: renovaõ-se os erros antigos: as doenças daõ cabo do exercito, e levanta-se o cerco. Esta expediçaõ, igual a outras muitas, só servio para perder o sangue humano. Restituio Doria a liberdade á sua Patria, onde podendo reinar depois de ter lançado fóra os Francezes, contentou-se com a authoride que o seu merecimento lhe dava. Quasi que nenhuma mudança se fez ao antigo governo, que tinha grande necessidade de refórma.

1529. Tratado de Cambrai.

Finalmente o tratado de Cambrai suspendeo o curso de tantas calamidades. Duas mulheres o concluíraõ a favor de ambos os Monarcas, a Duqueza de Angouleme, e Margarida de Austria, governadora dos Paizes Baixos. Francisco I. abandonou os seus alliados, sacrificou os seus direitos a respeito de Milaõ, e o seu senhorio a respeito de Artois, e Flandres, e obrigou-se a pagar dous milhões de escudos de ouro, pelo resgate de seus filhos. Além destas vantagens, reservou Carlos V. sempre para si o direito de prosseguir por méios judiciaes nas suas pretenções

ções a respeito da Borgonha, e Sforça ficou com o Milanez. Esta a condiçaõ de hum tratado já concluido entre o Papa, e o Imperador, por meio do qual os Medicis deviaõ recuperar a sua authoridade em Florença. Os Florentinos tinhaõ restabelecido a República, e hum exercito imperial os obrigou em 1530 a reconhecer por Soberano a Alexandre de Medicis.

Henrique VIII. prepara-se para o divorcio.

No estado, em que a França se achava, naõ podiaõ os dous milhões de escudos de ouro ser pagos sem o soccorro de Inglaterra. Deo Henrique VIII. dinheiro, e resoluto a repudiar sua mulher, Catharina de Aragaõ, tia do Imperador, bem antevia os tumultos, a que este divorcio o exporia; motivo porque se unia intimamente com huma potencia, da qual necessitaría em breve tempo. Era Catharina viuva de Arthur, irmaõ de Henrique, o qual morrêra seis mezes depois de casado, sem o ter consummado, se dermos credito á voz pública; e pretendendo Henrique VII. conservar ao Reino as utilidades de huma alliança semelhante, tinha obtido a dispensa de Julio II. para casar a Princeza com Henrique ainda moço. Vinte annos havia que sobsistia a sua uniaõ, a qual taõ respeitavel faziaõ os muitos filhos, que tiveraõ, e de que só lhes restava

va Maria destinada para o Throno, quanto a Rainha se distinguia pela sua virtude, e docilidade. Mas Henrique amava outra mulher, e naõ podia moderar as suas paixões.

Sua paixaõ por Anna Bolena.

Anna Bolena, filha de hum Fidalgo, mulher formosa, amavel, e dotada de muita capacidade, tinha captivado aquelle coraçaõ violento. Com sua resistencia accendeo mais os desejos do Principe, e o amor persuadio ao Rei que o seu matrimonio era nullo; S. Thomaz de Aquino, seu oraculo (porque Henrique se prezava de saber Theologia), deo as suas próvas, e o Principe des d'entaõ valeo-se de todos os meios para desfazer o sagrado vinculo, que o impedia de satisfazer a sua inclinaçaõ. O Papa Clemente VII., que estava em guerra com o Imperador, mostrou-se algum tempo muito favoravel aos intentos de Henrique, e devia sentencear esta causa Wolsey, como Legado. Estava já prompta a Bulla do divorcio; mas mudando Clemente de situaçaõ, mudou de systema. O crédito de Carlos V. o convenceo; de maneira que o Papa, depois de affectadas demoras, evocou a causa para Roma.

Henrique enganado por Clemēte VII.

Desgraça de Wolsey.

Indignado, impaciente, mas naõ se atrevendo ainda Henrique a vencer os obstaculos, vinga-se em Wolsey, de quem suf-

ſuſpeita ter-lhe ſido contrario. Deſpede eſte Miniſtro taõ poderoſo, e pede depois o parecer dos Theologos contra o matrimonio, que pretende annullar. As Univerſidades de Inglaterra, França, e Italia reſolvem que nenhuma diſpenſa póde authoriſar o matrimonio de hum irmaõ com a viuva de ſeu irmaõ, pois que a Lei divina o prohibe em o Levitico; mas que o Deuteronomio o ordena, quando o primeiro eſpoſo morra ſem filhos. O uſo frequente dos Doutores foi ſempre, fundar as ſuas deciſões n'huma authoridade, ſem cuidar em procurar authoridades contrarias. Creo Henrique o que queria crêr. A ſua conſciencia, ou para melhor dizer a ſua paixaõ, lhe deo motivo urgente para o divorcio. Naõ quiz comparecer em Roma, para onde o citava Clemente VII.; repudiou Catharina, e caſou com Anna Bolena, de quem teve em breve tempo a célebre Iſabel.

OsTheologos approvaõ o divorcio cõ huma peſſima razaõ.

Catharina de Aragaõ repudiada.

Já o Cléro tinha ſido obrigado a reconhecer Henrique por *protector, e cabeça da Igreja de Inglaterra*, e o Parlamento, do qual Henrique foi ſempre ſenhor abſoluto, tinha já diminuido huma grande parte de tudo quanto ſe pagava ao Papa. A unica idéa todavia de romper com a Igreja Romana atemoriſava o Rei, taõ apaixonado pelos ſeus principios de Theo-

Inovações religioſas.

Com tudo Hẽrique receava quebrar com Roma.

Theologia, como pelo objecto do seu amor. Tinha elle escrito contra Luthero, a quem aborrecia especialmente, como desprezador de S. Thomaz, que o mesmo Luthero refutára com injúrias, até chegar a dizer, que *era mais louco do que a propria loucura*, *&c.* Taõ offendido estava Henrique desta insolencia, quanto lisonjeava ao seu amor proprio, o titulo de *defensor da Fé*, que de Leaõ X. tinha recebido. Aborrecia o nome de herege; desejava com ambiçaõ a glória de catholico zeloso, e finalmeate consentio em ser sentenceado pelo Consistorio, com tanto que os Imperiaes naõ fossem do número dos Juizes. Se Roma, procedêra com prudencia, tería triunfado deste Principe altivo; mas a politica Romana descançava sempre nas preoccupações antigas.

1534. Scisma causado pela precipitaçaõ do Papa.

A desmesurada precipitaçaõ causou hum mal irreparavel. Naõ chegando no dia aprazado o Correio, que devia trazer a resposta positiva de Henrique, confirmou o Papa a validade do primeiro matrimonio, e o excommungou se persistisse no seu divorcio: e passados dous dias apresenta o Correio a carta. Naõ se retractaõ em Roma, e por conseguinte já naõ ha mais remedio. Com effeito, o scisma he logo consummado. O Rei appella para o Concilio geral, segundo o uso: declara o Cléro

que

que o Bispo de Roma naõ tem authoridade alguma no Reino, e o parlamento dá ao Soberano o titulo de cabeça suprema da Igreja, e como tal abolio Henrique VIII. os Mosteiros, apoderou-se das suas rendas, decidio a respeito do dogma, e tanto perseguio os Catholicos fiéis ao Papa, como os Hereges inficionados com o Lutheranismo. Tudo dependia das suas opiniões, e fantesias.

Progressos dos Turcos governãdo Solimaõ II.

Ultrajado Carlos V., na pessoa de sua tia, achava-se por outra parte cercado de embaraços, e cuidados. Os Turcos, e os Lutheranos igualmente o inquietavaõ. Por huma parte, Solimaõ II., filho de Selim I., muito mais tremendo, do que seu Pai, tinha tomado Belgrado em 1521, e depois tomou Rhodes, donde os Cavalleiros de S. Joaõ de Jerusalem passáraõ para Malta, que lhes foi dada pelo Imperador. O mesmo Conquistador se tinha feito senhor de huma grande parte da Hungria em 1526. Luís, Rei de Hungria, e de Bohemia, fallecido na batalha de Mohacz contra os Turcos, e o Archi-Duque Fernando, herdeiro de ambos estes Reinos, por parte de sua mulher, tinha tido hum competidor, o qual, tendo-se posto debaixo da protecçaõ dos Ottomanos, lhe havia dado occasiaõ para dilatar as suas conquistas. Esta Potencia se fazia cada vez

Tomada de Rhodes.

Hungria, e Bohemia disputadas ao Archi-Duque Fernando.

mais

mais tremenda, ou por meio das ſuas proprias forças, ou por meio das deſavenças dos Chriſtãos. Solimaõ ſitiou Vienna em 1529; porém o inverno o obrigou a retirar-ſe, depois de ter perdido quaſi ſeſſenta mil homens.

Progreſſos das Seitas inimigas da Igreja Romana.

Por outra parte, o progreſſo das ſeitas, inimigas da Igreja Romana, ſuſpendia o Imperador, poſto que a Religiaõ naõ pareceſſe influir muito no ſeu procedimento, cujos primeiros principios foraõ ſempre a ambiçaõ, e o intereſſe. Moſtrava-ſe todavia Carlos defenſor da Catholicidade, e conjectura-ſe que eſperava conſtituir-ſe por eſte meio ſenhor abſoluto da Alemanha. Vejamos o que ſe tinha paſſado de maior importancia a reſpeito da refórma; pois importa ſeguir os ſeus progreſſos, viſto que ella produzia huma das maiores revoluções na Europa. Se a Doutrina da Igreja chegou a ſer infelizmente o ludibrio da politica dos Principes, aſſim como das paixões, ou preoccupações de tantos particulares, naõ percamos de viſta o primeiro principio deſta infelicidade; choremos os abuſos, que tinhaõ offuſcado a meſma verdade; aprendamos quanto he eſſencial manter a Religiaõ por meio dos coſtumes, e da prudencia, e ſabedoria.

CA-

CAPITULO III.

Em que se trata do Lutheranismo depois da Dieta de Worms. --- Carlos V. vencedor dos Turcos.

Dieta de Worms, e a qual Luthero compareceo.

A DIETA de Worms de 1521, depois de ter estabelecido hum conselho de regencia na ausencia do Imperador, citou a Luthero, excommungado por Leaõ X. Munido com hum salvo conducto, naõ duvidou comparecer; mas recusou alta, e poderosamente retratar-se, em quanto naõ lhe mostrassem os seus erros. Se prevalecêra o conselho de alguns Ecclesiasticos teria este innovador a mesma sórte, que Joaõ Hus. Deixáraõ-o partir; porém poucos dias depois, se publicou huma rigorosa sentença, a qual ordenava que o prendessem, des que o salvo-conducto naõ tivesse já valor. O Eleitor de Saxonia prevenio o golpe, mandando que o levassem para huma floresta, e o encerrassem n'hum castello, onde habitou nove mezes, sem que ninguem tivesse noticia delle. Neste Castello he onde Luthero principiou a traduzir a Escritura Sagrada. Poucas obras tem sido taõ uteis pa-

Como Luthero escapou aos Catholicos

ra

ra os ſeitarios; porque dando ao Texto Sagrado hum ſentido favoravel ao ſeu ſyſtema, tiravaõ delle os meſmos ſeitarios próvas, a que naõ ſe ſabia ainda reſponder bem.

Adriaõ VI. exhorta para o proſeguir, e faz proteſtos ſingulares.

Como a ſentença de Worms naõ ſe cumpria, e o Lutheraniſmo ſe augmentava cada vez mais, Adriaõ VI., que era ſevéro em ſeus coſtumes, e Theologo inflexivel, dirigio hum breve á Dieta de Nurembergue em 1524, por meio do qual exhortava ás ultimas extremidades contra Luthero. Couſa notavel! Eſte Pontifice reconhecia por outra parte que a corrupçaõ da Corte Romana era a origem do mal; promettia remediar os abuſos, e pedia parecer á meſma Dieta a reſpeito dos meíos de deſarraigar a hereſia. Porém o zelo dos Allemães naõ correſpondeo por eſta vez ás idéas de Adriaõ. Repreſentáraõ que Luthero tinha demaſiados ſeguidores, para que o podeſſem perſeguir com violencia; propozéraõ hum Concilio geral, como remedio o mais efficaz, e neceſſario, remettêraõ huma liſta de cem itens contra a Corte de Roma, os quaes continhaõ tudo quanto ſe lhe tinha tantas vezes arguido, exacções, uſurpações, injuſtiças, e eſcandalos de toda a eſpecie, e concluíraõ finalmente que ſe a Santa Sé naõ cuidaſſe promptamente no remedio, elles empre-

Operações notaveis da Dieta de Nurembergue.

pregariaõ a ſua propria authoridade, a fim de ſe iſentarem deſtes encargos intoleraveis. Os proteſtos do Papa, e os cem itens da Dieta, foraõ hum triunfo para o Lutheraniſmo. Se Carlos V. ſe tiveſſe declarado a ſeu favor, toda a Allemanha teria provavelmente mudado em breve tempo de Religiaõ.

Matrimonio de Luthero com Catharina de Bore.

O caſamento de Luthero com Catharina de Bore, religioſa que o meſmo Luthero tinha tirado dos clauſtros, excitou novos clamores contra elle, e pareceo indecente aos ſeus proprios amigos, poſto que conforme foſſe com os principios da Seita. Eſte exemplo teve infinitos imitadores; o que deo motivo para hum dito admiravel de Eraſmo: *Por mais que ſe diga que o Lutheraniſmo he alguma couſa tragico, quanto a mim, nada acho mais cómico; porque o fim do enredo ſempre he hum caſamento.* Senſivel ás reprehenſões, mas firme nos ſeus intentos, continuou Luthero a eſcrever, prégar, augmentar o número dos ſeus ſeguidores, e a rechaſſar os ditos dos ſeus adverſarios. O ſeu valor era excitado pela grande figura, que fazia no mundo.

Progreſſo da refórma no tẽpo da guerra do Imperador cõ Clemẽte VII.

A guerra do Imperador com o Papa Clemente VII., naõ podia deixar de ſer favoravel á refórma. Tudo o que Carlos pedio á Dieta de Spira, em 1526, foi eſ-

esperar com paciencia pelo Concilio geral, sem dar alento ás novidades. A Dieta todavia vio os Sacerdotes Lutheranos do Eleitor de Saxonia, e do Landgrave de Hesse-Cassel, prégar publicamente a sua Doutrina, e administrar os Sacramentos, confórme os seus ritos. Hum violento manifesto do Imperador contra o Papa animou muito mais os Lutheranos. Mais de huma terça parte da Allemanha tinha já sacodido o jugo de Roma. Os Catholicos, abalados por causa do exemplo, e dos discursos, perdiaõ muito daquella profunda veneraçaõ para com a Santa Sé, taõ propria para manter os dogmas entre os maiores abusos.

Dieta de Spira d'onde procede o nome de *protestantes*.

Tudo o que o Imperador, depois do seu ajuste com o Papa, julgou que podia pedir á segunda Dieta de Spira, em 1529, foi que se prohibisse, até ao Concilio geral, que naõ se accrescentasse nada as innovações, especialmente quanto á Missa, abolida já em muitos Estados. Por muito moderado, que devesse parecer a este respeito o Decreto da Dieta, o Eleitor de Saxonia, o Landgrave de Hessia, outros Principes, e quatorze Cidades Imperiaes, ou livres, protestáraõ. Daqui procedeo o nome de *protestantes*, que veio a ser commum para todos os religionarios.

No

No ſeguinte anno, aſſiſtio Carlos V. em peſſoa á Dieta de Ausburgo, na qual apreſentaõ os proteſtantes a ſua confiſſaõ de fé, compoſta por Melancthon, o mais ſábio, e prudente de todos os diſcipulos de Luthero. Examina-ſe eſta confiſſaõ: os Theologos diſputaõ, como de ordinario, ſem outro fructo, que o de ſe obſtinarem mais, cada hum nos ſeus ſentimentos. Hum decreto ſevéro condemna muitos artigos da doutrina Lutherana, prohibe que naõ ſeja tolerado nenhum dos que os enſinaõ, e ordena que ſe obſervem exactamente os ritos antigos; com promeſſa de ſollicitar o Papa para convocar em ſeis mezes hum Concilio geral, no qual ſe terminariaõ as diſputas. Que apparencia podia haver, de que ambos os partidos ſe ſujeitaſſem já mais ao parecer deſte Concilio!

Cõfiſſaõ de Ausburgo.

Decreto ſevéro cõtra os reformados.

Naõ duvidando entaõ mais os proteſtantes de que ſe naõ meditaſſe a ſua ruina; ajuntáraõ-ſe em Smalkalda, e formáraõ huma liga em ſua defeza, para a qual Franciſco I. concorreo occultamente pouco tempo depois. Henrique VIII. muito occupado com o ſeu divorcio, deo ſómente vagas eſperanças, e Carlos acabava de fazer eléger Fernando, ſeu irmaõ, Rei dos Romanos, com o pretexto de que o Imperio, na ſua auſencia, neceſſitava de

Os proteſtãtes ligaõ ſe em Smalkalda.

Fernando, eleito Rei dos Romanos.

hum chéfe poderoſo, capaz de rechaçar os Turcos. A Caſa de Auſtria ameaçava evidentemente a liberdade Germanica.

Liberdade de conſciẽcia concedida por cauſa dos Turcos.

As conjunções todavia naõ davaõ lugar ao Imperador para abater hum partido formidavel por ſi meſmo, e animado pelo enthuſiaſmo do zelo de Religiaõ. Via Carlos a Solimaõ prompto para acometter a Hungria com todas as ſuas forças, a fim de vingar a affronta, que as ſuas armas tinhaõ recebido á viſta de Vienna. Conhecia a neceſſidade, que havia de lhe oppôr o corpo do Imperio, e receava que enojados os Lutheranos naõ ſe eſqueceſſem do intereſſe geral dos Chriſtãos. A politica fez cahir a maſcara do zelo. Em virtude de hum tratado concluido em Nurembergue com os proteſtantes, e ratificado em Ratisbonna em 1531, concedeo-lhes Carlos a liberdade de conſciencia até ao tempo do Concilio, annullando todas as ſentenças proferidas pela Camera Imperial contra elles, que ſe obrigáraõ a ſoccorrello poderoſamente contra o Turco.

1532. Grande vãtagẽ alcançada por meio da liberdade de conſciencia contra Solimaõ.

Com effeito, nunca ſe vio exercito Imperial mais poſſante do que eſte. O Imperador, que ainda naõ tinha apparecido á frente das ſuas trópas (o que admira em hum ſeculo de heroiſmo) tomou eſta vez o mando, e teve a gloria de interrom-

romper os projectos de hum inimigo terrivel, cujas forças constavaõ, segundo se conta de trezentos mil homens. Retirou-se Solimaõ, sem que a campanha tivesse produzido cousa alguma memoravel. Tal foi o fructo de huma concordia infelizmente muito fragil, que o interesse público devería ter avigorado, e a que outros motivos porém deviaõ em breve tempo dividir.

Barba-Ruiva usurpador de Tunes.

A esta se seguio outra expediçaõ mais gloriosa. O célebre Barba Ruiva, simples corsario nos principios da sua fortuna, tinha-se assenhoreado do Reino de Argel, e a fim de o conservar, tinha-se valido da protecçaõ de Solimaõ; e depois de chegar a ser seu Almirante, tirou por trahiçaõ, e violencia do Throno a Muley-Hascen, Rei de Tunes. Naõ achando este soccorro algum em Africa, implorou o de Carlos V., que se aproveitou cobiçosamente da occasiaõ, para se distinguir, na esperança de dissipar os terrores com que Barba Ruiva atemorisava a Hespanha, e Italia. Embarca-se o Imperador n'huma fróta de quasi quinhentas velas, com hum exercito de trinta mil homens, com pouca differença; toma de hum assalto a Goletta, Cidade maritima bem fortificada, e guarnecida com trezentas peças de artilharia; marcha para Tunes; encontra-se

1535. Barba-Ruiva vencido e derrotado por Carlos V.

N ii com

com Barba-Ruiva na frente de cincoenta mil combatedores, e vence-o n'huma batalha. Durante a acçaõ, rompem as prisões, em que estavaõ dez mil escravos Christãos, fechados em o Castello, e apoderaõ-se desta fortaleza. Os habitadores de Tunes, vendo-se em estado de se naõ poderem defender mandaõ as suas chaves ao vencedor, e furiosa a soldadesca sem esperár as ordens de Carlos, que delibere a respeito do tratamento, que se lhes ha de dar, corre ao saque, espraia-se pela Cidade, comette nella as violencias mais horrorosas, e mata cruelmente mais de trinta mil pessoas.

Saque de Tunes.

Tratado cõ Muley Hasscen.

Muley Hascen foi restabelecido, com a condiçaõ de se reconhecer vassallo da Coroa de Hespanha, á qual largaría todos os Pórtos fortificados; de pagar doze mil escudos cada anno para a conservaçaõ da guarniçaõ da Goletta, &c. Barba Ruiva tinha-se retirado para Bona, (antigamente Hipponia.) Ha quem pretenda que podendo Doria acometter a Barba-Ruiva em Bona, naõ o fizéra, para que o Imperador necessitasse sempre dos seus serviços. Este altivo Musulmaõ fará ainda tremer os Christãos, cujas discordias lhe seráõ uteis.

Negociações de Francisco I., sem effeito.

Ao mesmo tempo que o Imperador enfatuado com a sua fortuna triunfava com to-

todo o fausto em Italia, onde fazia alarde, e ostentação da sua grandeza, o Rei de França se entregava aos sentimentos de odio, vingança, e ambição, que já tinhaõ produzido successos taõ fataes. Francisco I., depois do humilde tratado de Cambrai, meditava novos projectos de guerra, e empenhava-se em mover todas as potencias da Europa; mas as suas idéas naõ tiveraõ exito feliz. Clemente VII., cuja amizade adquirira Francisco fazendo casar com o Duque (que depois veio a ser Henrique II.) Catharina de Medicis, sobrinha do Papa, morreo antes de cumprir as suas promessas, e Henrique VIII. occupado com as consequencias do seu divorcio, naõ se quiz metter n'huma empreza arriscada. A liga de Smalkalda, enojada com o procedimeto do Rei a respeito dos protestantes de França, negou-lhe todo o genero de soccorro.

Zelo que Francisco I. affecta contra os religionarios, aos quaes tinha-se mostrado favoravel.

Este Principe acabava de fazer huma acçaõ propria para soblevar os religionarios. Tendo alguns fanaticos posto editaes contra o Cléro, e contra a Eucharistia, ordenou que se fizesse huma solemne Procissaõ a fim de reparar o escandalo, á qual elle mesmo assistio, com huma tocha na maõ: seus filhos pegáraõ no Palio, e o mesmo Rei pronunciou hum discurso no palacio do Bispo de París com fer-

fervor, dizendo que *se algum dos seus membros estivesse inficionado de heresia, elle o entregaria, para que o cortassem, e que sacrificaria o seu proprio filho, se acaso o achasse culpado de semelhante crime.* Seis Lutheranos foraõ depois queimados do modo o mais cruel; porque postos em huma máquina os faziaõ descer até chegar ás chammas, das quaes os retiravaõ alternativamente, até que expirassem.

Francisco I. procura os meios para reunir os animos.

Tinha todavia Francisco convidado a Melancton para vir-lhe dar conselho a respeito dos meios de reunir os animos. Ácerca dos pontos da controversia tinha mostrado aos Allemães da liga huma moderaçaõ singular, e naõ ignorava, que sua irmã Margarida, Rainha de Navarra, amava, e favorecia as novidades. Porém a fermentaçaõ dos animos era sem dúvida taõ grande, que Francisco julgou naõ a poder socegar, senaõ por meio d'aquellas apparencias de zelo, cujos effeitos assás naõ antevia.

Francisco I. tem novos intentos á respeito do Milanez.

Bem que Francisco se visse privado do soccorro dos seus alliados, emprehendeo acometter o Milanez, com o pretexto de hum insulto, que Sforça lhe fez na pessoa de hum dos seus Ministros. A primeira cousa, que fez, foi assenhorear-se dos Estados de Carlos, Duque de Saboya, de quem tinha motivos para se queixar, e

e desconfiar. Desta circunstancia se aproveitou Genebra, para se constituir absolutamente livre (*). Morrendo por este tempo Francisco Sforça, e naõ deixando filhos, apoderou-se o Imperador do Milanez. Pretende entaõ o Rei ser restituido aos seus direitos sobre este Ducado. Entra-se em negociaçaõ. Carlos V. demora industriosamente a causa quanto póde, promette a investidura, humas vezes ao filho segundo, outras vezes ao filho mais moço de França; entretem deste modo o seu competidor, que n'outro tempo taõ impetuoso fora, e dispoem-se para opprimillo por meio das armas. Finalmente chegando Carlos a Roma, declama contra Francisco I. em pleno Consistorio, com tanta indecencia, como animosidade, e escandalo; e depois deste insulto, ainda Francisco negocea, ao mesmo tempo que toda a tormenta estava a ponto de cahir sobre elle.

Deixa passar o tempo, quando he necessario obrar.

CA-

(*) Ou para melhor dizer a fim de isentar-se das pretençóes sempre novas dos Duques de Saboya.

CAPITULO IV.

Carlos V. acomette a França. --- Alliança de Francisco I. com os Turcos. --- Tregoa de Niza. --- Rebelliaõ dos Gantezes.

1536. Carlos V. pretẽde cõquistar Frãça.

SE a infelicidade tinha constituido o Rei de França muito circunspecto, a prosperidade tinha inspirado ao Imperador huma presumpçaõ altiva, que verificava em seu animo as quiméras do orgulho. Lisonjeava-se Carlos de conquistar facilmente França. Por toda a parte se espalhavaõ naõ sei que prognosticos magnificos, a que o Imperador dava crédito, talvez por amor proprio, ou de que estimava que fosse instruida a credulidade vulgar. Marcha á frente de cincoenta mil homens, contra o parecer dos seus melhores Generaes, para Piemonte, aproveita-se da perfidia do Marquez de Salussa, homem, a quem Francisco I., tantos favores fizera, e asfaz ingrato para abrir o Reino ao inimigo. A Provença he innundada pelos Imperiaes.

A Provença acomettida, e libertada.

O Marechal Anna de Montmorenci, e depois Condestavel, tinha felizmente concertado com o Rei os meios de defender-se

ſe em perigo. Sacrificando Montmorenci os intereſſes particulares ao bem geral, tinha aſſolado todos os campos, e abandonado todas as Cidades, excepto Arles, e Marſelha, onde tinha boas guarnições: e elle meſmo eſtava intrincheirado perto de Avinhaõ, em hum campo que naõ podia ſer acomettido pelo inimigo. A viveza dos Francezes murmurava de hum procedimento taõ oppoſto ao genio nacional; porém Carlos V. conheceo por experiencia propria toda a ſua ſabedoria. A fome, e as enfermidades, conſummíraõ em breve tempo as ſuas trópas; de maneira que naõ pode ſitiar Arles, e Marſelha, nem acometter Montmorenci, e taõ pouco movella a huma batalha. Fez huma precipitada retirada, e os Camponezes Provençáes matáraõ-lhe tambem parte dos ſeus ſoldados (*). Naõ foi mais glorioſa huma invaſaõ dos Flamengos na Picardia; pois levantáraõ o ſitio de Peronna. Nunca ſe vio melhor quantos recurſos tem a França n'huma guerra defenſiva. Que razaõ póde haver para derramar prodigamen-

Invaſaõ tãbem inutil na Picardia.

(*) Quando Carlos V. entrou em França, diſſe a Paulo Jove, ſeu Hiſtoriador, que fizeſſe provimento de tinta, e de papel, porque lhe daría muito que fazer. Melhor fora, diz hum judicioſo Hiſtoriador, eſperar o ſucceſſo. *Abregé Chron. de l'Hiſt. de France.*

mente fóra do Reino o ſangue de huma Naçaõ, que póde achar dentro do ſeu proprio Reino a ſua felicidade, e a dos ſeus Principes?

O Imperador citado para o Parlamento.

Os dous illuſtres competidores, des do principio das ſuas contendas, tinhaõ muitas vezes chegado a inſultar-ſe, e a proferir injúrias, indigniſſimas da ſua Mageſtade. O ódio de Franciſco ainda ſe aſſignalou com a indecencia; pois ajuntou o Parlamento contra o Imperador. Houve quem pretendeſſe que *Carlos de Auſtria*, tendo violado o Tratado de Cambrai, que por conſeguinte já naõ ſobſiſtia, devia ſer reputado por vaſſallo do Rei em razaõ dos Condados de Artois, e Flandres, e que ſendo culpado de rebelliaõ, devia eſtar ſujeito á ſentença do Tribunal dos Pares. Foi Carlos notificado para comparecer, e no termo da notificaçaõ foraõ confiſcados os dous feudos por huma ſentença.

Suſpeitas temerarias, poſtas em Carlos a reſpeito da mórte do Delfim.

Tinha eſte vaõ inſulto ſido precedido de cruéis ſuſpeitas, a reſpeito da mórte do Delfim. Montecuculli, ſeu copeiro, Fidalgo Italiano, expoſto aos tratos, confeſſou-ſe culpado de o ter envenenado, e accuſou dous Generaes do Imperador, a quem ſe imputou tambem indirectamente eſta culpa. Porém huma confiſſaõ feita por meio dos ſupplicios he muito ſuſpeita.

Era

Era provavelmente natural a mórte do Delfim; e demais disso nenhum interesse tinha Carlos V. n'hum crime taõ atroz, pois que ainda ficavaõ á França dous filhos; antes merecia ser suspeita delle Catharina de Medicis, esposa do Duque de Orleans, mulher ambiciosa, e malvada, pois que vinha a ser Delfina. Assim o insinuou Carlos, e a sua conjectura parece bem fundada a respeito do caracter desta famosa Princeza, de que adiante trataremos.

O Rei de França, a fim de sustentar a guerra contra hum inimigo sempre tremendo, faz alliança com Solimaõ, expondo-se deste modo a novas invectivas. Semelhantes tratados até pareciaõ deshonrar o nome Christaõ. Irritar-se para a ruina huns dos outros naõ causava vergonha; mas era vergonhoso unir-se com o Turco, ainda na necessidade de soccorro. Que obstaculo levantaõ entre os homens os odios de Religiaõ! Os Turcos deviaõ acometter a Hungria, e o Reino de Napoles, ao mesmo tempo que o Milanez sería acomettido por hum exercito Francez. Desembarca Barba Ruiva perto de Trento, e espalha ao longe o terror; mas os Francezes naõ chegaõ, porque o Rei naõ podéra ser muito prompto em tomar as suas medidas. Este inconveniente faz frustrar-se huma

Alliança de Francisco I. cõ os Turcos.

Esta alliança naõ tem effeito.

ma empreza, que devia mudar a face dos negócios: retira-se o Turco prudentemente com a chegada de huma fróta mandada por Doria.

1538. Conferencia, e tregoa de Nisa.

Paulo III. (Farneze), Pontifice de avançada idade, unindo ao desejo de pacificar a Europa, o de procurar augmento para a sua familia, propôz finalmente a ambos os Monarcas huma conferencia em Nisa, a fim de finalisar a guerra, e ahi concluírão huma trégoa de déz annos, entre o Rei, e o Imperador sem quererem vêr-se, nem fallar-se. O Papa andava sempre de hum para outro Monarca: e assentou-se que tudo ficaría na situação actual até á paz. Os dous competidores encontrárão-se depois em Aguas-Mórtas, e derão hum ao outro mutuamente signaes de huma perfeita, e sincéra amizade. Estas perpetuas contrariedades se explicão pelos costumes da antiga cavallaria; posto que fundamentalmente a sinceridade antiga só sobsistisse na apparencia.

Matrimonio de Ottavio Farneze.

Alcançou o Pontifice o que desejava, obtendo para seu sobrinho, Ottavio Farneze, a filha natural do Imperador, Margarida de Austria, viuva de Alexandre de Medicis, a quem Lourenço de Medicis, seu parente, e amigo intímo assassinára por méio da mais damnada trahição.

Assassinio de Alexandre de Medicis.

Po-

Porém este homicida naõ soube tirar utilidade do seu crime. O Imperador fez passar Florença ao dominio de Cosme II., filho de Alexandre.

1539. Carlos V. naõ pode obter dinheiro das *Cortes*.

Próva persuasiva dos inconvenientes da guerra, ainda para os maiores potentados, he estarem os recursos de Carlos V. exhauridos, dever elle ás suas trópas consideraveis soldos atrazados, e excitar sedições a falta de os poder pagar por toda a parte. Ajunta Carlos em Toledo as *Cortes*, ou os Estados Geraes de Castilha; representa as suas necessidades, e pede subsidios. Os Hespanhoes tinhaõ muitas vezes murmurado dos novos impostos, que se lhes impunha para huma guerra, que naõ os interessava. A Nobreza, isenta de impostos pelos seus privilegios, encja-se, clama, e naõ quer dar cousa alguma. Despede Carlos a Junta com indignaçaõ, e della exclue para sempre os Nobres, e os Prelados, dizendo que aquelles que naõ pagavaõ imposto algum, naõ deviaõ deliberar nas Juntas nacionaes.

Carlos exclue das Cortes o Cléro, e a Nobreza.

Altiveza, e independencia dos Grandes de Hespanha.

Póde-se julgar do poder, e altiveza dos Grandes de Hespanha, por hum facto particular, de que foi entaõ testemunha a Cidade de Toledo. Sahia o Imperador de hum torneio com a sua Corte, e dando hum Alcaide, a fim de lhe abrir ca-

caminho, com a vara, que levava, no cavallo do Duque do Infantado. Mette o Duque maõ á efpada, e fere-o. Ordena Carlos ao Alcaide-Mór que prenda logo efte Fidalgo. Porém o Condeftavel de Caftilla adianta-fe, manda retirar o Alcaide-Mór, reclama o direito que tem para julgar qualquer Grande, e guia o Duque para fua caía, acompanhado de todos os demais Fidalgos, os quaes applaudem o feu valor. Ficou fó hum Cardeal com o Soberano, que teve a prudencia de diffimular; por quanto o rigor fó teria entaõ fervido de irritar o mal, e infpirar a rebelliaõ. No dia feguinte mandou o Imperador ordem, e avifo ao Duque para caftigar o Alcaide, como quizeffe. O qual, movido defta fatisfaçaõ, em vez de requerer outra coufa, fez hum prefente confideravel a efte homem, e voltáraõ os Grandes á Corte.

Rebeliaõ dos Gantezes da qual Francifco I. naõ fe aproveita.

Com maior violencia fe fobleváraõ os Gantezes, a refpeito de hum impofto, que julgavaõ contrario aos feus privilegios. Sendo condemnados pelo confelho de Malinas, offerecem a Francifco I. reconhecello por Soberano, entregarlhe a fua Cidade, e foccorrello para a conquifta da Flandres, e Artois. A fituaçaõ, o commercio, e a oppulencia da terra, deviaõ fazer efta conquifta taõ precio-

ciosa, quanto parecia facil. Porém o Monarca só suspirava por Milaõ, da qual esperava sempre a investidura. E naõ satisfeito de rejeitar o lisonjeiro offerecimento dos Gantezes, deo parte ao Imperador de toda a negociaçaõ.

Carlos, que conhecia perfeitamente o seu caracter, pede-lhe passagem pelo Reino a fim de ir sujeitar os rebeldes, promettendo a investidura do Milanez, taõ desejada, e tantas vezes promettida em vaõ. Apparencia tinha de huma louca temeridade, semelhante procedimento. Todo o Conselho de Hespanha o desaprovava, e o successo o justificou. As idéas de honra, algum tanto romanescas, de que o Rei de França estava cheio, favoreciaõ os intentos do Imperador, que obteve tudo quanto desejava. Atravessa Carlos com huma comitiva de cem pessoas os Estados de seu competidor; he magnificamente recebido por toda a parte; demora-se seis dias em París, onde he tratado com todas as demonstrações de carinho, e confiança, e parte, sem deixar próva alguma authentica das suas promessas. Consternados os Gantezes, abrem-lhe as suas pórtas, e no mesmo dia, em que Carlos nasceo em Gante, deo nella a sua entrada, segundo as suas proprias expressões *como*

Carlos obtem a passagem pela França.

1540. Carlos doma, e castiga os Gãtezes.

So-

Soberano, e como Juiz, com o Sceptro, e com a espada. Vinte ſeis dos Cidadãos mais grados foraõ mórtos; hum grandiſſimo número delles deſterrados, a Cidade privada dos ſeus privilegios, e condemnada a huma grande multa pecuniaria para a conſtrucçaõ de hum forte, que a ſobjugará.

Carlos naõ cumpre a palavra q̃ tinha dado ao Rei.

O meſmo, que Franciſco I. podia ter anteviſto, conheceo em breve tempo por meio do ſucceſſo. Carlos V. eludio, negou as ſuas promeſſas, e concedeo o Milanez a ſeu filho Filippe II. A malicia de hum cauſa menos admiraçaõ, do que a credulidade do outro: e eis-aqui nova origem de guerra. Victimas ſeráõ ainda os Póvos das paixões dos ſeus Principes.

CA-

CAPITULO V.

Concilio geral convocado pelo Papa Paulo III. --- Continuação de tumultos, e guerras. --- Tratado de Crépi. --- Tyrannia de Henrique VIII.

INUTILMENTE ſe procuravaõ ſempre os meios de terminar as diſputas de religiaõ, mais porfiadas do que outras quaeſquer. O projecto de hum Concilio geral, renovado continuamente, continuamente inquietava a Corte de Roma, que contemporiſava, ſegundo a ſua politica ordinaria. Quando eſta ſe rendia ás inſtancias dos Catholicos, com taes cautelas o fazia, que naõ podiaõ ſer convenientes aos proteſtantes. Os quaes queriaõ a liberdade, e a igualdade, e requeriaõ hum Concilio em Allemanha. Para Mantua o tinha convocado Paulo III., e depois para Vicencia, e deſta convocaçaõ naõ reſultou mais que as apparencias de huma refórma ordenada pelo Pontifice. *Paſſa-ſe o tempo em curar verrugas*, dizia Luthero, *e deſprezaõ-ſe, où conſervaõ-ſe as chagas.*

Procedimẽto de Paulo III., a reſpeito dos negocios de religiaõ.

Projectos do Concilio.

Os proteſtantes, em vez de hum Concilio, pediaõ ao Imperador huma con-

Cõferencia infructuoſa de Ratisbonna.

ferencia de Theologos, os quaes discutissem entre si as materias de controversia. Esta conferencia, a pezar da opposiçaõ do Papa, fez-se na Dieta de Ratisbona, em 1541. Nelle apresentou Carlos huma obra intitulada *Concordia*, escrita com huma moderaçaõ, da qual ambos os partidos ficáraõ descontentes. Concordáraõ todavia entre si a respeito de diversos artigos de theologia especulativa; mas quanto ao culto, jurisdicçaõ, e ao que toca á prática, os interesses eraõ muito differentes, e as disputas muitos fortes, para que se podessem conciliar.

Decreto condemnado pelo Papa, e desagradavel aos protestantes.

Perdidas as esperanças de o conseguir, obrigou o Imperador a Dieta a publicar hum Decreto, declarando que os pontos, concordados entre os Doutores, seriaõ observados inviolavelmente; que ós outros se remetteriaõ para a decisaõ de hum Concilio geral; ou naõ havendo Concilio, para a decisaõ de hum Synodo nacional, e no caso que o Synodo naõ tivesse lugar, para o parecer de huma Dieta, que se ajuntaria dentro em desoito mezes; e que entre tanto naõ se faría innovaçaõ alguma. Indignado o Papa com este auto o condemnou, porque se estabeleciaõ os leigos Juizes de huma controversia ecclesiastica. Queixáraõ-se tambem os protestantes das prizões, que o Decreto punha

nha á ſua liberdade; mas Carlos deſvaneceo todos eſtes queixumes por meio de huma declaraçaõ particular, a favor do que elles deſejavaõ; ainda a politica o obrigava a reſpeitallos.

1541. Fernando perde huma parte da Hũgria.

Tinha Fernando, ſeu irmaõ, perdido huma parte do Reino de Hungria. Joaõ de Zapoli, a fim de o eſpoliar, tinha attrahido as armas de Solimaõ, do qual ſe conſtituíra tributario. Morre Zapoli, deixando hum filho no berço, e Fernando pretende apropriar-ſe da herança deſte menino. O Biſpo Martinuzi (*); que era entrado na regencia com a Rainhá Mãi, implora o ſoccorro do Turco. Em vaõ ſe empenha Fernando em precaver o feliz exito da negociaçaõ, e humilha-ſe a offerecer-ſe para pagar elle meſmo o tributo, que a Porta pedia. Marchaõ os Turcos contra Fernando, fazem levantar ao ſeu exercito o cerco de Buda, e alcançaõ huma victoria deciſiva. Porém Solimaõ, conſervando para ſi meſmo os Eſtados do Rei menino, manda-o juntamente com ſua Mãi para a Tranſilvania. Eſta noticia recebeo o Imperador, durante a Dieta de Ratisbonna. Eſte o motivo principal da ſua condeſcendencia a favor dos Proteſtantes.

O ii Me-

(*) Martinuzi, Cardeal, grande homem de Eſtado, foi depois aſſaſſinado por ordem de Fernando.

Emprezas de Carlos V. sobre Argel.

Meditava Carlos V. por outra parte huma grande empreza contra Argel, onde esperava triunfar, assim como em Tunes. Na ausencia de Barba-Ruiva, governava o Reino de Argel Hascen Aga, oriundo de Sardenha, renegado, eunuco, e grande Capitaõ, cujas piratarias causavaõ á Hespanha incriveis damnos. Resoluto Carlos a vingar-se, porfiando no seu intento, e fechando os olhos ao perigo, surdo ás demonstrações, e ás súpplicas do célebre Doria, embarca-se no Outono juntamente com as melhores trópas, que tinha, e apparece á vista de Argel em 20 de Outubro. Apenas Carlos desembarcou, logo huma horrorosa tormenta de agua, e vento alaga o terreno, sem o exercito ter nem barracas, nem asylo, nem soccorro. Passa-se a noite em o lodo, e grande parte da fróta faz-se em pedaços. Os Argelinos acomettem humas trópas frouxas, e opprimidas com o pezo das armas, e perdido ficava Carlos V., senaõ se retirasse promptamente. Tendo Doria, por dita sua, vencido a tempestade, esperava pelo Imperador no cabo de Metafuz, distante quasi tres dias de marcha. Chega Carlos ao Cabo de Metafuz por entre mil perigos, e antes de aportar á Hespanha, experimenta novos perigos pelo mar. Esta infeliz expediçaõ naõ deixaría de ensinar-

nar-lhe a quanto se expoem quem reprova os bons conselhos. Porém se ella humilhou, e abateo a sua altiva presumpçaõ, alcançou-lhe todavia a glória de distinguir o seu valor, constancia, generosidade, e docilidade; virtudes, que naõ luziaõ nelle tanto no decurso das suas prosperidades. Talvez que o mesmo Carlos nunca se mostrasse taõ grande, como entre os infortunios.

Novo projecto de guerra para Francisco I.

Pretendia Francisco I. romper a tregoa de Nisa; pois a má fé do seu competidor o excitava para a vingança. Déraõ lhe hum motivo de contenda, mais digno para o obrigar a armar-se. Dous Embaixadores enviados por Francisco I., a fim de negocear, e tratar, hum para a Porta, e outro para Veneza, foraõ assassinados no caminho, por ordem do Marquez de Guasto, Governador de Milaõ, ao mesmo tempo que Carlos V. se preparava para a expediçaõ de Argel. Naõ recebendo Francisco satisfaçaõ alguma desta injúria, empenhou-se em interessar a Europa na sua vingança. Porém naõ teve outros alliados senaõ os Reis de Suecia, e Dinamarca (primeiro exemplo de confederaçaõ com o Nórte), e Solimaõ, com o qual renovou a sua alliança, a pezar das intrigas de Carlos V.

Suas allianças.

Co-

Francisco I. tinha alienado os protestãtes e Henrique VIII.

Como tratava rigorosamente os Lutheranos, a fim de desvanecer de certo modo, com algumas apparencias de zelo, o crime que se lhe imputava da alliança do Turco, naõ quizéraõ os protestantes de Allemanha alliar-se com elle. Muito pouco tinha respeitado o caracter violento de Henrique VIII., a quem tambem enojára, oppondo-se ao casamento de Duarte, seu filho, com Maria, Rainha de Escossia, que ainda era menina de berço: este casamento estava delineado, com o intento de reunir ambos os Reinos. Aproveitou-se o Imperador das disposições do Monarca Inglez, esqueceo-se da injúria feita a Catharina de Aragaõ, que era já mórta, e concluio com Henrique huma liga offensiva, e defensiva contra a França. Allegou pretextos de Religiaõ contra o alliado de Solimaõ, sem ter o menor escrupulo de alliar-se com o maior inimigo da Igreja Romana.

Liga de Hẽrique cõ o Imperador.

1542. Cinco exercitos Frãcezes.

Assim que a guerra se declarou, pôz Francisco cinco exercitos em campo: o que he próva da vantagem, que o Rei de França achava na constituiçaõ da sua Monarquia, onde os subsidios eraõ mais abundantes, mais promptos, e as levas de trópas mais faceis, sendo menos limitada em França a Real Authoridade. A primeira campanha náõ correspondeo a estes im-

men-

menſos preparos. O Duque de Orleans, cujos exitos eraõ felices nos Paizes-Baixos, teve a imprudencia de abandonar as ſuas conquiſtas, a fim de ir para o Roſſilhaõ, onde o Delfim ſeu irmaõ cercava Perpinhaõ. Liſongeava-ſe elle de ter igual parte com o Delfim na honra de huma victoria; porém ſó a teve na ignominia de levantar o cerco.

Primeira campanha ſem ſucceſſo.

No anno ſeguinte, tomou Franciſco Landreci, e debalde tentou Carlos reſtaurallo novamente. Porém o Conde de Enguien, e Barba-Ruiva precipitáraõ-ſe no ſitio de Niza. Vêr os Francezes, e os Turcos reunidos neſta expediçaõ, foi hum eſcandalo muito extraordinario para a Europa: hum ſucceſſo feliz teria confundido os Cenſores. Mais felizes ſucceſſos teve Solimaõ na Hungria, onde ainda ſe ſenhoreou de muitas Praças.

Cerco de Niza, levãtado pelos Francezes, e pelos Turcos.

1544.

Quanto mais embaraçado eſtava Carlos V. por cauſa da guerra, tanto maior conſiſtencia, e attrevimento tomava a famoſa Liga de Eſmalkalda; que ultimamente proteſtára com toda a ſolemnidade contra a Camera Imperial, pedindo que ſe reformaſſe hum Tribunal, do qual infinitas razões tinha para queixar-ſe, e naõ querendo contribuir para a defeza da Hungria. Muito importava ao Imperador aſſim o precaver hum rompimento total com os

Attrevimẽto dos proteſtãtes de Alemanha.

os proteſtantes, como empenhallos ſobre tudo em o ſervir contra a França. Sobmettendo-ſe ardiloſamente ás conjuncturas, obteve dos proteſtantes tudo quanto deſejava. A Dieta de Spira, em que preſidio o Imperador, ſuſpendeo todos os Decretos contrarios á liberdade de conſciencia, e concedeo o exercicio público da Religiaõ proteſtante, até ao Concilio geral, ou nacional, que ella declarou ſer neceſſario. Neſta occaſiaõ os proteſtantes, e os demais membros do Imperio, declaráraõ-ſe inimigos de hum Rei alliado dos Turcos.

O Imperador grãjea a amizade dos proteſtantes deixando-lhes a liberdade da Religiaõ

Victoria inutil da França em Cerizolas.

A França, expoſta a tremendas invaſões, naõ deixou todavia de gozar ainda das delicias da victoria. O Conde de Enguien, que ſitiava Carinhaõ no Piemonte, tinha ordem de evitar os perigos de huma batalha. Vinha Guaſto acomettello: os Francezes ardiaõ por combatter: Montluc, Official Gaſcaõ, animoſo, e valeroſo, foi deſpachado para o Rei a fim de obter delle licença para iſſo, a qual alcançou com o ſeu enthuſiaſmo militar ſem embargo das razões do conſelho. Ganhou Enguien huma victoria completa em Cerizolas; porque mais de déz mil Imperiaes ficáraõ mórtos no campo, e os Francezes perdêraõ quaſi duzentos homens. Quiz a deſventura que entaõ eſtiveſſe o

Rei-

Reino em grande perigo. O Rei chamou huma parte das trópas victoriosas: e por este meio foi inutil taõ grande victoria.

Se Carlos V., e Henrique VIII. tivessem executado o seu ajuste, ameaçado estava Francisco I. de hum catastrofe quasi inevitavel. Ambos deviaõ, cada hum á frente de hum exercito numeroso, entrar pelo interior das Provincias, sem pôr cercos, a fim de unir as suas forças perto de París. Porém a vontade de tomar Praças quebrou as linhas, que tinhaõ lançado. Perdeo o Imperador cinco semanas á vista de S. Desiderio, Cidade desprovida de tudo, a qual defendeo o Conde de Sancerre com admiravel constancia: e para o determinar a render-se foi necessario fingir huma licença do Rei. Henrique, pela sua parte, sitiava Bolonha, e Monteregio. Hia-se a estaçaõ adiantando. A Champanha tinha sido assolada, assim como n'outro tempo a Provença, a fim de que a penuria consumisse o inimigo. E posto que Carlos se apoderasse do Castello de Thierri, e o terror se espalhasse pela Capital, já se receava das consequencias desta expediçaõ; de maneira que concluio a paz em Crépi junto á Meaux, sem o consentimento do Rei de Inglaterra.

Os inimigos perdẽ o tẽpo em pôr cercos.

O

Tratado de Crépi entre Carlos, e Francisco.

O tratado de Crépi declara que o Imperador dará em casamento ao Duque de Orleans, ou sua filha primogenita, com os Paizes-Baixos, ou a filha segunda de Fernando seu irmaõ, com a investidura do Milanez; que Carlos, renunciará as suas pretenções a respeito da Borgonha, e Francisco I., as suas a respeito de Napoles, Flandres, e Artois, e que ambos se uniráõ a fim de declarar guerra aos Turcos. Ambos estes Principes, se obrigáraõ por meio de hum artigo secreto a tomar as medidas mais efficazes, ou para alcançar hum Concilio, ou para exterminar a heresia nos seus Estados. Todas as conquistas feitas depois da tregoa de Nisa deviaõ restituir-se. O Duque de Saboya devia entrar novamente na posse dos seus dominios, excepto de Pinheirol, e Montemeliano, assim que o Duque de Orleans tivesse a parte, que se lhe destinava.

Morte do Duque de Orleãs que desconcerta as medidas tomadas para a guerra.

Morreo o Duque de Orleans antes de consummar-se o seu casamento, e com esta improvisa mórte, ganhava infinitamente Carlos, o qual reprovou as preposições de Francisco, que pedia alguma compensaçaõ, e des de entaõ podia reclamar as suas antigas pretenções. Francisco, doente, e cançado de guerras, callou, e soffreo o seu justo pezar.

Hen-

Henrique VIII. continuou as hostilidades, sem successos memoraveis, até o anno de 1546, em que fez a paz. Conservou Bolonha, com condiçaõ de a restituir dentro em oito annos por oito centos mil escudos de ouro. A guerra tinha-lhe custado hum milhaõ trezentas quarenta mil livras esterlinas. Deste modo he que se arruinaõ com emprezas ambiciosas, das quaes esperavaõ tirar grandes utilidades. Henrique tinha tido esperanças de conquistar a Normandia, Guienna, e talvez a Coroa de França: pois com quantas quiméras naõ entretinha elle o seu orgulho?

Henrique VIII. faz a paz, naõ tendo quasi nada adquirido.

Demoremos-nos hum instante neste lugar para notar as paixões deste Monarca, das quaes sempre foi escravo, assim como sempre foi o tyranno do seu Povo; e os vicios que o arrastáraõ de huns para outros excessos, corrompêraõ as excellentes qualidades que Henrique possuia da natureza. Este Principe, podendo chegar a ser hum grande homem, chegou a ser hum monstro. A mesma Anna Bolena, que fora collocada sobre o Throno em lugar de Catharina de Aragaõ, experimentou em breve tempo os seus desgostos, e a sua barbaridade. Outro amor desvaneceo aquelles encantos, a que tudo fora sacrificado; e a nova Rainha por humas sim-

Este Principe, escravo das suas paixões: os seus seis matrimonios.

ſimples ſuſpeitas, padeceo a ſentença, e ſupplicio, e ſuccedeo-lhe no ſeguinte dia ſua competidora, Joanna Seymour, fazendo o Rei declarar nullo o outro matrimonio. Morrendo Joanna Seymour em 1537, depois de lhe ter dado hum filho (o Principe Duarte), caſou Henrique com Anna de Cleves, que foi quaſi ao meſmo tempo repudiada por frivolas razões, que houve por boas o Cléro, e o Parlamento. Recebeo depois a ſua maõ Catherina Howard, para paſſar do thalamo ao cadafálſo: o crime, porque ſe lhe cortou a cabeça, foi o ter tido alguns amores na ſua mocidade. A meſma ſórte quaſi que eſteve para experimentar Catherina Par, ſexta mulher de Henrique; porque na converſaçaõ moſtrou naõ diſcorrer como elle a reſpeito da Theologia. Dada eſtava a ſentença de mórte; e tendo Catharina noticia da ſentença por meio de hum feliz acaſo, deſarmou o tyranno com ſua aſtucia em liſonjeallo.

Henrique dictava ao Parlamẽto Leis abſurdas, e ſanguinarias.

Hum méro inſtrumento era da tyrannia o Parlamento, humilde, cobarde, ſem força, e ſem honra. As leis abſurdas, e ſanguinarias dictadas pelo Principe, naõ encontravaõ oppoſiçaõ alguma, e por conſeguinte a reſpeito da infeliz Catherina Howard, ſe declarou digna de mórte huma Rainha, que paſſando ainda por virgem

no

no tempo do matrimonio, naõ tería deſenganado o Rei, ſe ella meſma naõ o eſtivera: a meſma pena ſe decretou contra toda a peſſoa, que ſuſpeitando das deſordens da Rainha, naõ déſſe parte dellas, ou ao Rei, ou ao Conſelho. Deſte modo huns eſtatutos contradictorios prohibíraõ ſob pena de alta trahiçaõ, naõ ſó defender que os dous primeiros matrimonios do Rei foraõ legitimos, mas tambem proferir palavra alguma offenſiva contra as Princezas Maria, e Iſabel, filhas deſtes matrimonios, e por iſſo meſmo declaradas ambas por baſtardas.

Seus caprichos tyrannicos em materia de Religiaõ.

Henrique VIII., em materias de Religiaõ, mais do que em tudo, moſtrou-ſe extravagante, e igualmente atroz. Exercia o poder eſpiritual, que tinha feito attribuir a ſi, como Theologo deſpotico, armado com a eſpada para eſtabelecer as ſuas opiniões. Caſtigava com furor todo aquelle, que ſe attrevia a naõ penſar como elle, variando o meſmo Henrique no ſeu modo de penſar. Os ſeus Artigos de Fé dependiaõ de hum inſtante de capricho. Como era inimigo vehemente da Igreja Romana, e da ſua Cabeça, tambem era vehemente zelador da maior parte dos dogmas eſtabelecidos pela authoridade da meſma Igreja. A preſença Real, as miſſas rezadas, a confiſſaõ auri-

O que Henrique VIII. pertendia q̃ ſe conſervaſſe da Igreja Romana.

ricular, o celibato ecclesiastico, e a obrigaçaõ de observar o voto de castidade, foraõ Leis do Estado, a que ninguem podia faltar sem expôr-se aos supplicios. O Parlamento fez a respeito destes objectos hum famoso estatuto, digno de ser chamado *Estatuto de sangue.* Porém o crime maior era negar, ou duvidar da superioridade do Rei; n'huma palavra, naõ dar juramento de a reconhecer. Este o motivo, que levou ao cadafalso o illustre Chanceller Thomaz Moro, ou Morus, e Joaõ Fisher, Prelado de raro merecimento. Reformar deste modo a Religiaõ, e abrir a porta ao fanatismo, parece ser quasi o mesmo.

Morus, e Fisher executados.

CAPITULO VI.

Principio do Concilio de Trento. --- Guerra contra os Protestantes de Allemanha. --- Fim de Francisco I., e de Henrique VIII.

Os Catholicos requeriaõ sempre hũ Cõcilio.

TODOS os projectos de Concilio geral tinhaõ sido infructuosos depois do estabelecimento do Lutheranismo. Posto que huma grande experiencia désse motivo para crêr, que estas grandes Juntas, em que

as

as paixões humanas ſe confundem, neceſſariamente com as cauſas Divinas, pódem definir os dogmas ſem terminar as diſputas, e que os ſeus mais ſábios, e mais prudentes decretos naõ curaõ chagas inveteradas: nenhum outro meio viaõ os Catholicos de ſuſpender o curſo da hereſia, nem de remediar as deſordens da Igreja. Os ſeus Principes importunavaõ o Papa a reſpeito deſte importante objecto, talvez menos na eſperança de hum bem ſólido, do que na idéa de parecerem zeloſos pela boa cauſa.

Paulo III. occupado com a ſua familia, cõvoca naõ obſtante o Cõcilio de Trento.

Deſejava eſpecialmente Paulo III. aſſegurar Parma, e Placencia para Pedro Luís Farneze, ſeu filho baſtardo, e ſoffria com impaciencia naõ querer o Imperador conſentir em hum deſmembramento taõ eſcandaloſo do Eſtado Eccleſiaſtico. Eſte Pontifice intereſſeiro naõ podia ſer hum verdadeiro reformador: com tudo ſujeitava-ſe aos rogos da catholicidade, quanto permittia o ſeu intereſſe particular, e convocou o Concilio de Trento para o anno de 1545. O Imperador empenhou-ſe para obrigar os proteſtantes a ſujeitar-ſe á Dieta de Worms, e a reſpoſta, que elles déraõ, foi que nem a apologia da ſua doutrina ſe dignariaõ de emprehender n'huma Junta ſujeita á influencia do Papa; que o Papa naõ podia ſer o ſeu Juiz, pois

Os proteſtantes naõ ſe querem ſujeitar ao Concilio.

que

que em os excommungar ſe tinha feito ſuſpeito, e viſto que convocava eſte Concilio ſó com a idéa de os condemnar. As ſuas razões, poſto que fracas, eraõ eſpecioſas, e a ſua obſtinaçaõ invencivel (*).

Ceſſa o Imperador de os reſpeitar.

Deſconfiavaõ os proteſtantes já das intenções de Carlos, o qual com effeito meditava a ſua ruina. Naõ tendo o Imperador já as meſmas razões politicas para reſpeitallos deſcobrio, e manifeſtou os ſeus ſentimentos em diverſas conjunções. O Arcebiſpo Eleitor de Colonia pretendia eſtabelecer o Lutheraniſmo, e os ſeus Conegos appelláraõ para o Papa, e para o Imperadòr, o qual recebendo a ſua appellaçaõ os protegeo, e durante a Dieta de Worms impôz ſilencio aos Prégadores Lutheranos, deixando prégar contra elles hum Monge de Italia. Porém o ſeu partido era tremendo por cauſa do ſeu número, e a elle ſe unio tambem Frederico, Eleitor Palatino juntamente com o ſeu Eleitorado. Gozou Luthero, antes da ſua mórte deſte novo triunfo. Nunca homem algum teve talvez ſucceſſos taõ liſonjeiros para o amor proprio: motivo porque deſprezando Luthero a fortuna, ſempre foi ſuſceptivel de vaidade. Morreo em 1546.

Porém o ſeu partido augmentava-ſe.

De-

(*) He neceſſario julgar dos Proteſtantes, depois do ſucceſſo.

Deve-ſe-lhe o ſeguinte elogio, que a pezar do impeto do ſeu caracter, ſempre impedio que os ſeus ſequazes principiaſſem a guerra civil. Porém de quantas infelicidades naõ o devemos nós arguir de ter ſido cauſa!

Já a abertura do Concilio eſtava feita. Quarenta Prelados ſómente formavaõ no principio hum Congreſſo, que devia repreſentar toda a Igreja. Eſtes Prelados reguláraõ ao principio que ſe trataria ao meſmo tempo da fé, e da refórma, e o Papa pretendia que primeiramente ſe trataſſe do dogma. O Imperador tinha requerido que a refórma, cuja idéa atemoriſava ſempre a Corte Romana, foſſe eſtabelecida antes do dogma. Tanto menos diſpoſto eſtava Paulo III. a favorecer as ſuas idéas, quaõ longe eſtava eſte Principe de confirmar a inveſtidura de Parma, e Placencia, a favor de ſeu filho, allegando por motivo, que ambos eſtes Eſtados eraõ feudos do Imperio, dos quaes o Papa naõ podia diſpôr. A Caſa de Farneze os conſervará com tudo até á ſua extinçaõ.

1545. Principio do Concilio.

Inveſtidura de Parma.

Os primeiros Decretos do Concilio acomettêraõ directamente os principios da doutrina dos proteſtantes. Foraõ declarados por Livros canonicos da Eſcritura Santa, muitos daquelles, que antigamente ſe

Primeiros Decretos a reſpeito da Eſcritura, e da Tradiçaõ.

nomeavaõ *apocrifos*; decidio-se que a tradiçaõ da Igreja naõ tinha menos authoridade, do que a revelaçaõ; consagrou-se a *vulgata*, como traducçaõ authentica, e o Papa queixou se de que a Junta, ainda pouco numerosa, pronunciasse taõ depressa a respeito de objectos taõ importantes.

O Papa os irrita, depôdo o Arcebispo de Colonia.

Porém ao mesmo tempo que estes Decretos, acompanhados de excommunhões, annunciavaõ aos protestantes huma condemnaçaõ total, o Papa augmentou a sua ira, e as suas inquietações, depondo por meio de huma Bulla o Arcebispo de Colonia, como convencido de heresia, e desobrigando os seus vassallos do juramento de fidelidade: próva sufficientemente clara de que o Papa estava de intelligencia com o Imperador.

1546. Carlos V. une-se com Paulo III. contra os protestantes.

Dissimulando Carlos os seus intentos, muito tempo havia que se preparava. Concluio com o Turco huma tregoa de cinco annos, e huma liga com o Papa; semeou ou fomentou a desuniaõ entre os Principes Lutheranos, cujos interesses particulares deviaõ oppôr-se ao interesse geral da sua Igreja; e affectou principalmente naõ acometter a sua Religiaõ, porque o zelo da sua defeza os teria infallivelmente reunido. Finalmente trahindo as noticias de guerra, e a marcha das trópas, sua politica, confessou Carlos na

Die-

Dieta de Ratisbonna que elle ſe armava; e proteſtou novamente que ſem pretender violentar a Religiaõ dos ſubditos do Imperio, ſe diſpunha unicamente para defender os direitos da Dignignidade Imperial, e caſtigar alguns membros ſediciosos.

Condições do tratado, contrar as aos ſeus públicos proteſtos.

O ſeu tratado com Paulo III. declarava todavia que elles uniraõ as ſuas armas para enfrear os Hereges de Allemanha, e obrigallos a ſujeitar-ſe, aſſim ao Concilio de Trento, como á Santa Sé. Em virtude deſte Tratado ſe obrigava a repartir com o Papa as conquiſtas, que entre elles ſe fizeſſem, e o Papa lhe concedia por hum anno ametade das rendas Eccleſiaſticas da Heſpanha, além da licença de alienar nella huma certa quantidade de terras pertencentes ás Caſas Religioſas. Eis-aqui como Carlos V., ſeguindo o exemplo de Fernando, o Catholico, fazia ludibrio da verdade, e enganando os homens, tendia ao ſeu fim.

O Papa revela imprudentemẽte o ſegredo.

Cedo ou tarde ſe deſcobre a verdade, e apparece a fraude. O meſmo Paulo foi quem deſcobrio a maranha. Altivo Paulo por cauſa de huma liga formada contra os inimigos da Santa Sé, publicou os ſeus Artigos n'huma Bulla, exhortando os fiéis a que concorreſſem para a meſma liga a fim de ganhar indulgen-

 cias.

cias. Esta triste indiscriçaõ naõ desconcertou o Imperador; o qual naõ só perseverou nas suas falsas declarações, mas tambem teve a industria de persuadir huma parte dos protestantes.

Forças formidaveis dos protestantes.

O maior número conheceo melhor do que nunca quaõ ameaçadas estavaõ a sua Religiaõ, e a liberdade do Imperio. Resolutos estes a rechassar a força por meio da força, se preparavaõ vigorosamente para a guerra. Os Protestantes solicitáraõ os Venezianos, os Suissos (*), Henrique VIII., e Francisco I., para os defender contra hum despotismo, que depois de ter opprimido a Allemanha se extenderia pelo resto da Europa. Nenhuma destas negociações teve effeito, nem os protestantes tinhaõ necessidade de soccorro; pois em poucos mezes pozéraõ prompto hum exercito de mais de oitenta mil homens, provido abundantemente das munições necessarias. Os Eleitores de Colonia, e Brandeburgo ficáraõ neutraes, assim como o Eleitor Palatino. Mauricio de Saxonia, Mar-

Muitos cõ tudo tinhaõ-se desannexado da liga.

(*) Os Suissos foraõ convidados, por hum breve do Papa, para dar soccorros contra os protestantes, e o Embaixador de Carlos V. os solicitava fortemente para este fim. Desculpáraõ-se elles dizendo que se naõ queriaõ metter em negocios do Imperio, e n'huma Dieta solemne, que houve em Baden em 1547, renováraõ os mesmos Suissos a sua promettendo huns, e outros defender-se fielmente.

Margrave de Misnia, declarou-se a favor do Imperador, com dous Principes de Brandeburgo. Todos eraõ protestantes. O Eleitor de Saxonia, o Landgrave de Hessa, o Duque de Witemberg, os Principes de Anhalte, e as Cidades de Ausburgo, Ulm, e Strasburgo, contribuíraõ sómente para taõ tremendo armamento. Taõ fecunda era Allemanha em guerreiros, e taõ inflammado estava o zelo religioso, e politico neste pequeno número de Estados.

Achava-se Carlos em Ratisbonna com poucas trópas; e acomettendo-o os confederados repentinamente teriaõ sem dúvida acabado a guerra. Os protestantes, ou porque respeitavaõ os usos, ou porque temiaõ fazer-se odiosos, ou tambem por motivo da frouxeza natural dos Allemães, em vez de obrar, escrevêraõ. O Imperador teve o valor de naõ responder ao seu manifesto, senaõ desterrando do Imperio o Eleitor de Saxonia, e o Landgrave de Hessa, que eraõ os principaes da liga: acçaõ tanto mais affouta, quanto devería ser regularmente authorisada por huma Dieta. Esta sentença os sujeitava ás penas da rebelliaõ, entregando os seus Estados a quem os podesse acometter. Mandáraõ entaõ os protestantes declarar guerra por hum heraldo, e principiáraõ a campanha.

Os protestantes escrevem em lugar de acometter prõptamẽte.

Constancia atrevida do Imperador.

Ti-

Carlos prevê as suas divisões.

Tiveraõ tempo para chegar o exercito do Papa, e outros soccorros. O Imperador, acampado perto de Ingolstadt, evitava prudentemente huma batalha, e bem que os inimigos podessem acomettello com vantagem, naõ o fizéraõ. Ambos os seus Cabos, sendo de caracter totalmente differente, tinhaõ igual authoridade; e por conseguinte faziaõ-se mal as operações. Nada escapava á sagacidade do Imperador; o qual antevia que os Membros deste grande Corpo naõ se uniriaõ sempre, e que huma vez que se separassem, perderiaõ as forças: o que com effeito succedeo.

Mauricio de Saxonia acomette o Eleitorado de seu Primo.

Mauricio de Saxonia, Principe astuto, e ambicioso, sem respeito á sua Religiaõ, nem ao seu sangue, a que todavia affectava amar, apodera-se dos Estados do Eleitor, seu primo, sob pretexto de precaver a invasaõ de algum Estrangeiro. Permittem os confederados ao Eleitor guiar suas trópas contra o perfido; e apenas este se aparta, logo todos se separaõ. Conhecem entaõ a sua fraqueza, e tremem. Aproveitando-se Carlos da occasiaõ, poem-se em movimento no rigor do inverno, e assenhorea-se de algumas Cidades. Sobmette-se Ulm, e leva trás de si, com o seu exemplo, quasi todos os membros da liga. Já os confe-

de-

derados pedem perdaõ de joelhos, e experimentaõ a soberania de hum Principe altivo, o qual os condemna a rigorosas compensações: como se tivera segura a fortuna.

Os cõfederados dividem-se, e pedem perdaõ.

O Eleitor de Saxonia tinha todavia recuperado os seus Estados; além de ter tomado ao perfido Mauricio a Misnia, excepto Leipzique, e Dresda. O Imperador porém se dispunha para o destruir, assim como tambem ao Landgrave de Hessa. Este intento ficou suspenso por causa das circunstancias. E arrependendo-se já Paulo III. de ter contribuido para o augmento de huma potencia, de que a Italia podería chegar a ser victima; escandalizado por outra parte, porque naõ lhe davaõ parte alguma das conquistas, nem das contribuições, e porque o vencedor, em vez de manifestar o seu zelo pela fé, tolerava no seu proprio campo a prática do Lutheranismo; Paulo, digo, retirou as suas trópas, de fórma que o exercito Imperial ficou consideravelmente diminuido.

A Saxonia tomada novamẽte pelo Eleitor.

Paulo III. invejoso, retira as suas trópas.

Recebeo-se ao mesmo tempo aviso da conjuraçaõ extravagante de Fiesco, nobre, e oppulento Genovez, que emprehendeo exterminar os Dorias, e assenhorear-se da República. Esta conjuraçaõ, dirigida com igual habilidade, e audacia, só

Cõjuraçaõ de Fiesco em Genova.

ſó ſe deſvaneceo por motivo de hum accidente. Affogou-ſe Fieſco no meſmo Porto, em que ultimamente ſe aſſenhoreára da fróta. Suſpeitando o Imperador que eſta empreza naõ fora executada ſem o concurſo das Cortes de França, e Roma, e que ſe formava contra elle alguma conſpiraçaõ, a prudencia o refreou para naõ continuar em ſuas proezas.

1557. Franciſco I. morre quãdo ſe preparava para reſtabelecer o equilibrio.

Cuidava effectivamente Franciſco I. em reſtabelecer o equilibrio, do qual toda a Europa neceſſitava, a fim de livrar-ſe da oppreſſaõ. Tratava com Solimaõ, com o Papa, com os Venezianos, e com os Proteſtantes da Allemanha, e com a Inglaterra, e Dinamarca. Além de que augmentava os ſeus erarios, levantava trópas, e formava armazens. A experiencia o tinha conſtituido prudente, e ſabio, e já as paixões naõ o diſtrahiaõ. Muito motivo pois tinha Carlos V. para recear. Porém a fortuna, que tanto era ſempre a ſeu favor, ainda deo moſtras de contentar a ſua ambiçaõ. Morreo Franciſco de cincoenta e dous annos de idade, da vergonhoſa moleſtia, que ſe alcançava por cauſa dos exceſſivos vicios, cuja moleſtia ſe introduzíra com o ouro da America.

Suas boas, e mas qualidades.

As admiraveis qualidades deſte Principe, a ſua ſinceridade, bondade, honra,

ra, generosidade, e valor, naõ podéraõ encobrir os seus defeitos, pois era temerario nas emprezas, negligente nos negocios, leviano no proceder, e excessivo nas despezas, e delicias. Por muito merecimento que Francisco tivesse, naõ seriaõ tantos os elogios que prodigamente lhe fariaõ, senaõ tivesse protegido, e favorecido os homens sábios, cujos votos estabelecem a reputaçaõ dos Soberanos. Fundou Francisco I. o Real Collegio, e a Typografia Regia, e excitando elle mesmo a cultura das linguas sábias, teve a prudencia de ordenar que os autos públicos fossem escritos em Francez. Animou do mesmo modo as bellas Artes, edificou Fontenebleau, e principiou a obra do Louvre; e a fim de civilisar os costumes da Corte, acarecu a ella as mulheres mais respeitaveis, e os Bispos mais distinctos. Porém as mulheres, e os Bispos formáraõ logo nella várias intrigas.

Protecçaõ concedida ás letras, e ás artes.

Ao Cardeal de Tournon, mais zeloso sem dúvida do que humano, se deve principalmente a execuçaõ de huma sentença barbara do Parlamento de Aix, suspensa havia alguns annos pela Corte, e cujas consequencias foraõ horrorosas. Tinhaõ-se condemnado a ser queimados como hereges, todos os pais de familia de Merindol, com ordem de arrazar todas as casas

Barbaridade, com pretexto de religiaõ, em Provença.

ſas deſte grande lugar, e arrancar as proprias arvores das floreſtas viſinhas. Aſſim que a Corte permittio a execuçaõ deſta ſentença, dous Magiſtrados, mais dignos do nome de algozes, á frente de hum corpo de trópas, comettêraõ crueldades, que certamente naõ ſe tinhaõ anteviſto; pois matáraõ cruelmente tres mil peſſoas, ſem diſtinçaõ nem de idade, nem de ſexo. A pequena Cidade de Cabrieres, e Merindol, e vinte dous Lugares, ou Aldeias foraõ victimas das chammas. Huma barbaridade taõ propria para fazer odioſos os Catholicos, póde ſer conſiderada como ſignal de guerras atrozes, que ſeráõ ateadas no Reino pelo fanatiſmo.

A Bretanha reunida á coroa.

Neſte Reinado, foi reunida a Bretanha á Coroa em 1532, e os meſmos Bretões foraõ obrigados a requerer a uniaõ.

Morte de Henrique VIII.

Dous mezes antes da mórte de Francisco I., morreo Henrique VIII., em tudo deſpotico, excepto na cobrança dos ſubſidios. A ſupreſſaõ dos Moſteiros tinhalhe alcançado grandes riquezas, das quaes elle naõ ſe aproveitou; pois os ſeus Cortezãos abſorvêraõ as rendas de todos. Carlos V. o reprehendia de *ter morto a gallinha, que lhe dava ovos de ouro*; porque com effeito tinha-ſe privado dos grandes impoſtos, que antigamente ſe impunhaõ aſſim á Igreja, como aos Monges. Ao Principi-

cipe Duarte, filho de Joanna Seymur, pertencia a Coroa, em virtude do ſeu teſtamento; na falta deſte Principe, a Maria, filha de Catharina de Aragaõ, e depois a Iſabel, filha de Anna Bolena. Todos tres reináraõ ſucceſſivamente.

CAPITULO VII.

Carlos V. opprime a liberdade Germanica. --- Henrique II., Rei de França. --- Continuaçaõ do Concilio de Trento.

ERA Henrique II., filho, e ſucceſſor de Franciſco I., Principe guerreiro, porém imprudente, mais proprio para ſe deixar governar por huma concubina, do que para ſeguir hum ſyſtema de politica. Deſvanecêraõ-ſe os receios do Imperador, e eſte naõ ſe demorou mais em executar o ſeu intento contra os principaes da liga proteſtante. Com deſaſſeis mil homens ſómente, ſoldados veteranos, equivalentes a hum numeroſo exercito, marcha Carlos para Saxonia; chega á margem do Elba defronte de Muhlberg; emprehende, a peſar das repreſentações dos ſeus Capitães, paſſar á viſta do inimigo, eſte rio, que tem de largura trezentos paſſos; dá

A Saxonia acometida por Carlos Quinto.

dá elle mesmo o exemplo aventurando-se tambem ao perigo, e o exito feliz corôa o seu valor, e justifica as suas esperanças.

O Eleitor João Frederico vencido, derrotado, e prisioneiro em Mulhosen.

O Eleitor João Frederico, por extremo irresoluto, e circunspecto nas deliberações, bem que muito valeroso na acção, e intrépido nos contratempos, não se tinha acautelado muito bem. Estava João Frederico acampado em Mulhosen junto á Muhlberg; sabe repentinamente da passagem do Imperador, que o vem acometter; e valendo-se então de todas as forças da sua alma, dispoem-se para a batalha, e combatte como hum heróe. Ficando vencido, ferido, e prisioneiro, sopporta a soberba insultadora do vencedor, sem dar mostras de abatimento, nem paixão. Não podia Witemberg, sua Capital, deixar naturalmente de succumbir, á vista da consternação, que se espalhou com o seu desbarato. Porém a Eleitora, Sibilla de Cleves, mulher digna da immortalidade, animou os habitantes, deo providencia a tudo, e foi parte para o Imperador temer-se de ficar mal á vista desta Praça.

João Frederico he cõdemnado á morte, sem se consternar.

Na dúvida, e embaraço, em que Carlos V. se achava, inspirou-lhe a politica huma acção de despotismo, que lhe desdourou a súa glória, assegurando-lhe o fe-

feliz ſucceſſo. Mandou condemnar á mórte o Eleitor por hum Tribunal Militar, compoſto de Heſpanhoes, e de Italianos, em deſprezo de todas as Leis do Imperio. Jogava o priſioneiro o xadrez, quando lhe intimáraõ a ſentença. *Voluntario morrerei*, diſſe o Eleitor ſem alteraçaõ, *com tanto que a minha mórte ſalve a dignidade da minha caſa, e a herança dos meus filhos*: E continuou a ſua partida, como ſe naõ fora nada com elle.

O Eleitor, cõdeſcẽdẽdo cõ a ſua familia, cede o Eleitorado.

Sua mulher, e familia, mais atemoriſados com eſta noticia, do que com as armas Imperiaes, cuidáraõ unicamente em ſalvar os ſeus dias. As ſuas cartas, e inſtancias o determináraõ a entregar, por meio de hum tratado, o ſeu Eleitorado nas mãos do Imperador, o qual ſe obrigava a conſervar-lhe a vida, e a dar a ſeus filhos a Cidade de Gotha, com huma penſaõ de cincoenta mil florins. Ficou o trahidor Mauricio com o eſpolio do ſeu infeliz parente; e conſervando Carlos taõ precioſa preza, tería trahido a ambiçaõ, que o conſummia.

O Landgrave de Heſſa ſujeita-ſe.

O ſeu procedimento para com Filippe, Landgrave de Heſſa, foi muito mais odioſo, porque o engano abrio caminho á violencia. Atemoriſado o Landgrave com a decadencia do Saxonio, abraça o partido de ſujeitar-ſe; perſuadindo-lhe a

e

e certificando-lhe Mauricio de Saxonia, e o Eleitor de Brandeburgo, que o Imperador naõ lhe tiraría a liberdade, do que ficavaõ por seus fiadores. Assigna Filippe os Artigos, que se lhe impoem, de entregar a Carlos, assim os seus dominios, como a sua pessoa, de ir-lhe pedir perdaõ de joelhos, &c. Sopporta elle o abatimento de taõ triste ceremonia: e estando depois para partir, prendeo-o o Duque de Alba. Debalde pedem os dous Principes, com quem elle tinha tratado, ao Imperador, que os salve do opprobrio, que recahiría sobre elles. Que aquelle animo soberbo, e innexoravel, despreza as suas súpplicas, assim como os arrebatamentos do Landgrave. Da prosperidade procedia a sua aleivosia.

O mesmo Landgrave he prezo por trahiçaõ.

Insulta o Conquistador á vista de todos o Corpo Germanico, conduzindo de Cidade em Cidade, presos os seus principaes membros, e entre estes o Eleitor de Saxonia. Opprime com exacções tudo quanto compunha a liga de Smalkalda, toma a artilharia, e desarma os Póvos, exige arbitrariamente contribuições dos seus proprios alliados, e trata-os como vassallos. Isto era o mesmo, que inspirar hum descontentamento geral, cujos effeitos naõ podiaõ deixar de ser suspensos por hum terror passageiro. Exercitando

Despotismo intoleravel do Imperador.

do Fernando o mesmo despotismo a respeito dos Bohemios, despojou-os de quasi todos os seus privilegios.

Junta-se huma Dieta em Ausburgo, onde o Imperador pretendia determinar as disputas de Religiaõ, e a primeira cousa, que fez, foi assenhorear-se da Cathedral; onde estabelece o Culto Romano, e depois faz hum discurso a respeito da sobmissaõ, que se deve ter ao Concilio de Trento. Mas este mesmo Concilio, em que estavaõ fundadas tantas esperanças, parecia já ameaçar ruina. O Papa, pretendendo dominar o Concilio, tinha-o transferido para Bolonha, sob pretexto de huma enfermidade contagiosa. Os Prelados subditos de Carlos V., ficáraõ sós em Trento. Visiveis estavaõ os symptomas de hum scisma, e de parte a parte rompiaõ em censuras. A mórte de Pedro Luís Farneze, tyranno de todos abominado, e que vários conspirados assassináraõ em Placencia, enojou tanto mais o Papa, pois que as trópas Imperiaes se apoderáraõ desta Cidade. O negocio principal de Paulo III. consistio naõ em remediar as infelicidades da Igreja, mas em suscitar inimigos ao Imperador.

O Imperador restabelece o Culto Romano em Ausburgo, e falla a favor do Cõcilio.

O Concilio porém estava promto para se dissolver.

Assassinato de Pedro Luís Farneze.

Depois de ter pedido inutilmente, em nome da Dieta, que os membros do Concilio voltassem de Bolonha para Trento, e

1548. O *Interim* do Imperador publi-

cado na Dieta de Ausburgo.

e depois de ter proteſtado com deſprezo contra huma Junta dependente da Corte de Roma, pretendeo Carlos regular a fé, do meſmo modo que decidia os negocios do Imperio. Publicou hum corpo de Doutrina em trinta e ſeis Artigos, chamado o *Interim*, ao qual ſeríaõ todos obrigados a ſujeitar-ſe até o parecer de hum legitimo Concilio. A ſua authoridade abſoluta contribuio para que o *Interim* paſſaſſe pela Dieta ſem exame algum. Os theologos, authores deſte *Interim*, pozéraõ nelle o fundamento da Doutrina Catholica, e conſervárаõ a fórma do antigo culto. Porém permittia-ſe a communhaõ debaixo das duas eſpecies, e deixava-ſe aos Sacerdotes caſados as funções do Sacerdocio: o que era ſufficiente para excitar os clamores dos Catholicos, que naõ podiaõ ſoffrer a menor innovaçaõ. Os Proteſtantes, cujo ſyſtema eſtava deſtruido, queixáraõ-ſe com muito maior vehemencia. Nunca os temperamentos, em materia de Religiaõ, conciliáraõ dous partidos, inconciliaveis por cauſa do ardor das diſputas, e da propria natureza das couſas. O velho, e aſtuto Papa naõ ſe deixou levar pela torrente do zelo, e antevendo muito bem que o *Interim* deſcahiria, ficou ſempre n'hum politico ſilencio.

Os dous partidos deviaõ deſcontẽtar-ſe do *Interim*.

Mas

Mas o Imperador inſtou pela ſua execuçaõ, como hum Senhor, que pretende ſer obedecido. Os Principes, excepto o Eleitor de Saxonia, inflexivel no ſeu captiveiro, condeſcendêraõ, e ſujeitáraõ a conſciencia. As Cidades livres, menos trataveis, excitadas pelo zelo dos Paſtores, reſiſtíraõ ao principio com entuſiaſmo. Servio-ſe entaõ Carlos das ſuas trópas, antes que houveſſe tempo para fazer allianças. Ausburgo, e Ulm, perdêraõ os ſeus privilegios, e o ſeu governo, e liberdade. Eſte exemplo eſpalhou tal terror, que com apparencias de ſobmiſſaõ, deixou ſobſiſtir o odio, que tinhaõ a tudo quanto era ſujeito ao Papa.

O *Interim* executado pelo terror.

Inquieto o Papa com a perda de Placencia, procurava todavia todos os meios de recuperalla, e nenhum outro achou ſenaõ o de unir á Santa Sé os dous Ducados, dos quaes tinha feito o patrimonio de ſeu filho. Julgou elle que o patrimonio de S. Pedro ſería mais reſpeitado, do que o patrimonio da ſua familia. Ottavio Farneze, filho, e herdeiro de Pedro Luís, devia ſer compenſado por meio de outro qualquer eſtabelecimento; mas eſte Principe, em vez de condeſcender com as idéas do Pontifice, empenhou-ſe em tomar a Cidade de Parma; e naõ o podendo conſeguir, principiou hum tra-

1549. Pretende Paulo III. unir Parma e Placencia á Santa Sé.

Reſiſte lhe Otavio Farneze.

tado com o Imperador, do qual pretendia que dependeſſe a ſua fortuna; por cuja cauſa enojou-ſe tanto Paulo III., que ſe attribue a ſua mórte á violencia da paixaõ. Hum velho de oitenta e dous annos bem podia morrer ſómente por cauſa do eſtado da ſua velhice.

Mórte do Papa.

Nova ſociedade dos Jeſuitas.

Tinha Paulo approvado em 1450 a nova ſociedade dos Jeſuitas, porque ſeu fundador Santo Ignacio, a conſagrou inteiramente ás ordens do Papa. Hum voto particular de obediencia, unindo eſta ordem mais do que nenhuma outra com a Corte de Roma, podia fazer della hum dos inſtrumentos principaes dos ſeus intentos. O número dos profeſſos foi eſtabelecido ao principio em ſeſſenta. O antigo, e o novo mundo, as Cidades, e as Cortes, ſe enchêraõ naõ obſtante iſſo em breve tempo de Jeſuitas. Eſte corpo, em que os talentos, e as virtudes foraõ muitas vezes unidos com preoccupações, e ſyſtemas perigoſos devia algum dia experimentar, e padecer as maiores infelicidades pelo meſmo motivo, por meio do qual adquiria infinito poder.

1550. Principios de Julio III.

O novo Papa Julio III., creatura de Paulo, devedor da ſua eleiçaõ aos Farnezes, deo moſtras do ſeu reconhecimento entregando Parma a Octavio. Eſta acçaõ de generoſidade, cauſou-lhe muito menos

nos

nos honra pela culpa, em que cahio, de conceder o chapeo de Cardeal a hum mancebo desconhecido, de desasseis annos, cujo merecimento consistia em ser do seu agrado, e ter tido cuidado de hum macaco da sua casa. Leviandade incomprehensivel, n'hum tempo principalmente, em que a Santa Sé estava exposta a tantas satyras.

Convoca Julio o Côcilio de Trento.

Tinha-se Julio obrigado por juramento, assim como todos os Cardeaes, a convocar immediatamente depois da eleiçaõ, o Concilio desfeito por Paulo III.; e sabendo por experiencia, (pois tinha presidido no dito Concilio) quaõ difficultosa era de governar huma Junta semelhante, naõ fez maior diligencia. Finalmente para satisfazer o Imperador Carlos V., convocou novamente o Concilio de Trento. A Dieta de Ausburgo reconheceo a sua authoridade, porque naõ podia resistir a Carlos, o qual prometteo inteira segurança aos Deputados protestantes, que assistissem ao mesmo Concilio juntamente com os Catholicos.

Carlos V. pretêde ser senhor de Parma.

Mil projectos de ambiçaõ, de que Carlos estava preoccupado, impediaõ necessariamente o intento, mais especioso do que sólido, de restabelecer a uniformidade de Religiaõ. Possuindo Carlos Placencia pretendia unir-lhe Parma: Julio III.

naõ se attrevia a declarar-se contra Carlos a favor de Ottavio Farneze, ao qual se arrependia de ter dado este Ducado. Ameaçado o Duque de huma invasaõ, pedio soccorro ao Rei de França.

A Inglaterra e o governo de Duarte VI. naõ inquietava a França.

Achava se entaõ Henrique II., em estado de acometter a Casa de Austria, e Inglaterra, por mórte de Henrique VIII., agitada com tumultos, com o governo de hum Rei menor. Duarte Seymour, Duque de Somersete, tio materno de Duarte VI., vendo se senhor absoluto com o titulo de protector, tinha mudado todo o systema religioso do ultimo Reinado, abolido as ceremonias Ecclesiasticas, e estabelecido a doutrina severa, e falsa de Calvino. Tinha tambem feito guerra em Escossia, onde o fanatismo principiava a manifestar-se, esperando unir ambos os Reinos, por meio do casamento da Rainha Maria Stuart com o Rei de Inglaterra. Porém os soccorros da França animáraõ de novo o valor dos Escossezes; estava Maria promettida ao Delfim: Somersete, que se via rodeado de intrigas, tinha perdido a sua authoridade. Finalmente Bolonha entregue á França, por quatrocentos mil escudos.

1551. Hẽrique II. arma-se pela defeza de Farneze.

He pois natural que Henrique, cheio dos mesmos sentimentos, que seu Pai, contra o ambicioso Carlos V. se aprovei-

taſ-

taſſe da occaſiaõ para lhe atalhar huma fortuna taõ rápida. Concluio-ſe em breve tempo o Tratado com Farneze; do qual aſſim que Julio teve aviſo, confiſcou o Ducado de Parma, e unio-ſe com o Imperador. Em toda eſta guerra naõ houve ſucceſſo memoravel. Parma defendeo-ſe de hum cerco, que os Imperiaes levantáraõ, e os Francezes aſſoláraõ huma parte do Eſtado Eccleſiaſtico.

Principiava o Concilio novamente as ſuas operações; e poſto que nelle quaſi que ſó havia ſeſſenta Prelados, quaſi todos Italianos, ou Heſpanhoes, e poucos Allemães, decidíraõ-ſe os pontos mais eſſenciaes, a reſpeito da Euchariſtia, Penitencia, Extrema-Unçaõ, ſem ſe reſpeitar a huma proteſtaçaõ ſolemne do Rei de França (*). O Imperador prohibio aos Lutheranos enſinar huma doutrina contraria; deſterrou os ſeus Miniſtros; e perſeguio todo aquelle, que naõ ſeguia a ſua vontade como regra da fé.

Decisões importãtes do Cõcilio, poſto que pouco numeroſo.

Durante a Dieta de Ausburgo, tinha o Imperador dado huma próva de deſpotiſmo, do qual naõ havia exemplo al-

Novos factos do deſpotiſmo do Imperador.

(*) Eſte Principe mandava queimar os proteſtantes no ſeu Reino, e oppunha-ſe á celebraçaõ de hum Concilio contra os Proteſtantes. *Jaques Amiot*, Embaixador do Rei, proteſtou formalmente contra o Santo ajuntamento.

algum na hiſtoria profana. Solicitando novamente Mauricio de Saxonia, e o Eleitor de Brandeburgo a liberdade do Landgrave de Heſſa, e porfiando a reſpeito do auto, por meio do qual ſe tinhaõ conſtituido fiadores de que naõ ſe commetteria attentado contra ſua peſſoa, tinha-os o Imperador deſobrigado a eſte reſpeito: como ſe a honra, boa fé, e conſciencia, foſſem, ou eſtiveſſem ſujeitas ao ſeu imperio. Os proteſtantes naõ deixáraõ de dizer que o Imperador tambem arrogava a ſi o deſpotiſmo eſpiritual dos Papas.

CAPITULO VIII.

Carlos V. abatido, e humilhado por Mauricio de Saxonia. --- Henrique II. toma, e conſerva os tres Biſpados.

Politica ſagaz de Mauricio de Saxonia.

TANTOS inſultos odioſos á liberdade do Corpo Germanico naõ podiaõ deixar de produzir alguma revoluçaõ. Mauricio, o mais poderoſo dos Principes de Allemanha, depois que o Eleitorado de Saxonia ſe tinha unido aos ſeus Eſtados hereditarios, formava occultamente o intento de contrabalançar hum poder taõ

enor-

enorme. E sendo taõ sagaz, como ambicioso, sabia entreter, e conservar assim o conceito do Imperador, do qual se mostrava sempre zeloso seguidor como o dos mesmos protestantes, a cuja causa tinha sido trahidor, bem que ainda lhes defendia as opiniões. Depois de ter sujeitado os seus vassallos ao *Interim*, com o soccorro do tímido Melancton, a quem a constancia de Luthero já naõ excitava, soffocou Mauricio os clamores dos zeladores, por meio de huma declaraçaõ pública do zelo, que tinha pela refórma. Tambem tinha solemnemente protestado reprovar o Concilio de Trento, menos que senaõ examinassem de novo os pontos já decididos, e os Theologos do partido naõ tivessem nelle direito de voto. Com tudo a Dieta de Ausburgo, a quem o Imperador fizéra senhora, tinha-o nomeado General da guerra contra a Cidade de Magdeburgo, que foi bannida do Imperio, porque se oppunha vigorosamente ao *Interim*.

Mauricio he nomeado General cõtra Magdeburgo.

Defendeo-se Magdeburgo contra hum sitio de doze mezes. O zelo da Religiaõ fazia nesta Cidade mais forte o amor da liberdade. Mauricio dilatou a guerra, sem descobrir os seus intentos. Os mesmos artigos da capitulaçaõ foraõ conformes com as idéas de Carlos; porém o Eleitor deo o

Mauricio acomete esta Cidade Lutherana, e adquire novamente a confiança dos Lutheranos.

o ſeguro occultamente, de que os habitantes naõ perderiaõ nem o exercicio público do Lutheraniſmo, nem hum ſó dos ſeus privilegios. N'huma palavra, diſſipou Mauricio de tal ſórte o odio, que todos tinhaõ contra elle no tempo do ſitio, que foi eleito por elles meſmos Burgrave, titulo antecedentemente annexo ao Eleitorado de Saxonia, e que dava huma grande authoridade. Eſte Principe fazia o que queria com admiravel prudencia. O Imperador, que ſe via muito occupado em Inſpruke com os negocios do Concilio, naõ deſconfiava de couſa alguma: e deſte modo he que cahe algumas vezes a aſtucia na meſma ſilada, que arma aos outros.

Mauricio unido com a França, ſempre diſſimula.

Já Mauricio eſtava unido com a França. Devia Henrique II., ao meſmo tempo que Mauricio, declarar guerra ao oppreſſor da Allemanha. Neſte tratado naõ entrava a Religiaõ, o qual por eſſa meſma razaõ era mais conforme com o intereſſe politico. Antes que Mauricio ſe manifeſtaſſe, ainda pedio a liberdade do Landgrave, ſeu ſogro, e a negativa authoriſava mais a ſua empreza. O famoſo Granvelle, Biſpo de Arras, que depois foi Cardeal, Miniſtro de huma capacidade ſingular, teve aviſo dos movimentos do Eleitor, e cegou-ſe a ſi proprio por hum exceſſo de confiança, dizendo que *hum Al-*

O meſmo Mauricio tambem engana o ſagaz Granvelle.

le-

lemaõ bebedo naõ era baſtantemente ſubtil para enganallo: e foi enganado com effeito melhor que ninguem. Eſtavaõ dous Miniſtros Saxonios ſobornados, e Granvelle deſcançava na ſua parcialidade. Deſcoberto que o Principe tiveſſe a perfidia, diſſimulou taõ ſubtilmente com ambos os ſeus Miniſtros, que ſe aproveitou da ſua correſpondencia com Granvelle para deſvanecer as deſconfianças.

1552. Mauricio finalmente declara-ſe.

Aſſim que tudo ſe achou prompto para a acçaõ, armou-ſe Mauricio, e publicou hum manifeſto, em que expunha os ſeus motivos, capazes de conciliar-lhe os diverſos partidos. Pretendia elle pôr em ſeguro a religiaõ proteſtante, manter a conſtituiçaõ, e a liberdade germanicas, e libertar o Landgrave de Heſſia de huma injuſta prizaõ. Taes eraõ as razões, que Mauricio allegava do ſeu proceder. Appareceo ao meſmo tempo hum manifeſto do Rei de França; em que Henrique II. ſe intitulava *protector das liberdades de Allemanha, e dos ſeus Principes priſioneiros*; declarando o ſeu intento de aſſegurar a independencia de todos os membros do Imperio.

Manifeſto de Herique II.

Conquiſta dos tres Biſpados:

O Imperador, que ſe via em Inſpruke, quaſi ſem trópas, e ſem dinheiro, enfermo, e deſcançado, aſſim que teve eſta noticia naõ eſperada, ficou como aſſombrado

do de hum raio. Com a actividade dos seus inimigos redobrou a consternaçaõ: Tul, Verdun, e Metz passaõ sem resistencia ao poder de Henrique: atravessa Mauricio a Allemanha superior, e acceita huma conferencia em Lintz com o Rei dos Romanos, a fim de mostrar pacificos sentimentos. Porém esta conferencia acabou sem outro fructo mais que o de indicar outra conferencia. Continúa o mesmo Mauricio rápidamente a sua marcha para Tirol, e vence os obstaculos, que o teriaõ podido suspender: a sua tençaõ era de sorprehender Carlos em Inspruke. Este, algumas horas antes da sua chegada, tinha fugido de noite, com hum tempo horroroso, atormentado da gota, e levado n'huma liteira ao meio dos Alpes, e teve a felicidade de chegar a Villach, Praça forte da Carinthia.

O Imperador foge de Inspruke.

Cõferẽcias de Passaw.

Triunfante Mauricio, parte para Passaw, como tinha ajustado, a fim de ter segunda conferencia com Fernando, em que havia Deputados de quasi toda a Allemanha, e limita as suas petições aos tres artigos expostos no seu manifesto: soltura do Landgrave, exercicio público da religiaõ protestante, restabelecimento dos privilegios, e da liberdade germanica. Estes artigos saõ apresentados ao Imperador, em nome de todos os Estados do Imperio,

rio, ſendo entaõ os Catholicos a favor dos Lutheranos. Reſponde Carlos com a ſua ordinaria altivez, liſonjeando-ſe deſte modo de ganhar tempo. E tornando logo o Eleitor a tomar armas, fez-ſe Carlos mais tratavel. Renovaõ-ſe os tratados, e todos ou por neceſſidade, ou por temor do futuro, deſejavaõ a paz, que ſe concluio em breve tempo.

Condições impoſtas a Carlos V.

As condições principaes foraõ as ſeguintes: que a liberdade ſería concedida ao Landgrave; que o *Interim* naõ tería mais lugar; que haveria em ſeis mezes huma Dieta para terminar as diſputas de Religiaõ; que entretanto, a liberdade de conſciencia ſería inteira; que os proteſtantes poderiaõ entrar na propria Camera Imperial; que ſe as diſputas Eccleſiaſticas naõ tiveſſem fim na Dieta, o tratado actual eſtaria perpetuamente em vigor a eſte reſpeito; e finalmente que o exame dos aggravos a reſpeito das liberdades do Imperio, ficava para a proxima Dieta.

O Rei de Frãça abãdonado pelos ſeus alliados.

Bem que os confederados deveſſem muito ao Rei de França, e ſe tiveſſem obrigado a naõ tratar nem da paz, nem da tregoa ſem ſua approvaçaõ, com tudo apenas o nomeáraõ em o tratado. "To-
,, dos aquelles, que ſoccorrem os autho-
,, res das guerras civís, pódem ter a cer-

,, te-

„ teza de ser desprezados deste modo; „ conforme a observaçaõ de Mr. Ro- „ bertson. Assim que o odio do partido „ principia a extinguir-se, os seus servi- „ ços saõ esquecidos; o merecimento, que „ todos pretendem ter para com o Sobe- „ rano, he a ingratidaõ, com a qual he „ abandonado o protector. „ Dissimulou Henrique a sua paixaõ, e resolveo-se a defender as suas conquistas. Singularidade bem notavel he que, sendo este Principe oppressor dos Seitarios no seu Reino, avigorasse o estabelecimento da sua Seita em Allemanha.

O Concilio ainda interrompido.

O mesmo effeito tivéraõ as emprezas de Carlos V., a fim de obrigar as consciencias. Nem só Carlos vio o fim do Concilio, do qual se lisonjeava em vaõ que as decisões reuniríaõ as duas Igrejas. Tanto que a expediçaõ de Mauricio causou grande terror em Trento, os Bispos Allemães se retiráraõ, e o Legado, que presidia folgou de despedir os outros.

Quaes tinhaõ sido os peditorios dos protestantes.

Grandes disputas tinhaõ havido a respeito do salvo conducto, que os protestantes pediaõ para os seus Theologos. Pretendiaõ os protestantes que se lhes concedesse voto deliberativo, e decisivo; que tudo se decidisse conforme a Sagrada Escritura; e que o Papa se sujeitasse aos De-

cre-

cretos da Junta. Como poderiaõ ser admittidas taes pretenções? E no caso de serem admittidas, como poderiaõ os dous partidos obrar unanimemente, entender-se, e concordar entre si? Toda a Historia Ecclesiastica, des do Arianismo, mostra que o espirito de Seita he igualmente obstinado na disputa, e inflèxivel depois da sentença. Os Concilios sim decidíraõ os dogmas, mas naõ sujeitáraõ, ou naõ persuadíraõ os Hereges.

Grãdes preparos para tomar novamẽte os Tres-Bispados.

Joaõ Frederico, Eleitor antigo de Saxonia, e o Landgrave de Hessa, assim que sahíraõ da prizaõ, depois da transacçaõ de Passaw, só suspiravaõ pelas doçuras da paz; e Alberto, Margrave de Brandeburgo-Anspach, era o unico, que naõ quiz assignar a pacificaçaõ, e assolava ainda a Allemanha superior. Menos inquieto o Imperador, com estas assolações, do que fervoroso em vingar-se do Rei de França, faz grandes preparos para recuperar o que em Lorena perdèra. Por meio da conquista dos Tres-Bispados, achava-se a Champanha provida de huma fronteira, e o Imperio exposto ás armas Francezas: e por conseguinte grande era a importancia que havia em os tornar a tomar; para o que destinou Carlos todas as suas forças. O Imperador veio sitiar Metz com hum exercito de sessenta mil

ho-

homens, ao qual ſe unio Arberto de Brandeburgo, depois de ter duvidado a quem ſerviría.

O Duque de Guiſa prepara-ſe para defender Metz.

Tinha-ſe antevisto o perigo; tomáraõ-ſe ſábias, e prudentes cautelas. Franciſco de Lorena, Duque de Guiſa, tomou a ſi o defender Metz; Cidade vaſtiſſima, mal fortificada, e incapaz de defender por ſi meſma hum dilatado cerco. Excitada a Nobreza principal do Reino, pelo ſeu exemplo, e reputaçaõ, concorreo a participar da gloria deſta empreza, e Franciſco reſtabeleceo em pouco tempo as fortificações, e augmentou outras novas; trabalhando com os ſoldados, animando tudo, e fazendo agradavel a propria fadiga por meio do ſeu talento para grangear os corações. A deſpedida das bocas inuteis, a deſtruiçaõ dos arrabaldes, e dos moinhos, a deſpóvoaçaõ dos campos circumviſinhos, as ordens ſeveras dictadas pela ſua Providencia, nada deo motivo a murmurações, e o meſmo Franciſco de Lorena moſtrava que ſemelhantes ſacrificios eraõ devidos á Patria.

O Imperador levanta o ſitio.

Teimando o Imperador ſempre nas ſuas reſoluções, a pezar dos melhores conſelhos, principia o ſitio quaſi no fim de Outubro, julgando-ſe ſuperior aos obſtaculos que os ſeus Generaes lhe moſtraõ aos olhos. Porém caſtigado ficou da

ſua

ſua preſumida confiança. Depois de ſeſſenta e cinco dias de inuteis esforços, tendo-lhe cauſado a perda de trinta mil homens, o valor dos ſitiantes, os rigores da eſtaçaõ, e as enfermidades, levanta precipitadamente o aſſedio: *Bem vejo*, diſſe elle, *que a fortuna he ſemelhante ás outras mulheres, pois abandona os velhos para conceder os ſeus favores aos moços.* Eſta deſgraça merecia reflexões mais ſérias.

A fortuna dava-lhe em Italia outros motivos de paixaõ. Perdeo o Principado de Piombino, o qual foi obrigado a ceder a Coſme de Medicis, por huma quantia pouco conſideravel, de que neceſſitava. Perdeo Sena, que expulſando huma guarniçaõ Heſpanhola, pôz-ſe debaixo da protecçaõ da França. As Cóſtas de Calabria foraõ aſſoladas por Dragute, Diſcipulo de Barba-Ruiva, a quem Solimaõ tinha mandado juntamente com huma fróta. Os Turcos eſperáraõ á viſta de Napoles pela fróta Franceza: naõ ſe ſabe que obſtaculos a ſuſpendêraõ. E como os Turcos naõ tiveſſem noticia alguma da fróta Franceza, voltáraõ para Conſtantinopla. Suas perdas em Italia.

Excluſo do Imperio o terrivel Alberto de Brandeburgo por cauſa de renovadas violencias, aſſolou ainda huma par- 1553. Mórte do famoſo Mauricio de Saxonia.

parte da Allemanha, e Mauricio de Saxonia, á frente das trópas do Imperio, vencendo, e derrotando Alberto em Sievershausen no Ducado de Luneburgo, morreo no seio da victoria. Se alguma cousa podesse desvanecer as perfidias deste Eleitor, naõ se poderiaõ admirar sufficientemente os seus grandes successos, produzidos por milagres de politica. Como só deixava huma filha, que depois casou com o femoso Guilherme, Principe de Orange, Joaõ Frederico, a quem elle despojára indignamente, reclamou a Dignidade Eleitoral. Augusto, irmaõ de Mauricio, alcançou o Eleitorado com preferencia a Joaõ Frederico, segundo o parecer dos mesmos Estados de Saxonia. O segundo ramo, chamado do Albertino, conservou sempre o Eleitorado, que segundo a ordem natural, pertencia ao ramo Ernestino. Accrescentou-se sómente Altemburgo á repartiçaõ de Joaõ Frederico; o qual morreo no anno seguinte, mais respeitavel na adversidade por causa das suas virtudes, do que o seu oppressor n'huma brilhante, mas criminosa fortuna.

O seu ramo (Albertin.) fica na posse do Eleitorado.

Mórte de Joaõ Frederico.

Successos da guerra.

Vejamos as consequencias da guerra entre a França, e o Imperador, as quaes foraõ cruéis para os Póvos, victimas da esteril vingança dos Principes.

Ten-

Tendo Carlos tomado de hum assalto Teruana, arrasou esta Cidade, da qual só existe o nome. Hesdin tambem ficou arruinada. Este, porém, foi todo o fructo de huma campanha, que tinha absorvido thesouros. No anno seguinte, foraõ tambem vistos os dous Monarcas inimigos, á frente das suas trópas, nos Paizes-Baixos, e nenhum successo houve digno dos seus preparos. Arma-se Cosme de Medicis em Italia, a fim de expulsar os Francezes de Sena; e Strozzi, Florentino, General do exercito de França, perde a batalha de Marciano, a que elle naõ devera aventurar-se. O valeroso Montluc defende Sena dez mezes inteiros, sendo o amor da liberdade parte para os Cidadãos sopportarem todos os rigores da penuria. Montluc capitula finalmente, com a condiçaõ de que a República conservará a sua liberdade, e os seus direitos, debaixo da protecçaõ do Imperio (1555): capitulaçaõ violada quasi ao mesmo tempo que foi feita.

Strozzi, e Montluc.

Hum conloio de Religiosos esteve a ponto de procurar para o Imperador a conquista, que elle desejava com maior ambiçaõ, e inutilmente tentára com todas as suas forças. Tinha o Guardiaõ dos Franciscanos de Metz, homem intrigante, e attrevido, ganhado o conceito do

Cõspiraçaõ dos Frãciscanos de Metz.

Governador. Este trahidor, formando tençaõ de entregar a Cidade aos inimigos, enganou os Religiosos do seu Convento, onde recolheo varios soldados disfarsados em Franciscanos, os quaes deviaõ abrir as portas á guarniçaõ de Thionvilla. Descobrio-se a conjuraçaõ no mesmo dia destinado para a sua execuçaõ, e o Guardiaõ foi condemnado á morte com vinte dos seus subditos. Raivosos os Franciscanos contra o Guardiaõ, matáraõ-o com as suas proprias mãos, em hum quarto, onde os tinhaõ mettido juntos, e deviaõ confessar-se huns aos outros, e moêraõ a pancadas quatro Religiosos anciãos, que como o Guardiaõ, eraõ os authores da seducçaõ. Ter-se-hia perdoado aos criminosos em attençaõ ao seu habito, se o exemplo naõ parecêra taõ necessario. Foraõ sómente perdoados seis dos mais moços.

Castigo dos culpados.

CA-

CAPITULO IX.

Reinado de Maria em Inglaterra. — Paulo IV. inquieta a Europa por ambiçaõ. — Renúncia de Carlos V.

Tinha Maria succedido a Duarte VI. em Inglaterra.

AO mesmo tempo que se combatia para infelicidade da humanidade, a insaciavel ambiçaõ de Carlos V. vio que se lhe abria com grande successo nova carreira. Tinha Duarte VI. fallecido em 1553, de idade de quinze annos, e succedeo-lhe Maria sua irmã, filha de Henrique VIII., e de Catharina de Aragaõ. A conspiraçaõ de Dudley, Duque de Northumberland, que pretendia a Coroa para Joanna Gray, sua nora, só servio de o perder a elle, a seu filho, e a esta mulher amavel, virtuosa, e illuminada, que contra sua vontade induzíra, a fim de a metter na conspiraçaõ. Joanna Gray era sobrinha de Henrique VIII. Todos foraõ executados.

O seu matrimonio cõ Filippe II., desagradavel aos Inglezes.

Devendo o casamento de Maria fazer hum Rei de Inglaterra, concebeo logo Carlos a idéa de collocar sobre este Throno o seu proprio filho, herdeiro de tantos Reinos. Filippe, que naõ era menos ambicioso do que seu Pai, consentio

ſem grande cuſto em caſar com huma Rainha de trinta e oito annos, bem que elle naõ tiveſſe mais de vinte e ſete. A Rainha, que tinha extremoſo apego á caſa, de que deſcendia, muito mais zeloſa ainda da Religiaõ Romana, e reſoluta a reſtabelecella, ou por meio das Leis, ou por meio dos ſupplicios, deſejava hum eſpoſo tal, como Filippe, cujo zelo violento já ſe dava a conhecer, e cujo poder lhe facilitaria os meios de executar os ſeus intentos. Receando a Naçaõ Ingleza, pelo contrario a ſua Religiaõ, e liberdade, tinha horror a eſte caſamento. Porém as intrigas, e o dinheiro do Imperador vencêraõ todos os obſtaculos. Foi regulado que Filippe tería o titulo de Rei; que a Authoridade Real ficaría entre as mãos de Maria; que a conſtituiçaõ, as leis, e os uſos nacionaes naõ teriaõ prejuizo, nem alteraçaõ alguma, &c.

1554. O Catholiciſmo reſtabelecido.

Aſſim que Filippe chegou á Inglaterra, o ſeu ar frio, e altivo, a ſua hypocriſia, e inclinaçaõ ao deſpotiſmo, confirmáraõ as ſuſpeitas, e os temores. Pouco tempo havia que hum Parlamento reprovára *os biles* contra a hereſia, e tinha ſido desfeito. E outro ſe entrega ás vontades da Corte. O Cardeal Pole, de Sangue Real, bannido havia muitos annos, he recebido como Legado do Papa. Annul-

nullaõ as duas Cameras os Autos, que tinhaõ eſtabelecido a Religiaõ proteſtante, pedem a abſolviçaõ, e ſolicitaõ a graça de ſer reconciliadas com a Igreja Romana; o que naõ cuſtou muito a alcançar. Ficou Julio III. agradavelmente admirado, quando os Inglezes lhe agradecêraõ *por ter deixado*, diz elle, *fazer o que elle meſmo devia agradecer-lhes por ter feito.* Roma triunfou, mas devia recear da ſua conquiſta.

Eis-aqui tres mudanças de Religiaõ em tres Reinados conſecutivos, e bem ſe podia antever quarta mudança, pois que o modo de penſar do Principe era a regra do Parlamento. O ferro, e o fogo foraõ empregados contra os heterodoxos: eſte era o meio para fazer odioſa, e por conſequencia fragil, a fé que ſe devia inſpirar. Maria, e Filippe conſultavaõ ſó no ſeu zelo as ſuas tyrannicas inclinações. Huma Inquiſiçaõ cruel foi eſtabelecida entre eſte Povo zeloſo da liberdade: cinco Biſpos, e entre elles o célebre Primaz Cranmer, de quem Henrique VIII. fazia conceito, expiráraõ valeroſamente entre as chammas, e a hereſia contou em tres annos duzentos ſetenta e ſete martyres, cujo fanatiſmo conſtante naõ podia deixar de inflammar os enthuſiaſmados, e deſaffiar o ſeu odio contra a Igreja.

Perſeguiçaõ de Maria, e de Filippe.

ja. Semelhantes atrocidades produzíraõ hum descontentamento quasi universal.

De que procedia este espirito de perseguiçaõ ẽtre os Christãos.

Á barbaridade dos costumes, á hum rancor de superstiçaõ, aos antigos exemplos muito communs, e algumas vezes preconisados na Historia, á mania absurda de governar as opiniões humanas, he que cumpre attribuir este espirito perseguidor, evidentemente contrario ao espirito do Christianismo, e naõ obstante taõ contagioso, que se communicava aos proprios cabeças da refórma. Mudando os dogmas, tinhaõ elles ser hum crime capital o naõ crêr do mesmo modo, que elles criaõ. No tempo de Duarte VI., Principe naturalmente bom, ateáraõ-se as fogueiras mais de huma vez para a heresia. Assignando Duarte hum dia, com as lágrimas nos olhos, a condemnaçaõ de huma mulher: *Se eu faço mal*, disse a Cranmer, *vós sereis responsavel a isso.* Deste modo seguia Cranmer, cuja moderaçaõ era conhecida, a torrente do uso. Luthero tinha sido hum exemplo da intolerancia: Calvino mandou queimar em Genebra o douto Servete, Medico Hespanhol, a quem elle accusou de ser inimigo da Trindade. Por toda a parte reinava o fanatismo.

Os heterodoxos tiveraõ assim como os outros o mesmo espirito de perseguiçaõ.

Infelicidades que necessariamẽ-

Nenhuma razaõ tinhaõ assás sufficiente para se convencerem de que tanto impor-

porta refrear os perturbadores do descanço público, especialmente em materia de Religiaõ, quanto he injusto castigar opiniões, e erros por meio de supplicios reservados para os mais insignes malvados. Mas naõ se devia por ventura vêr ao menos que, se o partido perseguido viesse por fim a ficar victorioso, sería infallivelmente perseguidor, que a perseguiçaõ era huma semente de guerras civís, e que com o admiravel pretexto de vingar a causa de Deos, que manda, e ordena aos homens a caridade fraterna, sem excepçaõ, nem distinçaõ de culto, se introduzia na sociedade christã, o rancor, odios, e furores, de que quasi que naõ ha exemplo algum no paganismo?

te resultaõ do espirito de perseguiçaõ.

O incendio, ateado ao principio em Allemanha, felizmente se extinguio, ao mesmo tempo que as suas assolações se preparavaõ para dilatar-se por outras comarcas. Tinha o Imperador abandonado os seus projectos de despotismo: Fernando, Rei dos Romanos, que convocou nova Dieta em Ausburgo, necessitava de conciliar os corações. O famoso Decreto da Dieta estabeleceo huma paz de Religiaõ muito conveniente a ambos os partidos, posto que imperfeita a certos respeitos. Concede-se total liberdade de consciencia aos Estados, que seguirem a confis-

1555. Dieta de Ausburgo, õde se trata da paz de Religiaõ

Artigos do Decreto.

fiſſaõ de Ausburgo : os Calviniſtas, e os Zuinglienſes, naõ gozavaõ deſta vantagem; a qual obtiveraõ pelo tratado de Veſtphalia. Ordena-ſe que as vias pacificas de conferencia, e perſuaſaõ ſejaõ dalli por diante as unicas, de que ſe uſe, para terminar as diſputas religioſas : Lei admiravel, que deveria ter prevenido as guerras civís. Deixaõ-ſe aos proteſtantes os bens Eccleſiaſticos, dos quaes ſe tinhaõ aſſenhoreado. Concorda-ſe tambem em que todo o Beneficiado, que abandonar a Religiaõ Romana, perderá des de logo o ſeu Beneficio, para o qual os Colladores nomearáõ como ſe eſtiveſſe vago. Eſta he a *reſerva eccleſiaſtica*, taõ juſta no ſeu fundamento, como propria para enfrear o Cléro no gremio da Igreja.

O Decreto devia offēder a Corte de Roma, que pretēdia unicamēte decidir.

Semelhante auto naõ podia deixar de deſagradar á Corte de Roma, ou porque emanava de huma Junta em grande parte leiga, ou porque os Papas attribuiaõ a ſi o direito excluſivo de ſentenciar as cauſas de Religiaõ. Naõ examinaremos, até onde ſe póde extender, em certas circunſtancias, o direito dos Principes, e dos Póvos, quanto ao que reſpeita eſſencialmente á tranquilidade pública; nem advertiremos que antigamente os regulamentos eccleſiaſticos ſe faziaõ muitas vezes em Juntas nacionaes, em que ſe achavaõ

vaõ unidos os Cavalleiros, e os Bispos: julgar-se ha offendida a Santa Sé, e nesta occasiaõ se atecará huma sanguinolenta guerra.

Entregue Julio III., mais ás delicias do que aos cuidados do governo, falleceo em huma pessima reputaçaõ. Marcello II., seu successor, possuio sómente vinte e hum dias a Thiara, de que era digno, e apartou de Roma a sua familia. Succedeo-lhe o Cardeal Caraffa com o nome de Paulo IV., e servio-se de hum systema totalmente differente. Este Pontifice, de idade de oitenta annos, que entrára na Ordem de S. Domingos em sua mocidade, e que se tinha ao depois despojado de grandes beneficios, a fim de fundar a Ordem dos Theatinos, cujo instituto prescrevia a pobreza a mais severa, com prohibiçaõ de pedir cousa alguma; e que tirado segunda vez do claustro, e condecorado com a purpura, observára excessivamente toda a aspereza dos seus costumes: este Pontifice occupando o Throno Pontificio pareceo outro homem differente; pois affectou huma magnificencia extraordinaria. Perguntando-lhe o seu Mordomo, como queria ser tratado: *Como grande Principe*, respondeo Paulo com altiveza. Os seus sobrinhos, condecorados com os principaes empregos, cheios de ambiçaõ,

Paulo IV. (Caraffa) ao principio Religioso austéro.

Paulo, com oitenta annos de idade, muda de costumes.

çaõ, e ſenhores do ſeu animo, perſuadíraõ-lhe, que emprehendeſſe huma conquiſta, para lhes dar Eſtados, e augmentar os ſeus.

Sua aſpereza, e ſua altiveza.

O ſeu caracter, e as ſuas máximas lhes offereciaõ os meios para o obrigar aos procedimentos mais attrevidos. Como inimigo mortal dos hereges, tinha Paulo eſtabelecido contra elles a Inquiſiçaõ em Italia horroriſando-ſe da indulgencia, que em Allemanha lhes concediaõ. Informado Paulo de todas as preoccupações antigas a reſpeito do poder do Pontificado, accreſcentava-lhe aquella arrogante altiveza, tantas vezes empregada em defendellas. Os ſeus ſobrinhos o determináraõ a propôr ao Rei de França a conquiſta, e repartiçaõ do Reino de Napoles. Confirma-o na ſua reſoluçaõ o Decreto de Auſburgo: ameaça com a ſua cólera aſſim Carlos V., como Fernando, ſe logo o naõ annullarem; e repreſentando-ſe-lhe os perigos, e a impoſſibilidade deſta violencia; reſponde elle que na cauſa de Deos, e da Igreja naõ ſe deve conſultar a prudencia mundana: e depois diſſo conclue occultamente o ſeu tratado com a França, como a favor da cauſa de Deos, e da Igreja.

Ameaça Paulo o Imperador, e faz alliança com a França.

1556. Abdicaçaõ de Carlos

Dá por eſte tempo o Imperador á Europa o eſpectaculo de huma abdicaçaõ

naõ

naõ eſperada, a qual confunde todas as idéas da politica. Alguns annos havia que elle ſuſpirava pelo retiro. As enfermidades, os deſgoſtos, a declinaçaõ da ſua fortuna, affrouxavaõ os ſentimentos ambicioſos de que continuamente era agitado: e naõ podendo ſopportar mais o pezo dos trabalhos, e receando deſencarregar-ſe delles em outrem, porque fazia depender de ſi meſmo os ſucceſſos, pretendia conſervar toda a ſua glória, e liſonjeava-ſe tambem de augmentalla, conſagrando-ſe á ſoledade, a que por outra parte os ſentimentos de Religiaõ o convidavaõ a fim de cuidar na ſua ſalvaçaõ. Tinha já cedido o Milanez, e o Reino de Napoles a Filippe, ſeu filho; pois o via com vinte e oito annos de idade, exercitado nos negocios, e capaz de os reger bem: e n'huma grande Junta dos Eſtados, convocada em Bruxellas, lhe entregou ſolemnemente os Paizes-Baixos, accreſcentando-lhe poucos mezes depois as Coroas de Heſpanha, e da America.

V. a favor de ſeu filho.

Reſpeitai inviolavelmente a Religiaõ; ſuſtentai a fé catholica em toda a ſua pureza. Sejaõ ſempre as Leis da Naçaõ ſagradas nos voſſos olhos. Naõ altereis já mais nem os direitos, nem os privilegios do voſſo Povo. E ſe algum dia ſucceder que queirais gozar das doçuras da vida particular; praza

Diſcurſo de Carlos com Filippe em Bruxellas.

a Deos que tenhais hum filho digno de que lhe renuncieis o Sceptro, com igual ſatisfação, á que eu tenho em renunciallo para vós! Eſte diſcurſo que o Imperador pronunciou na Junta de Bruxellas, provocou a lágrimas os que o ouviaõ. Seguio Filippe II. os conſelhos de ſeu Pai a reſpeito de alguns artigos conformes aos ſeus proprios ſentimentos. Porém vello-hemos ſacrificar os direitos do Povo ao zelo ſuperſticioſo, de que era animado, e tanto ſoffrerá a Religiaõ como o Povo.

CAPITULO X.

Guerra de Henrique II. com Filippe II., excitado por Paulo IV. --- Mórte de Carlos V.

Carlos V. cõclúe huma trégoa com a Frãça.

ACABAR a guerra com a França, e pacificar a Europa toda, depois de a ter alagado em ſangue, he o que podia coroar a glória de Carlos V. Aſſim o emprehendeo. Concluio-ſe huma trégoa de cinco annos, durante a qual cada hum ficaria na poſſe das ſuas conquiſtas. O Condeſtavel de Montmorenci, ſabia e prudentemente oppoſto á alliança de Roma, determinou Henrique II. a eſta tregoa,

goa, que, além dos Tres-Bispados, lhe conservava quasi todos os Estados da Casa de Saboya. Porém o Duque de Guisa, e seu irmaõ o Cardeal de Lorena, eraõ muito ambiciosos, para soffrer com paciencia a tranquillidade pública.

Porém a ambiçaõ de Paulo IV., e dos Guisas atea novamente a guerra.

Sendo elles os Authores do tratado feito com os Caraffas, proseguíraõ com industria a sua execuçaõ. Paulo IV. usou da sua artificiosa politica; pois mostrando aquelles desejos de paz, que requeria a qualidade de Pai commum, e fazendo-se medianeiro, instava com a Corte de França para renovar as primeiras obrigações; representando facil a conquista de Napoles. Os Guisas, e a famosa Diana de Poitiers, Duqueza de Valentinois, concubina de Henrique, fizéraõ prevalecer humas razões, que a boa fé, e o bem público deviaõ condemnar. Tinha o Monarca jurado a tregoa; mas pouco custou ao Cardeal Caraffa, Nuncio do Pontifice, desobrigallo do seu juramento.

Procedimẽtos violentos do Papa.

Assim que Paulo soube o successo do tratado, desprezando as proprias regras do decoro, prendeo hum Ministro Hespanhol; excommungou, e despojou os Colonnas, apaixonados pela Casa Imperial; e suppoz a Filippe culpado de rebelliaõ, pelos ter defendido, e privou-o dos seus direitos a respeito do Reino de Napoles.

Es-

Escrupulos de Filippe II. Este Principe, superſticioso, e igualmente politico, naõ se attreveo a armar-se sem consultar os Theologos. Sendo favoravel o seu parecer, o Duque de Alba, que governava em Italia, atemorisou, e causou grande terror á propria Roma. O Papa, a pezar da sua indomavel altiveza, vio-se obrigado a pedir-lhe huma suspensaõ de armas, a qual obteve, porque o Rei de Hespanha tinha sempre os mesmos escrupulos.

1557. O Duque de Guisa precipita-se na guerra de Napoles. Chegando o Duque de Guisa, que tinha a cargo o mando das trópas, mostra-se Paulo mais attrevido do que nunca; pois fulmina excommunhões, e julga-se senhor de Napoles. Naõ pode todavia dar nem as trópas, nem o dinheiro, que promettêra. A grande reputaçaõ de Guisa ficou em desdouro por motivo de huma campanha infructuosa; ao mesmo tempo que a França, mettida pela ambiçaõ deste Cavalleiro, e do Cardeal de Lorena, em huma guerra fatal, se achou exposta aos maiores perigos.

Cerco de Sãto Quintino. A Rainha de Inglaterra, governada, e naõ amada por Filippe, taõ odiada da Naçaõ, como seu esposo, tinha-se alliado com Henrique II., a pezar da repugnancia dos Inglezes. Em breve tempo entra hum tremendo exercito na Picardia, e poem cerco a Santo Quintino. Este exer-

ercito capitaneava Manoel Filisberto, Duque de Saboya, excellente General, e Filippe, que de nenhum modo era invejoſo da glória militar, contentava-ſe com a obſervaçaõ dos ſucceſſos. Naõ ſe eſperava por eſte cerco; e eſtava a Praça ſem guarniçaõ. Quiz a ventura, que o Almirante de Coligni, hum dos maiores Capitães daquelle ſeculo, tiveſſe o valor de entrar na Praça com algumas trópas. Porém o Condeſtavel de Montmorenci, ſeu tio, a fim de o ſoccorrer, aventurou-ſe a huma batalha, com forças muito inferiores ás do inimigo. Aproveitando-ſe o Duque de Saboya deſte erro, o acometteo, e appreſou; derrotou os Francezes, e naõ chegou a perder cem homens.

Mõtmorẽci vencido, e derrotado pelo Duque de Saboya.

Se Filippe II. fora menos timido, ou menos circunſpecto, e ouſára, ſeguindo o conſelho do General, a marchar direito para París, onde com a noticia da batalha de Santo Quintino lavrava grande conſternaçaõ; quaſi que naõ tería provavelmente encontrado reſiſtencia alguma. Teima Filippe no cerco de Santo Quintino. O terror dos Francezes ſe deſvanece; de todas as partes concorre a Nobreza armada; as Cidades aſſignalaõ o ſeu zelo por meio de contribuições voluntarias; e o Rei acha-ſe em breve tempo em eſta-

Filippe aproveita-ſe pouco da victoria.

tado de defender-se. Santo Quintino, o Catelete, Ham, e Noyon, foraõ os unicos fructos de huma victoria, a qual parecia que naõ deixaría de destruir, e arruinar aquella poderosa Monarquia.

O Escurial edificado por voto.

Hum facto caracterisa aqui a devoçaõ de Filippe. Em memoria da batalha vencida no dia de S. Lourenço, faz elle voto de edificar huma Igreja, hum Mosteiro, e hum Palacio, que seríaõ consagrados ao Santo Martyr, e quiz que estes edificios tivessem o feitio de humas grelhas, porque S. Lourenço, segundo os Lendarios, fora queimado n'humas grelhas. Vinte e dous annos continuou nesta obra com immensas despezas, e esta he a origem do Escurial perto de Madrid, que chegou a ser a residencia dos Reis de Hespanha.

Paulo IV. faz a paz com a Hespanha, e a abate.

O Duque de Guisa tinha sido chamado de Italia para a defeza do Reino; do que se queixou Paulo IV. como de huma trahiçaõ: e como necessitava da paz, aproveitou-se tambem das inquietações superfticiosas de Filippe, que requereo, ao mesmo tempo que fazia a paz, que o Duque de Alba viesse a Roma pedir-lhe perdaõ de ter acomettido o patrimonio da Igreja. O altivo Hespanhol sobmetteo-se em nome do Rei a esta vergonhosa, e humilde Lei; e Filippe restituio Placencia

ao

ao Duque de Parma, que desejava ter pelo seu partido. Cosme, Duque de Toscana, teve a industria de obter Siena, pelas quantias que o Monarca lhe devia. Tomáraõ entaõ consistencia os Estados de Italia; onde o equilibrio naõ foi taõ desigual, e voltáraõ se para outra parte os grandes esforços da guerra.

Com tudo o Duque de Guisa, que fora recebido em França como hum salvador, sendo nomeado Tenente General do Reino, meditava huma expediçaõ digna do seu genio, e gloria. Mette-se no coraçaõ do inverno, em acçaõ, engana o inimigo com falsas marchas; e vai cercar rápidamente Calais. Esta Praça, que havia mais de duzentos annos abria a França aos inimigos, e que Duarte III. naõ pode tomar senaõ depois de onze mezes de cercó, e passava por inconquistavel, foi forçada no fim de oito dias. Costumavaõ os Inglezes retirar de Calais quasi toda a guarniçaõ no fim do Outono; de maneira que o conselho de Maria tanto se cegou, que até naõ fez caso do proprio parecer de Filippe, o qual pretendia metter-lhe trópas. A confiança de alguns até chegava a dizer que se Calais fosse acomettida no inverno, elles se encarregavaõ de a defender com humas varinhas. Deste modo he que sem antever os peri-

1558. O Duque de Guisa toma Calais.

gos, ſe introduzem as infelicidades. Guines foi tomada de hum aſſalto, e ficáraõ os Inglezes ſem couſa alguma no Reino.

Tomada de Thionvilla.

Depois de huma conquiſta taõ glorioſa, preparando-ſe o Principe Loreno, para novas emprezas, gozava do deſcanço do inverno. Tomou depois Thionvilla, que ſe defendeo, e ſoſteve o cerco tres ſemanas; mas hum exercito Francez, capitaneado pelo Marechal de Termes, foi vencido, e derrotado pelo Conde de Egmond em Gravelines. O acaſo, como muitas vezes ſuccede, decidio eſta vez da ſórte das armas. Os Francezes, poſto que muito inferiores em número, faziaõ indeciſa a victoria, quando huma eſquadra Ingleza ouvindo a artilharia, adiantouſe, e lhes fez fogo com a ſua. Quaſi dous mil ficáraõ mórtos; e o General, e muitos Officiaes diſtinctos foraõ prezos.

Batalha de Gravelines.

Tudo ſe diſpõe para a paz.

Ambos os Monarcas deſejavaõ igualmente a paz: Filippe, porque naõ goſtava da guerra, e porque ſuſpirava pela Heſpanha, naõ podendo ſoffrer nenhuma outra habitaçaõ; e Henrique, porque deſejava eſpecialmente ſuſpender os progreſſos da hereſia no ſeu Reino, e porque a Duqueza de Valentinois, deſcontente dos Guiſas, cujo crédito ſe augmentava com

a

a guerra, lhe inſpirava os ſentimentos que julgava mais uteis para ſi meſma. Deo-ſe authoridade a Montmorenci, priſioneiro ainda em Heſpanha, para principiar os Tratados. Adiante veremos os ſeus ſucceſſos.

Carlos V. deixa a pezar ſeu o Imperio a Fernando, ſeu irmaõ.

Se Carlos V. podéra diſpôr do Imperio, aſſim como dos ſeus Eſtados hereditarios, teria deixado todo o ſeu poder nas mãos de ſeu filho. Grande motivo de dôr era para elle o ter procurado para ſeu irmaõ o titulo de Rei dos Romanos. Duas vezes tinha tentado fazello renunciar eſte titulo, offerecendo-lhe feudos em tróca; e naõ querendo Fernando, até ſe tinha empenhado, e com o meſmo fructo, em acarear huma Dieta. O Corpo Germanico conhecia por experiencia quanto era perigoſo para a ſua liberdade hum Chéfe muito tremendo, e Carlos, antes de ſe encerrar na ſolidaõ, ainda fez nova tentativa, e naõ podendo vencer a oppoſiçaõ de ſeu irmaõ, renunciou a favor delle a Coroa Imperial. O auto, paſſado em 1556, ſó foi apreſentado aos Eleitores no principio de 1558.

Oppoſiçaõ de Paulo IV aos autos da Dieta.

A Dieta de Francfort reconheceo voluntariamente a Fernando I.; que todavia encontrou extraordinarias difficuldades em Roma, onde o ſeu Embaixador dava ao Papa as demonſtrações ordinarias de reſ-

peito. Paulo IV. que taõ enfatuado eſtava das prerogativas da ſua Sé, como ſe tiveſſe vivido dous ſeculos antes, declarou nullos os autos da Dieta, e ſuſtentou que a elle lhe pertencia nomear hum Imperador, no caſo de renúncia; que Fernando, por ter favorecido os Hereges, ſe conſtituíra indigno do Imperio; e que os Eleitores proteſtantes, porque tinhaõ abandonado a Igreja Romana, por iſſo meſmo perdêraõ o direito do voto. Pretendia eſte Papa que o Imperador ſe moſtraſſe arrependido do paſſado; que renunciàſſe o titulo, de que irregularmente fôra reveſtido em Francfort, e que ſe referiſſe á ſua authoridade, e á clemencia do Papa. Em vaõ fez o Rei de Heſpanha as mais fórtes inſtancias, para que Paulo deſiſtiſſe de humas pretenções, que de nenhuma maneira ſe podiaõ ſuſtentar: e o Imperador naõ foi reconhecido pela Corte de Roma, até o fim deſte Pontificado.

O que Paulo requeria do Imperador.

Retiro de Carlos V. para hum moſteiro.

Tinha-ſe Carlos V. retirado para o Moſteiro de S. Juſto da Eſtremadura, onde, ſolitario, ſocegado, ſem o menor apparato de grandeza, cultivando o ſeu jardim, divertindo-ſe com a mecanica, fazendo relogios, e converſando com hum pequeno número de particulares, gozava das doçurás do deſcanço, meditava em

o

o nada do mundo, e procurava na Religiaõ bens mais sólidos, do que aquelles, a que tinha dado de maõ. Viveo Carlos deste modo hum anno, assás ditoso, para gozar de si mesmo, depois de ter sido tanto tempo o ludibrio de huma ambiçaõ inquieta, e insaciavel.

Carlos morre melancolico, devoto, e de idade de quarenta e nove ãnos.

Alguns mezes antes da sua mórte, redobrando a gotta os seus ataques, cahio Carlos n'huma terrivel melancolia: enfraqueceo-se-lhe a cabeça; a sociedade dos Monges, os seus exercicios, e as suas penitencias, lhe leváraõ todos os seus momentos. Intentando Carlos mandar celebrar as suas exequias, e dellas ser hum triste espectador, conduzíraõ-o em hum esquife para a Igreja; cantou-se o officio dos defuntos, e fizeraõ-se as funebres ceremonias. No dia seguinte foi Carlos acomettido da febre, que o matou, sendo de idade de quarenta e nove annos.

Sua actividade, e seus talentos.

Nunca Principe algum (*) tinha possuido hum Imperio taõ vasto. Os seus talentos, e a sua prodigiosa actividade tanto correspondia a aquelle vasto dominio, quanto o póde permittir a fraquéza humana. Nove viagens á Allemanha, dez aos Paizes Baixos, sete á Italia, seis á Hes-

(*) Na Europa, e nos tempos da Historia Moderna.

Heſpanha, quatro á França, duas á Inglaterra, e duas á Africa, provaõ o ardor do ſeu genio para tudo quanto deſafiava a ſua ambicioſa politica. Conheceo Carlos os homens, e a eleiçaõ dos que empregou foi huma das cauſas principaes do feliz ſucceſſo das ſuas emprezas. Que gloria naõ teria Carlos merecido, ſe em vez de atear por toda a parte as diſſenſões, e a guerra, conſagrára ſua vigilancia á felicidade dos ſeus vaſſallos! *Os Fidalgos me roubaõ*, dizia elle hum dia, *os Letrados me inſtruem, e os mercadores me enriquecem.* Reflectindo Carlos deſte modo a reſpeito dos differentes objectos, naõ podia deixar de ter alcançado que hum Soberano ſe conſtitue feliz, naõ por meio de conquiſtas ou do deſpotiſmo, mas por meio da ſabedoria do governo, equidade das leis, e tudo quanto faz florecer os ſeus Eſtados.

Carlos devía ter ſeguido outro caminho differente.

Conta-ſe que naõ podendo Carlos no ſeu retiro ajuſtar perfeitamente dous relogios, ſe arguíra como de huma loucura, de ter querido ſujeitar os homens á uniformidade da fé. Seu filho nem por iſſo deixou de ſer menos deſpotico, e deſapiedado a reſpeito daquelles, cuja fé naõ era a ſua. Parecia Filippe diſputar com Paulo IV., a qual dos dous cometteria maiores barbaridades por meio da

Seus ſentimentos a reſpeito da perſeguiçaõ.

Zelo violẽto de Filippe II. para a catholicidade.

e

Inquiſiçaõ. Conſtantino Poncio, Prégador, e Confeſſor de Carlos V. foi queimado em eſtatua por herege: pouco faltou que ſenaõ anniquilaſſe a memoria do proprio Imperador. O Rei, para maior horror, ſabendo hum dia que trinta peſſoas ao menos tinhaõ morrido ultimamente em hum *auto da fé*, requereo que ſe fizeſſe na ſua preſença huma execuçaõ ſemelhante. Vio elle com goſto quarenta victimas conſagradas ao ſupplicio por meio do falſo zelo. E pedindo-lhe perdaõ hum delles, homem diſtincto: *Naõ*, reſpondeo aſperamente Filippe, *ainda que meu proprio filho foſſe, o entregaria ás chammas, ſe teimaſſe na hereſia*. Bem ſe póde ajuizar des d'agora que infelicidades naõ virá a produzir taõ atroz ſuperſtiçaõ, e quanto ſoblevará os religionarios fanaticos, e os ſeguidores da liberdade.

CA-

CAPITULO IX.

Reina Isabel em Inglaterra, e muda a Religiaõ. --- Paz de Cateau-Cambresis. --- Fim de Henrique II., e de Paulo IV.

1558. Isabel succede a Maria em Inglaterra.

A RAINHA de Inglaterra, Maria, cujas crueldades foraõ parte para ser odiada a sua Religiaõ, e cujo governo estava tambem aviltado com a perda de Calais, desprezada de seu esposo, e consumida de paixões, morreo sem filhos, em 1558. Isabel, sua irmã, filha de Anna Bolena, occupou o Throno, segundo a ordem de successaõ estabelecida por Henrique VIII., e confirmada pelo Parlamento. Esta Princeza, sempre em perigo de mórte durante o ultimo Reinado, tinha-se instruido na escóla da adversidade. Abundante de engenho, conhecimentos, valor, e de politica, posto que moça, e naõ tendo ainda vinte e seis annos, podia sustentar com gloria o pezo do governo, nas conjuncturas as mais tumultuosas. Os seus primeiros procedimentos a daráõ em breve tempo a conhecer.

A

A pezar da averſaõ occulta, que tinha á Religiaõ Romana, a qual deſejava abolir, conſerva hum Miniſtro em Roma, e o encarrega de dar parte ao Papa da ſua exaltaçaõ ao Throno, e a orgulhoſa imprudencia de Paulo IV. moſtra-ſe neſta occaſiaõ ſem rebuço algum, pois trata a Iſabel de baſtarda: admira-ſe de ter ella tido o attrevimento de tomar poſſe, ſem ſua approvaçaõ, de hum Reino feudatario da Santa Sé; cuida que eſtá ainda no ſeculo do Rei Joaõ, e de Innocencio III.: e digna-ſe ſómente de dar-lhe eſperanças de Indulgencia, quando queira ſujeitar-ſe, e pedir perdaõ. Clemente VII., que tinha perdido Inglaterra por culpa ſua, naõ ſe tinha conduzido taõ imprudentemente a reſpeito de Henrique VIII. Iſabel tratada indignamẽte por Paulo IV.

Aproveitou-ſe a Rainha em breve tempo da vantagem, que lhe dava hum inſulto, que a Naçaõ levava a mal. Naõ quiz porém proceder arrebatadamente; porque as mudanças de Religiaõ n'hum Eſtado requerem infinita prudencia. Cuidou em ganhar os corações, e preparar os animos. Conſummou a obra o Parlamento, aſſegurando-lhe a ſuperioridade, e concedendo-lhe com o titulo de *Governadora da Igreja*, a authoridade eſpiritual que ſeu Pai, e ſeu irmaõ tinhaõ exercido. Iſabel muda a Religiaõ cõ prudencia.

do. Abolio-ſe ſem oppoſiçaõ a Miſſa, e a Liturgia Romana, da qual porém ſe conſerváraõ as ceremonias ſufficientes, para que o Culto exterior déſſe paſſagem ás grandes innovações. Razaõ por que todos os Curas, e Beneficiados da ſegunda claſſe, ſe ſujeitáraõ á mudança. Hum unico Biſpo jurou a ſuperioridade; os mais foraõ depoſtos. Que tinha pois adquirido a Fé Catholica com as violencias de Maria, e de ſeu eſpoſo? Os ſupplicios nunca já mais reguláraõ a fé: antes eſtaõ muito longe da perſuaſaõ; e podendo ſó conſtituir hypocritas, tudo muda huma vez que já naõ os receaõ.

Utilidades politicas da refórma.

Se a Inglaterra teve a infelicidade de apartar-ſe do caminho da ſalvaçaõ, a refórma lhe foi util, a muitos reſpeitos, na ordem civil, e politica. Aſſim que ſe abolio o celibato religioſo, á povoaçaõ avultou. Hum grande número de feſtas, mal ſantificadas por cauſa da madraçaria, naõ ſuſpendeo já os trabalhos neceſſarios á ſociedade, nem interrompiaõ já a harmonia interior do Governo as diſputas de juriſdicçaõ, entre o Sacerdocio, e o poder temporal. A induſtria ceſſou de vêr-ſe cingida, e ſoffocada pelas immenſas poſſeſſões do Cléro, e Monges. Livráraõ-ſe das emprezas, e das exacções prejudiciaes da Corte de Roma, e per ſi meſmos ſe deſ-

desvanecêrаõ quantidade de abusos que faziaõ perder o dinheiro, o tempo, e os vassallos.

Os autos de Rymer provaõ quanto era prejudicial á Inglaterra a unica peregrinaçaõ de S. Thiago de Compostella. Novecentas e dezasseis pessoas obtivéraõ licença de ir a S. Thiago em 1428; duas mil quatrocentas e sessenta, em 1434; e duas mil e cem, em 1445. Esta particularidade basta para julgar do mais.

Quãto prejudicava ao Reino a unica peregrina de S. Thiago.

Tanto que Isabel occupou o Throno, os Reis de França, e Hespanha pretendêraõ á porfia a sua amizade. O segundo, com a esperança de reinar em Inglaterra, offereceo-lhe a maõ de esposo, e solicitou huma dispensa de Roma para a receber. Muito longe estava a sagaz Princeza de acceitar este offerecimento, taõ contrario ás suas proprias inclinações, como aos desejos dos Inglezes. Dissimulou todavia, e Filippe defendeo ao principio com grande fogo os interesses de Isabel, nos Tratados, e negociações, que continuavaõ em Cateau-Cambresis; porém vendo-a arruinar o Catholicismo, resfriou nas suas pretenções: o que era arruinar a obra do mesmo Filippe, assim como de Maria. As duas potencias tratáraõ separadamente com Henrique II., e todavia en-

Conducta de Filippe II. com Isabel.

Tratados, e negociaçōes de Cateau Cãbresis.

* entre ambos os tratados só houve hum dia de intervallo.

1559. Tratado cõ Isabel, que abandona Calais.

O tratado de Inglaterra naõ contém cousa memoravel, salvo o artigo de Calais. E naõ podendo Isabel recuperar esta Praça, nem ceder della sem aventurar a sua honra, por oito annos a deixa ao Rei de França, com a condiçaõ de entregal-la depois, ou de pagar quinhentos mil escudos; com tanto porém que Inglaterra naõ rompa a paz, nem com a França, nem com a Escossia. Salvou Isabel as apparencias, no que fez muito. Nem se póde crêr que ella tería esperanças de entrar novamente na posse de Calais; pois importaría para isso sacrificalla, ou tomal-la novamente por força. As circunstancias faziaõ necessario o sacrificio, e a politica o encobrio aos olhos do Povo, de modo que naõ excitou murmuraçaõ alguma. Hum Ministro prudente conserva a opiniaõ, e parece governalla algumas vezes. Adiante veremos os desassocegos, que causavaõ á Rainha de Inglaterra as pretenções de Maria Stuart, esposa do Delfim.

Tratado cõ Filippe II.

Em virtude do Tratado com a Hespanha, restituio Henrique hum grandissimo número de Praças, por Santo Quintino, Ham, e o Catelete: restituíraõ-se ao Duque de Saboya os seus Estados, ex-

excepto Turim, Pinheirol, Chivas, e Villa-Nova; Monferrato foi entregue ao Duque de Mantua; e as Cidades conquiſtadas em Corſega, á República de Genova. O Pápa, o Imperador, Dinamarca, Sueſſia, Polonia, Portugal, Eſcoſſia, &c. foraõ comprehendidos neſte Tratado, como alliados de hum, ou do outro Rei. A França conſervou Metz, Tul, e Verdun, porque Filippe naõ ſe intereſſava muito por Fernando, ſeu tio. Os dous ramos da Caſa de Auſtria algum tempo foraõ mais competidores, do que amigos hum do outro. Naõ ſe eſquecia Filippe de naõ querer Fernando ceder-lhe o Imperio.

A Frãça cede muito, eſtas uniões ſaõ deſculpadas por meio de dous matrimonios.

Murmurou a Naçaõ Franceza alta, e poderoſamente de hum Tratado taõ contrario ás ſuas eſperanças, indignando-ſe da ceſſaõ, que ſe fazia, de cento oitenta e nove Praças fórtes, conquiſtadas nos Paizes-Baixos, ou na Italia. O Condeſtavel de Montmorenci, author da paz, impaciente por concluilla, tinha achado expediente para obrigar a Corte a conſentir nella. Eſte expediente eraõ dous caſamentos; hum da irmã de Henrique com o Duque de Saboya, e outro de Filippe com a filha primogenita de Henrique. Os caſamentos dos Principes, que raras vezes ſaõ laços de huma ſincéra uniaõ, mui-

tas

tas tem ſido meios honeſtos para coroar o que envergonharia, ſe de outro qualquer modo ſe fizéra.

1559. Mórte de Henrique II.

Succedendo finalmente as feſtas aos combates, cuſtáraõ eſtas a vida a Henrique II., que foi mortalmente ferido em hum torneio, depois de ter quebrado nelle muitas lanças.

Seu zelo affectado, e funeſto.

O zelo ſanguinario deſte Principe contra os innovadores, lançou as ſementes das guerras do Calviniſmo; pois que até chegou a querer perſeguir a Duqueza de Ferrara, filha de Luís XII. cuja Corte era o aſylo das peſſoas doutas inſtruidas na doutrina heterodoxa. Ordenou aos Juizes que mandaſſem prender por hereges todos aquelles, que os ſolicitaſſem a favor dos Religionarios condemnados a ſupplicios inhumanos. Alguns membros do Parlamento foraõ prezos, por ter ſido de parecer que ſe moderaſſe o rigor das Ordenações. Quem naõ diria que o zelo ordenava barbaridades! Porém o fructo que eſtas viráõ a produzir, ſerá o de arraſtar a Religiaõ, e o Eſtado para a ſua ruina.

Mórte de Paulo IV., abominado em Roma.

No meſmo anno de 1559 morreo Paulo IV., hum daquelles Pontifices fervoroſos que pareciaõ ter naſcido para abrazar a Europa, cheio de maldições do Povo Romano. A ſua eſtatua foi deſpadaçada,

da, e lançada no Tibre, e os prezos da Inquisiçaõ soltos: demolida, como monumento de horror a prizaõ edificada por Paulo. Pouco faltou que naõ reduzissem a cinzas o Convento dos Dominicanos, que presidiaõ a este Tribunal. Expulsos os Caraffas de Roma por ordem de Paulo, depois de ter sacrificado tudo á sua fortuna, contribuíraõ para a eleiçaõ de Pio IV. (Medichino), cujo reconhecimento durou pouco tempo, porque no anno seguinte os mandou matar. Este novo Papa reconheceo a Fernando por Imperador, e fez célebre o seu Pontificado, pondo fim ao Concilio de Trento, que parára des do anno de 1552. Piò IV.

CAPITULO XII.

Fim do Concilio de Trento. --- Sua disciplina, rejeitada em França. --- Socinianismo, Literatura, &c.

Os tumultos de Religiaõ, que já inquietavaõ a França, como bevemente veremos, eraõ parte para que se desejasse hum Concilio nacional, em que provavelmente tería havido muitas disputas infructuosas. Semelhantes Juntas atemorisavaõ mui- Requeria-se em França hũ Concilio Nacional.

muito mais a Corte de Roma, do que hum Concilio geral, cujas operações podia Roma ou dirigir, ou ſuſpender. Além de que, a Rainha Mãi, Catherina de Medicis, arbitra do governo durante a menoridade de Franciſco II., propunha ao Papa humas razões muito melindroſas para a Santa Sé: a ſaber, tirar as Imagens que ſe adoravaõ, diminuir algumas ceremonias do Baptiſmo, conceder a Communhaõ debaixo de ambas as eſpecies, celebrar o Officio Divino, e eſpecialmente a Miſſa na Lingua vulgar, abolir a feſta do Corpo de Deos, e as Prociſſões do Santiſſimo Sacramento; Artigos que pareciaõ ſer mais uteis para os Proteſtantes, do que para os Catholicos. Receando pois o Papa, que a Corte, e o Cléro de França naõ venceſſem as difficuldades, diligenciou ajuntar, e convocar ſem demora o Concilio. Fez-ſe novamente a abertura delle pela ultima vez em o mez de Janeiro de 1562.

Propoſições feitas ao Papa por Catherina de Medicis.

Pio IV. cõvoca, e ajũta o Concilio de Trẽto.

Fez-ſe diligencia para que vieſſem ao Concilio os proteſtantes de Allemanha, os quaes pretendiaõ todavia que as antigas deciſões do Concilio foſſem examinadas, e ſer Juizes junto com os outros, antevendo que a ſentença ſería pronunciada contra elles. O Imperador Fernando, em vez de apertar a ſua liberdade, naõ accei-

Naõ podẽdo Pio attrahir os proteſtãtes para o Cõcilio, propoem que ſe armem cõtra elles.

ceitou a bulla de convocaçaõ. Moſtrou Pio IV. logo quaes eraõ as ſuas diſpoſiçōes a reſpeito dos Religionarios, propondo huma liga, cujo fim era opprimillos por toda a parte. O meio das armas pareciahe mais efficaz, que o dos Canones, e cenſuras Eccleſiaſticas: quando era ſó proprio para armar os meſmos, que importava muito convencer, e converter.

Entre os meſmos Catholicos, ſe levantavaõ algumas nuvens de máo agouro para o Concilio de Trento, em que a Corte de Roma tinha huma influencia muito manifeſta. *Roma enviava o Eſpirito Santo na malla do Correio*, diziaõ algumas peſſoas diſtinctas. Eſte bom dito indecente, he attribuido eſpecialmente a Lanſac, hum dos Embaixadores de França. O ſabio Pibrac, que era outro Embaixador Francez, diſſe claramente, n'hum diſcurſo, que fez á Junta, que os Concilios convocados no tempo de Paulo III., e de Julio III. naõ tinhaõ feito couſa alguma, que boa foſſe, e ſuſtentou que eſte naõ devia ſer continuaçaõ dos dous primeiros. Queixas dos Frãcezes cõtra o Concilio.

He certo que os Legados, e Biſpos Italianos empregavaõ toda a ſua aſtucia, para que todas as couſas ſe fizeſſem ao goſto, e ſatisfaçaõ do Papa. Lainez, Geral dos Jeſuitas, forcejou por provar, por Influencia dos Legados, e dos Italianos.

meio de hum dilatado discurso, que toda a authoridade espiritual dimanava sómente do Papa, em quem só se incluia toda a jerarquia. Naõ só naõ se pôde fazer decidir que a instituiçaõ dos Bispos era *de Direito Divino*; senaõ que hum dos Canones principaes insinúa, que todos elles recebem os seus poderes do Papa. Estes saõ os proprios termos do Canon: *Se algum disser que os Bispos, que saõ eleitos pela authoridade do Papa, naõ saõ verdadeiros, e legitimos Bispos, mas que isto he huma invençaõ humana, seja excommungado.* As disputas foraõ taõ violentas a este respeito, que se víraõ a ponto de hum rompimento manifesto, e sem remedio.

Muitas intrigas, e disputas.

Fra-Paulo, e o mesmo Pallavicini, nas suas Historias do Concilio, descobrem o contexto das intrigas, contestações, subterfugios, e vãs subtilezas, que se confundíraõ muito com as materias as mais respeitaveis. Sem demorar-nos em pontos de Fé recebidos na Igreja, e que se naõ devem já examinar, observemos sómente alguns Decretos de disciplina, em que respira o antigo espirito de dominio, e independencia.

Decreto proposto para a refórma dos Principes.

Ao mesmo tempo que o grande objecto deste santo Senado devia ser reformar a Igreja, e cortar pela raiz tantos abusos, que os innovadores lhe arguiaõ, tra-

traçou-se hum Decreto de refórma para os Principes, que consta de treze Artigos a fim de estabelecer as immunidades do Cléro, taes como os seculos de ignorancia as tinhaõ produzido, já quanto ás pessoas, já a respeito dos mesmos bens patrimoniaes. Ferrier, hum dos Embaixadores Francezes, levantou-se contra esta temeraria empreza, com igual razaõ, e eloquencia. Alguns arguíraõ o seu discurso de heretico; e pelo menos a maior parte o julgáraõ escandaloso. Retirou-se Ferrier, conforme as ordens da Corte, do mesmo modo que os seus Collegas já tinhaõ feito, e o Decreto se reduzio a huma simples exhortaçaõ feita aos Principes, para proteger a liberdade da Igreja, e manter as immunidades, e jurisdicçaõ dos Ecclesiasticos. Porém ordenou-se a execuçaõ de todas as constituições dos Papas a respeito deste ponto.

Opposiçaõ dos Francezes, a qual pouco se respeita.

Deste modo huma grande multidaõ de bullas evidentemente contrarias ás Leis civís, á authoridade dos Principes, e dos Magistrados, e ao bem commum da sociedade, chegáraõ a ser outras tantas Ordenações do Concilio. E o que mais espanta, he vêr como só a França, ou para melhor dizer antes huma parte da Naçaõ, rejeitou constantemente semelhante disciplina. Por outras partes se contentáraõ de

Todas as cõstituições a respeito das immunidades ecclesiasticas, confirmadas.

termos geraes, a fim de ſalvar os direitos da ſoberania.

Outros Decretos contrarios ao direito cõmum, ou ao direito civil.

Por meio de outros Decretos, as cauſas dos Biſpos, em materia criminal, ſaõ attribuidas ao Papa; a quem attribuem o direito de commetter, ou de evocar para ſi as cauſas, cuja ſentença pertence aos Biſpos. Conſignaõ-ſe a eſtes, *como Delegados da Santa Sé*, humas funções eſſencialmente annexas ao ſeu miniſterio. Por outra parte, ſe lhes attribuem certos direitos, que o poder civil póde revendicar. Os Biſpos ſaõ eſtabelecidos Juizes dos Livros, adminiſtradores dos Hoſpitaes, executores dos Legados pios, &c. Ordenaõ-ſe em certos caſos condemnações pecuniarias, confiſcações, prizões, e tambem penas capitaes contra o duello.

A reſpeito do matrimonio.

O Decreto de Doutrina a reſpeito do matrimonio, naõ ſó eſtabelece impedimentos de affinidade eſpiritual, da qual he neceſſario abſolutamente ter diſpenſa; mas declara legitimos os matrimonios dos filhos de familia, ſem o conſentimento de ſeus Pais, com excommunhaõ contra aquelles, que defenderem o contrario.

A reſpeito da profiſſaõ religioſa.

O contrario ſe tem ſuſtentado em França por muito boas razões: e finalmente, authoriſa-ſe a profiſſaõ religioſa de dezaſeis annos para ambos os ſexos. A Ordenaçaõ de Orleans, de 1560, tinha prohi-

hibido a profissaõ religiosa para os homens antes de vinte e cinco annos, e antes de vinte para as mulheres. He cousa bem singular, que naõ sendo admittida a disciplina do Concilio a respeito de outros pontos, tenha sido admittida a respeito deste, a pezar dos inconvenientes visiveis, que della resultavaõ.

Disputas a respeito da precedencia.

Perderiamos o tempo em referir as fórtes disputas, que se levantáraõ entre os Embaixadores de França, e Hespanha, a respeito da precedencia, n'hum Congresso, onde se tratava da Fé Christã, e da tranquillidade dos Póvos. Basta saber que o Papa, depois de grandes difficuldades, sendo no principio favoravel aos Hespanhoes, decidio a favor dos Francezes.

Estabelecimento dos Seminarios util, mas imperfeito.

De tudo quanto se fez em Trento, com a mira em reformar a Igreja, parece ter produzido maior effeito, o estabelecimento dos Seminarios, por ter influido mais a respeito dos principios, e costumes. A educaçaõ decide ordinariamente do procedimento dos homens; e sendo necessarias luzes, e virtudes raras para o Sacerdocio, devia a mocidade ser educada com grande cuidado, a fim de satisfazer dignamente ás suas funções. Porém entre preoccupações, superstiçaõ, e fanatismo, era para recear que se naõ inspirasse a hipocrisia juntamente com a pieda-

dade, o enthusiasmo com o zelo, principios falsos com a disciplina, o espirito da cavilaçaõ, e disputa com a Theologia ordinaria, e menos moral sólida, do que práticas exteriores. Com effeito, a educaçaõ dos Seminarios conservou por muito tempo diversos abusos confundidos com utilidades reaes; e se se examinarem bem as cousas, he esta huma das principaes razões, por que o Ministerio Ecclesiastico se vio ainda exposto a tantas censuras. Pio IV. fundou o Seminario Romano, e o confiou aos Jesuitas; e o seu systema servio de exemplo para os outros.

Pio IV. cõfirma o Cõcilio com precipitaçaõ.

Este famoso Concilio, que se conta pelo vigesimo geral, acabou em 1563. Alguns Cardeaes eraõ de parecer, que naõ fosse confirmado taõ depressa; porque, segundo diziaõ, naõ podendo muitos Canones observar-se, os escandalos, ou as dispensas se multiplicariaõ infinitamente. Que apparencia podia haver, por exemplo, de que fosse abolida sómente pela força de hum Decreto a pluralidade dos beneficios? Naõ deixou Pio de publicar a Bulla de confirmaçaõ, prohibindo toda, e qualquer glosa, Commentario, ou interpretaçaõ da doutrina do Concilio; e reservando para a Santa Sé o direito de explicar, ou decidir tudo o que

que foſſe neceſſario. Se a Bulla tivera tido o ſeu total effeito, nunca o Papa fora mais poderoſo.

Portugal, Veneza, e o Duque de Saboya, recebêraõ tudo ſem difficuldade. O Rei de Heſpanha moſtrou publicamente a meſma ſobmiſſaõ, dando ordens ſecretas para a conſervaçaõ da Authoridade Real. Em França recuſáraõ publicar o Concilio; e o Cardeal de Lorena, que acabava de fazer nelle a maior figura, debalde oppoz o ſeu crédito ás razões do Chanceler Hoſpital, e do Parlamento.

Como foi recebido o Concilio ĉ os Eſtados.

Trabalhava o Imperador Fernando I. por unir as duas Igrejas, por meios de conciliaçaõ, dignos de ſer preferidos ás excommunhões, e violencias, e obteve do Papa a Communhaõ debaixo das duas eſpecies para os ſeus vaſſallos. Tendo-o a mórte roubado muito cedo, ſeu filho, e ſeu ſucceſſor, Maximiliano II., requereo outro ponto mais importante, o matrimonio dos Clérigos. Encontraõ-ſe nos Hiſtoriadores os motivos, os quaes elle encarregára ao ſeu Embaixador que fizeſſe muito para dar-lhes vigor. Grandes, e fórtes razões tinha a Corte de Roma para oppôr-ſe a iſſo, e o Papa Pio foi inflexivel a eſte reſpeito.

Maximiliano II. requer o matrimonio dos Clérigos.

Deſ-

O Cõcilio, e o *Index* naõ fazem fenaõ efcãdalizar os proteftãtes.

Defvaneceo-fe entaõ a efperança de reduzir os proteftantes; os quaes defprezavaõ hum Concilio, de que fe tinhaõ efperado milagres. O *Index* dos Livros prohibidos, que o Pontifice publicou em breve tempo, augmentou a fua indignaçaõ, e os mefmos Catholicos illuminados naõ podiaõ deixar de gemer, vendo que efte *Index* denigria huns Authores, e humas obras dignas de elogios.

Origem do Socinianifmo, que reprova os Myfterios.

Como os proteftantes naõ concordavaõ, nem entre fi, nem com os Catholicos, a refpeito do fentido das Efcrituras, as quaes fujeitavaõ ao exame da razaõ; como os Myfterios fe confundem mais por meio das difputas, e o entendimento humano, inquietando-fe em meio de profundas trévas, cahe de precipicio em precipicio: cedo ou tarde devia originar-fe algum novo fyftema perigofo, em que a fé quafi que fe reduziria a humas idéas filofoficas. Lelio Socino, natural de Siena, foi o que lançou as primeiras fementes para elle. Tinha-o a Inquifiçaõ apartado da fua Patria, e irritado fem dúvida contra a Religiaõ. Faufto Socino, feu fobrinho, defenvolveo os principios de feu tio, e temendo as perfeguições de Calvino em Genebra, paffou para Polonia a fim de dogmatizar, e fundar, affim como na Tranfilvania, a Seita dos Socinia-

Lelio, e Faufto Socino.

nia-

nianos. Esta Seita naõ admitte Mysterio algum, e honra a Jesus Christo como hum Sábio, destinado pela Providencia, para guiar os homens pelo caminho das obrigações, e da virtude. Assim os Catholicos como os protestantes, todos igualmente se horrorisáraõ de huma Doutrina, que destruia os fundamentos da Fé Christã. Proscripta esta Seita da Polonia, introduzio-se entre as Seitas da Hollanda, e Inglaterra, causando pouca novidade por ser pouco propria para inflammar o fanatismo, e occasionar tumultos. Morreo Fausto Socino em 1604.

Gente de letras daquelle tempo.

Se as letras podessem consolar o Genero Humano das infelicidades causadas pelos tumultos de Religiaõ, roubar-nos-hiaõ agradavelmente as attenções os principios do Seculo XVI. A Italia teve o seu Ariosto, o seu Machiavelo, o seu Guichardino, Bembo, Sadoleto, Annibal Caro, Paulo Jove, Sannazar, &c.; a França, Budé, os Bellais, Ramus, Molino; os Estevãos, os Escaligeros, e outros muitos sábios. Erasmo illustrou a Hollanda, e mereceo a universal admiraçaõ. Copernico descobrio em o Nórte o verdadeiro systema do mundo, que Galileo deo depois disso á luz, e a Inquisiçaõ condemnou. Sleidan foi em Allemanha hum Historiador respeitavel. Por este mesmo tem-

po

Rafael, e Miguel Angelo.

po faziaõ Rafael, e Miguel Angelo as ſuas Obras, que naquelle genero eraõ conſummadas. Porém os furores da ſuperſtiçaõ, que cedo exporáõ aos olhos ſcenas ſempre mais ſanguinolentas, apenas permittiaõ aos melhores entendimentos dar apreço ás vantagens da Literatura, e das Sciencias, e Artes, que civiliſaõ a humanidade. Além de que o *Principe* de Machiavelo, a pezar do merecimento das outras obras deſte Eſcritor, eſpalhava huma politica abominavel muito propria para produzir novos crimes.

Ramus perſeguido pelos Doutores.

A perſeguiçaõ, que Ramus ſoffreo em França, aſſaz he para dar a conhecer até onde chegava o abſurdo, e a barbaridade nas proprias eſcólas, das quaes parece que devia ſahir a razaõ, e eſpalhar os verdadeiros principios da vida humana. Sendo Ramus hum Filoſofo, Mathematico, e ſabio Letrado, foi expoſto no principio á cenſura dos Doutores, por naõ imitar a ſua má pronúncia do Q; pois enſinava a pronunciar *quanquam*, e naõ *kankam*, o que era hum crime. Acometter o peripatetiſmo foi outro crime muito mais enorme. Foi Ramus taxado de hereſia; e hum dos ſeus cobardes competidores o mandou matar no famoſo dia de S. Bartholomeu, do qual brevemente trataremos; e os Eſtudantes ultrajáraõ o ſeu cadaver. Quanto

to moſtraõ taes exemplos a tyrannia das preoccupações, eſpecialmente daquellas, que o eſpirito de corporaçaõ conſagra, e eternisa, quanto póde!

Imprudencia dos zeladores apaixonados

Inſigne deſgraça era, e foi longo tempo para a Religiaõ ſerem acomettidos, como ſeus inimigos, huns homens illuminados, virtuoſos, ſujeitos á Fé, indoceis ſómente aos erros vulgares, e cheios de hum nobre zelo aſſim a favor da verdade, como do bem público. Que extravagancia naõ he, querer ornar com ſeus nomes a liſta dos hereges, e dos incredulos! Os libellos, e as accuſações contra Eraſmo, por exemplo, cauſavaõ-lhe talvez menos damno, do que ao Catholiciſmo.



UNDECIMA ÉPOCA.

GUERRAS DE RELIGIAÕ EM FRANÇA.

SOBLEVAÇAÕ DAS PROVINCIAS-UNIDAS CONTRA FILIPPE II. --- INGLATERRA FLORECENTE NO REINADO DE ISABEL.

Des do anno de 1559, até o Reinado de Henrique IV.

CAPITULO I.

Reinado de Francisco II. --- Principio dos tumultos de Religiaõ em França.

Obrigaçaõ penosa, e perigosa de hum Historiador.

" NAÕ se trata já agora, diz o illustre Historiador de Thou, nem das " excellentes máximas, nem das grandes " acções dos nossos Pais: cumpre-me ex- " pôr os desastres do Estado, isto he, " os nossos erros, e vicios, que quarenta annos ha, que assolaõ este Reino " n'outro tempo taõ florecente. A nosso " pezar, e sobmettendo-nos á verdade " da Historia, fallaremos da ambiçaõ, " avareza, má fé, e perniciosos conselhos de algumas pessoas; por quanto " os

„ os Historiadores amigos da verdade, „ saõ obrigados a dizer tudo, com tanto que seja com candura, sem paixaõ, „ e sem odio. Tanta distancia vai daquel- „ le tempo a este, em que escrevo, que „ me naõ devem dar por suspeito, nem de „ prevençaõ, nem de odio. „ (*L. XXII. no fim.*) De boa vontade cito estas palavras de hum grande homem, porque em nosso proprio seculo a verdade historica acha censores sempre promptos para condemnar o mesmo, que ignoraõ, ou aquillo que huma falsa politica lhes encobre.

Facções na Corte de França.

A Corte de França, depois da mórte de Henrique II. estava cheia de facções tumultuosas. Catharina de Medicis, Mãi de hum Rei fraco, e incapaz de tudo, além de ter huma grande vontade de dominar, era dotada do espirito de dobleza, dissimulaçaõ, perfidia, e atrocidade. Naõ fazendo escrupulo de nada, a fim de effeituar os seus intentos, respirava de alguma sórte o puro machiavelismo. Os Guisas, tios da joven Rainha, Maria Stuart, estavaõ de posse da authoridade do governo; e arrastados da ambiçaõ, o seu proprio merecimento vinha a ser origem de infelicidades para a Patria. Dous Principes de sangue, Antonio de Borbon, Rei de Navarra, e seu irmaõ Luís, Principe de Condé, indignando-se por naõ terem cré-

Catherina de Medicis.

Os Guisas.

Os Borbões.

di-

dito, eſtavaõ bem diſpoſtos para perturbar o Eſtado por motivo de ſeus intereſſes peſſoaes. Finalmente o Condeſtavel de Montmorenci, e ſua poderoſa familia tambem tinhaõ pretenções, e idéas incompativeis com a tranquillidade do Reino. Quiz a deſgraça que huns, e outros ſe ſerviſſem da Religiaõ, como de inſtrumento o mais util para ſedicioſos. Por eſte meio atcáraõ as guerras civís, em que a ambiçaõ, e o fanatiſmo ſe irritavaõ á porfia, por aſſim dizer, contra os Cidadãos, Eſtado, e os meſmos Reis.

Montmorenci.

Progreſſos da Doutrina proteſtante em o Reinado de Franciſco I.

No Reinado de Franciſco I., tinha-ſe a nova Doutrina eſpalhado na Corte, aſſim como pela Capital, e Provincias. O goſto da novidade teria ſido ſufficiente para lhe ganhar proſelytos, ainda quando as razões eſpecioſas dos proteſtantes, e eſpecialmente os abuſos, a que elles ſe oppunhaõ, tiveſſem ſido menos proprios para abalar os animos. Tinha Calvino dedicado ao Rei o ſeu Livro da *Inſtituiçaõ Chriſtã*, que continha todo o fundamento dos ſeus erros: o que próva, bem que Calvino tiveſſe já buſcado guarida fóra do Reino, quantos ſequazes tinha eſte deixado á roda do Throno. A ſeveridade dos Decretos naõ procedia certamente tanto do zelo de Franciſco, como da influencia das conjuncturas. Sua irmã, a Rainha de Navar-

varra, protegia os Religionarios, ao mesmo tempo que estes soffriaõ as perseguições do Cléro, e Parlamento.

A execuçaõ de Cabrieres, e de Merindol, os supplicios que Henrique II. multiplicou sem consideraçaõ, em vez de abater o espirito da Seita, irritáraõ-o mais; como sempre se deve esperar, quando reina o enthusiasmo. Huns aspiravaõ ao martirio; porque naõ duvidavaõ que o fosse, o morrer pela sua doutrina; outros, que eraõ em maior número, confundiaõ com o seu zelo o ardor da liberdade, e vingança. Sabiaõ elles, que o Almirante de Coligni, que Andelot, e o Cardeal de Chatilhon, seus irmãos, sobrinhos do Condestavel, se tinhaõ declarado a favor da refórma, e que o Principe de Condé se inclinava a abraçar este partido. Semelhantes protectores defendiaõ a audacia, que inspira a persuasaõ religiosa.

O mal tinha-se augmentado em o Reinado de HẽriqueII.

Por outra parte, mostrando-se catholicos zelosos os Guisas, que governavaõ no Reinado de Francisco II., novos exemplos de rigor augmentáraõ o rancor dos protestantes. Anna do Burg, Conselheiro Notario do Parlamento, recommendavel pelos seus costumes, e inteireza, muito mais do que pela sua nobreza, morreo enforcado por herege. Disse elle ao Povo antes da execuçaõ, que morria *pelo Evangelho de Deos.*

1559. Supplicio de Anna do Burg, em o Reinado de Frãcisco II.

Deos. Naõ ha palavras, com que explicar quanto a plebe se encolerisou com o supplicio deste Magistrado. Das suas cinzas, como diz de Thou, sahio huma seára funesta de conspirações, e de rebelliões.

Inquietavaõ-se, e irritavaõ-se os Calvinistas.

Inquietava demais disso o Governo continuamente os Calvinistas, a quem se armavaõ siladas, a fim de ter occasiaõ de os castigar. Em vez de corrigir toda a superstiçaõ, que se tinha introduzido no Culto, accrescentavaõ-se-lhe práticas muito mais supersticiosas. Nos cantos das ruas se collocáraõ imagens de Nossa Senhora, e de Santos, diante das quaes accendiaõ-se vélas, ou alampadas: ajuntava-se o Povo de roda, entoava canticos, e forçava os que passavaõ a deitar dinheiro em pequenos mialheiros para o gasto das luzes. Se qualquer homem naõ saudasse estas Imagens, e naõ parasse com respeito, quando o Povo fanatico lhes tributava aquelle culto, era ou moido com pancadas, ou prezo, ou ao menos insultado, e injuriado. Naõ refrear taes desordens, era o mesmo que authorisallas. Furiosos os protestantes só esperavaõ por hum cabeça para emprehender tudo.

1560. Cõjuraçaõ de Amboisa.

Em breve tempo se formou a célebre conjuraçaõ de Amboisa, cuja alma invisivel foi o Principe de Condé, e que Re-

nau-

naudie, Cavalleiro proteſtante, dirigio com igual aſtucia, e actividade. O ſeu intento eſpecial era tirar o governo aos Guiſas, aborrecidos como Eſtrangeiros, e perſeguidores. Eſtes deviaõ ſer exterminados de Amboiſa, onde eſtava a Corte, dar a adminiſtraçaõ dos negocios a Condé, e aſſegurar por meio de hum Decreto a liberdade de conſciencia. Eſtava já o dia aprazado para a execuçaõ deſte intento, e tudo taõ bem concertado, que o exito feliz parecia infallivel. Porém ao meſmo tempo que milhares de conſpiradores guardavaõ inviolavelmente o ſegredo, hum Advogado, muito bom Cidadaõ, poſto que Calviniſta, o entregou, por lhe cauſar horror huma rebelliaõ. Dá logo o Duque de Guiſa, nomeado Tenente General do Reino, moſtras da ſua prudencia, e de ſeu coſtumado valor. Os Huguenotes (eſte o nome que ſe dava por injúria aos Calviniſtas), concorrendo de todas as Provincias para o lugar deſtinado, ſaõ ſorprehendidos, trucidados, ou morrem ás mãos dos algozes.

Taõ numeroſo, e apaixonado partido naõ podia deixar de irritar-ſe muito mais na adverſidade, e era neceſſario ou apaſiguallo, ou eſperar novas emprezas. Convoca-ſe huma grande Junta para Fontenebleau, a fim de ſe deliberar a reſpeito

Aſſembléa em a qual Coligni apreſenta hũ requerimẽto dos Sectarios.

das necessidades do Estado. O Almirante de Coligni apresenta nesta Junta ao Rei hum requerimento, por meio do qual pedem os Calvinistas o exercicio público do seu culto, a fim de que naõ se possa dalli em diante imputar-lhes como crime os seus ajuntamentos particulares; declarando que cincoenta mil homens estaõ promptos para assignar este requerimento.

Discursos de dous Bispos moderados.

Montluc, Bispo de Valença, e Marilhac, Arcebispo de Vienna, fallaõ com vehemencia contra os abusos, que motivavaõ tantos tumultos, e tamanhas desordens. Expoem os vicios da Corte Romana, a ignorancia, e a corrupçaõ do Cléro Nacional, a avareza dos Italianos, que possuiaõ a terça parte dos beneficios do Reino sem residir nelle, a injustiça da perseguiçaõ, que confundia os innocentes com os culpados; n'huma palavra, expoem os escandalos, e as preoccupações como origem das calamidades públicas: condemnaõ os Religionarios sediciosos, os quaes importava muito refrear, e castigar; mas notaõ que naõ deviaõ ser tratados como criminosos huns homens pacificos, afferrados de boa fé ao erro; que os seus supplicios tinhaõ acreditado as suas opiniões; que os espectadores tinhaõ tido vontade de conhecer, e abraçado muitas vezes humá Doutrina, que viaõ defendi-

da,

da, e ſuſtentada em meio das chammas por homens honrados, e de coſtumes irreprehenſiveis: e inſiſtindo a reſpeito da neceſſidade de huma refórma, concluem em convocar hum Concilio Nacional, ſe o Papa recuſaſſe hum Concilio Geral, e em naõ empregar a ſeveridade das Leis, ſenaõ com os verdadeiros crimes. Tal era a ſubſtancia dos dous diſcurſos.

Queixas, e petições de Coligni.

Fallou Coligni depois com toda a ſinceridade, e queixou-ſe da guarda, que ſe tinha nomeado, e poſto para defeza do Rei; dizendo que o eſſencial para hum Soberano era fazer-ſe amar, e que nada lhe era mais funeſto do que temer os ſeus Póvos, e ſer pelos meſmos temido, e ramatou dizendo que era neceſſario ſupprimir a guarda, ajuntar os Eſtados Geraes, e procurar os meios de extirpar o erro na Igreja. Os Principes Lorenos ſuſtentáraõ o ſeu caracter: O Duque de Guiſa proteſtou que nenhum Concilio o poderia fazer mudar de Religiaõ; o Cardeal levantou-ſe contra o requerimento de Coligni, o qual tratou de ſedicioſo. Com tudo os Eſtados foraõ convocados, os ſupplicios ſuſpenſos, e huma apparencia de tolerancia deixou reſpirar os Seitarios; os quaes naõ deixáraõ de ſoblevar-ſe em algumas Provincias (*);

Oppoſiçaõ dos Guiſas.

U ii taõ

(*) Porque os Seitarios encontráraõ em algumas Provincias, Eccleſiaſticos intolerantes, e perſeguidores, Magiſtrados hypocritas, e frouxos.

taõ contagioso era já o resentimento, ou o fanatismo!

O Rei de Navarra, e o Principe de Condé, avisados para os Estados de Orleans.

Depois da conjuraçaõ de Amboisa, o Principe de Condé tinha sido prezo, sem próvas convincentes. Tendo-se este Principe attrevidamente justificado em pleno conselho, e reduzido o mesmo Duque de Guisa a dissimular, e a defendello, assim que se vio livre, logo se declarou protestante. Accusáraõ o de nova conjuraçaõ, e queriaõ perdello, e segurar-se de seu irmaõ, o Rei de Navarra, que a pezar da sua irresoluçaõ, e vagar, inquietava fortemente os Principes Lorenos. Ambos saõ mandados para Orleans, onde os Estados deviaõ ajuntar-se. Chegaõ ambos a Orleans com muita confiança, e ahi experimentaõ a perfidia bem antevista pelos seus amigos.

Processo de Condé.

Condé foi prezo, e julgado por huns commissarios, a quem recusa responder, e reclama os direitos da paz, e sem que isto obste, he condemnado á mórte. De Thou julga que a sentença naõ fora assignada, e o Rei de Navarra, em quanto durou este processo, esteve com sentinelas á vista.

CA-

CAPITULO II.

Principios de Carlos IX. --- Primeira guerra civil de Religiaõ.

MORRE por este tempo Francisco II. depois de ter reinado desasete mezes; e Carlos IX., seu irmaõ, sobe ao Throno, na idade de dez annos. Muda entaõ a scena na Corte. Catherina de Medicis, cujas idéas todas propendiaõ para o dominio, e cuja alma artificiosa moldava-se a todas as circunstancias, assim como a sua maxima valída era *dividir para reinar*, e que, por conseguinte, devia favorecer ou oppôr-se successivamente aos partidos contrarios; contemplando simplesmente a Religiaõ como hum principio de politica, e attendendo sómente ao Estado, em quanto podia referir-se ao seu interesse pessoal; esta perigosa Princeza naõ podia, por meio das suas variações, deixar de augmentar os mesmos tumultos, que dava mostras de querer apasiguar. Oppoem hum contrapezo ao poder enorme dos Guisas. O Principe de Condé he solto, e livre; o Rei de Navarra, nomeado Tenente General do Reino, e o Condestavel de Montmo-

1560. Carlos IX. succede a Frãcisco II.

Politica da Rainha Mãi.

Mudanças na Corte.

morenci, desgraçado des do principio do ultimo Reinado, restituido com honra. Certas apparencias de concordia succedem ás mais fortes inimizades; porém o odio fica arraigado nas almas.

O Chanceler do Hopital.

O homem mais capaz de remediar as infelicidades públicas, se as leis tivessem força contra a raiva das facções, era Miguel do Hopital, Chanceller virtuoso, superior assim ás preoccupações, como aos vicios dominantes, Magistrado que teria sido digno do Senado Romano nos admiraveis seculos da República. Tinha elle tirado ao Parlamento o conhecer do crime de heresia, para o attribuir aos Bispos, por meio do Edicto de Romorantin, ainda que este crime tinha pena de mórte. Porém naõ houve outro meio de impedir o estabelecimento da Inquisiçaõ, que o Cardeal de Lorena pretendeo ajuntar aos flagellos, sob que a França gemia. Ao menos entre os Prelados alguns se encontravaõ homens moderados; e os mais sevéros por ventura eraõ tanto para temer, como os desapiedados Inquisidores? Entre dous males, só se podia entaõ eleger o menor.

Decreto de Romorantin.

Discurso do Chanceler aos Estados.

Defendeo o Chanceller nos Estados de Orleans a sua reputaçaõ por meio de hum discurso eloquente, no qual expoz ao principio o fim das Juntas da Naçaõ, e

e as ſuas utilidades, para inſtruir os Soberanos das ſuas obrigações: " Obrigações hoje em dia deſprezadas, diz o
" meſmo Chanceller, porque os Reis naõ
" vem, nem ouvem, ſenaõ pelos olhos,
" e pelos ouvidos dos outros; e ſó vivem,
" governaõ, e decidem a reſpeito dos
" negocios mais importantes, pelo ſentimento ou fantaſia dos ſeus Miniſtros;
" e cercados de ſiladas, que de todas as
" partes ſe lhes arma, ſendo deſtinados
" para governar os outros, ſaõ elles meſmos governados por aquelles, que os
" cercaõ. " Deſcreveo depois Miguel do Hopital os abuſos introduzidos em todas as Ordens; condemnou os exceſſos em materia de Religiaõ, e accreſcentou que ſe deviaõ abolir aquelles nomes odioſos de Lutheranos, Huguenotes, e Papiſtas, que ſe aſſemelhavaõ com as antigas facções Guelfa, e Gibellina, ſendo ſómente neceſſario conſervar o admiravel nome de Chriſtaõ. Exhortou os membros da Junta a deſpojar-ſe de toda a idéa, e affecto particular, a fim de expôr livremente tudo quanto julgaſſem util, e vantajoſo para o Reino.

Nenhuma harmonia e os Eſtados.

Com tudo a falta de harmonia nos Eſtados, a competencia das tres jerarquias, a força das preoccupações, e os intereſſes de partido, eraõ hum obſtaculo inven-

Ordenações que naquelle tempo se fizéraõ.

vencivel para o zelo do Chanceller. Por huma parte, invectivou-se contra a ignorancia, e desordens do Cléro; requerendo-se tambem que huma grande parte dos bens Ecclesiasticos fosse destinada para pagar as dividas do Estado. Por outra parte, enfureceo-se o Orador do Cléro; de maneira que chegou a pedir que se castigasse como Herege, todo aquelle que tivesse apresentado, ou apresentasse requerimentos a favor dos Protestantes. Vio-se porém obrigado a dar a Coligni huma satisfaçaõ deste insulto. Prohibio-se, sob pena de mórte, o acomettêrem-se mutuamente por causa de Religiaõ. Ordenou-se que se restituisse a liberdade, e os bens a todos aquelles, que delles tinhaõ sido privados pela mesma causa. Porém as ordenações eraõ muito fracas contra tantas, e taõ desenfreadas paixões. A unica mudança permanente, que os Estados de Orleãs produzíraõ, foi passar toda a administraçaõ da justiça para os Desembargadores, e os Bailios, e os Senescaes militares, foraõ substituidos pelos seus Tenentes.

1561. Colloquio perigoso de Poissi.

Nem os Catholicos, nem os Protestantes queriaõ ceder. Catherina de Medicis, que entaõ estava de posse do governo, propoem várias conferencias públicas; perigoso meio, e proprio para pôr em risco a bóa Doutrina, sem dar nunca

ca fim ás diſputas. A pezar da Corte de Roma, fez o Cardeal de Lorena abraçar eſte partido, a fim de ter occaſiaõ de ſatisfazer a ſua vaidade, oſtentando de eloquente, e ſábio. Diſputou pois no famoſo colloquio de Poiſſi, contra Theodoro Beza, diſcipulo de Calvino. Mas cada hum arrogou a ſi a honra da victoria, cada hum conſervou obſtinadamente as ſuas opiniões, e o colloquio ſó ſervio de envenar os corações. Lainez, Geral dos Jeſuitas, tratou neſte colloquio os Calviniſtas de macacos, rapoſas, e monſtros; e reprehendeo alta, e poderoſamente a Rainha por ſe metter em cauſas eccleſiaſticas. Obteve todavia, por meio do crédito dos Cardeaes de Lorena, e Tournon, o primeiro eſtabelecimento da ſua ſociedade em fórma de Collegio. Eſta ſociedade ſó era com tudo tolerada em París, poſto que Henrique II. tiveſſe ordenado que a admittiſſem.

Audacia de Lainez.

Euſtaquio do Bellai, Biſpo da Capital do Reino, ſendo conſultado a reſpeito dos Jeſuitas, declarou que aquella ſociedade, aſſim como todas as novas Ordens, era infinitamente perigoſa, e que mais parecia inſtituida para excitar tumultos, do que para reſtabelecer a paz na Igreja. A Univerſidade intentou contra elles hum famoſo proceſſo, em que Eſtevaõ Paſquier, advogando contra, fallou aos Jui-

O Biſpò de Paris, e a Univerſidade contra os Jeſuitas.

Juizes neſtes termos: " Algum dia vos
" arguiréis, mas muito tarde, de ter ſido muito crédulos, quando virdes a deſtruiçaõ da Ordem, e da tranquillidade pública, naõ ſó neſte Reino, mas em todo o mundo Chriſtaõ, por cauſa das aſtucias, dolos, ſuperſtiçaõ, diſſimulaçaõ, fingimentos, preſtigios, e artificios abominaveis da nova ſociedade."
He couſa bem ſingular que todas as razões allegadas entaõ contra o eſtabelecimento dos Jeſuitas, tenhaõ ſervido nos noſſos dias para a ſua anniquilaçaõ. As ſuas reſpoſtas tambem tem ſido ſempre as meſmas.

O Rei de Navarra une-ſe com o triumvirato.

O Rei de Navarra tinha defendido os proteſtantes, ſem declarar-ſe a favor da ſua Seita, e a Corte de Roma, e o Rei de Heſpanha ſe empenhavaõ por acareallo ao partido contrario. Promettiaõ-lhe, ou reſtituir-lhe a Navarra, ou dar-lhe em troca a Sardenha. Deixando-ſe o Rei levar deſtas vãs promeſſas, entrou na meſma facçaõ, que ſempre inquietára, e unio-ſe com o triunvirato, compoſto do Duque de Guiſa, do velho Condeſtavel, e do Marechal de Santo André, Catholicos fervoroſos ao menos no exterior. Sem embargo do que diz o Padre Daniel, que o colloquio de Poiſſi contribuio ſem dúvida pouco para a mudança deſte Princi-

pe;

pe; que neceſſitava naõ de argumentos, mas de outra couſa.

Para equilibrar taõ poderoſa facçaõ, moſtrou-ſe a Rainha mais favoravel aos Calviniſtas. As Juntas illegitimas eraõ prohibidas pelo Decreto de *Julho*; mas os Calviniſtas naõ o obſervavaõ; e muitas vezes os criminavaõ daquillo meſmo, que lhes era licito. Tudo eraõ contínuas diſputas, injúrias, e violencias. Ajuntáraõ-ſe os Chéfes dos Parlamentos, a fim de procurar juntamente com os Calviniſtas os meios de reſtabelecer o ſocego, e a boa ordem. O diſcurſo, que lhes dirigio o Chanceller merece ſer lido em de Thou. Refutou aquelles, que pretendiaõ que ſe declaraſſem abſolutamente a favor de hum dos dous partidos. " Iſto he o meſmo que „ dizer, notou elle, que o Rei deve armar hum partido para acometter outro? Naõ ſería iſto por ventura oppôr os „ membros aos membros, para deſtruir „ o corpo todo? Naõ ſería iſto huma couſa indigna, naõ ſó do Chriſtianiſmo, „ mas da humanidade? ... Trata-ſe de regular o Eſtado, e naõ de eſtabelecer a „ Fé. Muitos, que de nenhuma maneira ſaõ „ Chriſtãos, pódem ſer Cidadãos; e ſeparando-ſe da Igreja, naõ ſe deixa de „ ſer bom vaſſallo do Rei. Todos podemos viver em paz com aquelles, que „ tem

Aſſembléa de Magiſdos, a fim de reſtabelecer a boa ordem, e a paz.

O Chãceler falla neſta Aſſembléa a favor da tolerancia.

„ tem ceremonias, e uſos diverſos dos
„ noſſos, &c. „

1562. Decreto moderado, regiſtado por força.

Depois das deliberações, appareceo o Decreto de *Janeiro*, por meio do qual ſe concedia aos proteſtantes o exercicio da ſua Religiaõ, fóra das Cidades, e com juſtas moderações. Foraõ neceſſarias tres ordens para o mandar regiſtar, accreſcentando tambem eſta clauſula, *até á deciſaõ do Concilio geral a reſpeito dos pontos conteſtados*. As preoccupações da Magiſtratura naõ eraõ o menor obſtaculo para os intentos beneficos do Chanceller.

Os Calviniſtas armados por cauſa da mortandade cruel de Vaſſy.

Ter-ſe-hia finalmente reſtabelecido o ſocego, ſe os odios de Religiaõ conheceſſem Leis em meio do ardor do fanatiſmo. Hum ſucceſſo naõ eſperado os animou repentinamente, e diſſipou toda a eſperança de paz. Paſſando o Duque de Guiſa por Vaſſy na Champanha, huma parte da ſua comitiva inſultou os Calviniſtas, que aſſiſtiaõ ao ſeu Sermaõ n'huma granja. Principia o combate, quando o Duque correo para applacar o tumulto; e ſendo ferido com huma pedrada, enfurecem-ſe os ſeus criados, e mataõ ſeſſenta peſſoas. Eſta cruel mortandade, muito exaggerada pela noticia pública, motivou em fim os ſeitarios a pegar em armas. Poem-ſe o Principe de Condé á ſua frente, com o pretexto de que Catharina de Medicis o chama-

mava para ſoccorrer o Rei; por quanto o Rei de Navarra, e o Triumvirato tinhaõ-ſe aſſenhoreado da ſua peſſoa. Tal foi a origem das guerras civís, de cujos feitos principaes faremos ſó mençaõ.

Aſſenhorea-ſe o Conde, de Orleans, onde conſtitue a ſua Praça de armas. Vê Ruaõ, e outras muitas Cidades debaixo do ſeu poder, e cede o Havre a Iſabel, Rainha de Inglaterra, a fim de obter o ſeu ſoccorro. Naõ nos admiremos de huma guerra civil, em que a Religiaõ encobria o eſpirito de rebelliaõ, ter ſoffocado os ſentimentos de Cidadaõ; porque já naõ havia, por aſſim dizer, nem Francezes, nem Patria; mas tudo eſtava cheio, ou de fanaticos enojados huns contra os outros, ou de ſediciosos que ſacrificavaõ a França, e a Religiaõ á ſua fortuna. O Parlamento declara os religionarios por proſcritos, ordena aos Catholicos que os perſigaõ, e matem, ſem temor da juſtiça. Julgaõ todos eſtar no tempo de Sylla, e de Mario. Os ſorprezamentos, e as cruéis mortandades renovaõ-ſe continuamente; cada Cidade do Reino he quaſi hum theatro de ſangue, e horrores. Deſte modo padecerá a França durante huma dilatada ſerie de erros.

Primeira guerra civil atroz.

Naõ ha couſa, que maior attençaõ mereça, do que o cataſtrofe daquelles que eraõ

Sitio de Ruaõ.

eraõ parte para tantas infelicidades. O Rei de Navarra cercou, e tomou novamente Ruaõ, onde morreo de huma ferida. O Marechal de Santo André morreo na batalha de Dreux, ganhada pelo Duque de Guiſa capitaneado pelo Condeſtavel. Singularidade he deſta batalha terem ficado priſioneiros ambos os Generaes, o Principe de Condé, e Montmorenci, aquelle deitou-ſe no meſmo leito, que o Duque, ſeu vencedor.

Batalha de Dreux.

1563. Franciſco Duque de Guiſa, aſſaſſinado por Poltrot.

Eſtava eſte para aſſenhorear-ſe de Orleans, e tendo já tomado de hum aſſalto hum dos arrabaldes, foi aſſaſſinado por Poltrot, Cavalleiro calviniſta, o qual julgou ſervir a Deos comettendo hum crime para vingar a ſua ſeita. Deſte modo morreo Franciſco de Guiſa, *o maior homem do ſeu ſeculo, como confeſſaõ os ſeus proprios inimigos*; do que poderá ſer teſtemunha Mr. de Thou. A ambiçaõ do Cardeal de Lorena, mais do que a ſua propria inclinaçaõ, o tinha conſtituido Chéfe de partido; a torrente das conjuncturas o arraſtou de hum para outro exceſſo, ſem deslumbrar o eſplendor da ſua grandeza de alma, e heróicas qualidades. Os homens grandes ſaõ os que ſe devem temer mais, quando ſe affaſtaõ do que lhes cumpre.

Com

Com hum edicto de pacificaçaõ serenáraõ hum pouco as tormentas. Este edicto perdoava o passado, declarava que o Principe de Condé, e seus seguidores em nenhuma outra cousa tinhaõ tido a mira, senaõ no serviço do Rei, confirmava a liberdade de consciencia, e ordenava que em todos os bailios assignar-se-hia huma Cidade, na qual os protestantes teriaõ exercicio público da sua Religiaõ. Estas vantagens foraõ em breve tempo cerceadas. A Rainha entreteve Condé na esperança das mesmas honras, e poder, que tinha tido o Rei de Navarra. Era este o verdadeiro meio, se se executassem as promessas que lhe fizéraõ, para o desarraigar de hum partido sempre perigoso. Suspensa a paixaõ das facções, e do fanatismo, como que o zelo patriotico animou os Francezes a tomar outra vez o Havre á Inglaterra, e Isabel recusou restituir-lho em quanto Calais naõ fosse entregue. Declaráraõ-lhe logo guerra: o Havre foi novamente tomado; Calais naõ foi entregue, e as hostilidades acabáraõ por meio de hum ajuste. Tinha-se passado em Inglaterra, e Escossia vários successos, de que agora farei de huma vez mençaõ por evitar confusões.

1563. Pacificaçaõ favoravel para os Calvinistas.

O Havre tomado novamẽte aos Inglezes.

CA-

CAPITULO III.

Maria Stuart, até o tempo da sua prisaõ. --- Rebelliaõ dos Flamengos. --- Continuaçaõ das guerras civís em França.

Progresso do Calvinismo em Escossia.

OS Escossezes, hum dos Póvos da Europa o mais ignorante, e rustico daquelle tempo, eraõ por este mesmo motivo hum dos mais susceptiveis de fanatismo. Tinha lavrado entre elles a nova doutrina no Reinado de Jacques V., e Maria de Guisa, viuva deste Principe, facilitou os seus progressos, por meio da moderaçaõ, e circunspecçaõ, com' que se houve a respeito dos reformados. Deste modo abrio caminho para a regencia. A ambiçaõ de seus irmãos, que tinhaõ em França muito poder, foi parte para ella lançar as linhas contra as suas inclinações. Os Guisas intentavaõ exaltar a joven Rainha Maria Stuart ao Throno de Isabel, e a ruina dos protestantes parecia ser hum meio necessario para isso; e porque deixáraõ de os tolerar na Escossia, isto os motivou a enojarse. Certos Fidalgos poderosos, e indoceis se pozéraõ á sua frente: hum espirito de liberdade, ou de independencia animava o ze-

zelo religioſo, do qual extrahia a ſuá maior força: em 1557 fizéraõ os Seitarios huma liga contra a *Congregaçaõ de Satanaz*; eſte o nome, que davaõ á Igreja Romana, e a ſua liga ſe intitulava a *Congregaçaõ de Jeſus*. Todos elles ſe obrigavaõ a húma mutua defeza, para a conſervaçaõ, e propagaçaõ da Palavra Divina, *contra os perverſos, que pretendeſſem perturbar a ſua ſanta liga; renunciando a todas as abominações, e idolatrias do demonio.*

Congregaçaõ rebelde.

Joaõ Knox, Eſcoſſez, apaixonado diſcipulo de Calvino, tinha vindo de Genebra atiçar taõ violento fogo. N'hum motim popular, foraõ as Imagens quebradas, as Igreias ſaqueadas, os Sacerdotes acomettidos no Altar, e os Moſteiros deſtruidos. Mr. Robertſon, excellente Hiſtoriador, naõ deixa dúvida alguma de que as violencias do governo, inſpiradas pelos Principes de Lorena, naõ tenhaõ ſido a origem das rebelliões; e a idéa dos principaes naõ tenha ſido principalmente livrar-ſe do jugo da França.

Joaõ Knox diſcipulo de Calvino.

Maria Stuart, ſua Rainha, eſpoſa do Delfim, Franciſco II., tinha tomado por conſelho dos Guiſas, ſeus Tios, as armas, e o titulo de Rainha de Inglaterra. Naõ tinha o naſcimento de Iſabel por legitimo; o que lhe dava direitos a eſta Coroa, da qual era herdeira preſumptiva.

Iſabel defende os Eſcoſſezes.

va. Naõ podía pois Isabel deixar de havella como inimiga, e era interesse seu manter os tumultos da Escossia: razaõ porque mandou soccorro á congregaçaõ fanatica. Os Inglezes citiáraõ Leith defendida por trópas Francezas, e o Ministerio de França vio-se reduzido a assignar o humilde tratado de Edimburgo, em 1560, em virtude do qual Maria Stuart, e seu esposo deviaõ renunciar o titulo de Inglaterra, e se obrigavaõ a naõ fazer paz nem guerra sem approvaçaõ do Parlamento, o qual authorisavaõ mais para deliberar a respeito dos negocios de Religiaõ.

Tratado de Edimburgo.

Mudãça de Religiaõ.

Abolio o Parlamento o Culto Romano, debaixo de penas rigorosissimas; porque o espirito de intolerancia era commum a ambos os partidos. O Episcopado foi supprimido, assim como nas Repúblicas de Genebra, e de Suissa, e Knox fez com que a Igreja adoptasse aquelle governo *presbyteriano*, em que se julgou acharem-se novamente as máximas, e os usos dos primeiros fiéis. He este tambem hum frućto do zelo perseguidor dos Guisas.

Maria Stuart acometida pelo fanatismo.

Tendo Maria Stuart perdido o seu crédito, por mórte de Francisco II., e vendo-se exposta ao genio melancolico da Rainha Mãi, deixou a França com pezar seu, a fim de voltar para hum Reino, onde a barbaridade reinava por toda a

par-

parte. A pezar dos ſeus talentos, porte engraçado, manſidaõ, e circunſpecções ſoffreo Maria Stuart em breve tempo, como Catholica, o odio, e ultrajes do fanatiſmo. Knox, que fallava ſempre como Profeta, chamou-a publicamente Jeſabel; citando-lhe a ella meſma os exemplos de Phineas, Samuel, e Elias, como próvas, de que hum ſanto zelo póde inſpirar juſtas violencias, e dava a entender que ſe podia deſtruir o Throno á ſatisfaçaõ da ſuperſtiçaõ. Paſſado algum tempo deſmentindo Maria com grandes defeitos a ſiſudeza do ſeu procedimento paſſado, entregou-ſe, por aſſim dizer, ao odio feroz dos ſeus inimigos. Tinha caſado com o Lord Henrique Darnley, ſeu primo, filho do Conde de Lenox; e Iſabel, ſempre invejoſa debaixo das apparencias de huma fingida reconciliaçaõ, naõ podia deſapprovar ſincéramente eſte caſamento, o qual lhe poupava a inquietaçaõ de vêr caſar a ſua competidora com algum Soberano. Affectou pois oppôr-ſe a elle, mas debalde. Darnley, condecorado com o titulo de Rei, ſem o concurſo do Parlamento, correſpondeo muito mal aos beneficios, e amor de Maria; pois como inconſtante, diſſoluto, orgulhoſo, e perdendo a ſua eſtimaçaõ, inſpirou-lhe indifferença, e vingou-ſe della de hum modo atroz.

Maria Stuart caſa cõ Henrique Darnley, e arrepende-ſe do caſamento.

X ii Che-

Homicidio de Rizio.

Chegando Rizio, Musico Piamontez, a ser Secretario da Rainha, suspeitou-se delle que era seu amante, bem que de huma figura muito desagradavel. Além de que era muito digno de odio, pela insolencia com que abusava do seu favor. Hum dia que comia á meza com esta infeliz Princeza certos Fidalgos o matáraõ a punhaladas á vista della em 1566. O seu crime, em que o Rei tinha parte, tanto mais horroroso era, quanto maior o risco de vida, que corria a Princeza com hum parto adiantado. Pario todavia Maria Stuart hum filho chamado Jacques, o qual veremos unir as Coroas de Escossia, e Inglaterra.

Homicidio do Rei.

A Rainha casa com Botwel, e perde a Coroa.

Maria Stuart foge para Inglaterra, onde Isabel a abominava.

Huma fatal inclinaçaõ a affeiçoou depois ao Conde de Bothwel, geralmente desacreditado por seus vicios. Mostra-se repentinamente Maria reconciliada com o Rei, o qual morre em breve tempo assassinado. A vóz pública accusa Bothwel, o qual se livra da accusaçaõ por meio de huma sentença irregular. Rouba este a Rainha, e casa com ella, e fica entaõ Maria abominada como sua cumplice. Sobleváõ-se os Escossezes, prendem-a, e obrigaõ-a a renunciar a Coroa. Foge apressadamente, e refugia se em Inglaterra (1568). Adiante veremos o tratamento, que Maria ha de ter de Isabel em Inglaterra.

Go-

Governava esta o seu Reino com huma prudencia admiravel, cuidando na marinha, no commercio, na agricultura, e finalmente em todos os objectos da administraçaõ politica; mas naõ via em Maria senaõ huma rival, que a excedia em formosura, e lhe causava inquietações. Naõ era taõ generosa, que sacrificasse o interesse á virtude; pois era bastantemente cobarde, a pezar das suas grandes qualidades, para se entregar com excesso a hum fraco ciume de mulher.

Sabio, e prudẽte governo desta Princeza.

Voltemos para os negocios do Continente, onde os tumultos de Religiaõ, o que a prudencia de Isabel sabia prevenir no seu Reino, naõ cessavaõ de revolver outros Estados.

O despotismo supersticioso de Filippe II. naõ podia deixar de excitar rebelliões por toda a parte. Este Principe, que naõ se fartava de sangue heretico, pretendia que a Inquisiçaõ obrasse em Italia, e Flandres o mesmo, que obrava em Hespanha. Os Milanezes, e Napolitanos, sobleváraõ-se contra o Tribunal, cujo jugo empenhava-se Filippe por lhes impôr. Mais terriveis effeitos produzio o amor da liberdade, mais natural entre os Flamengos.

Filippe II. pretende mas ẽ vaõ sujeitar a Inquisiçaõ Napoles, e Milaõ.

Como a doutrina protestante se achava muito espalhada pelos Paizes-Baixos, o zelo feroz de Filippe se inclinava especial-

Sedições ẽ os Paizes-Baixos.

cial-

cialmente para esta parte. A eleiçaõ de treze Bispados novos feita nestas Provincias por Paulo IV., se encaminhava evidentemente a atormentar as consciencias, e chegava a ser de pezo excessivo para os Póvos. Margarida, Duqueza de Parma, irmã do Rei, que governava os Paizes-Baixos, regulava-se pelo parecer do Cardeal de Granvelle, Arcebispo de Malinas, cuja inflexibilidade altiva irritava os corações. Ferviaõ os queixumes; as ordens severas da Corte de Hespanha irritavaõ o mal; pretendia-se que os Decretos do Concilio de Trento fossem observados; usava-se para isso de violencia. Finalmente manifestou-se a sediçaõ; tanto mais perigosa, quanto eraõ mais illustres, assim por seus meritos, como pelo seu nascimento, os dous homens, que tinha por Chefes, Guilherme de Nassau, Principe de Orange, e o Conde de Egmond; ambos capazes de dirigir taes moveis de Religiaõ, de que tanta força extrahia a politica dos ambiciosos.

1565. Cõferencia de Bayona, a qual atemorisa os protestãtes.

Visitava entaõ Catherina de Medicis a França, juntamente com seu filho Carlos IX., debaixo dos pretextos do bem público, e a Rainha de Hespanha, irmã de Carlos, parte da Bayona, a fim de se ajuntar com elles, acompanhada do célebre Duque de Alva, que pouco tempo de-

depois virá a ſer o flagello dos Flamengos. O objecto da viagem era huma conferencia já de longe preparada. Adriani, continuador de Guichardin, diz, que eſta conferencia ſe teve á inſtancia, e por ſolicitaçaõ do Papa, o qual deſejavà, que o meſmo Filippe aſſiſtiſſe à eſta conferencia, em que tudo foi ſegredo, tudo myſterioſo. Porém crendo os Proteſtantes deſcobrir o myſterio, julgáraõ com baſtante probabilidade, que ſe tinha traçado à ſua ruina. Deſconfiados, deſcontentes, e vexados em França aſſim como por outras muitas partes, a pezar do Decreto de pacificaçaõ, naõ era neceſſario mais para lhes inſpirar novos projectos de rebelliaõ. Qual loucura naõ era a dos governos! pretendia-ſe exterminar os Cidadãos para ter Catholicos.

A Corte de Roma tambem deo aos Sectarios novos motivos de odio. Pio IV., Papa voluptuoſo, pouco havia que era fallecido. Tinha elle ſeguido o exemplo dos ſeus predeceſſores, pela paixaõ do nepotiſmo; e concedido prodigamente os ſeus favores aos Borromeos, filhos de ſua irmã, hum dos quaes era o Cardeal Carlos, e Arcebiſpo de Milaõ, Prelado Santo, cuja memoria he honrada, e venerada pela Igreja. O novo Papa (Ghiſleri) Pio V., de naſcimento humilde, e Mórte de Pio IV. Zelo violẽto de Pio V.

de

de ſeveridade innexoravel, era mais proprio para eſpalhar o terror. do que para governar com prudencia, e ſabedoria. Tinha ſido Dominico, e Inquiſidor geral no tempo de Paulo IV., em que ſe moſtrára digno Miniſtro do zelo violento deſte Pontifice. Apenas ſe vio exaltado á Santa Sé, mandou logo queimar por hereges huns homens diſtinctos; hum Carneſecchi, que Coſme de Medicis, poſto que o honraſſe com o ſeu favor, teve a puſſilanimidade de entregar; hum Zannetti, entregue do meſmo modo pelo Senado de Veneza, e o ſabio Paleario, cujo crime foi ter chamado á Inquiſiçaõ, *hum punhal levantado contra os ſabios.* Huma Ordenaçaõ rigoroſa, que Pio V. publicou contra as meretrizes, teria infallivelmente, aſſim como as peſſoas ſábias, e prudentes o repreſentavaõ, occaſionado as maiores deſordens entre os celibatarios, que povoavaõ Roma, ſenaõ foſſe moderada. Julga-ſe pois que eſte Papa baſtantemente conhecido pela Bulla *In cœna Domini*, publicada em 1568, era pouco conveniente para as neceſſidades urgentes da Igreja, e que o Romano Culto cada dia ſe fazia mais odioſo para os proteſtantes.

Peſſoas, q̃ Pio V. mãda queimar por hereges.

Ordenaçaõ contra as meretrizes.

Os dos Paizes-Baixos, chamados os *Pobres*, perdêraõ toda a eſperança de paz. A Inquiſiçaõ, os novos Biſpados, as leis pa-

1567. Rebelliaõ dos *Pobres* em Flãdres.

para obrigar a consciencia, as vexações, e os supplicios, pareciaõ provocallos á rebeliaõ. E naõ obtendo nada os Pobres por meio dos seus requerimentos, entregáraõ-se aos excessos do fanatismo. Delibera Filippe II. em hum grande conselho a respeito dos meios para suspender a sediçaõ: debalde propoem os mais sabios, e prudentes os meios de brandura: segue Filippe a sua inclinaçaõ, e os conselhos sanguinarios do Duque de Alva (Alvaro de Toledo: nomea, e manda este Duque com trópas, a fim de vingar a causa de Deos, e a honra da Coroa: o que era o mesmo que mandar hum tyranno, o qual ou exterminaria os Póvos, ou os faria furiosos, e indomaveis. O Principe de Orange tinha-se prudentemente retirado para Allemanha: os Condes de Egmond, e de Horn, naõ o quizéraõ acompanhar, fiando-se muito no seu crédito, e poder. Estes foraõ prezos em breve tempo: as prizões se enchêraõ; as forcas, os cadafalsos, e as fogueiras, inspiráraõ horror por toda a parte.

O Duque de Alva he mãdado para Flãdres.

N'huma palavra, a Inquisiçaõ de Hespanha, consultada pelo Rei, decidio que todos os Póvos dos Paizes Baixos, excepto hum pequeno número, eraõ apostatas, hereges, criminosos de leza-Magestade, e particularmente os Nóbres, que ti-

Parecer da Inquisiçaõ de Hespanha.

tinhaõ apresentado requerimentos, ou publicado queixas, contra a Santa Inquisiçaõ. Este parecer servio de regra, e Egmond, a quem especialmente se deviaõ as victorias de Santo Quintino, e Gravelinas, foi executado juntamente com Horn. O seu sangue, com o de hum número infinito de victimas, avigorou de algum modo os fundamentos da famosa República de Hollanda, que veremos formar-se em breve tempo.

Os Condes de Egmõd, e de Horn executados

Novas guerras de Religiaõ ẽ França.

Tambem a França experimentou novamente os horrores das guerras de Religiaõ. Hum corpo de seis mil Suissos, que a Rainha Mãi tinha levantado sob falso pretexto, provavelmente para opprimir os Religionarios, tanto mais os irritou, quanto eraõ infinitos os motivos, que tinhaõ de queixa. Armando-se novamente os Religionarios, foraõ vencidos em S. Diniz, onde o Condestavel de Montmorenci, vencedor, morreo crivado de feridas, com perto de oitenta annos de idade. Fazendo-se a paz no anno seguinte de 1568, só aturou seis mezes, porque tendo Catharina de Medicis, infiel a todos os ajustes, resolvido mandar prender o Principe de Condé, e o Almirante de Coligni, sob levárаõ-se outra vez os protestantes. O Duque de Anjou, irmaõ do Rei, dirigido pelo Marechal de Tavannes, ganhou con-

Tres batalhas perdidas pelos calvinistas.

contra elles a batalha de Jarnac, em que foi morto a sangue frio o Chéfe do partido, o propio Condé, Principe digno dos maiores elogios, se naõ fora hum rebelde. Henrique IV., Principe de Bearne ainda moço, filho do Rei de Navarra, tendo sómente desasseis annos, foi declarado Chéfe da liga. Coligni, e Dandelot acháraõ recursos assim no seu genio, e actividade, como em os protestantes de Allemanha, e o Duque de Anjou alcançou segunda victoria em Montcontur, quasi que sem tirar della utilidade alguma.

1569. Batalha de Jarnac.

Depois de quatro batalhas perdidas, como que querem os Calvinistas impôr condições de paz. Por meio do Tratado de S. Germano, entre muitas Cidades de segurança, que lhes foraõ concedidas, foi huma dellas a Cidade da Rochella; foraõ declarados capazes de todos os empregos, e deste modo augmentou-se muito a liberdade de consciencia, que era ao principio o unico objecto dos seus desejos. Para julgar da cegueira das Cortes, e dos zeladores do seculo decimo sexto, assaz he huma só simples reflexaõ. Que mal teria produzido a indulgencia, quando o progresso, e o fanatismo das Seitas pareciaõ requerella? Teria extincto o fanatismo, precavido as guerras, conservado o sangue dos Christãos, e assim a Igreja

1570. Tratado de S. Germano, por meio do qual obtem os Calvinistas tudo quanto desejaõ.

Huma sabia, e prudẽte indulgẽcia teria apoupado grandes infelicidades.

ja como as Coroas teriaõ certamente perdido muito menos, pois que as perseguições sempre foraõ o motivo das rebelliões. Brevemente veremos a mortandade cruel do dia memoravel de S. Bartholomeu abrir novamente as chagas assim da Religiaõ, como do Estado.

CAPITULO IV.

Guerra famosa com os Turcos. --- Pio V. --- Dia memoravel de S. Bartholomeo. --- Fim de Carlos IX.

Desgraça do Chãceller do Hopital por huma Bulla de PioV.

CATHERINA de Medicis, antigamente taõ favoravel aos protestantes, dos quaes tinha entaõ precisaõ, já naõ cuidava n'outra cousa senaõ em destruillos; porque os temia. O Chanceller do Hopital tinha descahido da graça des do anno de 1568. Como era amigo da paz por amor que tinha á Patria, desconfiáraõ da sua Religiaõ, e os seus sabios, e prudentes conselhos naõ foraõ ouvidos. Tinha Pio V. permittido ao Rei o poder alienar bens ecclesiasticos, por cincoenta mil escudos de renda, com condiçaõ de empregar esta quantia em exterminar os hereges, ou em obrigallos a sujeitar-se. Mostrou

Ho-

Hopital a inhumanidade desta Bulla; e conforme diz Mr. de Thou, esta foi a occasiaõ da sua desgraça: agouro funèsto para o Reino!

Bulla *In cœna Domini.*

Divulgava-se entaõ a Bulla *In cœna Domini.* Esta Bulla excommungava a todo o Principe, que pretendesse dos Ecclesiasticos qualquer contribuiçaõ que fosse; excommungava a todo aquelle que julgasse ser o Papa sujeito ao Concilio geral, e que appellasse para o Concilio dos seus Decretos. Anniquilava os Direitos do póder civil; e reservava para o Pontifice Romano a absolviçaõ das innumeraveis excommunhões, que ella continha. Dir-se-hía, que Pio V. pretendia determinar os Catholicos a sacodir, do mesmo modo que os Seitarios, o jugo de Roma. Levantando-se Filippe II., o mais superstiicioso de todos os Principes, contra a Bulla, prohibio a sua execuçaõ, debaixo de rigorosas penas, e os Papas publicáraõ novamente esta Bulla todos os annos até o Pontificado actual; porém tem-se ferido a si proprios com esta perigosa arma.

Guerra cõ os Turcos.

Além das dissensões civís, e religiosas, com que a Europa se destruia, muito tempo havia que durava a guerra do Turco; e os Christãos preferiaõ antes arruinar-se huns aos outros por alguns pontos da sua fé, do que unir as suas for-

ças contra o inimigo mortal da Christandade. Os Hespanhoes tinhaõ ultimamente tomado algumas Praças no Reino de Argel, quando Solimaõ mandou huma frota de trezentas vélas sitiar a Ilha de Malta em 1565. Este famoso sitio custou-lhe quasi quarenta mil homens. O Graõ-Mestre de la Valette, de Naçaõ Francez, seguindo o exemplo de Aubusson, e de Lisle-Adam, que se immortalisáraõ em Rhodes, teve a glória de expulsar os Musulmãos; os quaes todavia tomáraõ Scio no anno seguinte, e acomettêraõ as cóstas de Italia. Tomou Solimaõ de hum assalto a Cidade de Zigeth em Hungria.

Sitio de Malta.

Morte de Solimaõ.

Morreo tres dias antes da tomada da fortaleza, com setenta e seis annos de idade: heróe mais virtuoso, e tambem mais illuminado, do que a maior parte dos grandes potentados do seu seculo. Tinha-se instruido na escóla da Historia, e estudava especialmente pelos Commentarios de Cesar, os quaes mandára traduzir na sua lingua. Reinava em immensas regiões, des d'Argel até o Eufrates. A Hungria inteiramente conquistada, abria-lhe as pórtas da Allemanha.

Ilha de Chypre tomada pelos Turcos.

Seu filho Selim II. tomou aos Venezianos a Ilha de Chypre em 1571: O Senador Bragadino, Governador de Famagusta, foi esfollado vivo pelos Turcos, fu-

furiosos com a horrorosa perda, que tiveraõ no sitio desta Praça, a qual importava, segundo dizem, em oitenta mil homens.

Pio V., que excitava soblevações em Inglaterra, que excommungava Isabel, e a declarava privada da sua Coroa; e que por meio da sua Bulla *In cœna Domini*, parecia declarar guerra a todos os Principes Christáos; occupado com tudo em projectos louvaveis, tinha-se unido com o Rei de Hespanha, e com os Venezianos, a fim de salvar huma Ilha taõ importante. As galéras do Papa eraõ capitaneadas por Marco Antonio Colonna, e as de Filippe pelo Principe Doria. Sahio a frota; mas naõ concordando os Generaes entre si, e obrando só lentamente, naõ teve successo algum. Animou Pio outra vez, e em breve tempo a *sagrada liga*. Hum armamento tremendo de duzentas galéras, e outros muitos navios, se fez quasi repentinamente, e o célebre D. Joaõ de Austria, filho bastardo de Carlos V., foi nomeado Generalissimo: Colona, e o Veneziano Veniero, tinhaõ cada qual o seu mando.

1571. Liga de Pio V. cõtra os Turcos.

Guardavaõ as cóstas da Morea quasi duzentas e cincoenta galéras Turcas, que foraõ acomettidas perto do golfo de Lepanto, e perdêraõ huma victoria completa;

Batalha de Lepãto vẽcida por D. Joaõ de Austria.

tá, com mais de cento e cincoenta galéras. Os vencedores todavia naõ adquiriraõ entaõ outra cousa, senaõ a gloria. El-Rei Filippe, com toda a sua dissimulaçaõ, deo a conhecer o ciume, que tinha do merecimento de seu irmaõ. *Foi D. Joaõ feliz*, disse Filippe, *porém arriscou muito.* O Papa, muito mais interessado no successo de hum dia taõ glorioso, exclamou: *Houve hum homem mandado por Deos, o qual se chamava Joaõ.* Dous annos depois, assenhoreou-se D. Joaõ de Tunes, de cuja conquista só hum anno se gozou a Hespanha.

1572. Alliança q̃ o Papa propoem aos Arabes, e Persas.

Conta-se que a morte de Pio V. fora festejada em Constantinopla com tres dias de festas; taõ tremendo para os Turcos se tinha este Pontifice constituido! e solicitou contra os Turcos a alliança dos Persas, e dos Arabes; escrevendo a estes Póvos, que a differença de Religiaõ naõ os devia impedir de unir se com os Christãos; e que os homens, unidos por hum commum interesse, naõ deviaõ considerar-se como separados, nem pela diversidade de sentimentos, nem pela distancia dos lugares: maxima muito digna de observaçaõ na boca do mais terrivel inimigo dos hereges. O interesse commum da sociedade, da humanidade, e do Christianismo, naõ podia unir entre si os Christãos;

Cõtradiçaõ digna de observaçaõ

tãos;

tãos, divididos a respeito de alguns pontos de dogma, ou de culto; ao mesmo tempo que hum interesse politico os podia alliar com Póvos inimigos da Fé Christã? Estas extravagantes contradições, taõ frequentes na historia, e taõ proprias para descobrir a influencia da paixaõ, e preoccupaçaõ, parecem-me huma origem de luzes para todo aquelle, que pretender conhecer os principios do coraçaõ humano.

Hum Graõ Duque de Toscana, creado por Pio V.

Em virtude do poder que Deos lhe tinha concedido, e porque, *como Pastor lhe pertencia examinar quem merecia honras extraordinarias, por motivo do zelo para com a Santa Sé*, creou Pio V. a Cosme de Medicis *Graõ-Duque* de Toscana, e deste modo decidio a differença deste Principe com o Duque de Ferrara, a respeito da precedencia (1569.) Condecorado Cosme, a pezar da reclamaçaõ do Imperador Maximiliano, com este novo titulo, partio para Roma, a fim de fazer-se coroar, e dar o juramento nas mãos do Pontifice.

Falsas razões para authorisar semelhãte procedimẽto.

O Cardeal Commendon, habil negociador, empenhou-se em justificar o procedimento de Pio V., citando por próvas tantas Coroas dadas pelos Papas; e até se attreveo a dizer, que o Papa fora quem transferíra o Imperio do Oriente para o Occidente, e estabelecêra os Eleitores,

que Chilperico fora degradado pelo Papa Zacharias, e Pepino feito Rei de França pelo mesmo Papa. Accommodou-se o negocio por dinheiro em 1574, no Pontificado de Gregorio XIII. (Buoncompagno) Successor de Pio.

Continua-se a obrigar as consciencias.

Se he cousa estranha ter a Corte de Roma, assalteada por todas as partes, defendido animosamente as suas antigas pretenções, muito mais estranho he ter-se teimado depois de tantas, e taõ funestas experiencias, em obrigar as consciencias, e combater a heresia por via dos supplicios. Por huma parte; o Duque de Alva reduzia os Flamengos á desesperaçaõ, fundava a fortaleza de Anvers, a fim de opprimillos, e erigia para si mesmo hum pomposo monumento de bronze, em que pizando aos pés os Religionarios, blasonava de ter certo o triunfo da Religiaõ, e avigorado a paz das Provincias. Por outra parte, executou-se em França a memoravel facçaõ do dia de S. Bartholomeu, que foi o cumulo dos horrores.

Matrimonio do Rei de Navarra cõ a irmã de Carlos IX.

Acariciavaõ-se os protestantes, a fim de os soffocar. Tinhaõ offerecido Margarida, irmã de Carlos IX., a Henrique, Rei de Navarra. Este casamento o trouxe a París, e veio com seu primo o Principe de Condé, e os mais grados do partido, que seguíraõ os seus passos, a fim de assis-

ſiſtir aos ſeus deſpoſorios. O meſmo Almirante de Coligni ſe deixou cegar, com a eſperança de huma guerra contra Filippe II., a reſpeito da rebelliaõ dos Paízes-Baixos. Deſejava elle ancioſamente vingar os Calviniſtas das perſeguições deſte Monarca. A ſua prudencia ſe deixou enganar de huma illuſaõ liſongeira, e finalmente todos os odios pareciaõ ſoffocados entre feſtas, e prazeres. Porém a Rainha Catharina, e Carlos ſeu filho eraõ capazes de todas as perfidias da tyrannia.

Huma carta referida por Mr. de Thou, a qual recebeo o Almirante em París, e della ſe moſtrou indignado, dará a conhecer as ſuſpeitas, e temores de alguns proteſtantes menos crédulos: a ſua ſubſtancia he eſta: « Lembrai-vos de huma » máxima recebida entre os Papiſtas, como » ponto de Religiaõ, *que naõ ſe deve* » *guardar a fé aos hereges.* Lembrai-vos que » os proteſtantes á ſua viſta ſaõ hereges; » que eternamente ſeráõ por elles aborrecidos; » e que a Rainha os pretende » exterminar. Lembrai-vos que huma mulher » Eſtrangeira, Italiana, de huma familia » de Papas, naturalmente aſtucioſa, » naõ póde deixar de romper nos ultimos » exceſſos contra os ſeus inimigos. Vede » qual foi a educaçaõ, que o Rei recebeo. » Jurar, perjurar, corromper mu-

Carta para o Almirante de Coligni.

„ lheres assim solteiras como casadas;
„ disfarsar a sua fé, religiaõ, e intentos;
„ concertar o semblante: eis-aqui o que
„ no principio lhe ensináraõ a ter por pas-
„ satempo. E a fim de o acostumar ao
„ sangue dos seus Póvos, fizéraõ-o gos-
„ tar des da infancia, de vêr degollar,
„ e despedaçar animaes. Tempo virá em
„ que Carlos, como fiel discipulo de
„ Machiavello, persuadido de que os pro-
„ testantes resolvêraõ tirar-lhe a Coroa,
„ e a vida, naõ consentirá já mais que
„ huns homens, que tomáraõ armas con-
„ tra elle, justa, ou injustamente, gozem
„ da paz, que elle lhes concedeo, &c.„
Eráõ por ventura frivolas estas desconfianças? Pelo facto o julgaremos.

1572. Mortandade cruel do dia memoravel de S. Bartholomeu.

Celebrou se o casamento do Rei de Navarra a 17 de Agosto de 1572; e retirando-se Coligni, para sua casa, foi ferido com hum tiro de arcabuz no dia 22. Carlos IX. o visita, promette-lhe castigar este assassinio, de que lhe dá mostras da mais viva dôr. Com tudo na noite de 23 para 24 começa por ordem da Corte huma horrorosa, e cruel mortandade dos protestantes. O Duque de Guisa (Henrique, o *Acutilado*, filho de Francisco) chega á porta do Almirante, e manda degollar este grande homem. As ruas, e as casas nadavaõ em sangue. A raiva dos assassi-

ſinos naõ diſtingue idade nem ſexo, e confunde os proprios Catholicos com os Huguenotes. O meſmo Rei comette a barbaridade de atirar aos ſeus infelices vaſſallos, e contempla depois com goſto o cadaver de Coligni, ultrajado pela plebe. A meſma carniceria ſe ordena pelas Provincias: n'huma palavra, os Hiſtoriadores contaõ ao menos ſeſſenta mil, e alguns cem mil victimas deſta infernal execuçaõ. Houve todavia Governadores de Provincias, baſtantemente valeroſos para naõ quererem ſer algozes dos Cidadãos: a ſua deſobediencia he hoje em dia a materia do ſeu elogio.

Semelhãt barbarida de authori ſada, e celebrada.

Para que nada faltaſſe a eſta atrocidade, faltava lhe pôr de algum modo o ſello das leis, e da Religiaõ. O Rei declara que tudo ſe executára por ordem ſua, tomando por pretexto huma conſpiraçaõ quimerica dos Seitarios contra a Real Familia. Ordena o Parlamento huma Prociſſaõ annual, a fim de celebrar o livramento do Reino. Manda-ſe cunhar huma medalha com eſta lenda: A PIEDADE ARMOU A JUSTIÇA; lenda que a juſtiça, e a piedade deviaõ proſcrever como injurioſa. O dia memoravel de S. Bartholomeu foi para Roma, e Heſpanha motivo de feſtas públicas. Ao menos era neceſſario ſuſpender as feſtas, até que ſe

po-

podeſſe julgar das conſequencias do ſucceſſo.

1573. Os Calviniſtas chegaõ a ſer mais formidaveis.

Tudo quanto a prudencia deveria ter antevifto, tudo ſuccedeo. O Calviniſmo, em vez de ſer anniquilado pela crüel mortandade, torna-ſe mais tremendo por meio da deſeſperaçaõ, e vingança. Ateou-ſe quarta guerra civil. A Rochella defendeo-ſe com furor contra o Duque de Anjou, o qual perdeo quaſi todo o ſeu exercito neſte ſitio. A Cidade de Sancerre ſuſtentou hum mais de ſete mezes, moſtrando-ſe os habitadores outros tantos herões do fanatiſmo; de maneira que foi neceſſario conceder-lhes a liberdade de conſciencia. Os Rochelezes, naõ ſó obtiveraõ huma capitulaçaõ vantajoſa, mas tambem incluíraõ nella as Cidades de Nimes, e Mont-Albano. Carlos IX., que ſempre eſtava doente des do dia memoravel de S. Bartholomeu, morreo entre os tumultos, em 1574, ſem filho varaõ, na idade de vinte e quatro annos; e Amiot, ſeu Meſtre, tinha-lhe dado o goſto das letras, que naturalmente inſpira humanidade; porém ſua Mãi, os ſeus Cortezãos, e eſpecialmente o Marechal de Retz, Florentino, tinhaõ-o inſtruido com máximas abominaveis, mais proprias para inſpirar-lhe os crimes todos da tyrannia.

Mórte de Carlos IX.

CA-

CAPITULO V.

Principios do Reinado de Henrique III. -- Continuação dos tumultos, nos Paizes-Baixos.

ELEITO o Duque de Anjou, Rei de Polonia, por diligencias de Montluc, Bispo de Valença, succede ao Throno de França, com o nome de Henrique III.: e he este o terceiro filho de Catharina, que occupa o Trono, e naõ será menos infeliz. Receando Henrique ser prezo pelos Polacos, foge como se fora hum prisioneiro. Debalde o aconselhaõ o Imperador, e os Venezianos, na passagem que fez pelas suas terras, a tratar os Calvinistas com brandura, para restabelecer o socego no seu Reino. Era Henrique hum dos authores da cruel mortandade, e encobria com apparencia da mais vil superstiçaõ costumes os mais depravados; os seus validos eraõ os seus oraculos, cujos conselhos segue, e governa segundo as suas fantasias, dá annuncios de hum Rei sanguinario; constitue-se odioso, e desprezivel aos seus vassallos, n'huma palavra, perde, logo no principio do seu Reinado, a famosa

1574. Henrique III. perde em breve tẽpo a sua reputaçaõ.

reputaçaõ, de que era devedor aos talentos de alguns Generaes.

Facçaõ dos politicos.

Tinha ainda outro irmaõ, que era o Duque de Alençon, depois Duque de Anjou. Efte Principe inconftante, e turbulento tinha-fe pofto á frente de huma confpiraçaõ chamada dos *politicos*, cujo alvo era o abatimento dos Principes Lorenos poderofiffimos para com a Rainha Mãi. O Rei de Navarra, obrigado por Carlos IX. a abjurar o Calvinifmo depois do memoravel dia de S. Bartholomeu, era entrado na mefma facçaõ. E tendo-os Carlos mandado prender a ambos, Henrique os foltou, mas naõ foube acareallos. Seu proprio irmaõ confpirou contra a fua vida, e depois retirou-fe fecretamente da Corte acompanhado pelo Rei de Navarra, que fe declarou des de logo bom proteftante. O Principe de Condé, fugitivo em Allemanha, tinha-lhe dado o exemplo da converfaõ á herefia. Tanto he verdade, que fe a força póde obrigar a diffimular, naõ muda, ou para melhor dizer faz com que criem raizes as opiniões religiofas.

O Rei de Navarra unido cõ o Duque de Alençon.

Mórte do Cardeal de Lorena.

Defte modo fe achaõ fortificados os proteftantes pelos *politicos*; o irmaõ do Rei he a cabeça da rebelliaõ; os Principes de fangue faõ os inimigos do Monarca. Eis-aqui como hum peffimo governo

fo-

fomenta as diſcordias, e as guerras civís. O Cardeal de Lorena, author principal dos tumultos, morreo entaõ em idade pouco adiantada. Facil he julgar ſe a ambiçaõ, ou o verdadeiro zelo era a alma do ſeu procedimento. Eſte grande zelador, negociando com os proteſtantes de Allemanha em 1562, dava-lhes eſperança, aſſim como o Duque de Guiſa, ſeu irmaõ, de que em França poder-ſe-hia eſtabelecer a confiſſaõ de Ausburgo. Eſte reformador, que no Concilio de Trento teimára fortemente contra a pluralidade dos beneficios, eſtava de poſſe de nove Arcebiſpados, ou Biſpados, e de nove Abbadias. Hum Prelado de Corte, ambicioſo, e cruel, ſó era proprio para irritar o fanatiſmo. E muito tería perdido por ſua mórte a facçaõ catholica, (pois naõ ſe vê aqui outra couſa ſenaõ facções) ſe o novo Duque de Guiſa naõ fora dotado de todas as eminentes qualidades de Chefe de partido.

Falſidade do ſeu zelo.

Na critica ſituaçaõ dos negocios, vindo hum exercito Allemaõ em ſoccorro dos confederados, conheceo-ſe a neceſſidade de fazer a paz. Os Calviniſtas obtiveraõ condições muito mais vantajoſas, do que as precedentes; a ſaber, o exercicio público da ſua Religiaõ, excepto duas leguas diſtante da Corte; e concla-

1576. Quinto Decreto de pacificaçaõ, o mais favoravel para os Calviniſtas.

claves nos oito Parlamentos do Reino. Os filhos dos Clérigos, e Monges casados saõ reconhecidos por legitimos. A memoria de Coligni purificou-se de toda a infamia: os Chéfes da confederaçaõ saõ declarados fiéis vassallos: ao Morgado do Duque de Alençon se accrescenta Anjou, Mena, Tourena, e Berri, e compra-se a mesma retirada dos Allemães: a França experimentavá, assim como a Allemanha, que as guerras de Religiaõ só serviaõ para dilatar as idéas, progressos, e poder dos Religionarios. Este he o quinto Decreto de pacificaçaõ a favor delles.

Filippe II., causa principal de todas as infelicidades.

A Filippe II. se devem attribuir, em grande parte, estes desastres, e os mais que nos restaõ para lamentar. Naõ satisfeito de dar aos seus vassallos motivos de rebelliaõ, com o despotismo que affectava a respeito das consciencias, animava a Corte de França para os mesmos rigores, e excitava por toda a parte os mesmos tumultos, a fim de aproveitar-se das infelicidades dos seus visinhos. Triste reparaçaõ do damno, que causava aos seus Estados!

Os Mouriscos perseguidos, e rebeldes.

Os Mouriscos de Hespanha (este o nome que se dava aos Mouros) convertidos na apparencia por causa do temor, eraõ atormentados a respeito das suas práticas, do seu modo de vestir, e da sua pro-

propria lingua. Hum Theologo ſanguinario tinha proferido a ſentença contra elles em duas palavras; *de inimigos, ſempre o menos.* Soblevárаõ-ſe os Mouriſcos em 1568; chamáraõ em ſeu ſoccorro os Argelinos, e os Turcos; ſuſtentáraõ huma furioſa guerra civil, e talvez teriaõ abrazado o Reino todo, ſe a natureza do ſeu culto fora de enganar os Heſpanhoes; finalmente naõ ſe ſujeitáraõ em quanto ſe lhes naõ aſſegurou o perdaõ geral. Os tumultos dos Paizes-Baixos, arredados do Monarca, n'hum territorio fecundo de homens livres naõ podiaõ deixar de rematar n'huma revoluçaõ.

Quanto mais crueldades comettia o Duque de Alva com o ſeu Tribunal *de ſangue*, quanto mais opprimia aquelle Povo livre com impoſições inauditas, quanto mais encobria eſtas violencias ſob pretexto de Religiaõ, tanto mais ſe abraſavaõ em odio os Seitarios contra a Igreja, e a Monarquia. Em 1570 appareceo o Principe de Orange á frente de hum pequeno exercito, e os Eſtados de Hollanda, e de Zelandia o eſtabelecêraõ Stathouder, e dous annos depois abjuráraõ a fé Romana. O amor da liberdade conſtituia Heróes huns homens pouco acoſtumados ás armas: e finalmente foi o Duque de Alva chamado á Corte em 1573. Deſoito mil peſ-

O Duque de Alva cõtinúa as ſuas crueldades.

Rebelliaõ cõpleta dos Holãdezes.

pessoas entregues ao verdugo em cinco annos por causa de heresia, clamavaõ vingança contra este perseguidor, que se gloriava de tudo quanto obrára.

Governo de Requesens.

Requesens, que lhe succedeo, mandou demolir a estatua, em que elle insultava a humanidade. Debalde publicou o novo Governador hum offerecimento de aboliçaõ; porque Filippe principiava a recear que os remedios violentos naõ augmentassem sempre o mal. Preferíraõ antes combater, do que fiar-se na clemencia de hum Rei perfido. Requesens, com as grandes virtudes, e talentos, que tinha, era capaz de restabelecer os negocios; porém morreo em 1576: e Leide sitiada pelas suas trópas, soltando os diques, e sobmergindo o territorio, escapou do perigo.

D. Joaõ de Austria successor de Requesens.

O filho bastardo de Carlos V., aquelle mesmo D. Joaõ de Austria, célebre pela victoria de Lepanto, e tomada de Tunes, foi o successor de Requesens. Partio D. Joaõ com poder de conceder tudo aos rebeldes, excepto a liberdade de consciencia. *Nunca consentirei em semelhante cousa*, disse Filippe, *ainda que houvesse de arriscar a propria Coroa.* Era logo melhor perder Provincias, e deixar nellas triunfante a heresia, do que conservallas, e converter os hereges, se possivel fosse, ou

ou fazer delles outros tantos bons Cidadãos? A ſuperſtiçaõ diſcorre de hum modo incomprehenſivel. Toda a brandura, de que D. Joaõ ſe valeo ao principio foi inutil, ou porque o enthuſiaſmo, e a vingança eſtavaõ já de poſſe dos animos, ou porque a ambiçaõ do Principe de Orange procurava exaltar-ſe com os tumultos. Breve recomeçará a guerra, e Filippe II., a pezar de todas as ſuas forças, encontrará reſiſtencia invencivel.

Já infinitos Flamengos, que fugiaõ da perſeguiçaõ, tinhaõ tranſportado para Inglaterra as ſuas manufacturas, e Iſabel aproveitava-ſe dos erros de Filippe. Os movimentos excitados contra ella a favor de Maria Stuart, naõ lhe permittíraõ declarar-ſe abertamente a favor dos Hollandezes, e eſperava circunſtancias favoraveis, das quaes cedo veremos aproveitar-ſe.

Os Flamengos refugiaõ-ſe para Inglaterra.

CA-

CAPITULO VI.

Origem da Liga. — Filippe II. mette-se na posse de Portugal, e perde as Provincias-Unidas.

Vicios, e hipocrisia de Henrique III.

O ULTIMO decreto de pacificaçaõ, concedido aos Calvinistas de França, era para elles muito vantajoso, e por isso naõ podia deixar de enojar violentamente os Catholicos; e Henrique III. procedia muito mal, para naõ vir a ser victima do odio de huns, e outros. A mesma hipocrisia, com que elle encobria os seus infames vicios, devia ser parte para que o desprezassem todos aquelles, cujas devoções affectava seguir. Irmandades de penitentes, azues, brancos, e pretos, inventadas em Italia, onde o espirito antigo dos Flagellantes parecia reviver, sahíraõ a público, naõ só pelas Provincias, mas no centro da Corte. O Monarca vestia-se do mesmo modo que elles, e assistia ás suas procissões, coberto com hum saco de panno grosso, com humas contas grossas na maõ, e trazendo humas disciplinas pendentes de huma corda, que o cingia. Entendia elle que assim enganava os

Irmãdades de penitentes.

Ca-

Catholicos; ſem vêr que além da torpeza conhecida dos ſeus coſtumes, o triunfo dos proteſtantes era nos olhos de todos elles huma eſpecie de crime indelevel.

Forma-ſe inſtantaneamente a *Santa liga*, traçada havia muito tempo pelo Cardeal de Lorena, na qual ſe vê impreſſo o ſeu arrogante, e ſediciofo genio. Segundo a formula de aſſociaçaõ, feita na Picardia, obrigaõ-ſe a huma mutua defeza, *ou por via da juſtiça, ou das armas, ſem reſpeitar peſſoa alguma*; todo aquelle que recuſar aſſociar-ſe he declarado *inimigo de Deos, deſertor da Religiaõ, rebelde ao Rei, trahidor á Patria. e abandonado a todas as injúrias, e oppreſſões poſſiveis.* Unem ſe os conſpiradores em defeza da Catholicidade, do Rei, e do Eſtado; ſem ſe envergonharem de encobrir com as proprias apparencias do patriotiſmo o eſpirito de rebelliaõ mais manifeſto.

1576. Origem da Liga.

Tinhaõ os proteſtantes dado em muitas terras o exemplo deſtas confederações, e tanto mais dignos ſaõ de ſer reprehendidos, pois levantáraõ-ſe contra a Religiaõ eſtabelecida. Naõ ſe póde todavia negar, ao condemnallos, que quando elles rompêraõ neſtes ſediciofos procedimentos, já a ſua doutrina eſtava eſpalhada. Pretendendo obrigallos a crêr, acomettia-ſe a ſua fé, e liberdade, e igualmente as

As cõfederações dos proteſtãtes menos extraordinarias.

ſuas peſſoas. Os Catholicos em tal caſo ſó devem queixar-ſe dos progreſſos de huma Seita, que por deſgraça elles meſmos alentáraõ com ſuas violencias; pois que ſe conjuraõ para a ſua ruina, emprehendem tirar-lhes o beneficio de muitos Decretos de paz, ſoblevaõ-ſe contra o Soberano, e fazem deſta ſoblevaçaõ hum dever. Muito nos laſtima a neceſſidade de deſcrever a paixaõ, e o furor do falſo zelo; porém he eſte o unico, ou o melhor meio para livrar delle os homens.

Eſtados de Blois.

Henrique, Duque de Guiſa, alma do partido, preparava-ſe para ſer o ſeu Chéfe: o Rei temeo-ſe tanto do Duque de Guiſa, que nos Eſtados Geraes convocados em Blois, algumas propoſições ſe arriſcáraõ, que tendiaõ ao abatimento da Authoridade Real. Declarando-ſe o meſmo Rei Chéfe da Liga, julgou livrar-ſe do perigo; procedimento abſurdo, por meio do qual animou, e avigorou hum partido, de que tinha tudo para recear. Des de entaõ a liberdade de conſciencia naõ podia deixar de ſer ſupprimida: os Eſtados reſolvêraõ que ſó ſe conſentiſſe no Reino a Religiaõ Catholica. Separou-ſe tambem a ſeguinte clauſula, que tinha paſſado ao principio com muita razaõ: *com tanto que a tranquillidade pública naõ padeça, e naõ ſeja neceſſario, para ſemelhante ef-*

O Rei declara-ſe Chéfe da Liga.

effeito tomar armas. Os Prelados ſollicitavaõ a acceitaçaõ do Concilio de Trento: a qual teriaõ obtido, ſe os Deputados de algumas Provincias naõ ſe lhes oppozeſſem.

Eſtes Eſtados, e o procedimento do Rei eſpa háraõ novas ſementes de guerra. Foi neceſſario outro novo Decreto de pacificaçaõ, por meio do qual ſe concedeo aos proteſtantes a tolerancia, mas naõ o publico exercicio do ſeu culto. Que couſas deviaõ produzir tantas variedades, tantas inconſequencias? O deſprezo das Leis, a inquietaçaõ, e rancor dos partidos, e huma grande enfiada de guerras civís. Continha o Decreto, (couſa bem digna de obſervaçaõ) eſtas palavras: " em „ quanto naõ foſſe do agrado de Deos „ unir, pelo meio de *hum bom*, *livre*, *e* „ *legitimo Concilio*, todos os vaſſallos com „ a Igreja Catholica. „ O Concilio de Trento tinha produzido taõ pouco bem a eſte reſpeito, que apparentemente ſe julgava que ſe devia propôr outro Concilio. Mas eraõ neceſſarios milagres para mudar as opiniões, e conciliar huns animos, que o rancor unia com os ſeus ſentimentos, naõ menos que os motivos religioſos.

1577. Outro Decreto mais de pacificaçaõ.

Hum Principe ſabio, prudente, e illuminado, ſendo conſtante e docil, mo-

O procedimento do Rei annuncía novos tumultos.

derado e juſticeiro, tería ao menos precavido os tumultos. Henrique III. occupava-ſe sómente com ſeus prazeres, gaſtava prodigamente com os ſeus valídos os erarios do Eſtado, e deſcanſava em meio das facções, das quaes em breve tempo virá a ſer victima. A melhor couſa, que elle fez no tempo da paz, foi o eſtabelecimento da Ordem do Eſpirito Santo, na qual unicamente pódem entrar os Catholicos. Porém por muito ambicioſos que os homens ſejaõ de toda a diſtinçaõ, que reina na Corte, os Cavalleiros Calviniſtas tinhaõ entaõ huma ambiçaõ mais corrupta, qual era a de governar hum partido, e fazer-ſe reſpeitar pelo partido contrario.

1578. Quatro Principes arruinaõ os Paizes-Baixos.

Eſte era tambem nos Paizes-Baixos o movel do Principe de Orange. Depois da chegada de D. Joaõ de Auſtria, tornou a ſuſcitar huma confederaçaõ em Bruxellas. Os Flamengos elegêraõ para ſeu Governador o Archi-Duque Mathias, irmaõ do Imperador Rodolfo II. O meſmo Principe de Orange eſperava governar com o nome de Archi-Duque, e vendo fruſtradas as ſuas eſperanças, oppoem-lhe o Duque de Anjou, que d'antes o era de Alençon, a quem os Catholicos daõ o mando; porque o jugo Heſpanhol tinha ſoblevado, aſſim os Catholicos, co-

mo

mo os proteſtantes. Deſte modo arruinavaõ entaõ quatro Principes hum Paiz, onde as contendas de Religiaõ, e os abuſos do deſpotiſmo eraõ a origem de todas as infelicidades. Filippe II., envejoſo de ſeu irmaõ, e deſconfiando dos ſeus intentos, naõ lhe dava os ſoccorros neceſſarios em circunſtancias taõ criticas. D. Joaõ todavia venceo, e derrotou os rebeldes em Gemblours, tomou-lhes muitas Praças, e morreo entre os ſeus trofeos, deixando o governo a ſeu ſobrinho, Alexandre Farneze, Principe de Parma, digno ſucceſſor de hum Heróe.

Ao meſmo tempo que o Monarca Heſpanhol ſe via a ponto de perder em breve tempo a Hollanda, a ſua ambiçaõ ſe aproveitou de huma Coroa, que naõ devia pertencer lhe. D. Sebaſtiaõ, Rei de Portugal, preoccupado daquelle enthuſiaſmo de cavallaria, cujos exemplos chegavaõ a ſer cada vez mais raros, e levado do impeto imprudente da mocidade, quiz abſolutamente diſtinguir-ſe em Africa contra os Mouros. Acceitou as propoſiçóes de Muley Mahamete, a quem Muley Moluco, ſeu Tio, tinha expulſo dos Reinos de Fez, e Marrocos; e entregou-ſe todo, contra o parecer dos ſábios, e prudentes politicos, a huma expediçaõ, que Filippe prudentemente rejeitára. De- Sebaſtiaõ, Rei de Portugal, morto em hũa expediçaõ de Africa.

ſembarcou em Africa, com hum exercito de quaſi quinze mil homens. Os inimigos, que eraõ muito mais numeroſos, dérãõ-lhe a batalha; e elle deſprezando o perigo, combatteo, e foi morto; quaſi todos os Chriſtãos morrêraõ, ou ficáraõ priſioneiros. Ambos os Reis Mouros, perdêraõ a vida, do meſmo modo que o Rei de Portugal.

1579. O Cardeal Henrique ſucede-lhe.

Naõ tinha D. Sebaſtiaõ filhos. E ſuccedendo-lhe o Cardeal Henrique, ſeu Tio, Sacerdote, e Arcebiſpo, requereo ao Papa diſpenſa para caſar, como a Naçaõ deſejava. Mas Filippe, que aſpirava a eſta Coroa, empenhou-ſe tanto, que a diſpenſa nunca chegou, e Gregorio XIII. deixou paſſar tempo, conforme a politica Romana, que era tudo quanto ſe pretendia.

Depois da morte de Henrique, Filippe II. apoſſa-ſe da Coroa de Portugal.

No anno ſeguinte morre o' Rei-Sacerdote. A ſua ſucceſſaõ he diſputada entre muitos pretendentes: Filippe, ſobrinho por parte materna; o Duque de Bragança, eſpoſo da neta do Rei D. Manoel; D. Antonio, Prior do Crato, filho baſtardo de hum Infante; o Duque de Saboya, o Duque de Parma, Catharina de Medicis, e o meſmo Papa, o qual renova a antiga qùiméra de direito ſenhorio a reſpeito deſta Coroa, e além deſte direito allega outro mais que era o de recolher

lher o eſpolio de hum Cardeal. Os direitos do Duque de Bragança preferiaõ a todos os mais. Porém o Rei de Heſpanha tinha-ſe acautelado ; hum exercito lhe podia ſupprir ao titulo. Foi recebido em Lisboa. O Prior do Crato, com trópas, e huma eſquadra Franceza, que a Rainha Mãi lhe concedeo, forcejou, mas debalde contra hum Principe poderoſiſſimo. As Ilhas dos Açores, ou as Terceiras, chegando a ſer o theatro da guerra, foraõ ſujeitas pelo Marquez de Santa Cruz, e D. Antonio refugiou ſe em França.

Várias cabeças illuſtres poſtas em preço.

Tinha Filippe poſto em preço a ſua cabeça : a do Principe de Orange tambem foi poſta em preço algum tempo depois : a do Almirante de Coligni tinha ſido em França. Que as guerras civís renovaſſem as proſcripções Romanas, nenhuma admiraçaõ nos deve cauſar ; mas que huma Religiaõ de paz, e caridade foſſe o primeiro pretexto deſtas barbarias, he couſa que todo o homem ſenſato naõ póde tolerar, e que devería inſpirar para ſempre o maior horror a reſpeito do fanatiſmo, medonho inſtrumento das paixões mais contrarias á humanidade.

Uniaõ de Utreque, que naõ ſe podia defêder por ſi meſma.

De poderoſos ſoccorros neceſſitavaõ os confederados dos Paizes-Baixos, contra hum deſpotico, ſenhor dos theſouros do

do novo mundo, e de huma grande parte da Europa, implacavel em ſeus odios, e perſeguidor obſtinado das conſciencias. Exhauridos porém por cauſa da guerra, pareciaõ naõ poder reſiſtir. Alexandre Farneze tinha, além de todas as qualidades de politico, as de hum General. He certo que o Principe de Orange tinha formado des do anno de 1579 a famoſa uniaõ de Utreque, entre os Eſtados de Hollanda, Zelandia, Utreque, Zutphen, e Gueldres, Overiſſel, Frieslandia, e Groninga: uniaõ, que brevemente foi recebida em Gante, Anvers, Bruges, Bruxellas, e n'huma palavra na maior parte das Provincias. Mas ainda o Rei de Heſpanha era reconhecido por ſeu Soberano, e ſó ſe chamavaõ unidos para oppôr-ſe ás injuſtiças do governo. Conhecendo o Principe de Orange a neceſſidade de recorrer a hum poder eſtrangeiro, inſpirou aos confederados que ſe entregaſſem ao Duque de Anjou, herdeiro preſumptivo do Rei de França.

1581. Os Eſtados geraes declaráraõ Filippe II. privado da Soberania.

Finalmente os Eſtados geraes, juntos em Haya, declaráraõ ſolemnemente a Filippe II. privado do Principado, por ter violado, contra o ſeu juramento, os privilegios dos Póvos. O auto continha em ſubſtancia: "Que os Póvos naõ naſcêraõ „ para os Principes, porém que Deos eſ-
„ ta-

,, tabelecêra os Principes para os Póvos ;
,, que naõ póde haver Principe ſem Po-
,, vo, porém que o Povo póde ſobſiſtir
,, ſem Principe ; que a obrigaçaõ do Prin-
,, cipe he amar os ſeus vaſſallos, como
,, hum Pai ama os ſeus filhos, e gover-
,, nallos com perfeita equidade ; que ſe
,, elle aſſim naõ obrar naõ he já hum
,, Principe, mas hum tyranno, e o Povo
,, naõ lhe deve obediencia ; que infinito
,, tempo havia que elles ſe lamentavaõ
,, da crueldade dos ſeus Governadores ;
,, que as ſuas queixas, e os ſeus requeri-
,, mentos tinhaõ chegado ás mãos do
,, Rei ; que em lugar de obter couſa al-
,, guma delle, naõ tinhaõ podido deſ-
,, viallo do intento de impôr-lhes hum
,, jugo inſopportavel, com o pretexto de
,, proteger a Religiaõ Catholica, que el-
,, les naõ acomettiaõ ; que as Leis Di-
,, vinas, e Humanas, tantas vezes vio-
,, ladas a ſeu reſpeito, os poem nova-
,, mente na ſua liberdade natural, e lhes
,, concedem o direito de eleger novo
,, Principe, para governallos conforme
,, os ſeus privilegios, liberdades, e iſen-
,, ções, &c. ,, Deſte modo ſe achava a
rebelliaõ conſummada. (*Vide de Thou*, *L. LXXIV.*)

Huma couſa talvez taõ digna de ob- ſervaçaõ, como eſte auto das Provincias- Uni-

Filippe ſũdãdo-ſe em huma diſpenſa do P.

cõstituia o juramento dos seus vassallos se effeito algum.

Unidas, he que o Rei de Hespanha, no seu Decreto de proscripçaõ contra o Principe de Orange, reconhece naõ ter sido fiel ao juramento, que tinha dado, quando tomou posse dos Paizes-Baixos, e funda-se sobre huma dispensa do Papa. Filippe por este meio dava aos Flamengos hum especioso pretexto para se julgarem dispensados elles mesmos do seu juramento; porque se o Pontifice podia dispensar o Principe das suas obrigações para com os seus vassallos, como teriaõ os proprios vassallos respeitado o seu mesmo juramento, o qual estava unido com condições formaes ao do Principe? Guilherme, que fora proscripto, já tinha publicado huma apologia, na qual accusava a Filippe com aquella altiveza, que a mesma proscripçaõ parecia permittir-lhe.

1583. Fim infeliz do Duque de Anjou.

O Archi-Duque Matthias tinha-se retirado. Se o Duque de Anjou tivera prudencia, hum governo recto tello-hia sem dúvida affeiçoado áquelle Povo, cuja eleiçaõ livre o tinha ultimamente estabelecido Soberano. Porém cioso do Principe de Orange, e enganado pelo attractivo da ambiçaõ, pretendia fazer-se absoluto, assenhorear-se das Cidades, e augmentar a sua authoridade por meio da força; e só veio a conseguir o perder-se; de maneira que vendo-se obrigado a voltar para França,

O Duque de Anjou esteve quasi para casar cõ Isabel.

ça, morreo em 1584. A Rainha de Inglaterra o tinha lisongeado com esperanças de casamento, e até se tinha obrigado com promessas. Porém, posto que enamorada deste Principe, receando sempre ter nelle hum Senhor, e hum marido, e reflectindo nas legitimas inquietações da Naçaõ (porque Inglaterra tería podido annexar-se á Coroa de França), rompeo com o Duque de Anjou, do mesmo modo que enganára outros muitos Principes, dando-lhes a esperança da sua maõ.

Depois de ter-se livrado de duas conspirações, foi o Principe de Orange victima de hum fanatico Borgonhez, chamado Gerardo, o qual julgou-se inspirado para cometter semelhante assassinio. Certifica-se que o Rei de Hespanha dissera, quando soube a noticia da sua mórte, que *aquelle golpe deveria ter-se feito doze annos antes, para interesse da Religiaõ, e seu*: razaõ porque se suspeitou ter elle sido o author della. As Provincias-Unidas, necessitando mais do que nunca de soccorro, offerecêraõ a Soberania ao Rei de França. Que occasiaõ para hum Principe capaz, e valeroso! Recusou Henrique; nem as suas fracas mãos podiaõ sustentar já o sceptro.

Assassinio do Principe de Orãge.

CA-

CAPITULO VII.

Declara-se a liga contra os Borbons. --- Excessos de Sixto V. --- Processo da Rainha de Escossia. --- Triunfa Isabel da Hespanha.

1584. Os conspiradores irritaõ-se cõtra o Rei de Navarra herdeiro da Coroa.

SOMOS chegados ao tempo, em que os conspiradores manifestaõ os projectos de rebelliaõ, que encobrirá sempre hum zelo disfarçado, e que taõ funestos seráõ para o Reino por motivo de huma céga superstiçaõ. Por mórte do Duqce de Anjou, o Rei de Navarra, a quem já de antemaõ chamarei Henrique IV., pois que mereceo com tempo a glória annexa a este nome; como primeiro Principe de sangue, vinha a ser o herdeiro presumptivo da Coroa. O ambicioso Duque de Guisa, que só tinha a mira em apossar-se da Real Dignidade, aproveitou-se sagazmente da occasiaõ assim de excluir hum Principe herege, como de destruir hum Rei fraco, o qual tanto odio como desprezo merecia. Valeo se dos grandes principios do fanatismo. Os Clérigos, e os Monges, assim nos pulpitos, e nas escólas, como nos ajuntamentos fizéraõ des-

descripções lastimosas do eminente perigo, de que a Igreja se achava ameaçada; representando o Navarro, como defensor da heresia, e Henrique III. como hum fautor de Hereges, a pezar de todas as suas devoções. Estes Ecclesiasticos movèraõ, e dispozéraõ finalmente os animos até ao ponto, que o Duque desejava.

Antes de se sublevarẽ, consulta-se o Papa Gregorio XIII.

Hum Jesuita Loreno, por nome Mattheus, fervoroso emissario da liga, perguntou ao Papa *se para manter a Religiaõ Catholica, pediaõ os vassallos sobtrahir-se á obediencia do Soberano.* A resposta de Gregorio XIII. estava certamente antevista. Respondeo este Papa verbalmente. Authorisados os escrupulosos com este oraculo, naõ duvidáraõ mais da legitimidade da rebelliaõ: os outros naõ necessitavaõ nem do Papa, nem de casuistas. Ninguem discorria sufficientemente para vêr, que se o zelo de Religiaõ justificasse este procedimento dos Catholicos, daría aos Seitarios meio de executar as suas soblevações, pois que estes se julgavaõ obrigados a manter a sua falsa doutrina, como se fora a verdadeira Religiaõ.

Fim deste Põtificado.

Deixou Gregorio naturalmente docil, e tímido, fallar em seu nome, sem querer dar nem Bulla, nem Breve, e veio a morrer, antes de declarar-se a rebelliaõ.

lião. A elle se deve a refórma do Kalendario, tão necessario, e não obstante tão mal recebido pelos protestantes. Tinha excòmmungado os transgressores da Bulla *In cœna Domini*, e conseguintemente os seus principios erão os mesmos dos conspiradores. Seu filho natural (Buoncompagno) tinha usado de todas as vantagens do nepotismo: Sixto V., seu successor, que fora Franciscano, subindo da humilde indigencia ao cumulo da fortuna, varão de engenho vasto, altivo, severo, inflexivel, e obstinado em todas as máximas ultramontanas, não podia deixar de fazer huma grande figura nestes tumultuosos tempos.

Sixto V.

1585. O Cardeal de Borbon declara-se chéfe da Liga.

Como o Duque de Guisa não cuidava ainda em descobrir-se, pôz á frente do partido o velho Cardeal de Borbon, tio de Henrique IV.; depois de lhe ter persuadido, que constituindo a heresia a seu sobrinho incapaz de reinar, a elle pertencia a Coroa. Logo appareceo hum manifesto do Cardeal, por meio do qual se declarava chéfe da liga, e nomeava o Papa, o Imperador, o Rei de Hespanha, e infinitos Principes Catholicos, que erão os protectores della; declarando mais, que se armavão unicamente para honra da Igreja, conservação da Fé, alivio do Povo, abolição dos novos impostos, com

que

que o Reino gemia, &c. A esta declaração de guerra se seguíraõ as hostilidades.

Tratado de Nemurs a favor dos cõspiradores.

Ainda que superior em forças, temeo o Rei, tratou, e concluio o tratado de Nemurs, todo a favor dos conspiradores. E ao mesmo tempo, que os Calvinistas foraõ privados de tudo quanto tinhaõ obtido por meio dos decretos, elles obtiveraõ Cidades de segurança, quantias de dinheiro, e huma approvaçaõ das suas emprezas. Que meio podia haver mais efficaz para sublevar os Calvinistas, constituir a liga mais attrevida, e augmentar o abatimento do Poder Real? Porém o governo era hum méro ludibrio das facções, e tumultos.

Bulla de Sixto V. cõtra os Borbons.

Fulmina entaõ Sixto V., sem fazer caso da liga, aquella famosa Bulla, huma das mais intoleraveis, que Roma tinha produzido; por meio da qual, depois de hum pomposo elogio do poder Pontificio, *muito superior a todas as potencias da terra, que faz descer do Throno os Soberanos do mundo, a fim de precipitallos no abysmo, como Ministros de Lucifer*, excommunga o Rei de Navarra, e o Principe de Condé, *geraçaõ impia, e bastarda da illustre Casa de Borbon, Hereges, relapsos, inimigos de Deos, e da Religiaõ*. Declara-os Sixto privados de todos os seus direitos,

tos,

tos, indignos assim elles como os seus descendentes, de possuir já mais principado algum; e desobriga do juramento de fidelidade todos os seus vassallos.

Protestação de Henrique IV. fixada em Roma.

A Corte de França, taõ cobarde como o Soberano, contenta-se de embaraçar a publicaçaõ desta Bulla. Mas Henrique IV. manda affixar em Roma huma protestaçaõ, em que appella da Bulla, como abuso, para o Tribunal dos Pares, desmentindo a Sixto, *denominado Papa*; accusando-o de ser elle mesmo herege; offerecendo-se para provallo em hum Concilio livre, e legitimo; declarando que se este Pontifice recusar sujeitar-se ao Concilio, elle o naõ considerará mais, senaõ como hum excommungado, e hum anti-Christo, e que espera vingar-se do ultraje feito ao Rei, á Familia Real, ao seu sangue, e a todos os Parlamentos do Reino.

Sētimentos do Papa a respeito deste Principe, e de Isabel.

Sixto, que era muito capaz de julgar dos homens, admirou des de entaõ o animo deste Principe, do mesmo modo que admirou o da Rainha Isabel. Fallando de hum, e da outra, dizia muitas vezes que elle naõ conhecia outros, senaõ a elles no mundo, verdadeiramente dignos de reinar, excepto a Religiaõ, e com os quaes quereria communicar os seus grandes intentos.

Com tudo a Bulla, que hum sentimento de Patriotismo, e razaõ deveria ter reduzido a cinzas, servia de alimento ao furor do vulgo, e á rebelliaõ dos sediciosos. Vio-se o Rei obrigado a perseguir com maior rigor os Calvinistas, a quem ordenou por meio de hum decreto, que ou abjurassem, ou sahissem de França, dentro em quinze dias. O Rei de Navarra, por sua parte, publicou contra os Catholicos huma sevéra proclamaçaõ, e deste modo, quasi sem trópas, e sem dinheiro, nem poder, teve de sustentar duas guerras civís, assim contra os Catholicos conspiradores, como contra os Protestantes.

A Bulla excita huma duplicada guerra civil.

Voltemos por algum tempo os olhos para Inglaterra, onde o supplicio de Maria Stuart he hum dos successos célebres. Sigamos os passos da politica de Isabel até esta sanguinolenta tragedia, e vejamos essa mistura de grandeza, e fraqueza humana, que caracterisa singularmente a filha de Henrique VIII.

Quando em 1568, preza Maria pelos seus vassallos fugio, e se refugiou nas terras da sua competidora, Isabel ficou logo suspensa entre a generosidade, e o interesse. Naõ cuidou depois disso n'outra cousa, senaõ aproveitar-se industriosamente das conjuncturas. Sob pretexto de que a decencia naõ lhe permittia soccorrer, nem

Politica de Isabel a respeito da Rainha de Escossia.

vêr

vêr eſta infeliz Princeza, cheia de atrozes accuſações, perſuadio-lhe que ſe ſujeitaſſe a huma eſpecie de ſentença, e a tomaſſe por arbitra. Os Eſcoſſezes mandáraõ accuſadores, e produzíraõ próvas duvidoſas. Arrependeo-ſe Maria, e naõ quiz reſponder. Debalde pedio ella ſoccorro, ou a liberdade de paſſar para França; pois Iſabel a reprezou. Iſto era expôr-ſe a conſpirações inevitaveis; porém ſemelhantes conſpirações lhe parecêraõ menos perigoſas, do que a liberdade de huma competidora, que lhe cauſava tantas, e taõ grandes inquietações.

Maria conſervada priſioneira por Iſabel.

Movimentos a favor de Maria.

Nunca a Rainha de Eſcoſſia pareceo mais digna de amor, e reſpeito, do que no ſeu dilatado cativeiro. A infelicidade realçava os encantos, e agrados da ſua peſſoa, e animava o ſeu engenho, e grandeza de alma. O Duque de Norfolk, o primeiro Cavalleiro de Inglaterra, entregou-ſe ao deſejo de caſar com Maria, entrou n'huma conſpiraçaõ para forçar o conſentimento de Iſabel, foi accuſado de crime de alta trahiçaõ, e executado. O zelo dos Catholicos devia eſpecialmente excitar muitos tumultos, e a Corte Romana, a de Heſpanha, e a de França, quero dizer, os Guiſas, trabalhavaõ n'huma rebelliaõ.

Os Catholicos conſpiraõ, e ſaõ caſtigados.

Pio V. fulminou os raios do Vaticano. Hum fanatico affixou a ſua Bulla em Lon-

Londres, julgando merecer a palma do martyrio (1571), e o Rei de Hespanha mandou, em nome de Gregorio XIII., trópas para Irlanda, terra ainda cheia de barbaria, e superstiçaõ. Porém os Hespanhoes, e os rebeldes foraõ cruelmente mórtos. (1580.) Todas estas emprezas causáraõ aos Catholicos rigorosos tratamentos. Multiplicando-se as suas conspirações, sempre a favor de Maria Stuart, irritou-se Isabel, e o Parlamento desterrou do Reino os Sacerdotes da Igreja Romana, especialmente os Jesuitas, e os discipulos dos seus Seminarios, cujo zelo vehemente naõ respeitava a Coroa. Todos aquelles, que ou ficáraõ, ou entráraõ novamente foraõ castigados com pena de mórte. A tolerancia, até entaõ observada com prudencia, naõ sobsistio mais, e o Tribunal da *Alta Commissaõ*, novamente estabelecido para os negocios Ecclesiasticos, pareceo ser imagem da Inquisiçaõ de Hespanha.

Ensinava-se entaõ na Theologia o tyrannicidio, representavaõ-se como tyrannos os Principes rebeldes á Santa Sé, e por meio de abominaveis preoccupações, com desprezo das máximas santas da Religiaõ Christã, se consagrava o homicidio, excitando-o contra as proprias cabeças coroadas. Guilherme Parry, Cavalleiro Inglez, tendo aprendido esta doutrina em Ita-

A Doutrina do tyrannicidio reduzida a praxe.

Parry pretẽde matar a Rainha.

Italia, resolveo-se de a pôr em praxe. Achou quem o incitasse para este fim, assim na Corte de Roma, como na Leitura de hum Theologo Inglez; o qual depois foi Cardeal. Accusado Parry por hum dos seus complices, confessou o seu crime, e padeceo a mórte. (1584.)

Ballardo, e Babington seguem os passos de Parry.

Dous annos depois, formou-se huma conjuraçaõ da mesma natureza, porém mais para temer. Ballardo, Presbytero, que tinha ultimamente sahido do Seminario Inglez de Rheims, fundado pelo Cardeal de Lorena, veio inspirar o seu fanatismo a Babington, moço rico, bem educado, a quem nada faltava para viver feliz. Este adquirio outros Catholicos para o seu partido; e ajustáraõ entre si matar á Rainha, collocar sobre o Throno Maria Stuart, e restabelecer por este meio huma Religiaõ, por motivo da qual todos faziaõ ser merecimento o cometter taes attentados. Escreveo Babingtou a Maria, e recebeo huma resposta cheia de approvaçaõ, e promessas. Porém Valsingham Ministro de Isabel, taõ vigilante como illuminado, descobrio tudo, apanhou as cartas, e mandou prender os conspiradores. E sendo estes quatorze, foraõ todos executados, e destes confessáraõ a conspiraçaõ sete.

Se Maria tivesse formado intrigas só para o seu livramento, naõ havia cousa mais desculpavel. Se ella se tivesse conjurado para a morte de Isabel, sua inimiga, sendo Rainha de Escossia, esta criminosa empreza naõ a constituia sujeita á jurisdicçaõ de hum Tribunal Estrangeiro. Com tudo quarenta Commissarios saõ nomeados para instruir o seu processo, e vaõ inquirilla na prizaõ, em que estava. Depois de Maria ter protestado, que naõ reconhecia Juiz algum, n'huma terra, onde especialmente lhe he negada a protecçaõ das Leis, deixa-se imprudentemente persuadir a responder. Ambos os seus Secretarios, sem ter sido expostos aos tratos, attestavaõ que Maria tinha recebido cartas de Babington, ás quaes respondêra, e o seu testemunho se verificava com a confissaõ de Babington. Nega Maria o facto, e todavia requer ser acareada com os Secretarios. Este requerimento he desattendido, porque as Leis de Inglaterra naõ ordenaõ a acareaçaõ nos crimes de leza-Magestade. Finalmente voltando os Juizes para Londres, pronunciaõ a sentença de mórte.

Processo de Maria Stuart.

Sobre quaes próvas he codẽnada Maria Stuart.

Esta a occasiaõ, em que Isabel se trahe a si propria por causa da sua mesma dissimulaçaõ. Impaciente por vêr-se livre de Maria, affecta interessar-se fortemente na sua

1587. Dissimulaçaõ hypocrita de Isabel.

ſua ſórte. Convoca o Parlamento, a fim de parecer que naõ obrava, ſenaõ a ſatisfaçaõ da Naçaõ. Confirma o Parlamento a ſentença, e faz grandes inſtancias com a Corte, para que a mande executar. Poem a Rainha os animos na incerteza. Os ſeus Cortezãos, e Miniſtros, com as ſuas razões, e inſtancias, como que naõ pódem mover o ſeu generoſo coraçaõ. Para obter della hum auto de rigor, que ella quereria ter já feito, ſaõ neceſſarios motivos extraordinarios: e por iſſo tem o cuidado de eſpalhar noticias de invaſões, e conſpirações, proprias para inflammar os animos crédulos. Finalmente aſſigna a ordem fatal; mas, ſegundo o que ella dizia, aſſignou ſómente a ordem a fim de ſervir-ſe della em caſo de neceſſidade mais urgente. Penetrando os Miniſtros o interior da ſua alma, poem tudo em execuçaõ para a ſatisfazer, e morre a Rainha de Eſcoſſia n'hum cadafalſo, como heroina Chriſtã. Com a noticia deſta execuçaõ, lamenta-ſe, enfurece-ſe, aparta os Miniſtros da ſua preſença, n'huma palavra, chega a ſua hypocriſia ao ultimo exceſſo. Vã, e odioſa ſubtileza! O ſeu ſeculo, e a poſteridade naõ tiveraõ, ſenaõ huma ſó vóz para condemnar eſta acçaõ, taõ eſcandaloſa, que nenhuma razaõ de Eſtado havia, que a conſtituiſſe neceſſaria.

Maria he executada.

Al-

Alcança Iſabel por outros caminhos a geral admiraçaõ. Vendo as Provincias-Unidas o deſprezo do Rei de França, em 1585, tinhaõ-lhe offerecido reconhecella por ſua Soberana. O temor de ſe expôr ao vituperio de uſurpaçaõ, ou de naõ poder conſervar-ſe neſte Principado, a apartava prudentemente deſta empreza muito arriſcada. Contentou-ſe pois de fazer huma alliança defenſiva com a nova República, e mandou-lhe trópas capitaneadas pelo Conde de Leiceſter, ſeu valído. Já os armadores Inglezes ameaçavaõ os Heſpanhoes até á America. O famoſo Drak tinha feito o gyro do globo, e voltou carregado de deſpojo. Exaltado Drak ao gráo de Almirante, tomou S. Domingos, Carthagena, &c. O goſto das expedições maritimas animou-ſe cada vez mais: Inglaterra vio as utilidades, que podia tirar do Oceano: e lançou des de entaõ os fundamentos mais ſólidos da ſua grandeza.

Defēde Iſabel as Provincias-Unidas.

Chegaõ os Inglezes a ſer tremendos por mar.

Com tudo o Rei de Heſpanha fazia immenſos preparos para conquiſtar eſte Reino; porque Sixto V. lho tinha ultimamente concedido por meio de huma Bulla, como hum feudo da Igreja Romana. O animoſo Pontifice teve tambem a ouſadia de prometter recompenſas a todo aquelle, que entregaſſe Iſabel, para que

Sixto V. cõcede Inglaterra ao Rei de Heſpanha.

que os Catholicos a castigassem por causa dos seus crimes. Isto era o mesmo, que convidalla naõ só para huma vigorosa defeza, mas para huma guerra implacavel contra a Santa Sé. O armamento de Filippe II. pareceo todavia certificar o effeito da Bulla. Consistia este em cento e trinta náos, com vinte mil homens de desembarque, carregadas de duas mil seiscentas peças grandes de artilharia, e de mantimentos para seis mezes. Alexandre, Duque de Parma, já célebre pelas suas proezas nos Paizes-Baixos, tinha de fazer hum desembarque, para favorecer a fróta *invencivel*: a qual teria merecido este nome, que lhe concedia o presumido orgulho, se as forças humanas podessem ser superiores aos acasos da fortuna. Esta he tambem huma liçaõ importante, para abater a confiança temeraria dos Soberanos.

Fróta *invẽcivel* para a conquistar.

Prudencia, e valor da Rainha em o perigo.

A marinha de Inglaterra se reduzia a vinte oito náos pequenas, quando o Reino se vio ameaçado com taõ terrivel tormenta: mas a tudo suprem o valor, e a prudencia da Rainha. Excita Isabel o zelo da Naçaõ, e todos se apressaõ em prodigalizar com ella os soccorros, e em construir náos. Londres, a quem Isabel pedia quinze náos, prepara trinta: os mesmos Catholicos, de quem o Papa esperava fazer outros tan-

tos

tos rebeldes, mostraõ-se pela maior parte bons Cidadãos. Hum numeroso exercito se poem prompto para defender a Patria. Apparece a Rainha em campo, a cavallo, exhorta as trópas, e protesta que antes ha de morrer em meio do combatte, do que vêr sujeito o seu Povo. *Eu naõ tenho senaõ o braço de huma mulher*, disse Isabel com intrepideza, *porém tenho a alma de hum Rei, e o que mais he, de hum Rei de Inglaterra.* Se hum Principe grangear o coraçaõ, e a estimaçaõ dos seus vassallos; se der o exemplo; logo os constitue capazes dos mais heróicos esforços. Tudo teriaõ os Inglezes sacrificado pela sua Rainha, na pessoa da qual faziaõ consistir a salvaçaõ pública.

Servíraõ tambem diversos accidentes para o seu triunfo. A frota invencivel, partio de Lisboa, e foi demorada por causa de huma tempestade. O Duque de Medina Sidonia, que tinha recebido contra sua vontade o mando della depois da mórte do valeroso Marquez de Santa Cruz, naõ tinha conhecimento algum da marinha. Huns pilotos, e marinheiros pouco exercitados, e pouco instruidos governavaõ mal aquellas enormes, e fluctuantes máquinas. Os Inglezes, muito mais destros na manobra, aproveitavaõ-se da propria pequenheza, e ligeireza dos seus navios,

1588. O armamento Hespanhol he quasi destruido.

vios, e muitas vezes combatteraõ com vantagem. O Duque de Parma, ſem náos de guerra, naõ julgou dever arriſcar hum deſembarque. Finalmente os Heſpanhoes perdendo as eſperanças de feliz ſucceſſo, voltáraõ pelas Orcadas, e foraõ aſſalteados de huma horroroſa tempeſtade, que acabou de arruinar a ſua fróta; da qual Filippe perdeo mais da metade, além da perda de quaſi vinte cinco mil homens, e trinta e ſeis milhões.

Como eſta noticia foi recebida ẽ Heſpanha.

Recebeo Filippe II. com muito ſocego a noticia de taõ grande deſaſtre. *Tinha eu expedido a minha fróta*, diſſe elle, *naõ para combatter com os elementos, mas com os Inglezes. Louvado ſeja Deos.* Os Sacerdotes Heſpanhoes, cujas profecias eſtavaõ confundidas, attribuíraõ, ſegundo dizem, a cauſa diſto aos Infiéis, que havia no Reino. Sem dúvida que a Inquiſiçaõ ainda lhes naõ parecia ſufficientemente ſanguinaria.

CA-

CAPITULO VIII.

Liga dos Dezaſeis. --- Aſſaſſinio dos Guiſas. --- Fim de Sixto V.

EM França, para onde nos guia o fio dos ſucceſſos, offerecem o fanatiſmo, a rebelliaõ, e a anarquia, os mais triſtes eſpectaculos. No centro de París, ſe formou a Liga dos *Dezaſeis*, que traz o ſeu nome dos dezaſeis bairros deſta Cidade, e excede em furor á liga principal. Conſiſtia o ſeu projecto em privar o Soberano do Throno, e dar a Coroa ao Duque de Guiſa. Henrique III., vil ludibrio dos ſedecioſos, naõ ſó naõ ſe póde unir com o Rei de Navarra, bem que aſſim o requeira o ſeu commum intereſſe, mas he obrigado a fazer-lhe ſempre guerra, e conhecido já Henrique IV., por hum Heróe, diſtingue-ſe mais do que nunca na batalha de Coutras em Guienna (1587), a qual ganha contra o Duque de Joyeuſe. Eſte valido foi morto a ſangue frio depois da acçaõ. Os odios civís, e religioſos multiplicavaõ as atrocidades em ambos os partidos. Nunca ſe comettêraõ tantos crimes em França, a pezar da inclinaçaõ

Liga dos Dezaſeis ẽ París.

Henrique III. obrigado a fazer a guerra a ſeu herdeiro.

ção da Nação a todas as virtudes sociaes.

O Duque de Guiſa triunfante.

Hum exercito Allemaõ vinha em ſoccorro dos Calviniſtas, e ſendo acomettido pelo Duque de Guiſa em o Gatinois, e territorio de Chartrain, foi derrotado pelo meſmo Duque, que foi apregoado em París como ſalvador da França; e a fim de lhe abrirem caminho para o Throno, fizéraõ decidir pela Sorbona que *ſe póde tirar o governo a hum Principe incapaz, do meſmo modo que ſe tira a adminiſtraçaõ a hum tutor ſuſpeito.*

Requerimẽtos ſedicioſos dos Principes Lorenos.

Cada paſſo dos Principes Lorenos prognoſticava a ruina do Monarca. Huma Junta, que eſtes Principes tiveraõ em Nanci com os principaes conſpiradores, dirige ao Rei hum memorial, em que lhe pediaõ que apartaſſe da ſua Corte as peſſoas, que lhe nomeavaõ; que entregaſſe aos Chéfes da Liga taes Praças que indicáraõ; que mandaſſe publicar o Concilio de Trento; que eſtabeleceſſe a Inquiſiçaõ nas capitaes, e confiaſſe o ſeu exercicio aos eſtrangeiros, com preferencia aos Francezes, &c. Eſte ultimo artigo eſpecialmente cauſa horror; pois tornar-ſe-hia a metade da França n'huma fogueira para os Cidadãos.

Inquiſiçaõ, e Concilio de Trento.

Obſervemos neſte lugar que a ordenaçaõ de Blois, em 1579, tinha já eſtabeci-

lecido diverſos pontos de diſciplina. conformes aos Decretos do Concilio de Trento; tinha apprazado para a idade de dezaſeis annos a profiſſaõ religioſa, ſábia, e prudentemente retardada pela Ordenaçaõ de Orleãs: e ou foſſe abuſo, ou naõ, tudo era igual, com tanto que ſe triunfaſſe dos ſeus adverſarios, nas meſmas couſas, em que a razaõ eſtava evidentemente pela ſua parte.

Guiſa, ſenhor da Capital.

Indignado o Rei ſahe finalmente do ſeu lethargo, ajunta trópas, e prepara-ſe para caſtigar os Dezaſeis. Manda hum Decreto ao Duque de Guiſa, pelo qual lhe prohibe a entrada de París: onde o Duque naõ obſtante iſſo apparece. Tendo os ſedicioſos tomado armas em breve tempo, formaõ atalhos, cercaõ os ſoldados, e Henrique foge. Guiſa, ſenhor da Capital, impoem as condições do ajuſte: porque os Pariſienſes davaõ moſtras de arrependimento; mas o Rei naõ tinha forças para caſtigar os rebeldes. Eſte infeliz Principe jura, por meio de hum Edicto de reuniaõ, aſſignado em Ruaõ, que naõ faría já mais paz, nem trégoa com os Hereges, que exterminaria a hereſia no ſeu Reino; e preſcreve a ſeus vaſſallos hum juramento de naõ receber para ſeu Rei, depois da ſua mórte, Herege algum, nem protector de Hereges. Daqui ſe ſeguio ficar

Edicto de reuniaõ dictado ao Rei.

car

car Henrique IV. privado do direito de successaõ.

Pretẽdem-lhe impôr obrigaçóes muito mais crueis.

Ajuntaõ-se depois os Estados geraes em Blois, onde se declara Lei Fundamental este Edicto que o Soberano violentamente passou. Fazem-lhe novos requerimentos, que respiraõ sempre a sediçaõ: vê-se Henrique obrigado a excluir nomeadamente da Coroa o herdeiro presumpivo della: querem que elle publique incessantemente o Concilio de Trento. Nas disputas, que se levantáraõ a este respeito, trahio o Arcebispo de Lyaõ as liberdades da Igreja Gallicana, até descrevellas como attentados contra a Santa Sé. O Cardeal de Gondi tratou de ignorantes os defensores destas liberdades, que só saõ hum resto do direito commum das Igrejas. A cegueira até chegava a querer destruir as proprias leis nacionaes, para serem escravos da Corte Romana.

Henrique mãda assassinar o Duque, e o Cardeal de Guisa.

Finalmente, tendo o Duque de Saboya invadido o Marquezado de Saluça, com o pretexto de oppôr huma barreira á heresia, e sendo o Duque de Guisa suspeito de intelligencia com elle, e tendo só hum passo que dar para privar do Throno hum Monarca fantastico, Henrique, sem recurso algum da parte das Leis, julgou achar a sua salvaçaõ na violencia; pois mandou assassinar o Duque, e o Cardeal

deal de Guiſa. Eſte Prelado, taõ colérico quanto tinha de circunſpecto o Duque, muitas vezes diſſe que era neceſſario mandar abrir huma Coroa de Capucho ao Rei. O Duque de Mayena, ſeu irmaõ, eſtava em Lyaõ, e naõ foi prezo. Prendeo-ſe o Cardeal de Borbon.

Depois de huma acçaõ taõ grave, ſería neceſſario aproveitar-ſe da conſternaçaõ dos ſedicioſos, ſenhorear-ſe de París, deſtruir os Dezaſeis, e moſtrar vigoroſamente huma authoridade abatida havia muito tempo. O Rei nada diſto fez; naõ deo ordem alguma, naõ ſe acautelou, e contentou-ſe de fazer a ſua apologia em manifeſtos. 1589. Henrique cahe novamẽte em a ſua frouxidaõ.

Morreo entaõ ſua Mãi, a famoſa Catherina de Medicis, deſprezada havia algum tempo, depois de ter ateado tantas guerras, e tantas diſcordias, por meio da mais fervoroſa, e pérfida ambiçaõ, que jámais houve. As infelicidades do Principe, e do Eſtado deſmentiaõ cruelmente a ſua máxima: *que para reinar he neceſſario dividir.* Eſtando para morrer aconſelhou ao Rei que ſe reconciliaſſe com Henrique IV., e que deixaſſe a liberdade ás conſciencias. Ao menos iſto era aconſelhar huma vez o que requeria o bem público. Mórte de Catherina de Medicis.

Já o fanatiſmo dos conſpiradores tinha vencido todos os obſtaculos. Eſta vil fac- Fanatiſmo dos Dezaſeis.

facçaõ, compoſta de alguns Sacerdotes, e em grande parte de huma plebe inſenſata; os Dezaſeis, digo, raivoſos, e enfurecidos por cauſa do homicidio dos Guiſas, deitáraõ fogo á Capital. A preoccupaçaõ, que cegava a maior parte dos Eccleſiaſticos, e Religioſos, favorecia muito a ſua furia. Impetuoſos Prégadores, e Confeſſores muito mais temiveis, fizéraõ por toda a parte da rebelliaõ hum dever ſagrado. A Sorbona authoriſou a rebelliaõ por meio de hum Decreto, no qual ſe pretendia obrigar o Parlamento a aſſignar.

O Parlamẽto conduzido para a prizaõ.

Naõ querendo o Parlamento ſobſcrever o Decreto, hum Procurador chamado Buſſi le Clerc, eſtabelecido pelo Duque de Guiſa, governador da Baſtilha, guiou para a prizaõ o illuſtre Achilles de Harlai, primeiro Preſidente, e atrás do Chéfe ſe ſeguíraõ os outros Magiſtrados. Outro novo Parlamento, creado pelos Dezaſeis, apoſſa-ſe do templo da juſtiça, confirma a liga com todas as ſuas condições, e accreſcenta-lhe o juramento de vingar a mórte dos Guiſas, contra os authores, e complices do aſſaſſinio.

Reconciliaçaõ de ambos os Reis

Determina-ſe finalmente Henrique III. a fazer na ultima extremidade aquillo meſmo, que deveria ter feito no principio dos tumultos. Reconcilia-ſe com o Réi de Navar-

varra; o qual, a pezar de tantos motivos de desconfiança, tem o valor de unir-se com o mesmo Henrique III. Apparece então hum monitorio de Sixto V., o qual ordena ao Rei de França que compareça perante o mesmo Sixto em pessoa, ou por procuração, dentro em sessenta dias, a fim de justificar-se do homicidio do Cardeal de Guisa; e o declara excommungado em virtude da Bulla *In cœna Domini*, se acaso não informar a Santa Sé da sua obediencia. O Monarca tinha solicitado a absolvição de Roma, e atemorisado com aquelle novo raio, tremia segundo o seu costume. *Vençamos*, lhe disse Henrique IV., *e seremos absolvidos; porém se ficarmos vencidos, seremos excommungados, aggravados, e reaggravados.*

Monitorio de Sixto V.

He certo que a Corte de Roma pretendia tomar conselho do successo, e muito mais certo he, que importava ser conspirador, ou outra qualquer cousa semelhante, para não reprovar huma sitação tão odiosa. Com tudo o Monitorio foi publicado em Meaux, e tambem em Chartres, a pezar da opposição do Bispo, que costumava dizer que *as censuras do Papa não tem nenhum valor para a parte dáquem dos montes, e congelão-se na passagem dos Alpes.* (Veja-se a Traducção de de Thou, restituições, e correcções em o Liv. 95.)

O Monitorio he publicado em algũas Cidades.

Am-

Sitio de París. O Rei assassinado por Jacques Clemente.

Ambos os Reis cercaõ París, e acampaõ em S. Cloud, onde Henrique III. foi morto a punhaladas por Jacques Clemente, Religioso Dominico ainda moço, a quem os Prégadores, Casuistas, e o seu Prior tinhaõ induzido a cometter este crime, mostrando-lhe o Ceo, como recompensa do regicidio. Este trahidor tinha-se introduzido com o pretexto de commissões importantes; foi logo alli mesmo morto, e deste modo livrou-se do supplicio, e do mesmo interrogatorio. O fanatismo o canonisou em París, exaltou-o mais que a Judith, e collocou a sua imagem nos Altares, e segundo diz hum exercito dos conspiradores, exclamando Sixto V. de admirado, a respeito da empreza de Clemente, naõ teve pejo de a comparar com a Incarnaçaõ do Verbo, e com a Resurreiçaõ do Salvador. "Naõ se comprehende, diz o sabio, e prudente de Thou, como Sixto V. pode explicar-se com termos taõ indecentes, e taõ indignos do Pai commum dos fiéis." Se acaso Sixto assim se explicou, tudo se póde explicar por meio do delirio geral.

Mórte de Sixto V.

Este Pontifice, hum dos homens mais extraordinarios do seu seculo, morreo no anno seguinte de 1590, com sessenta e nove annos de idade. Por meio de huma

us-

justiça rigorosa, restabeleceo a segurança no Estado Ecclesiastico, onde os vicios do governo tinhaõ estabelecido roubos violentos; e huma grande economia, se pôz em estado de adornar Roma com obeliscos, chafarizes taõ uteis como soberbos; edificar hum Palacio, e a Biblioteca do Vaticano; alcançar para o Povo huma abundancia continuada; enriquecer a sua familia, sem excitar clamores; e deixar quando morreo mais de cincoenta milhões de ouro. Este Papa meditava a conquista do Reino de Napoles. *Na verdade, que hum cumprimento com huma haquenea naõ tem comparaçaõ com hum Reino*, tinha dito Sixto V. quando recebeo da parte de Filippe II. a ordinaria homenagem. Bem se vê que Sixto naõ era victima do zelo hypocrita deste Principe.

Factos do seu Pontificado.

Projecto a respeito de Napoles.

Desprezando Sixto V. a Henrique III., disse hum dia, confórme Naudé: *Eu tenho feito tudo quanto he possivel para livrar-me da condiçaõ de Monge, e Henrique faz tudo quanto póde para cahir nella.* (Science des Princes.) Os elogios, que Sixto fazia a Henrique IV., e a Isabel, saõ próva de que se acaso abusava do poder Pontificio contra o direito das Coroas, possuia a alma, e o genio de hum homem feito para reinar. Talvez que Sixto V. tivesse reinado em outro qualquer lugar com

Desprezo para cõ Hērique III.

maior glória, do que no Eſtado Eccleſiaſtico.

Dito de Iſabel a reſpeito deſte Papa.

Iſabel, com a qual Sixto V. negociava occultamente a reſpeito de Napoles, fallou delle, como diz Leti, nos ſeguintes termos. *Sixto naõ he hum Papa Sacerdote; he hum Papa Principe.* Por deſgraça ſeguio elle exceſſivamente nas occaſiões as maximas dos Sacerdotes do ſeu tempo. Com tudo naõ goſtava dos Jeſuitas, deſſes grandes zeladores das opiniões, e intereſſes de Roma; e ordenou-lhes que ſahiſſem de Inglaterra.

Urban. VII. e Gregorio XIV.

Urbano VII., ſeu ſucceſſor, apenas gozou da thiara, e Gregorio XIV., Milanez, apaixonado pelo ſeu naſcimento, e principios, e pela Corte de Heſpanha, diſtinguio o zelo, que tinha a favor da Liga, como agora veremos na Época de hum Reïnado eternamente memoravel na Hiſtoria.

Fim do Tomo ſetimo.

SUM-

SUMMARIO

DAS MATERIAS DESTE SETIMO VOLUME.

OITAVA ÉPOCA.

O IMPERIO GREGO

DESTRUIDO PELOS TURCOS.

OS MEDICIS EM FLORENÇA. --- FERNANDO, E ISABEL EM HESPANHA.

Des do meado até quasi ao fim do decimo quinto seculo.

ESTADO infeliz do Imperio Grego depois de Miguel Paleologo. Restabelece Othmano os Turcos. Orcano, seu filho, genro de Cantacuseno. Constantinopla tributaria por Amurath I. Tumultos em Constantinopla fomentados pelos Genovezes. Os Principes da Europa marchaõ contra Bajazeto I. Estes mesmos Principes vencidos, e derrotados em Nicopoli no anno de 1396. Pede Manoel Paleologo soccorros de todas as partes, e Tamerlaõ se declara contra Bajazeto. Bajazeto vencido, e prezo por Tamerlaõ. Defendem-se todavia os Turcos. Constantinopla ameaçada por Amurath II. Rompem os Gregos a uniaõ feita com a Igreja Ro-

tiſtas, mais ſérias. Savonarola accuſado de hereſia. Experiencia do fogo, que ſe offerece, e que ſe nega de ſoffrer. Supplicio de Savonarola. Concluſões de Pico de Mirandola. Sua condemnaçaõ em Roma, e ſua apologia. A Corte de Roma naõ eſtava reformada. Conducta intereſſada dos Papas. Calixto III. Pio II. Paulo II. Sixto IV. Innocencio VIII. Alexandre VI. Infeliçidades proximas.

NONA ÉPOCA.

CHRISTOVAÕ COLOMBO, OU DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO.

LIGA CONTRA VENEZA. --- LEAÕ X., E LUTHERO.

Des do fim do decimo quinto ſeculo, até o anno de 1519.

Influencia da navegaçaõ a reſpeito do ſyſtema politico. Primeiros navegantes. Corſos dos antigos Dinamarquezes. Pretende-ſe que os Dinamarquezes abordáraõ á America. Julga-ſe que os Eskimãos procedem dos Dinamarquezes. Idéas abſurdas a reſpeito dos antipodas, até o decimo quinto ſeculo. Invençaõ da boſſola. D. Henrique excita os navegantes em Portugal. D. Henrique obteve de Martinho V. hum direito de conquiſta, com Indulgencias Deſcobrimento do Cabo da Boa-Eſperança.

CAP.

Cor-

Con-

DECIMA ÉPOCA.

CARLOS QUINTO, IMPERADOR.

PODER DA CASA DE AUSTRIA. -- CONCILIO DE TRENTO.

Des do anno de 1519, *até quaſi o anno de* 1560.

dimento do novo Papa. Grande liga contra França. O Condeſtavel de Borbon perſeguido. Borbon abraça o partido de Carlos Quinto. Bonivete vencido em Italia. Mórte do célebre Cavalleiro Bayardo. Sitio de Marſelha levantado. Novos erros de Franciſco I. Eſte era o fructo de huma temeridade inexcuſavel. Liga contra o Imperador. A alliança de Inglaterra quebrou-ſe.

Condições preſcriptas por Carlos Quinto a Franciſco I. Tratado de Madrid. Semelhante tratado naõ ſe executa. Roma ſitiada por Borbon. Roma he ſaqueada. Hypocriſia do Imperador. Carteis de deſafios, e deſmentidos entre dous grandes Monarcas. Separaçaõ funeſta de André Doria. Tratado de Cambrai. Henrique VIII. prepara-ſe para o divorcio. Sua paixaõ por Anna Bolena. Henrique enganado por Clemente VII. Deſgraça de Wolſey. Os Theologos approvaõ o divorcio com huma peſſima razaõ. Catharina de Aragaõ repudiada. Innovações Religioſas. Com tudo Henrique receava quebrar com Roma. Sciſma cauſado pola precepitaçaõ do Papa. Progreſſos dos Turcos governando Solimaõ II. Tomada de Rhodes. Hungria, e Bohemia diſputadas ao Archi-Duque Fernando. Progreſſo das Seitas inimigas da Igreja Romana.

CAP.

Carlos Quinto pretende conquistar França. A Provença acomettida, e libertada. Invasaõ tambem inutil na Picardia. O Imperador citado para o Parlamento. Suspeitas temerarias postas em Carlos a respeito da mórte do Delfim. Alliança de Francisco I. com os Turcos. Esta alliança naõ tem effeito. Conferencia, e tregoa de Nisa. Matrimonio de Ottavio Farneze. Assassinio de Alexandre de Medicis. Carlos Quinto naõ pode obter dinheiro das *Cortes*. Carlos exclue das Cortes o Cléro, e a Nobreza. Altivez, e independencia dos grandes de Hespanha. Rebelliaõ dos Gantezes, da qual Francisco I. naõ se aproveita. Carlos obtem a passagem pela França. Doma Carlos, e castiga os Gantezes. Carlos naõ cumpre a palavra que tinha dado ao Rei.

Procedimento de Paulo III., a respeito dos negocios de Religiaõ. Projectos do Concilio. Conferencia infructuosa de Ratisbona. Decreto condemnado pelo Papa, e desagradavel aos Protestantes. Fernando perde huma parte da Hungria. Emprezas de Carlos Quinto a respeito de Argel. Novo projecto de guerra para Francisco I. Suas allianças. Francisco I. tinha alienado os Protestantes, e Henrique VIII. Liga de Henrique com o Imperador. Cinco exercitos Francezes. Primeira campanha sem successo. Cerco de Nisa, levantado pelos Francezes, e pelos Turcos. Attrevimento dos

Pro-

CAP. IX. *Reinado de Maria em Inglaterra. --- Paulo IV. move a Europa por ambiçaõ. --- Renúncia de Carlos Quinto.* 259

Maria tinha ſuccedido a Duarte VI. em Inglaterra. O ſeu matrimonio com Filippe II., deſagradavel aos Inglezes. O Catholiciſmo reſtabelecido. Perſeguiçaõ de Maria, e de Filippe. Donde procedia ſemelhante eſpirito de perſeguiçaõ entre os Chriſtãos. Os Heterodoxos tiveraõ aſſim como os outros o meſmo eſpirito de perſeguiçaõ. Infelicidades, que neceſſariamente reſultaõ do eſpirito de perſeguiçaõ. Dieta de Ausburgo, onde ſe trata da paz de Religiaõ. Artigos do Decreto. O Decreto devia offender a Corte de Roma, que pretendia unicamente decidir. Paulo IV. (Caraffa) ao principio Religioſo Auſtéro. Paulo com oitenta annos de idade muda de coſtumes. Sua aſpereza, e ſua altivez. Paulo ameaça o Imperador, e faz alliança com a França. Abdicaçaõ de Carlos Quinto a favor de ſeu filho. Diſcurſo de Carlos com Filippe em Bruxellas.

CAP. X. *Guerra de Henrique II. com Filippe II., excitada por Paulo IV. --- Morte de Carlos V.* 268

Carlos Quinto conclue huma tregoa com a França. Porém a ambiçaõ de Paulo IV., e dos Guiſas ateia novamente a guerra. Procedimentos violentos do Papa. Eſcrupulos de Filippe II. O Duque de Guiſa precipita-ſe na guerra de Napoles. Cerco de Santo Quintino. Montmorenci vencido, e derrotado pelo Duque de Saboya. Filippe aproveita-ſe pouco da victoria. O Eſcurial edificado por voto. Paulo IV. faz a paz com a Heſpanha, e a abatte. O Duque de Guiſa toma Ca-

CAP.

Requeria-se em França hum Concilio nacional. Proposições feitas ao Papa por Catherina de Medicis. Pio IV. convoca, e ajunta o Concilio de Trento. Naõ podendo Pio attrahir os Protestantes para o Concílio, propoem que se armem contra elles. Queixas dos Francezes contra o Concilio. Influencia dos Legados, e dos Italianos. Muitas intrigas, e disputas. Decreto proposto para a refórma dos Principes. Opposiçaõ dos Francezes, a qual pouco se respeita. Todas as constituições, a respeito das immunidades Ecclesiasticas, confirmadas. Outros Decretos contrarios ao direito commum, ou ao civil. A respeito do matrimonio. A respeito da profissaõ religiosa. Disputas a respeito da precedencia. Estabelecimento dos Seminarios, util, porém imperfeito. Pio IV. confirma o Concilio com precipitaçaõ. Como foi recebido o Concilio em os Estados. Maximiliano II. requer o matrimonio dos Clérigos. O Concilio, e o *Index* naõ fazem senaõ escandalizar os Protestantes. Origem do Socinianismo, que reprova os Mysterios. Lelio, e Fausto Socinio. Gentes de letras d'aquelle tempo. Rafael, e Miguel Angelo. Ramus perseguido pelos Doutores. Imprudencia dos zeladores apaixonados.

UN-

UNDECIMA ÉPOCA.

GUERRAS DE RELIGIAŐ EM FRANÇA.

SOBLEVAÇAŐ DAS PROVINCIAS-UNIDAS CONTRA FILIPPE II. --- INGLATERRA FLORECENTE NO REINADO DE ISABEL.

Des do anno de 1559, até o Reinado de Henrique IV.

CAP.

CAP.

CAP.

CAP.

Liga dos Dezaseis em París. Henrique III. obrigado a fazer guerra a seu herdeiro. O Duque de Guisa triunfante. Requerimentos sediciosos dos Principes Lorenos. Inquisiçaõ, e Concilio de Trento. Guisa, Senhor da Capital. Edicto de reuniaõ dictado ao Rei. Pretendem-lhe impôr obrigações muito mais cruéis. Henrique manda assassinar o Duque, e o Cardeal de Guisa. Henrique cahe novamente em a sua frouxidaõ. Mórte de Catharina de Medicis Fanatismo dos Dezaseis. O Parlamento conduzido para a prizaõ. Reconciliaçaõ de ambos os Reis. Monitorio de Sixto V. O monitorio he publicado em algumas Cidades. Sitio de París. O Rei assassinado por Jacques Clemente. Mórte de Sixto V. Factos do seu Pontificado. Projectos a respeito de Napoles. Desprezo para com Henrique III. Dito de Isabel a respeito deste Papa. Urbano VII., e Gregorio XIV.

Fim do Summario das materias do setimo Volume.

LIVROS MODERNOS, QUE SE VENDEM EM CASA

de Francisco Rolland, Impressor-Livreiro em Lisboa ao Bairro alto, na Esquina da rua do Nórte.

AVENTURAS de Talemaco: Nova Traducçaõ augmentada, em 8.

Atlas novo para apprender facilmente a Geografia, com 24 Mappas, em 8.

Arte Poetica de Horacio, trad. e illust. por Candid. Lusitano, em 8.

Adagios, Proverbios, e Anexins da lingua Portugueza.

Arte de Prégar segundo o Espirito do Evangelho, em 8.

Amigo do Principe, e da Patria, ou bom Cidadaõ, em 8.

Avisos Religiosos, traduzidos do Francez, em 8. 4 Vol.

Bom Lavrador, ou o Apaixonado da Lavoura, em 8. 2 Vol.

Boa Lavradora, ou Caseira Economica, em 8.

Belizario de Marmontel: Segunda Ediçaõ com o retrato, em 8.

Catecismo Romano, ou Compendio da Doutrina Christã, em 8.

Costumes dos Christãos por Fleury, em 8. 2 Vol.

Costumes dos Israelitas por Fleury, em 8.

Diario do Christaõ, santificado pela Oraçaõ, e meditaçaõ, em 8.

Discurso sobre o modo de fomentar a Industria do Povo, em 8.

Dialogos dos Mortos para desabusar a Mocidade, em 8.

Despedidas da Marechal de ** a seus filhos, em 8.

Descripçaõ das Enfermidades dos Exercitos por Van-Swieten, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes de Marmontel, e outros, em 8. 5 Vol.

Escóla fundamental, ou methodo facil para aprender a lêr, escrever, e contar, com os primeiros Elementos da Doutrina Christã, por hum Professor.

Espirito do Christianismo, ou Conformidade do Christaõ com Jesu Christo, em 8.

Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca, em 8.

Elo-

Elogios dos Reis de Portugal por Fr. Bernardo de Brito, e addicionados por D. Joſé Barboſa, em 8.
Fabulas de Eſopo com applicações moraes, em 8.
Hiſtoria Geral de Portugal por La Clede, em 8. grande, 10 Vol.
Hiſtoria Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 8 Vol.
Hiſtoria Eccleſiaſtica, ou os Seculos Chriſtãos por Ducreux, em 8. gr. 7 Vol.
Hiſtoria Univerſal do Abbade Millot em 8. gr. 7 Vol.
Hiſtoria de Carlos Magno, augmentada com as acções, e Victorias de Bernardo del Carpio, em 12. 3 Tomos, em 2 Vol.
Hiſtoria de Theodoſio o Grande por Flechier: Traducçaõ poſthuma do Capitaõ Manoel de Souſa, em 8.
Homem Eſcrupuloſo, util para as Almas eſcrupuloſas, em 8.
Heroiſmo da Amizade: David, e Jonatas, Poema, em 8.
Imitaçaõ de Chriſto por Kempis: Segunda Ediçaõ emendada por hum Religioſo Arrabido, com eſtampas, em 12.
Imitaçaõ da SS. Virgem, para ſervir de continuaçaõ á *Imitaçaõ de Chriſto*, em 12.
Livros dos Meninos; Traduzido do Francez, em 8.
Miſcellanea Curioſa, e Proveitoſa, em 8. 7 Vol.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronymo Corte Real, em 8.
Noticia da Mythoolgia, ou Hiſtoria do Paganiſmo, em 8.
Noites d'Young: Traducçaõ de Vicente Carlos d'Oliveira, em 8. 2 Vol. com eſtampas.
Noites Clementinas; Poema em 4 Cantos á morte de Clemente XIV, (Ganganelli). trasladado em vulgar por hum Anonimo; ajuntou-ſe-lhe no fim o Poema Original em Italiano, em 8. 1785. bom papel.
Officio da Semana Santa; Nova Ediçaõ augmentada com Meditações, e Orações para a confiſſaõ, e Communhaõ, &c., em 12. com eſtampas.
Origem, e Orthografia da lingua Portugueza por Duarte Nunes de Lyaõ, em 8.

Obras

Obras de Sá de Miranda, com a ſua Vida, e Comedias, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa, em 8.
Obras eſcolhidas do Marquez de Caracioli, em 8. 4 Vol.
Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
Peregrinaçaõ de Chriſtaõ debaixo da allegoria de hum ſonho, em 8.
Pratica da Devoçaõ do Sagrado Coraçaõ de Jeſus pelo Padre Croiſet, com a Vida da Veneravel Margarida A-la-Coque, em 8. 1786.
Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade, em 12.
Regras da Verſificaçaõ Portugueza por hum Anonimo, em 8.
Reflexões ſobre a Miſericordia de Deos pela Duqueza de la Valiere, em 8. 1786.
Reflexões ſobre a Vaidade dos Homens, em 8.
Retrato da Morte com hum Dialogo entre hum Vivo, e hum Morto, em 8.
Secretario Portuguez: Nova Ediçaõ augmentada com *dous Supplementos* ſobre muitos pontos concernentes á Theorica, e Prática do Commercio. *O primeiro contém*: Cartas de Commercio com as reſpoſtas. = Inſtrumento de Procuraçaõ, e de Fretamento. = Eſcritura de Compromiſſo. = Modelos para Letras de Cambio. = Proteſto de huma Letra de Cambio. = Várias Fórmas de Recibos. *O ſegundo contém*: Quanto o Negociante he util, e preſtadio ao Eſtado. = Das Letras de Cambio, e máximas concernentes ás ditas. = Das Lerras de Crédito, e de Tranſporte = Da Liquidaçaõ. = Das Partidas dobradas. = Das Sociedades. = Da Eſpeculaçaõ. = Do Syndico dos Fallidos. = Balanço geral dos bens de hum Fallido: Com hum Tratado dos Cambios, e huma Taboada do valor do dinheiro Eſtrangeiro de Amſterdaõ, Londres, Paris, &c. em Lisboa, e Porto, ſegundo o Cambio, que gyra entre aquellas, e eſtas duas Praças Commerciantes, &c., em 8. grande, 1787.

Syn-

Syntaxe Latina, explicada ſegundo o moderno ſyſtema philoſofico, em 8. 1785.

Theſouro de Prégadores por Fr. Antonio de Padua e Bellas (hoje Biſpo do Maranhaõ) em 8. 2 Vol.

Tratado das Obrigações da Vida Chriſtã pelo Padre de Thracy, em 8. 2 Vol.

Tratado Phyſico-Medico-Chimico das Aguas das Caldas, em 8.

Vida de D. Joaõ de Caſtro por Jacintho Freire de Andrada: Nova Ediçaõ adornada com eſtampas, &c. em 8. 1786.

Vida de Jeſus Chriſto na Euchariſtia, traduzida do Francez, em 8.

N. B. *O meſmo Franciſco Rolland encarrega-ſe de aprompt ar qualquer encommenda de Livros, e naõ tem dúvida de trocar os Livros mencionados neſte Catalogo contra qualquer outro genero de fazenda.*

